

#1 NEW YORK TIMES
BESTSELLING AUTHOR

STEPHANIE
GARBER

FINALE

A
CARAVAL
NOVEL



FLATIRON
BOOKS
MANHATTAN

[Começar a Ler](#)

[Conteúdo](#)

[Sobre o Autor](#)

[Direitos Autorais](#)

Tradução feita pela WhitethornTeca: Drive e Traduções.

Siga o nosso Twitter: [@whitethornteca](#)

Para Sarah e Jenny—

Eu não preciso de ingressos para o Caraval porque vocês duas já realizaram
tantos dos meus sonhos.



Cada história tem quatro partes: o começo, o meio, o quase-fim, e o verdadeiro fim. Infelizmente, nem todo mundo consegue um verdadeiro fim. A maioria das pessoas desiste na parte da história em que as coisas são as piores, quando a situação parece sem esperança, mas é aí que a esperança é mais necessária. Apenas aqueles que perseveram podem encontrar seu verdadeiro final.

ANTES DO COMEÇO

O quarto de Scarlett Dragna era um palácio construído de maravilha e a magia do faz de conta. Mas para uma pessoa que esqueceu como imaginar, poderia parecer um desastre de vestidos.

Vestidos de vermelho-granada cobriam os tapetes de marfim, enquanto os vestidos de cerúleo pendiam dos cantos da cama de dossel de ferro, balançando suavemente quando uma rajada de vento salgado escapou pelas janelas abertas. As irmãs sentadas na cama não pareciam notar a brisa ou a pessoa que entrava no quarto com ela. Esta nova figura entrou silenciosamente como uma ladra, sem fazer barulho enquanto se aproximava da cama onde as filhas estavam brincando.

Scarlett, a mais velha, estava ocupada arrumando a anágua rosa-pétala sobre os ombros como uma capa, enquanto sua irmã mais nova, Donatella, envolvia uma mecha de renda no rosto como se fosse um tapa-olho.

Suas vozes eram altas e claras e brilhantes pela manhã, do jeito que só as vozes das crianças podem ser. Apenas o som delas era mágico, derretendo a dura luz do meio-dia em pedaços de caramelo luminosos que dançavam em torno de suas cabeças como aureolas de poeira.

Ambas pareciam angelicais até que Tella anunciou: — Eu sou um pirata, não uma princesa.

A boca de sua mãe brigou entre sorrir e franzir. Sua filha mais nova era muito parecida com ela. Tella tinha o mesmo batimento cardíaco rebelde e espírito aventureiro. Era um presente de dois gumes que sempre dava muita esperança à mãe, assim como medo de que Tella cometesse os mesmos erros que ela.

— Não, — disse Scarlett, mais teimosa do que o habitual. — Devolva, essa é a minha coroa! Eu não posso ser uma rainha sem coroa.

O franzir de sua mãe ganhou quando ela se aproximou da cama. Scarlett era geralmente menos combativa que Tella, mas as bocas das duas garotas se torciam teimosamente enquanto suas mãos se enroscavam nas pontas opostas de um colar de pérolas.

— Encontre uma nova coroa, é o meu tesouro pirata! — Tella deu um puxão fantástico e pérolas voaram pelo quarto.

Pop!

Pop!

Pop!

A mãe pegou uma, habilmente capturando-a entre dois dedos delicados. O minúsculo globo era tão rosa quanto as bochechas de suas filhas, agora que as duas meninas tinham finalmente visto-a.

Os olhos castanhos de Scarlett já estavam se tornando vítreos; ela sempre foi mais sensível que sua irmã. — Ela quebrou minha coroa.

— O poder de uma verdadeira rainha não está em sua coroa, meu pequeno amor. Está aqui. — Sua mãe colocou a mão sobre o coração. Então ela se virou para Tella.

— Você vai me dizer que eu não preciso de tesouro para ser um pirata? Ou que meu maior tesouro está bem aqui? — Tella colocou uma pequena mão sobre seu coração, imitando sua mãe.

Se Scarlett tivesse feito isso, a mãe teria imaginado que o gesto era sincero, mas a mãe podia ver a diabrura nos olhos de Tella. Tella tinha uma faísca que poderia incendiar o mundo inteiro ou dar a luz necessária.

— Eu realmente diria que seu maior tesouro está sentado à sua frente. Não há nada tão precioso quanto o amor de uma irmã. — Com isso, a mãe pegou as mãos de suas filhas e apertou.

Se houvesse um relógio na sala, teria parado. Ocasionalmente, há minutos que levam segundos extras. Momentos tão preciosos que o universo se estica para dar espaço adicional a eles, e esse era um deles. As pessoas não fazem pausas como essas com muita frequência. Algumas pessoas nunca as recebem.

Essas meninas ainda não sabiam disso, porque suas histórias não haviam

começado, na verdade não. Mas logo suas histórias decolariam e, quando o fizessem, essas irmãs precisariam de todo momento roubado de doçura que pudessem encontrar.

O COMEÇO

1

Donatella

A primeira vez que Lenda apareceu nos sonhos de Tella, ele parecia ter acabado de sair de uma das histórias que as pessoas contavam sobre ele. Como Dante, ele sempre vestia sombras tão pretas quanto a rosa tatuada nas costas da mão. Mas esta noite, como Lenda, ele usava um fraque vermelho trespassado forrado a ouro, acentuado por uma gravata combinando, e sua costureira cartola.

Brilhantes mechas de cabelos negros apareciam debaixo da aba do chapéu, abrigando olhos escuros de carvão que se iluminavam quando ele olhava para ela. Seus olhos brilhavam mais do que as águas do crepúsculo em torno de seu barco íntimo. Este não era o olhar frio e gelado que ele tinha dado a Tella duas noites atrás, logo depois que ele a resgatou de um baralho de cartas e então, insensivelmente, a abandonou. Esta noite ele estava sorrindo como um príncipe perverso, que escapou das estrelas, pronto para levá-la aos céus.

Borboletas não convidadas levantaram voo no estômago de Tella. Ele ainda era o mentiroso mais lindo que ela já tinha visto. Mas Tella não ia deixar que Lenda a enfeitiçasse da mesma maneira que ele fez durante o Carnaval. Ela bateu na cartola diretamente de sua cabeça bonita, balançando o pequeno vaso abaixo deles.

Ele capturou o chapéu com facilidade, os dedos se movendo tão rápido que ela pensou que ele tinha antecipado sua resposta se ele não estivesse sentado em frente a ela, perto o suficiente para Tella ver um tique muscular

ao longo do seu queixo liso. Os dois poderiam estar em um sonho, onde o cintilante céu se tornava roxo nas bordas como se pesadelos se escondessem, mas Lenda era tão afiado quanto pinceladas precisas e tão vibrante quanto uma ferida recém-cortada.

— Eu pensei que você ficaria mais feliz em me ver, — disse ele.

Ela deu a ele seu olhar mais cruel. Sua mágoa da última vez que ela o viu ainda era muito crua para se esconder. — Você foi embora – você me deixou naqueles degraus quando eu não conseguia nem me mexer. Jacks me levou de volta ao palácio.

Os lábios de Lenda se franziram. — Então você não vai me perdoar por isso?

— Você não disse que sente muito.

Se ele dissesse, ela teria perdoado ele. Ela *queria* perdoá-lo. Ela queria acreditar que Lenda não era tão diferente de Dante, e que ela era mais do que apenas uma peça de jogo que ele queria jogar. Ela queria acreditar que ele a deixou naquela noite porque ele estava com medo. Mas, em vez de parecer arrependido pelo que fizera, parecia irritado por ela ainda estar zangada com ele.

O céu ficou mais escuro à medida que as nuvens roxas se retorciam na bifurcação da lua crescente, dividindo-a em dois pedaços que flutuavam no céu como um sorriso fraturado.

— Eu tinha um lugar que precisava estar.

Suas esperanças se afundaram na frieza de sua voz.

Ao redor deles o ar se tornava fuliginoso enquanto fogos de artifício explodiam acima de suas cabeças, estilhaçando-se em brilhantes lampejos de romã vermelho, lembrando-a da exibição de fogo de duas noites atrás.

Tella olhou para cima para ver as faíscas dançando em um contorno do palácio de Elantine – *o palácio da Lenda agora*. Ela realmente admirava o fato de que Lenda convencera Valenda de que ele era o verdadeiro herdeiro do trono do Império Meridiano. Mas, ao mesmo tempo, a decepção lembrou a ela que a vida de Lenda era feita de jogos em cima dos jogos. Tella nem sabia se ele desejava o trono por seu poder, se ele queria o prestígio, ou se ele simplesmente desejava obter o maior desempenho que o império já tinha visto.

Talvez ela nunca soubesse.

— Você não tem que ser tão frio e cruel sobre a maneira como você saiu, — disse ela.

Lenda respirou fundo e uma súbita ataque de ondas famintas bateu contra o barco. O navio balançou por um canal estreito que os alimentou em um oceano brilhante. — Eu te disse, Tella, eu não sou o herói na sua história.

Mas em vez de sair agora, ele estava se inclinando mais perto.

A noite ficou mais quente quando ele olhou nos olhos dela como ela queria na última vez que eles se separaram. Ele cheirava a magia e desgosto, e algo sobre a combinação a fez pensar que, apesar do que ele alegava, ele queria ser seu herói.

Ou talvez ele só quisesse que ela continuasse a querer ele.

Caraval poderia ter acabado, mas aqui Tella estava, dentro de um sonho com Lenda, flutuando sobre as águas da poeira estelar e da meia-noite, enquanto os fogos continuavam a cair do céu como se os céus quisessem coroá-lo.

Tella tentou desligar os fogos de artifício – esse era seu sonho, afinal de contas – mas Lenda parecia ser quem estava no controle.

Quanto mais ela lutava contra o sonho, mais encantada ficava. O ar ficou mais doce e as cores ficaram mais brilhantes à medida que as sereias com tranças tropicais e rabos cor-de-rosa saltaram para fora da água e acenaram para Lenda antes de mergulhar de volta.

— Você é tão cheio de si mesmo, — disse ela. — Eu nunca pedi para você ser meu herói.

Ela e Lenda tinham feito sacrifícios duas noites atrás – ela se sentira condenada ao cativeiro dentro de um Baralho do Destino, em parte para mantê-lo seguro, e ele libertou os Destinos para resgatá-la.

Suas ações foram a coisa mais romântica que alguém já fez por ela.

Mas Tella queria mais do que ser romanceada. Ela queria o verdadeiro ele.

Mas ela não tinha certeza se um Lenda real existia. E se ele fez, ela duvidou que ele deixasse as pessoas perto o suficiente para vê-lo.

Ele colocou sua cartola de volta em sua cabeça e ele realmente parecia bonito, quase dolorosamente assim. Mas ele também parecia muito mais a idéia de Lenda do que uma pessoa genuína, ou o Dante que ela conheceu e se

apaixonou.

O coração de Tella se contraiu. Ela nunca quis se apaixonar por ninguém. E naquele momento ela o odiava, por fazê-la sentir tantas coisas por ele.

Um fogo de artifício final irrompeu no céu, transformando toda a paisagem de sonhos no mais brilhante tom de azul que ela já vira.

Parecia que a cor dos desejos que se realizavam e as fantasias que se tornavam reais. E quando os fogos de artifício caíram, eles tocaram músicas tão doces, as sirenes ficaram com ciúmes.

Ele estava tentando deslumbrá-la. Mas ofuscar era muito parecido com romance – fantástico enquanto dura, mas nunca durava o suficiente. E Tella ainda queria mais. Ela não queria se tornar outra garota sem nome nas muitas histórias contadas sobre Lenda, uma garota que se apaixonou por tudo o que ele disse, só porque ele se inclinou sobre um barco e olhou para ela com estrelas dançando em seus olhos.

— Eu não vim aqui para brigar com você. — A mão de Lenda se levantou, como se ele pudesse alcançá-la, mas então seus longos dedos mergulharam sobre o lado de baixo do barco e brincaram com as águas da meia-noite. — Eu queria ver se você recebeu minha nota e perguntar se você queria o prêmio por ganhar o Caraval.

Ela fingiu pensar quando se lembrou de cada palavra da carta de cor. Ele lhe deu esperança de que ele ainda se importasse, desejando seu feliz aniversário e lhe oferecendo o prêmio. Ele disse que estaria esperando que ela viesse e coletasse. Mas uma coisa que ele não disse foi que ele sentia muito por qualquer uma das maneiras que ele a machucou.

— Eu li a mensagem, — disse Tella, — mas não estou interessada no prêmio. Eu acabei com os jogos.

Ele riu baixo e dolorosamente familiar.

— O que é tão engraçado?

— Que você está fingindo que nossos jogos acabaram.

2

Donatella

Lenda parecia uma tempestade recém-acordada. Seu cabelo estava bagunçado pelo vento, seus ombros retos estavam cobertos de neve, e os botões de seu casaco eram feitos de gelo enquanto ele caminhava para mais perto, através de uma floresta fria de gelo.

Tella usava um manto de pele de cobalto, que ela envolveu com mais força em seus ombros. — Você parece estar tentando me enganar.

Um sorriso malicioso torceu sua boca. Na noite anterior, ele parecia uma ilusão, mas esta noite ele se parece mais com Dante, vestido em tons familiares de preto. Mas enquanto Dante normalmente estava quente, Tella não pôde deixar de imaginar que a temperatura frígida do sonho refletia o verdadeiro humor de Lenda.

— Eu só quero saber se você deseja coletar seu prêmio por ganhar o Caraval.

Tella poderia ter passado metade de seu dia acordada imaginando qual seria o prêmio, mas se forçou a conter sua curiosidade. Quando Scarlett ganhou Caraval, ela recebeu um desejo. Tella poderia ter usado um desejo, mas tinha a sensação de que Lenda tinha ainda mais na loja para ela. Então ela teria dito sim... se ela não tivesse percebido o quanto Lenda queria essa resposta.

3

Donatella

Toda noite, Lenda visitava seus sonhos como um vilão de um livro de histórias. Noite após noite após noite após noite. Sem falhar, por quase dois meses, ele sempre apareceu, e ele sempre desaparecia depois de receber a mesma resposta à sua pergunta.

Hoje à noite eles estavam em uma versão sobrenatural do salão dentro da Igreja de Lenda. Inúmeros retratos da imaginação dos artistas de Lenda os desprezaram quando um pianista espectral tocou uma música quieta, enquanto patronos magros e fantasiados vestidos com cartolas coloridas dançavam ao redor.

Tella estava sentada em uma cadeira em forma de garra da cor da neblina da floresta, enquanto Lenda ficava em frente a ela em uma chaise tufada tão verde quanto os cubos de açúcar que ele mantinha entre os dedos hábeis.

Depois daquela primeira noite no barco, ele não usava a cartola ou o fraque vermelho, confirmando suas suspeitas de que os itens eram parte de seu traje e não de sua pessoa. Ele voltou a se vestir de preto – e ainda era rápido para rir e sorrir, como Dante.

Mas ao contrário de Dante, que sempre encontrou desculpas para colocar as mãos sobre ela, Lenda nunca tocou Tella em sonhos.

Se eles montaram um balão de ar quente, era tão grande que não havia perigo de ela acidentalmente esbarrar nele. Se passassem por um jardim de cachoeiras, ele permanecia ao longo da borda do caminho, onde seus braços

não corriam risco de escovar. Tella não sabia se seu toque acabaria com seus sonhos compartilhados, ou se manter as mãos para si mesmo era apenas mais uma das muitas maneiras que ele mantinha o controle, mas isso a frustrava sem parar. Tella queria ser a única no controle.

Ela tomou um gole de sua cordial verde brilhante. Tinha muito gosto de alcaçuz preto para ela, mas ela gostava do jeito que os olhos de Lenda iam para seus lábios sempre que ela bebia. Ele poderia ter evitado tocá-la, no entanto, isso nunca o impediu de olhar.

Mas hoje à noite seus olhos estavam vermelhos nas bordas, ainda mais do que nas últimas noites. Os Dias de Luto pela Imperatriz Elantine estavam terminando em dois dias, o que significava que a contagem regressiva para a coroação oficial de Lenda estava prestes a começar. Doze dias a partir de agora ele seria coroado imperador.

Ela se perguntou se os preparativos estavam tomando um pedágio.

Às vezes ele falava de negócios no palácio e de quão frustrante era o conselho real, mas naquela noite ele estava quieto. E perguntar sobre isso parecia dar a ele pontos no jogo em que estavam jogando, porque isso era definitivamente um jogo, e dar a Lenda a impressão de que ela ainda se importava era contra as regras. Assim como foi tocante.

— Você parece cansado, — ela disse em vez disso. — E seu cabelo precisa ser cortado; está meio pendurado sobre seus olhos.

Sua boca se contraiu e sua voz se tornou provocadora. — Se parece tão ruim, por que você continua olhando?

— Só porque eu não gosto de você, não significa que você não é bonito.

— Se você realmente me odiasse, você não me acharia atraente.

— Eu nunca disse que eu tinha bom gosto. — Ela tomou o último gole de sua cordial.

Seus olhos retornaram aos lábios dela enquanto ele continuava a enrolar seus cubos de açúcar absinto em torno de seus longos dedos. As tatuagens em seus dedos se foram, mas a rosa negra permaneceu nas costas de sua mão. Sempre que ela via, ela queria perguntar por que ele a deixou, se ele se livrou de suas outras tatuagens, como as lindas asas nas costas, e se era por isso que ele não cheirava mais a tinta. Ela também estava curiosa se ele ainda usava a marca do Templo das Estrelas, significando que ele tinha uma dívida

vitalícia. A dívida que ele assumiu por ela.

Mas se ela pedisse isso, teria inquestionavelmente contado como carinho.

Felizmente, admirar não era contra as regras não ditas. Se tivesse sido, ambos perderiam esse jogo há muito tempo. Tella geralmente tentava ser um pouco mais discreta, mas ele nunca era.

Lenda estava descarado na maneira como ele olhava para ela.

Embora esta noite ele parecesse distraído. Ele não fez nenhum comentário sobre o vestido dela – ele controlava a localização, mas ela escolhia o que ela usava. Nessa noite, seu vestido esvoaçante era um azul caprichoso, com alças de flores feitas de pétalas de flores, um corpete feito de fitas e uma saia de borboletas esvoaçantes que Tella gostava de pensar que a fazia parecer uma rainha da floresta.

Lenda nem notou quando uma de suas borboletas pousou em seu ombro. Seus olhos continuavam voando para o pianista fantasmagórico. E era a imaginação de Tella, ou a taberna parecia mais tola do que seus outros sonhos?

Ela teria jurado que a espreguiçadeira em que ele descansava fora um verde brilhante e sinistro, mas que havia se desfocado em azul mar pálido. Ela queria perguntar se algo estava errado, mas, novamente, isso teria dado a impressão de se importar.

— Você não vai me fazer sua pergunta hoje à noite?

Seu olhar voltou para ela. — Você sabe, um dia eu posso parar de perguntar e decidir não lhe dar o prêmio.

— Isso seria adorável. — Ela suspirou, e várias borboletas levantaram vôo de sua saia. — Eu finalmente teria uma boa noite de sono.

Sua voz profunda mergulhou mais baixo. — Você sentiria minha falta se eu parasse de visitar.

— Então você pensa muito de si mesmo.

Ele parou de brincar com seus cubos de açúcar e desviou o olhar, mais uma vez preocupado pelo músico no palco. Sua melodia se aventurou na chave errada, tornando sua música discordante e desagradável. Ao redor da sala, os dançarinos fantasmas responderam tropeçando nos pés um do outro. Então um estrondo estridente fez com que eles congelassem.

O pianista dobrou-se sobre o instrumento, como uma marionete cujas

cordas foram cortadas.

O coração de Tella bateu descontroladamente. Lenda sempre estava frustrantemente no controle de seus sonhos. Mas ela não sentia que isso era dele. A magia no ar não cheirava a dele. Magia sempre tinha um aroma doce, mas isso era doce demais, quase apodreceu.

Quando ela se virou, Lenda não estava mais sentado, mas parada bem na frente dela. — Tella, — ele disse, sua voz mais dura que o normal, — você precisa acordar...

Suas últimas palavras se transformaram em fumaça e então ele se transformou em cinzas enquanto o resto do sonho subia em chamas verdes venenosas.

Quando Tella acordou, o gosto do fogo cobriu sua língua e uma borboleta morta descansou em sua palma.

4

Donatella

Na próxima noite, Lenda não visitou seus sonhos.

5

Donatella

Os aromas inebriantes de castelos de favo de mel, tortas de casca de canela, cachos de carmelita e brilho de pêssigo flutuavam pela janela quebrada de Tella quando ela acordou, enchendo o minúsculo quarto de apartamento com açúcar e sonhos. Mas tudo que ela podia provar era seu pesadelo. Cobria sua língua em fogo e cinzas, assim como no dia anterior.

Algo estava errado com Lenda. Tella não queria acreditar no começo. Quando o último sonho que compartilharam pegou fogo, ela pensou que poderia ser outro dos jogos dele. Mas ontem à noite, quando ela procurou por ele em seus sonhos, tudo o que ela encontrou foi fumaça e cinzas.

Tella sentou-se, tirou os lençóis finos e vestiu-se rapidamente.

Era contra as regras fazer qualquer coisa que desse a impressão de se importar, mas se ela apenas fosse ao palácio espiar, sem falar com ele, ele nunca saberia. E se ele realmente estava com problemas, ela não se importava muito em quebrar as regras.

— Tella, por que você está se vestindo tão rapidamente?

Ela pulou, o coração pulando em sua garganta ao ver sua mãe entrando em seu quarto. Mas era apenas Scarlett. Salvo pela faixa de prata no cabelo castanho escuro de Scarlett, ela parecia quase exatamente como a mãe delas, Paloma. A mesma altura, os mesmos grandes olhos cor de avelã e a mesma pele morena, apenas um pequeno tom mais escuro que o de Tella.

Tella olhou por cima do ombro de Scarlett para o quarto ao lado.

Com certeza, a mãe ainda estava presa em um sono encantado, ainda como uma boneca no topo da colcha branqueada de sol da cama opaca de metal.

Paloma não se mexeu. Ela não falou. Ela não abriu os olhos. Ela estava menos pálida do que quando chegou. Sua pele agora tinha um brilho, mas seus lábios permaneciam um tom perturbador de vermelho de conto de fadas.

Todos os dias, Tella passava pelo menos uma hora observando-a atentamente, esperando por um movimento de seus cílios, ou um movimento que envolvia mais do que apenas o peito subindo e descendo enquanto respirava. É claro que, logo que Paloma acordou, Jacks – o Destino Príncipe de Copas – havia avisado que o resto dos Destinos imortais, que Lenda havia libertado do Baralho do Destino, também despertaria.

Havia trinta e dois Destinos. Oito lugares Predestinados, oito objetos Predestinados e dezesseis imortais Predestinados. Como a maior parte do Império Meridiano, Tella acreditava uma vez que os antigos seres eram apenas mitos, mas como ela havia aprendido em seus negócios com Jacks, eles eram mais como deuses perversos. E às vezes ela egoisticamente não se importava se eles acordassem enquanto sua mãe acordasse também.

Paloma ficou presa nas cartas como Destino por sete anos, e Tella não tinha lutado tanto para libertá-la apenas para vê-la dormir.

— Tella, você está bem? — Perguntou Scarlett. — E para que você está toda vestida? — Ela repetiu.

— Este foi apenas o primeiro vestido que eu peguei.

Também aconteceu de ser o mais novo dela. Ela viu em uma vitrine na rua e passou praticamente todo o seu subsídio semanal. O vestido era seu tom favorito de pervinca, com um decote em forma de coração, uma larga faixa amarela e uma saia comprida feita de centenas de penas. E talvez as penas lembrassem Tella de um carrossel de sonhos que Lenda criara para ela há dois meses. Mas ela disse a si mesma que tinha comprado o vestido porque a fazia parecer como se tivesse flutuado das nuvens.

Tella deu a Scarlett seu sorriso mais inocente. — Estou saindo para o Festival do Sol por um tempo.

A boca de Scarlett enrugou, como se ela não tivesse certeza de como responder, mas estava claramente angustiada. Seu vestido encantado tinha se transformado em um tom miserável de roxo – a cor menos favorita de

Scarlett – e o estilo datado era ainda mais antigo do que a maioria dos móveis em sua suíte apertada. Mas, para seu crédito, a voz de Scarlett foi gentil quando ela disse: — Hoje é o seu dia de cuidar de Paloma.

— Eu voltarei antes de você precisar sair, — disse Tella. — Eu sei o quão importante esta tarde é para você. Mas eu preciso sair.

Tella queria deixar por isso mesmo. Scarlett não entendia o relacionamento de Tella com Lenda, o que era complicado. Às vezes, Lenda parecia seu inimigo, às vezes parecia seu amigo, às vezes parecia alguém que ela costumava amar e, de vez em quando, parecia alguém que ela ainda amava. Mas para Scarlett, Lenda era um mestre de jogos, um mentiroso e um jovem que brincava com as pessoas como os jogadores jogavam com as cartas. Scarlett não sabia que Lenda visitava Tella em sonhos todas as noites, ela só sabia que ele aparecia às vezes. E ela acreditava que a versão dele que Tella encontrava não era o genuíno Lenda porque ele só a visitava em sonhos.

Tella não acreditava que Lenda ainda estivesse brincando com ela. Mas ela sabia que havia coisas que ele não estava dizendo a ela.

Embora Lenda fizesse a mesma pergunta todas as noites, essa pergunta começara a parecer apenas uma desculpa para vir e vê-la – uma distração para esconder a real razão pela qual ele só aparecia em seus sonhos. Infelizmente, Tella ainda não tinha certeza se ele visitou porque ele realmente se importava com ela, ou porque ele estava jogando mais um jogo com ela.

Scarlett ficaria chateada ao saber que ele estava aparecendo em seus sonhos todas as noites. Mas Tella devia à irmã a verdade.

Scarlett esperou semanas por este dia; ela precisava saber por que Tella estava de repente se esgotando.

— Eu tenho que ir ao palácio, — disse Tella com pressa. — Eu acho que algo aconteceu com Lenda.

O vestido de Scarlett ficou ainda mais escuro de púrpura. — Você não acha que teríamos ouvido rumores se alguma coisa acontecesse com o próximo imperador?

— Eu não sei, eu só sei que ele não me visitou no meu sonho na noite passada.

Scarlett franziu os lábios. — Isso não significa que ele está em perigo. Ele

é um imortal.

— Algo está errado, — insistiu Tella. — Ele nunca *não* apareceu.

— Mas eu pensei que ele só visitou...

— Eu poderia ter mentido, — Tella interrompeu. Ela não teve tempo para uma palestra. — Sinto muito, Scar, mas eu sabia que você ficaria infeliz. Por favor, não tente me impedir. Não estou me opondo à sua reunião com Nicolas hoje.

— Nicolas nunca me machucou, — disse Scarlett. — Ao contrário de Lenda, ele sempre foi gentil e eu tenho esperado meses para finalmente conhecê-lo.

— Eu sei, e prometo que voltarei para ver mamãe antes de você sair às duas horas.

Nesse momento, o relógio soou onze, dando a Tella exatamente três horas. Ela tinha que sair agora.

Tella colocou os braços em volta de Scarlett e puxou-a para um abraço. — Obrigada por entender.

— Eu não disse que entendi, — disse Scarlett, mas ela estava abraçando a irmã de volta.

Assim que ela se afastou, Tella pegou um par de chinelos que amarravam até os tornozelos e depois atravessou o tapete desbotado até o quarto da mãe.

Ela deu um beijo na testa fria de Paloma. Tella não deixou a mãe com muita frequência. Desde que elas saíram do palácio, ela tentou ficar ao lado de sua mãe. Tella queria estar lá quando a mãe dela acordasse. Ela queria ser o primeiro rosto que sua mãe visse.

Ela não tinha esquecido o modo como Paloma a traiu pelo o Templo das Estrelas, mas em vez de escolher ficar com raiva, ela estava escolhendo acreditar que havia uma explicação, e ela saberia quando sua mãe acordasse de seu sono encantado. — Eu te amo e voltarei em breve.

Tella pensou em ser presa.

Ela não queria ser presa, mas pode ser o caminho mais rápido para o palácio. Muitos visitantes, de todo o império, haviam descido em Valenda para o Festival do Sol. Eles transbordaram as linhas da carruagem do céu e entupiram as ruas e calçadas, forçando Tella a tomar um caminho mais longo para o palácio e a contornar o delta que levava em direção ao oceano.

O Festival do Sol acontecia todos os anos no primeiro dia da estação quente. Mas este ano foi particularmente turbulento, pois também marcou o fim do Dias de Luto e a contagem regressiva para a coroação de Lenda, que aconteceria em dez dias – embora apenas Scarlett, Tella e ps artistas de Lenda o conhecessem como Lenda. O resto do império o conhecia como *Dante Thiago Alejandro Marrero Santos*.

Só de pensar o nome *Dante* ainda doía um pouco.

Agora, Dante parecia mais como um personagem de uma história do que Lenda fez. No entanto, o nome sempre a incomodava como um espinho, lembrando-a de como se apaixonara por uma ilusão – e como seria tolo confiar completamente nele de novo. Mas ela ainda se sentia obrigada a ir atrás dele, a ignorar o festival e toda a excitação que zumbia pelas ruas.

Agora que os Dias de Luto terminaram, as bandeiras negras que assombraram a cidade finalmente desapareceram. Vestidos dourados tinham sido substituídos por roupas de azul-céu-alaranjado, laranja-açafrão-da-terra e verde-menta. Cor, cor em toda parte, acompanhada de fragrâncias mais deliciosas – citrino cristalizado, gelo tropical, pó de limão. Mas ela não ousava parar em qualquer barraca de rua temporária para comprar guloseimas ou sidras importadas.

Os passos de Tella se aceleraram e— Ela parou abruptamente ao lado de uma casa de carruagens. Várias pessoas bateram nas costas dela, batendo o ombro contra uma porta de madeira lascada enquanto vislumbrava uma mão com uma tatuagem de rosa negra. *A tatuagem de Lenda*.

A doçura no ar ficou amarga.

Tella não podia ver o rosto da figura enquanto ele passava pela multidão, mas ele tinha os ombros largos de Lenda, seu cabelo escuro, sua pele de bronze – e a visão dele fez seu estômago roncar, mesmo quando suas mãos se fecharam em punhos.

Ele deveria estar em perigo!

Ela imaginou que ele estava doente ou ferido ou em algum perigo mortal. Mas ele parecia... inteiramente bem. Talvez um pouco mais do que bem: alto e sólido, e mais real do que ele jamais apareceu em seus sonhos. Ele era definitivamente Lenda. No entanto, ainda não parecia inteiramente real enquanto ela o observava confiantemente atravessar a multidão. Essa cena

parecia mais uma performance.

Como o herdeiro do trono, Lenda não deveria estar se esgueirando por aí vestido como um plebeu, em calças marrons esfarrapadas e uma camisa caseira. Ele deveria estar passando pela multidão em um cavalo negro com uma argola de ouro na cabeça e um grupo de guardas.

Mas não havia guardas protegendo-o. Na verdade, parecia que Lenda estava saindo de seu caminho para evitar qualquer patrulha real.

O que ele estava fazendo? E por que ele tinha desaparecido tão dramaticamente de seus sonhos se nada estivesse errado?

Ele não diminuiu a velocidade de seus passos quando entrou nas ruínas que circundavam o distrito de Satine. Estava cheios de arcos em decomposição, grama alta demais e degraus que pareciam ter sido construídos para gigantes em vez de seres humanos, e Tella teve que correr apenas para ter certeza de que não perderia a visão de sua presa. Porque, claro, ela o seguia.

Ela se manteve perto de grandes pedras e se lançou sobre os terrenos rochosos, com cuidado para não ser vista pelos guardas enquanto Lenda subia, subia, subia.

A doçura no ar deveria ter ficado mais fina quanto mais se aventurava nos vendedores, mas quando ela subiu, o açúcar em sua língua tornou-se mais espesso e frio. Quando as juntas de Tella roçaram um portão de ferro enferrujado que havia caído das dobradiças, sua pele ficou azulada de geadas.

Ela ainda podia ver o sol brilhando acima do festival, mas seu calor não penetrava neste lugar. Arrepios tomaram seus braços enquanto se perguntava de novo o que Lenda estava jogando.

Ela quase alcançou o topo das ruínas. Uma gigantesca coroa quebrada de colunas de granito branco acinzentadas por décadas de chuva e negligência descansou na frente dela. Mas Tella quase podia imaginar a estrutura decrépita como havia sido séculos antes. Ela viu colunas brancas peroladas, mais altas do que os mastros em navios, sustentando painéis curvos de vitrais que transmitiam arco-íris iridescentes sobre uma grande arena.

Mas o que ela não via mais era Lenda. Ele desapareceu, assim como o calor.

A respiração de Tella escorria em riachos brancos enquanto ela escutava

passos, ou o baixo timbre de sua voz. Talvez ele estivesse se encontrando com alguém? Mas ela não captou nenhum outro som além da tagarelice de seus próprios dentes, enquanto passava pela coluna mais próxima e—

O céu ficou escuro enquanto as ruínas ao redor dela desapareciam de vista. Tella congelou.

Depois de um batimento cardíaco, os olhos dela piscaram e então eles piscaram mais um pouco enquanto sua visão se ajustava à nova cena. Pinheiros. Tufos de neve. Clarões de luz dos olhos dos animais. E ar mais frio que gelo e maldições.

Ela não estava mais em uma das muitas ruínas de Valenda – ela estava em uma floresta no meio da estação fria. Ela estremeceu e apertou os braços descobertos contra o peito.

A luz caía de uma lua maior do que qualquer outra que ela tenha visto. Brilhava de safira brilhante contra a noite estrangeira e pingava estrelas prateadas como uma cachoeira.

Durante o último Caraval, Lenda encantou as estrelas para formar novas constelações. Mas ele disse a própria Tella que ele não tinha muito poder fora do Caraval. E isso não parecia com nenhum dos sonhos que ela compartilhava com ele. Se tivesse sido um sonho, ele já estaria se aproximando dela, dando a ela um sorriso de anjo caído que faz os dedos de Tella enrolarem dentro de seus chinelos enquanto ela fingia não ser afetada.

Em seus sonhos, nunca foi tão frio assim. Às vezes, ela sentia uma escova de gelo através de seu cabelo, ou um beijo de gelo na parte de trás do seu pescoço, mas ela nunca estava realmente tremendo. Se ela estivesse, poderia ter imaginado um pêlo pesado e teria aparecido ao redor dos ombros. Mas tudo o que ela tinha eram suas mangas finas.

Os dedos dos pés já estavam meio congelados e cachos gelados de cabelos loiros se agarravam às bochechas. Mas ela não estava prestes a voltar atrás. Ela queria saber por que Lenda desapareceu de seus sonhos, por que ele a assustou tanto e por que eles estavam agora em outro mundo.

Ela poderia ter pensado que ele tinha levado algum tipo de portal de volta para sua ilha particular, em vez de em outra dimensão, mas as estrelas saindo de uma rachadura na lua a fizeram imaginar o contrário. Ela nunca tinha visto nada parecido em seu mundo.

Ela não teria acreditado em tudo, exceto que este era Lenda.

Lenda trouxe as pessoas de volta à vida. Lenda roubou reinos com mentiras. Lenda reuniu as estrelas. Se alguém pudesse andar através dos mundos, era ele.

Não só isso, mas ele magicamente mudou de roupa. Quando Tella vislumbrou sua silhueta escura através dos galhos nevados, Lenda não mais parecia um plebeu, mas como Lenda de seus primeiros sonhos, vestido com um terno finamente costurado, acentuado por uma meia-capota preta de asa de corvo, uma sofisticada cartola e botas polidas que a neve deixara intocada.

Tella pensou em deixar a segurança da linha das árvores para confrontá-lo quando ele deu mais alguns passos – e encontrou a mulher mais impressionante que Tella já tinha visto.

6

Donatella

O estômago de Tella ficou vazio.

A mulher era feita de coisas que Tella não possuía. Ela era mais velha, não muito – apenas o suficiente para parecer mais uma mulher do que uma garota. Ela era mais alta que Tella também, escultural com cabelos ruivos e lisos que caíam até a cintura estreita, que era presa com um espartilho de couro preto. Seu vestido também era preto, sedoso e fino, com fendas nos dois lados que exibiam longas pernas vestidas com meias transparentes bordadas com rosas.

Tella pode não ter pensado muito sobre as meias, mas também havia rosas tatuadas nos braços da mulher, pretas, combinando com a rosa na parte de trás da mão de Lenda.

Tella imediatamente a odiou.

Ela poderia tê-lo odiado também.

Rosas não eram flores raras, mas ela duvidava que essas tatuagens iguais fossem mera coincidência.

— Bem-vindo de volta, Lenda. — Até a voz da mulher era a antítese de Tella, um pouco rouca e com um sotaque sedutor que Tella não conseguia identificar. A mulher não sorriu, mas quando ela olhou para Lenda ela lambeu os lábios, fazendo-os se aprofundar em um tom vermelho que combinava com o cabelo dela.

Tella resistiu ao impulso de pegar uma bola de neve e jogá-la no rosto da

mulher.

Foi ela quem Lenda visitou em seus dias, enquanto ele manteve Tella confinada a seus sonhos? Lenda sempre fez parecer que ele estava ocupado com negócios imperiais quando estavam acordados, mas Tella deveria ter sabido melhor do que acreditar nele.

— É bom ver você, Esmeralda.— O tom da voz de Lenda gelou seu sangue. Quando ele falava com Tella, era profundo e baixo, mas muitas vezes tingido com alguma coisa provocante. Isso era mais carnal e um pouco cruel, uma voz que não sabia brincar. Ele usou isso tão facilmente quanto a voz que ele a provocava em seus sonhos. E por um momento torto, Tella não pôde deixar de se perguntar se esse maldoso Lenda era atuação – ou se o Lenda de flertes que ela via quando dormia era a verdadeira performance.

— Nós devemos sair do frio. — A mulher passou o braço pelo de Lenda.

Tella esperou que ele se afastasse, mostrasse um pouco de desconforto, mas ele apenas a puxou para mais perto, tocando-a facilmente quando, nos últimos dois meses, ele não tocou Tella.

Ela se agitou e estremeceu quando seguiu os dois, rastejando atrás deles quando chegaram a um chalé de dois andares, brilhante com a luz do fogo que caiu através das janelas e depois se derramou pela porta quando a mulher abriu e ambos entraram.

Tella sentiu uma onda de calor antes que a porta se fechasse, deixando-a coberta de frio mais uma vez. Ela deveria ter saído, mas aparentemente ela era uma masoquista, porque ao invés de se virar e se salvar de mais tortura, ela enfrentou o fosso de rosas espinhosas ao redor da casa, sacrificando as penas indefesas de sua saia enquanto se agachava embaixo da janela do chalé para escutar.

Se Lenda estava tendo um relacionamento com outra pessoa, Tella queria saber tudo sobre isso. Talvez essa mulher fosse a razão pela qual ele se afastou dela naquela noite em frente ao Templo das Estrelas.

Esfregando as mãos para evitar virar gelo, Tella levantou a cabeça o suficiente para espiar através de uma janela congelada. A cabine parecia tão quente quanto uma carta de amor escrita à mão, com uma lareira de pedra que ocupava uma parede inteira e uma floresta de velas penduradas no teto.

O refúgio parecia ser feito para encontros românticos, mas, enquanto Tella

espiava, ela não via beijos, nem abraços. Esmeralda estava sentada na lareira como se fosse seu trono, enquanto Lenda estava diante dela como um sujeito leal.

Interessante.

Talvez as tatuagens correspondentes não significassem o que Tella achava que elas significavam. Mas Tella ainda estava perturbada. Ela sempre imaginou que Lenda não respondia a ninguém além de si mesmo, e não importava quem fosse essa mulher fascinante, Tella não gostava dela. E ela realmente não gostou do jeito que Lenda estava, curvando-se para ela, a cabeça ligeiramente inclinada, enquanto ele dizia: — Eu preciso da sua ajuda, Esmeralda.

Os Destinos se libertaram do Baralho do Destino em que você os aprisionou.

Sangue e Santos.

Tella se abaixou, sugando os suspiros de ar enquanto suas costas batiam contra a parede gelada da cabana. De repente, ela sabia exatamente quem era essa jovem. Antes que Lenda libertasse os Destinos, elas foram aprisionadas no Baralho do Destino pela mesma bruxa que dera a Lenda seus poderes. A bruxa com quem Lenda estava falando agora.

Não é de admirar que ele estivesse tratando essa mulher como uma rainha. Esmeralda foi sua criadora. Quando ela lançou o feitiço condenando as Destinos às cartas, ela tinha tomado metade dos poderes e depois os entregou a Lenda quando ele a procurou, séculos depois. Tella na verdade não sabia muito mais sobre a bruxa.

Mas ela não deveria ser tão jovem, ou tão alta e atraente.

— Eu não consegui destruir os Destinos. Eu sinto muito. Mas eu estou pagando o preço, — disse Lenda, sua voz passando pela janela quebrada acima. — Minha magia ficou muito mais fraca desde o momento em que foram libertados. Os Destinos ainda estão adormecidos por enquanto, mas acho que eles já recuperaram alguns dos seus poderes. Eu mal posso fazer uma ilusão simples.

Tella resistiu ao impulso de levantar e roubar outro olhar. *Ele estava dizendo a verdade?* Se os Destinos tivessem conseguido roubar sua magia, então explicaria porque ele havia desaparecido tão violentamente de seus

sonhos na outra noite, e não apareceu na noite passada. No entanto, ela o viu usar um glamour na floresta para trocar de roupa, e ele parecia não ter problemas com isso.

Claro, isso era uma pequena ilusão, e ela não estava perto o suficiente para tocá-lo. Em um de seus sonhos anteriores com Lenda, ele explicou como seus poderes funcionavam. Ele disse a Tella: *Magia vem em duas formas. Aqueles com poderes geralmente podem manipular as pessoas ou manipular o mundo. Mas eu posso fazer as duas coisas e criar glamoures reais que parecem muito mais reais do que ilusões comuns. Eu posso fazer chover, e você não veria apenas a chuva, você a sentiria ensopando suas roupas e sua pele. Você sentiria todo o caminho até os seus ossos se eu quisesse.*

Começou a chover então, dentro de seu sonho, e quando ela acordou horas depois, sua camisola fina tinha sido salpicada com gotas de água e seus cachos tinham sido encharcados, deixando-a saber que os sonhos não eram apenas suas imaginações, mas um encontro real com a Lenda, e que seus poderes de ilusão se estendiam muito além deles.

Talvez Lenda estivesse dizendo a verdade sobre os Destinos tomando um pouco de sua magia, mas ele não estava dizendo toda a verdade. Talvez ele ainda pudesse criar ilusões, mas elas não eram poderosas o suficiente para levar as pessoas a acreditarem que elas eram reais.

Tella pensou na borboleta morta que encontrou em sua mão quando acordou no dia anterior. Agora que ela realmente considerou isso, ela viu a borboleta, mas ela não sentiu. Suas asas delicadas não roçaram sua pele, e assim que ela colocou na mesa de cabeceira, ela desapareceu.

— Os Destinos não deveriam ter nada da sua magia, — a bruxa disse, — a não ser que você os liberte dos cartões.

— Eu nunca faria isso. Você acha que eu sou um tolo? Eu tenho tentado destruir esse baralho desde o dia que você me fez. — O tom de Lenda foi cortado como se ele estivesse genuinamente ofendido, mas Tella sabia que isso era tudo mentira. Uma mentira descarada para a mulher que o criou. Ele queria destruir as cartas, mas quando ele teve a oportunidade, ele não o fez. Ele libertou os Destinos em vez disso, para salvar Tella.

— Eu ainda quero parar os Destinos, — continuou Lenda. — Mas para fazer isso, eu preciso emprestar sua mágica.

— Você não pode parar os Destinos com magia, — disse a bruxa. — É por isso que eu te disse para destruir o Baralho do Destino. Eles são imortais, como você. Se você matar um Destino, ele vai morrer, mas simplesmente voltará à vida.

— Mas eles têm que possuir uma fraqueza.— A voz de Lenda ganhou mais uma vez, uma voz para desvendar e roubar. Ele queria a magia de Esmeralda e queria conhecer a fraqueza fatal dos Destinos.

Deveria ter dado alívio a Tella que ele estava procurando uma maneira de destruí-los – ela também não queria que os Destinos estivessem vivos – mas uma sensação horrível veio à vida dentro dela quando ouviu o clique decisivo das botas de Lenda.

Tella imaginou ele se aproximando de Esmeralda.

Ela apertou as mãos congeladas em punhos, lutando contra o impulso crescente de espiar pela janela, para ver se ele estava fazendo mais do que fechar a distância, a fim de obter a informação que ele queria. Ele estava tocando a bruxa? Ele estava envolvendo seus braços ao redor de sua cintura, ou olhando para ela do jeito que ele às vezes olhava para Tella?

Quando Esmeralda falou mais uma vez, sua voz se tornou sedutora novamente. — Os Destinos que foram presos têm uma desvantagem. Sua imortalidade está ligada ao destino que os criou: a Estrela Caída. Se você matar a Estrela Caída, os Destinos que ele fez mudará de imortal para sem idade, semelhante aos seus artistas.

Eles ainda terão sua magia, e nunca envelhecerão, mas ao contrário de seus artistas, eles não terão o Caraval para trazê-los de volta à vida se eles morrerem. Se você deseja destruir todos os Destinos, você deve primeiro matar a Estrela Caída.

— Como faço isso? — Perguntou Lenda.

— Eu acho que você já sabe. A Estrela Caída compartilha a mesma fraqueza que você.

A pausa que se seguiu foi tão quieta e silenciosa que Tella jurou que podia ouvir os flocos de neve caindo sobre as rosas ao seu redor.

Duas vezes seguidas, a bruxa tinha acabado de comparar Lenda a Estrela Caída. Primeiro, quando ela mencionou os artistas do Lenda e da Estrela Caída. E agora ela acabou de dizer que Lenda compartilhava a mesma

fraqueza da Estrela Caída.

Isso significava que Lenda era um destino?

Tella lembrou de volta para algo que sua nana Anna costumava dizer quando contava a história sobre como Lenda surgiu.

— *Alguns provavelmente o chamariam de vilão. Outros diriam que sua magia o aproxima de um deus.*

As pessoas também tinham chamado os Destinos de deuses em um ponto no tempo – deuses cruéis, caprichosos e terríveis, e foi por isso que a bruxa os prendeu nas cartas.

Tella estremeceu ao pensar que Lenda poderia ser como eles.

Durante o último Caraval, suas interações com Destinos, como a Rainha Morta-viva, Suas Servas e o Príncipe de Copas quase a deixaram morta. Ela não queria que Lenda estivesse na mesma categoria. Mas ela não podia negar o fato de que Lenda era imortal e mágico – e isso fazia dele algo mais parecido com o destino do que com um humano.

Tella tentou desesperadamente ouvir o que era a fraqueza. Mas Lenda não revelou isso com a sua resposta.

— Tem que haver outro caminho, — disse ele.

— Se houver, você terá que descobrir por conta própria. Ou você poderia ficar aqui comigo. O destino não sabe que eu vim a este mundo. Se você ficar, será como foi quando eu ensinei a você como dominar seus poderes. — Ela ronronou. Realmente *ronronou*.

Tella realmente a odiava.

Espinhos negros rasgaram as penas congelantes de sua saia quando ela perdeu a batalha com o controle e levantou-se de agachamento para espiar pela janela mais uma vez. E desta vez ela desejou que não tivesse.

Lenda estava de joelhos diante da bruxa e ela passava os dedos pelo cabelo escuro dele, movendo-os possessivamente pelo couro cabeludo até o pescoço, como se ele pertencesse a ela.

— Eu não sabia que você era tão sentimental, — disse Lenda.

— Só quando se trata de você. — Seus dedos atados em sua gravata quando ela inclinou o queixo em direção a ela.

— Eu gostaria de poder ficar, Esmeralda. Mas eu não posso. Eu preciso voltar e destruir os Destinos, e eu preciso dos seus poderes para fazer isso. —

Ele se levantou de joelhos assim que a bruxa estava se inclinando para o que parecia um beijo. — Eu só quero pedir emprestado.

— Ninguém quer apenas pegar poderes emprestados. — A voz da bruxa voltou a ser mordida novamente, mas se foi por causa de seu pedido ou porque ele negou o beijo, Tella não sabia dizer.

Lenda deve ter imaginado que ela ficaria irritada com a negação dele; Ele deu um passo mais perto, pegou a mão dela e deu um beijo casto nos nós dos dedos. — Você me fez quem eu sou, Esmeralda.

Se você não pode confiar em mim, ninguém mais pode.

— Ninguém mais *deveria* confiar em você, — disse ela. Mas seus ricos lábios vermelhos finalmente se curvaram em um sorriso. O sorriso de uma mulher que estava dizendo sim a um homem que ela não podia resistir.

Tella conhecia o sorriso porque lhe dera o mesmo antes.

A bruxa estava dando a Lenda seus poderes.

Tella deveria ter se afastado, deveria ter retornado ao seu mundo antes de Lenda a pegar lá e ele a ver tremendo por causa do frio, e de todos os sentimentos que ela desejava que ela ainda não tivesse por ele. Mas ela permaneceu paralisada.

A bruxa proferiu palavras em uma linguagem que Tella nunca tinha ouvido quando Lenda bebeu sangue direto de seu pulso. Ele bebeu, bebeu e bebeu. Tomou e levou e levou.

As bochechas de Lenda ficaram vermelhas e sua pele bronzeada começou a brilhar, enquanto a beleza severa da bruxa diminuía. Seu cabelo de fogo embotava em laranja; a tinta preta de suas tatuagens se desvaneceu em cinza. Quando Lenda tirou os lábios do pulso, Esmeralda se inclinou contra ele como se seus membros tivessem perdido os ossos.

— Isso tirou mais de mim do que eu esperava, — ela disse suavemente. — Você pode me levar até o quarto?

— Sinto muito, — disse Lenda, mas ele não parecia se arrepender. Sua voz era cruel sem a sensualidade para amenizá-lo.

Então ele falou palavras em voz baixa para Tella ouvir.

A bruxa perdeu ainda mais cor, sua pele já pálida tornando-se branca como pergaminho. — Você está brincando...

— Você já me conheceu algum senso de humor? — Ele perguntou. Então

ele pegou a bruxa e pendurou-a sobre o ombro com a facilidade de um jovem verificando um item de uma lista.

Tella tropeçou para trás em membros meio dormentes, deixando um pequeno tumulto de penas rasgadas em seu rastro. Ela sabia que ele quis dizer isso toda vez que ele disse a ela que ele não era o herói, mas uma parte dela continuava esperando que ele provasse que ela estava errada. Tella queria acreditar que Lenda realmente se importava com ela e que ela era sua exceção. Embora ela não pudesse deixar de temer que tudo o que a crença realmente significava era que Lenda era na verdade sua exceção, que seu desejo por ele era a fraqueza que poderia destruí-la se ela não o conquistasse.

Se Lenda estava disposto a trair a mulher que o criou, então ele estava disposto a trair qualquer um.

Tella atravessou as rosas, correndo de seu esconderijo sob a janela de volta para a floresta. Ela tropeçou no caminho principal, nas árvores, apenas olhando para trás depois que ela estava escondida em segurança atrás de um bosque de pinheiros.

Lenda deixou a casa com Esmeralda ainda pendurada no ombro. E naquele momento, Lenda não se parecia mais como inimigo de Tella, ou seu amigo, ou o garoto que ela amava – Lenda parecia como cada história que ela nunca quis acreditar sobre ele.

Scarlett

Os sentimentos de Scarlett eram uma comoção de cores, girando em torno dela em guirlandas de um azul-marinho animado, o nervoso amarelo alaranjado de uma calêndula e um tom frustrado de gengibre. Ela andara pela suíte desde que sua irmã saíra, de alguma forma sabendo que Tella não voltaria a tempo, mas também esperando que ela provasse que Scarlett estava errada.

Ela parou de andar e se olhou no espelho mais uma vez, para se certificar de que seu vestido não era um reflexo de como ela se sentia ansiosa. A renda rosa pálida do vestido parecia mais sem graça do que antes, mas tudo parecia mais sem brilho naquele espelho.

A suíte que Scarlett e Tella alugaram era uma tapeçaria surrada de itens envelhecidos. Ambas as meninas concordaram em sair do palácio. Scarlett queria ser independente. Tella declarou a mesma coisa. Mas Scarlett imaginou que sua irmã mais nova também queria criar uma certa distância de Lenda depois de como ele foi embora no final do Caraval.

Tella implorou para alugar um dos apartamentos elegantes no extravagante Distrito de Satine, mas Scarlett sabia que seu dinheiro teria que durar mais do que uma temporada. Como um acordo, elas alugaram um conjunto de pequenos quartos na extremidade mais distante do Distrito de Satine, onde o acabamento dos espelhos era mais amarelo que dourado, as cadeiras eram estofadas com veludo áspero e tudo cheirava a giz, como

porcelana lascada. Tella reclamava regularmente, mas morar em algum lugar modesto lhes permitia esticar seus fundos. Com a maior parte do dinheiro que Tella tinha roubado de seu pai, elas conseguiram reservar o apartamento até o final do ano. Scarlett não tinha certeza do que elas fariam depois disso, mas aquela não era sua preocupação mais urgente.

O relógio soou três horas.

Ela olhou pela janela. Ainda não havia sinais de Tella entre os foliões do feriado, mas a carruagem terrestre de Scarlett finalmente havia chegado. Não havia muitas em Valenda, pois as pessoas preferiam carruagens flutuantes às que passavam pela rua. Mas seu ex-noivo, o conde Nicolas d'Arcy, ou Nicolas, como ela começou a chamá-lo, residia em uma propriedade rural fora dos limites da cidade, muito além de qualquer uma das cocheiras flutuantes.

Sabendo disso, Scarlett havia conseguido seu transporte há uma semana. O que ela não sabia era o quão lotado o festival seria.

As pessoas já estavam gritando com o cocheiro dela para que ele mexesse. Ele não esperaria muito. Se ele fosse embora, Scarlett ficaria encalhada e ela perderia a chance de finalmente conhecer Nicolas.

Seus lábios se comprimiram quando ela entrou no quarto onde Paloma dormia. *Sempre dormindo. Sempre, sempre dormindo.*

Scarlett tentou não ser amarga. Saber que sua mãe não pretendia abandoná-las para sempre, que ela estava presa em um amaldiçoado Baralho do Destino nos últimos sete anos, fizera com que Scarlett tivesse mais simpatia por ela. Mas ela ainda não podia perdoar sua mãe por deixar ela e Tella com seu pai miserável em primeiro lugar. Ela nunca poderia ver Paloma da mesma maneira que Tella via.

Na verdade, Tella provavelmente ficaria furiosa quando voltasse e encontrasse Paloma desacompanhada. Ela estava sempre dizendo que não queria que a mãe delas acordasse e estivesse sozinha. Mas Scarlett duvidava que Paloma acordasse hoje. E se Tella estivesse tão preocupada, ela deveria ter voltado a tempo.

Scarlett abriu a porta principal de sua suíte, pronta para chamar um criado e pedir que mantivesse um olho em sua mãe. Contudo, uma das empregadas já estava lá, com as bochechas coradas e sorrindo largamente.

— Boa tarde, senhorita. — A serva fez uma meia reverência rápida. — Eu vim para lhe dizer que há um cavalheiro esperando por você no salão do primeiro andar.

Scarlett olhou além dos ombros da empregada. Ela podia ver o corrimão de madeira arranhado, mas não havia visão de nada no andar de baixo.

— O cavalheiro deu um nome?

— Ele disse que queria te surpreender. Ele é muito bonito. — A garota girou timidamente uma mecha de cabelo em volta do dedo, como se esse jovem atraente estivesse em pé na frente delas.

Scarlett hesitou, considerando suas opções. Talvez fosse Nicolas, que viera surpreendê-la. Mas aquilo não soava como ele.

Ele era tão correto, ele não quisera conhecê-la enquanto os Dias de Luto estavam acontecendo; ele pediu a ela que esperasse até hoje para que o verdadeiro cortejo deles começasse.

Havia uma outra pessoa que poderia ser, mas Scarlett não queria esperar que fosse ele, especialmente hoje. Ela jurou não pensar nele hoje. E se *fosse* Julian, ele estava cinco semanas atrasado. Scarlett poderia ter pensado que ele tinha morrido, exceto pelo fato de que ela conseguiu que Tella perguntasse a Lenda sobre isso, e ele confirmou que Julian ainda estava vivo. Embora, ele não tivesse dito onde seu irmão estava, ou porque ele falhara em entrar em contato com Scarlett.

— Você me faria um favor? — Scarlett disse à empregada. — Minha mãe ainda está doente. Ela não precisa de nada, mas eu odeio deixá-la sozinha. Enquanto eu estiver fora, você verificaria ela a cada meia hora, caso ela acorde?

Scarlett entregou uma moeda à moça.

Então ela silenciosamente desceu as escadas, com o coração na garganta, esperando, apesar de sua oposição, que Julian finalmente tivesse voltado e tivesse sentido a falta dela tanto quanto ela sentira dele. Ela manteve os passos silenciosos, mas no momento em que entrou na sala, esqueceu como se mexer. Os olhos de Julian encontraram os dela do outro lado da sala.

Tudo ficou subitamente mais aquecido do que antes. As paredes da sala de estar ficaram menores e mais quentes, como se muita luz do sol tivesse penetrado pelas janelas, cobrindo todas as estantes e cadeiras esfarrapadas, o

tipo de luz de uma tarde nebulosa que deixava o mundo inteiro fora de foco, exceto por ele.

Ele parecia perfeito.

Scarlett poderia facilmente ter se convencido de que ele acabara de escapar de uma pintura fresca. As pontas de seu cabelo escuro estavam molhadas, seus olhos âmbar estavam brilhando e seus lábios se separaram em um sorriso devastador.

Esse era o garoto dos sonhos de Scarlett.

Claro, Julian provavelmente estrelava nos sonhos de metade das garotas do continente também.

Todos os seus sentimentos anteriores, foram transformados em chamas de tangerina ardente. Julian não podia ver suas cores, mas Scarlett não queria revelar seus sentimentos com outros relatos. Ela não queria que seus joelhos ficassem fracos, ou que suas bochechas ficassem ruborizadas. E ainda assim ela não conseguia impedir seu coração de acelerar ao vê-lo, como se estivesse se preparando para persegui-lo, caso ele fugisse. O que ele tinha feito.

Ele deve ter estado em algum lugar ainda mais quente que ali.

As mangas de sua camisa anormalmente encrespadas estavam bem enroladas, exibindo braços esbeltos. Um antebraço tinha uma larga faixa branca que contrastava com sua pele, que estava vários tons mais escuros do que seu marrom dourado natural, bronzeada do lugar onde Lenda lhe enviara por último. A barba bem aparada que revestia sua mandíbula era mais espessa e comprida do que ela lembrava, e cobria parte da fina cicatriz que ia do olho até o queixo.

Ele não usava um casaco, mas usava um colete cinza com botões prateados brilhantes que combinavam com as linhas finas nas laterais de sua calça azul-escura, que estavam enfiadas em botas de couro novinhas em folha. Quando ela conheceu Julian, ele parecia um canalha, mas agora ele era um puro cavalheiro.

— Olá, Carmim.

Seu vestido reagiu imediatamente. Scarlett quis que não mudasse nem traísse nenhum de seus sentimentos, mas o vestido sempre gostara de Julian. A primeira vez que ela colocou o vestido, na ilha de Lenda, ela ficou envergonhada de se despir na frente de Julian e ficou um pouco desapontada

porque o vestido parecia um trapo triste. Então ela o vestiu, e quando se virou e olhou para Julian, o vestido tinha se transformado em uma confecção de rendas e cores sedutoras, como se de alguma forma soubesse que esse era o menino cujo coração ela precisava ganhar.

Scarlett não podia ver seu reflexo agora, mas ela podia sentir o vestido mudando. O ar quente roçava seu busto enquanto o decote do vestido abaixava. A saia apertou-se para abraçar a curva de seus quadris, e a cor do tecido se aprofundou no voraz rosa de lábios desejosos em serem beijados.

O sorriso de Julian ficou lupino, lembrando-a da noite em que ele a levou da ilha de Trisda, sua terra natal. Mas apesar do olhar faminto em seus olhos, ele não fez nenhum movimento para diminuir o espaço entre eles. Seu cotovelo descansou contra uma vitrine quebrada, enquanto um raio de luz solar fresca fluía pela janela, dourando todas as suas bordas em ouro e fazendo-o parecer ainda mais intocável.

Scarlett queria correr até ele e jogar os braços ao seu redor, mas ela não se moveu do vão de escadas.

— Quando você voltou? — Ela perguntou friamente.

— Uma semana atrás.

E você só está me visitando agora? Scarlett queria perguntar.

Mas ela lembrou a si mesma que foi ela quem primeiro colocou uma divisão entre eles quando lhe disse que queria conhecer seu ex-noivo.

Julian dissera que entendia, dissera que queria que ela fizesse o que fosse necessário. Mas então ele foi mandado embora em *outra* missão de Lenda.

Eu não vou poder escrever, mas levará apenas uma semana, ele prometeu.

Uma semana se transformou em duas, depois três, depois quatro, depois cinco semanas sem uma nota dele para dizer que ele ainda estava vivo. Ela não tinha certeza se era porque ele tinha desistido ou se tinha esquecido dela porque ele estava tão ocupado trabalhando para Lenda.

Julian colocou a mão na nuca, parecendo desconfortável, direcionando a atenção de Scarlett para a bandagem enrolada em seu braço.

— Você foi ferido? — *Foi por isso que ele não veio?* — O que aconteceu com o seu braço?

— Não é nada. — ele murmurou.

Mas Scarlett teria jurado que ele corou. Ela nem sabia que Julian era capaz

de corar. Ele não tinha vergonha.

Ele viajou pelo mundo com total confiança. Porém, suas bochechas estavam definitivamente coradas e seus olhos se recusaram a encontrar os dela.

— Eu sinto muito por não ter vindo mais cedo.

— Está tudo bem — disse Scarlett. — Tenho certeza de que você está muito ocupado com o que quer que Lenda quer que você faça. — Seu olhar passou mais uma vez para a misteriosa atadura ao redor do braço dele e depois para os seus olhos, que ainda se recusavam a encontrar os dela. — É legal da sua parte passar por aqui. É bom ver você. — Ela ansiava por dizer muito mais, mas podia ouvir os cavalos da carruagem relinchando lá fora. Scarlett precisava sair antes que ela estragasse as coisas com Nicolas.

— Eu adoraria conversar, mas infelizmente eu estava prestes a sair.

Julian se afastou da vitrine.

— Se você vai aproveitar o festival, eu vou me juntar a você.

Foi a declaração educada de um amigo. Mas os sentimentos de Scarlett por Julian sempre foram fortes demais para amizade, mesmo quando ela o conheceu e não gostou dele. Scarlett e Julian nunca poderiam ser apenas amigos. Ela precisava de mais vindo dele, ou ela precisava que ele a deixasse ir.

— Eu não vou ao festival — disse Scarlett. — Finalmente vou conhecer o Nicolas.

A expressão de Julian caiu. Durou apenas um momento. Se Scarlett tivesse tirado os seus olhos dele por um segundo, ela teria perdido. Quase no mesmo instante que ouviu o que ela disse, Julian passou por ela e foi até a porta da pensão. Ela esperava que ele fosse embora, para deixá-la ir e fechar a porta da relação deles completamente.

Em vez disso, abriu-a com um sorriso estranhamente agradável.

— Isso é perfeito — disse ele, alegre, como se ela tivesse dito a ele que eles teriam bolo de coco para o jantar. — Eu posso ser seu acompanhante.

— Eu não preciso de um acompanhante.

— Você já tem um?

Scarlett olhou com raiva.

— Você e eu nunca tivemos um.

— Exatamente. — Com um sorriso maroto, ele passou por ela para a carruagem em marcha lenta e também abriu a porta. Mas, em vez de esperar que ela entrasse, Julian entrou na carruagem.

As emoções de Scarlett estavam queimando quando ela entrou no carruagem e sentou-se na frente dele. Julian podia ter começado a se vestir como um cavalheiro, mas ele ainda estava se comportando como um canalha. Ela teria entendido o comportamento frustrante dele se ele tivesse feito algum esforço para entrar em contato com ela nas últimas cinco semanas, ou se ele tivesse tentado lutar por ela depois que ela disse que queria dar a Nicolas outra chance também, mas parecia que tudo o que Julian queria fazer era lutar contra ela.

— Você está tentando sabotar. — ela acusou.

— Eu diria que nunca faria isso, mas isso seria uma mentira. — Julian recostou-se em seu assento, espalhando-se como os homens jovens sempre pareciam fazer. Como as ruas de Valenda não eram feitas para carruagens, aquela cabine era particularmente estreita, com espaço insuficiente para os dois. Porém, Julian esticou os braços sobre as almofadas de brocado e esticou as pernas para ocupar mais da metade do espaço.

Scarlett agarrou um dos joelhos dele, bateu no outro e apontou para a porta quando a carruagem começou a ribombar na estrada.

— Saia, Julian.

— Não. — Seus braços caíram da almofada e ele se inclinou para frente. — Eu não vou embora, Carmim. Nós passamos bastante tempo separados. — Ele colocou a mão sobre a dela e pressionou-a firmemente contra o joelho.

Scarlett tentou se afastar, mas foi da maneira indiferente que alguém faz alguma coisa quando na verdade esperava que alguém os detenha.

E Julian fez. Ele deslizou seus dedos marrons entre os dela e segurou mais forte do que nunca, como se compensasse todas as semanas que ele não tinha sido capaz de tocá-la.

— Enquanto eu estava fora, tentei lembrar de todas as palavras que você disse para mim. Eu pensei em você a cada hora de cada dia que eu estava fora.

Scarlett lutou contra o desejo de sorrir. Era tudo que ela queria ouvir. Mas Julian sempre se destacou em saber o que dizer. Estava se encaminhando até

onde ele caía.

— Então por que você não escreveu?

— Você me disse que queria espaço para conhecer o seu conde.

— Eu não queria tanto espaço assim. Por cinco semanas, eu não ouvi nada de você. Eu pensei que você tivesse esquecido de mim ou seguindo em frente. — Ela tentou não soar muito acusadora ou muito desesperada. Sentiu como se tivesse fracassado em ambos, e ainda assim a expressão séria de Julian não vacilou. Seus olhos eram do mais belo tom marrom e mais quentes que a luz que entrava pelas janelas da carruagem.

— Eu nunca vou seguir em frente, Carmim. — Ele pegou a mão dela e trouxe para o seu coração.

O coração de Scarlett bateu selvagem e irregular em resposta, mas o de Julian permaneceu firme e inabalável sob a palma da sua mão.

— Eu cometi muitos erros. Eu te dei espaço, porque eu pensei que era o que você precisava. Mas percebi assim que vi você hoje que estava errado. Então estou nessa carruagem com você agora, pronto para ir aonde quer que você vá, mesmo que isso signifique vê-la com outro homem.

Scarlett voltou à realidade. Por um momento, ela se esqueceu de Nicolas.

— E se eu não quiser que você me veja com outro homem? — Ela disse.

— Eu também não estou entusiasmado com a ideia. — O tom de Julian se tornou brincalhão, mas seus dedos ficaram tensos quando a carruagem sacudiu em uma estrada esburacada. Eles estavam se aproximando da periferia da cidade e se aproximando da propriedade de Nicolas.

— Se você realmente quer que eu vá embora, eu sairei da carruagem e voltarei para o palácio — disse Julian. — Mas você deve saber que eu também estou aqui porque não confio nesse conde.

— Você confia em mim? — Disse Scarlett.

— Com a minha vida. Mas eu conheci seu pai e tenho dificuldade em acreditar em alguém que faria um acordo com ele.

— Nicolas não é assim.

Quando Scarlett escreveu pela primeira vez para Nicolas, depois de saber que ela não o conheceu verdadeiramente durante o Caraval, ele estava longe do continente de luto *por ela*. Seu pai mentiu e disse que Scarlett e sua irmã morreram em um acidente. Ele não tinha ideia do homem horrível que

Marcello Dragna era.

E Nicolas não era nada parecido com o pai dela. Ele fazia desenhos de plantas e anedotas sobre seu cachorro, Timber. Ele era um seguidor de regras como ela; ele acreditava na tradição tanto que ele esperou até hoje para conhecê-la. Nicolas era seguro. Scarlett não conseguia vê-lo partindo o coração dela. Julian já havia quebrado seu coração duas vezes, e mesmo que Julian não fizesse isso de novo intencionalmente, seu coração acabaria se quebrando por ele eventualmente.

Quando Scarlett escreveu pela primeira vez para Nicolas, ela só queria conhecê-lo, para sanar sua curiosidade. Então Julian tinha sumido por tanto tempo, e as cartas de Nicolas estavam lá, quando Julian não estava. Era constante enquanto Julian não estava sendo confiável.

Como parte do Caraval, Julian não envelhecia. Ele poderia morrer e permanecer morto se alguém o matasse quando um jogo não estivesse em curso, mas ele nunca envelheceria desde que ele fosse um dos artistas de Lenda. Scarlett nunca poderia pedir-lhe para desistir disso.

Ela não sabia se Lenda ainda faria os jogos agora que ele se tornaria imperador. Mas considerando que Julian havia desaparecido há semanas, estava claro que Lenda ainda o controlava. Qualquer futuro que Scarlett e Julian pudessem ter juntos estava destinado a não durar.

E mesmo sabendo de tudo isso, ela não conseguiu se afastar da mão dele.

— Eu não quero que você ande de volta para o palácio. — disse ela. — Mas se você arruinar isso, eu juro pelas estrelas, nunca mais falarei com você. O conde tem que acreditar que você é um acompanhante. Podemos dizer a ele que você é meu primo.

— Isso não vai funcionar a menos que você esteja bem com ele acreditando que você tem um relacionamento inadequado com seu primo. — Julian se aproximou e deu um beijo rápido em seu pescoço.

Scarlett sentiu suas bochechas ficarem vermelhas.

— Não se atreva a fazer algo assim!

Ele recuou, rindo o suficiente para sacudir a carruagem.

— Eu estava apenas brincando, Carmim, embora agora eu esteja tentado a seguir adiante.

8

Scarlett

O suor se espalhava entre os dedos dos pés de Scarlett enquanto um servente a levava por um corredor coberto por revestimentos detalhados e sancas espessas.

Podia ser que tivessem algumas rachaduras no gesso, o que fez que ela quase parasse. Nicolas nunca tinha dito isso, mas por um momento, ela imaginou que ele só queria se casar com ela por causa da riqueza de seu pai. Porém ela não estava mais conectada ao pai.

Se Nicolas decidisse pedi-la em casamento, seria por causa dela.

Agora as palmas das mãos dela suavam ainda mais do que os dedos dos pés. Ela queria limpar a umidade em seu vestido, mas seria pior ter listras óbvias estragando o tecido rosa profundo.

Scarlett respirou fundo várias vezes, tentando se acalmar quando o criado abriu a porta de um amplo jardim coberto de vidro.

— Sua Alteza irá encontrá-la aqui.

Beija-flores alegres zumbiam de planta em planta, espelhando o estado do estômago caótico de Scarlett quando ela atravessou a porta. Tudo cheirava a pólen, a flores e a romance florescente.

Nicolas havia recentemente desenhado para ela um buquê de flores híbridas e disse que gostava de fazer experimentos no jardim.

Ela achou que ele tinha escrito aquilo para soar impressionante, contudo, claramente alguém brincou com as plantas ali. Havia cachos de vales brancos

de Valenda com trepadeiras de veludo azul, lírios-aranha prateados que brilhavam sob a luz e caules amarelos de girassóis com pétalas verde-jade.

Não muito longe da porta havia uma mesa de cobre com um buquê de peônias cor-de-rosa brilhantes, um jarro de limonada com menta, sanduíches de pão semeado e tortinhas cobertas com ameixas brancas. O suficiente para ser atencioso sem exagerar.

Julian olhou o pequeno banquete com desconfiança, como se a limonada fosse venenosa e os sanduíches escondessem lâminas de barbear.

— Não é tarde demais para ir embora.

— Eu estou exatamente onde quero estar. — Scarlett empoleirou-se na beira de uma grande cadeira de cobre. — Contudo, você está livre para ir quando quiser.

— Não me diga que você realmente gosta daqui. — Os olhos de Julian se ergueram em direção a um pedaço do teto de vidro coberto de joaninhas. — Há algo estranho. Até os insetos querem fugir.

Alguém limpou a garganta: — Sua Alteza, Conde Nicolas d'Arcy.

Scarlett prendeu a respiração.

Passos de botas, mais pesados do que ela esperava, seguiram a voz do criado.

Ela achava que tinha imaginado seu ex-noivo como todo tipo possível de homem. Ela o imaginou baixo, alto, magro, largo, velho, jovem, careca, cabeludo, bonito, sem graça, pálido, sombrio, pensativo, alegre. Ela o imaginou vestido com babados e ternos dourados enquanto tentava imaginar a primeira coisa que ele diria ao conhecê-la.

Ela imaginou o que diria a ele também. Porém, suas palavras se entrelaçaram quando ele deu um passo à frente e pegou a mão dela na sua.

Nicolas era uma montanha. A grande mão que segurava a de Scarlett poderia tê-la esmagado tão facilmente quanto a envolvido.

Ele era quase trinta centímetros mais alto que ela – as pernas musculosas, braços torneados e cabelos castanhos tão grossos que mesmo parecendo que ele tentou domar, uma larga mecha caía sobre a testa, dando a ele uma aparência de menino, que foi incrementada por seus óculos ligeiramente tortos.

Ele parecia do jeito que ela imaginaria um justiceiro que tivesse uma

identidade secreta como um botânico cavalheiro.

Ao lado dele, havia um grande cachorro preto do tamanho de um pequeno pônei. *Timber*. Scarlett ouvira falar muito dele nas cartas de Nicolas. Seu rabo sacudiu e suas orelhas recuaram com a visão de Scarlett, obviamente animado. Entretanto, o cachorro não saiu do lado do seu mestre; Ele sentou-se obedientemente quando Nicolas levou a mão à boca carnuda.

O vestido dela claramente gostava dele. Seu decote baixo agora estava coberto de gemas cortadas que emitiam faíscas de luz por todo o jardim envidraçado.

— É maravilhoso finalmente conhecê-lo. — Scarlett conseguiu dizer. Ele sorriu largo e sincero.

— Estou tentado a dizer que você é ainda mais bonita do que eu imaginava, mas eu odiaria que você me achasse pouco original.

— Tarde demais. — Julian tossiu.

Uma ruga se formou entre as grossas sobrancelhas de Nicolas quando ele notou o companheiro de Scarlett.

— E você é?

— Julian. — Ele ofereceu sua mão.

Contudo, Nicolas se recusou a deixar a de Scarlett.

— Eu não sabia que Scarlett tinha um irmão.

— Eu não sou irmão dela. — Julian manteve o tom amigável, mas Scarlett sentiu uma onda de pânico roxo enquanto algo diabólico faiscava nos olhos de Julian. — Eu não poderia estar menos relacionado com ela. Eu sou um ator com quem ela jogou durante o Caraval.

Ele enfatizou as palavras *com quem ela jogou* e Scarlett poderia tê-lo sufocado. Julian escolheria *aquele momento* para finalmente ser honesto.

Não que Nicolas parecesse perturbado. O largo sorriso do jovem conde permaneceu o mesmo enquanto ele acariciava *Timber* com a mão livre.

Porém, Julian não tinha acabado.

— Eu não estou surpreso que ela nunca tenha me mencionado.

No começo do Caraval, acho que ela não gostou muito de mim.

Porém, nos deram o mesmo quarto...

— Julian, já chega. — Scarlett cortou.

O sorriso de Nicolas finalmente sumiu. Ele soltou os dedos dela, como se

segurá-los tivesse sido um erro.

— Não é o que parece. Julian e eu somos apenas *amigos*. — disse ela, decidindo não tocar na palavra *quarto*. — Ele conheceu meu pai durante o Caraval e estava nervoso com a possibilidade de você ser como ele. Ele quis vir hoje para me proteger. Entretanto, permitir isso foi evidentemente um erro. — Ela lançou um olhar estreito na direção de Julian.

Ele parecia não sentir remorso, encolhendo os ombros enquanto afundava as mãos nos bolsos.

— Nicolas, por favor...

— Está tudo bem, Scarlett. — A voz do conde ressoou mais profunda do que antes, mas as linhas de raiva ao redor de sua boca desapareceram.

— Eu não vou dizer que estou satisfeito com isso. Porém, depois de saber a verdade sobre seu pai e ouvir sobre o *noivo* que você conheceu durante o Caraval, eu posso entender.

Nicolas voltou-se para Julian e Scarlett ficou olhando enquanto os jovens finalmente apertavam as mãos. — Obrigado por ficar de olho nela durante o jogo.

— Eu sempre vou cuidar dela. — disse Julian.

— E quando você não for necessário? — Perguntou Nicolas.

Julian jogou os ombros para trás e ficou mais alto.

— Vou deixar Scarlett fazer essa escolha.

— Julian, pare. — disse Scarlett.

— Está tudo bem. — Nicolas coçou o cachorro atrás das orelhas. — Eu não me importo com um pouco de competição. Na verdade, prefiro saber quem mais está tentando ganhar sua mão.

— Eu não colocaria assim, — disse Julian. — O verbo ganhar implica que isto é um jogo.

— É uma figura de linguagem. — disse Nicolas.

— Eu sei. — Julian sorriu. — Jogos são o que eu faço. Contudo, eu não acho que você tenha dito isso figurativamente. Você quer conquistá-la provando que é o melhor.

— Não é isso que você quer? — Nicolas perguntou. E Scarlett poderia jurar que ele estufou o peito.

Eles eram como pavões em luta. Scarlett imaginou as emoções deles

girando em tons orgulhosos de azul-petróleo e azul-cobalto. Ou talvez ela estivesse realmente vendo os sentimentos de cada um?

Scarlett sempre viu suas próprias emoções em cores, mas só viu os sentimentos de outra pessoa uma vez. Isso aconteceu durante o Caraval, depois que ela compartilhou sangue com Julian. Foi a coisa mais íntima que ela já fez, e depois, ela foi capaz de vislumbrar os sentimentos de Julian. Mas não durou muito tempo, assim como aquele vislumbre de orgulho daquele momento, fazendo-a se perguntar se era apenas em sua mente, já que ela não tinha bebido o sangue de ninguém.

Julian e Nicolas ainda estavam se encarando. Essa não era a cena que Scarlett imaginara. Ela deveria ser a pessoa que Nicolas estaria olhando. Ele deveria lisonjear e cortejá-la, não discutir com Julian.

— Eu não preciso provar nada. — disse Julian. — Eu não estou tentando ganhar a mão dela. Eu estou oferecendo a minha a ela, e tudo o que vem com isso esperando que ela a aceite e decida que quer mantê-la.

Era uma das coisas mais doces que Julian havia dito, e talvez Scarlett tivesse aceitado a mão dele se ele realmente tivesse lhe dado uma olhada durante seu belo discurso. Porém, os garotos estavam tão envolvidos em seus desafios, que pareciam ter esquecido que ela estava lá.

— Estou feliz que isso não é apenas um jogo para você, Julian, mas talvez devesse ser. Talvez devêssemos transformar isso em uma competição de cortejo. — disse Scarlett. As palavras imediatamente se provaram como um erro. Entretanto, os olhares confusos de seus cavalheiros pareciam uma vitória. Em vez de falar como se Scarlett não estivesse lá, Julian e Nicolas estavam agora olhando para ela como se ela fosse a única presente.

— Faziam isso nos primeiros dias do Império Meridiano. — continuou ela. — Jovens moças de famílias abastadas ou nobres organizavam uma série de tarefas, para que seus pretendentes pudessem mostrar suas habilidades. Quem as completasse primeiro ou melhor se casaria com a jovem.

Nicolas passou a mão pela boca, como se tentasse esconder sua expressão, mas ela percebeu que ele estava intrigado.

— Isso não deveria ser um jogo. — disse Julian.

— Está com medo de perder? — Nicolas definitivamente estufou o peito dessa vez.

Julian murmurou algo em voz baixa. Sua postura estava tensa e sua mandíbula estava cerrada, fazendo com que a cicatriz que ia de seu queixo até seu olho se transformasse em uma linha branca destacada.

— Carmim, não faça disso um jogo.

Se ele não tivesse dito isso, Scarlett poderia ter mudado de ideia. Ela fez o desafio principalmente para chocá-los e parar sua luta ridícula. Porém, se ela desistisse agora, pareceria que ela estava fazendo isso por Julian e não por ela mesma.

E ela sempre se sentia como se estivesse desmoronando por Julian.

Julian era o sol no meio da parte mais chuvosa da estação fria, gloriosamente quente e maravilhoso quando ele estava lá, mas completamente não confiável. Por cinco semanas ele desapareceu.

Agora, embora ele só estivesse de volta em sua vida há apenas algumas horas, ele transformara isso em um caos.

Às vezes, tinha de reconhecer, ela gostava da selvageria que ele trazia para o mundo dela. Porém, não gostou que desta vez fosse mais sobre ele conseguir o que queria do que sobre ela. Ele disse na carruagem que estava aqui porque não confiava no conde. Mas Nicolas era um botânico, com um cachorro – um olhar para ele e estava claro que ele não tinha planos nefastos para Scarlett. Julian simplesmente não queria que ninguém mais tivesse planos para Scarlett.

— Se você não quer jogar, você não precisa, — disse Scarlett.

— Mas acho que vai ser divertido. Já me decidi.

— Desde quando você se decide tão rápido? — Argumentou Julian.

— Desde cinco semanas atrás. — Seu sorriso era um ponto de exclamação.

Julian parecia querer continuar discutindo. Ele provavelmente teria continuado se Nicolas não estivesse lá. Em vez disso, ele apenas golpeou uma infeliz joaninha com mais força do que o necessário.

O sorriso de Nicolas se expandiu como se ele já estivesse ganhando.

Isso deixou Scarlett um pouco nervosa. Porém, depois do que ela acabara de dizer a Julian, ela não poderia desistir agora, e embora pudesse ter sido um pouco aterrorizante, também era estimulante assumir o controle de uma maneira que ela nunca tinha feito antes.

— Vou começar com um desafio simples e cada desafio será cada vez mais difícil até que um de vocês se retire ou um de vocês não consiga concluir uma tarefa.

— Qual é o primeiro desafio? — Perguntou Nicolas.

Scarlett tentou lembrar o que tinha lido nos livros de história.

Contudo, este era o seu jogo; ela poderia fazer o que quisesse.

— Cada um de vocês deve me trazer um presente nos próximos três dias, mas deve ser algo que você nunca deu a ninguém.

— Vamos ganhar um prêmio se trouxermos o melhor presente?

— Perguntou Julian.

— Sim, — disse Scarlett. — Vou dar um beijo ao vencedor de cada desafio individual e, no final do jogo, vou casar com quem vencer.

Era o tipo de coisa que Tella teria dito. Foi ousado, e fez Scarlett se sentir ousada também.

Porém, os sentimentos nunca duravam, e os resultados daquele jogo durariam.

9

Scarlett

Scarlett tentou não se arrepender de sua escolha de declarar sua mão em casamento num jogo, enquanto Julian parecia esconder como estava infeliz com a forma como a visita deles à propriedade de Nicolas havia se desenrolado. Depois que Scarlett expusera as regras do jogo, ela convenceu os dois cavalheiros a se sentarem e tomar um pouco do chá e provar as guloseimas preparadas por Nicolas. Mas é claro que aquilo se transformou em outra competição; a conversa sobre viagens se transformou em uma batalha sobre quem mais viajou. A conversa de livros se transformou em um concurso para ver quem lia melhor. E quando a conversa parou, eles se encararam até que Scarlett finalmente declarou que era hora de partir.

Julian agora apoiava a cabeça escura contra a janela, com um pé dentro da bota sobre o joelho enquanto sussurrava suavemente.

Scarlett sabia que ele não se sentia tão descuidado quanto aparentava, mas sua melodia era ressonante e relaxante, fazendo com que todas as fileiras florescentes de fazendas do campo parecessem ainda mais bonitas enquanto seu treinador andava sobre estradas irregulares.

— Você também canta? — Perguntou Scarlett. — Eu nunca ouvi um zumbido tão musical.

O canto da boca de Julian se encolheu em um sorriso irônico. — Eu tenho muita prática. Durante anos, Lenda continuou me dando papéis de menestrel que só falava em música.

Scarlett riu. — O que você fez para ganhar isso?

Julian deu de ombros. — Meu irmão tem uma veia ciumenta. Acho que o incomodava que eu estivesse recebendo tanta atenção durante os jogos. Ele tentou me transformar em uma piada. Mas todo mundo gosta de um jovem bonito com uma boa voz.

Scarlett revirou os olhos, mas o mundo se tornou mais adorável quando Julian começou a cantarolar novamente. Ela olhou pela janela enquanto a carruagem rumava para mais perto de uma casa de campo imaculadamente mantida, da cor dos pêssegos do Festival do Sol, enfeitada de branco e cercada por divisões que a faziam pensar em renda viva.

Até mesmo a família na frente parecia estar perfeitamente posada. Eles devem ter celebrado o festival com um jantar ao ar livre.

Havia uma longa mesa no alto da grama, com panos floridos e coberta com o que parecia uma festa. A família de cinco pessoas estava ao redor, todos bebendo de taças de barro como se alguém tivesse acabado de fazer um brinde. Scarlett olhou para o filho mais novo, uma menina com longas tranças nas costas. Ela segurou sua taça com as duas mãos, lábios sorrindo como se este fosse seu primeiro gosto de vinho. Era o tipo de sorriso que doía se uma pessoa se segurasse por muito tempo.

Mas o sorriso não mudou. *Nada mudou.*

Pontas de desconforto cor de laranja amargo rastejaram sobre a pele de Scarlett quando a carruagem passou correndo e ninguém entre o grupo abaixou as taças ou se mexeu.

Scarlett poderia ter pensado que a família era uma série de estátuas inacreditavelmente naturais, se não fosse pelas plumas aterrorizadas do redemoinho fantasma em torno de suas formas congeladas. Plumas que definitivamente não estavam na mente de Scarlett. Ela podia ver seus sentimentos tão vividamente, seu coração declarado correndo com qualquer medo que eles estivessem experimentando.

— Algo está errado. — Scarlett atravessou a carruagem e abriu a janela para gritar para o motorista: — Pare a carruagem!

— Qual é o problema? — Julian perguntou.

— Eu não sei, mas algo não está certo. — Ela abriu a porta assim que a carruagem parou.

Julian seguiu enquanto ela atravessava a grama.

A cena parecia ainda mais antinatural de perto. As únicas coisas que se moviam eram as lâminas de grama ao redor dos pés de Scarlett e as formigas. As formigas rastejaram sobre o banquete do Festival do Sol enquanto a família permanecia congelada em suas torradas sem fim, bocas sem jeito separadas e dentes manchados de roxo escuro do que quer que estivessem bebendo.

— Lenda faria algo assim? — Perguntou Scarlett.

— Não, ele pode ser cruel, mas ele nunca é tão cruel. — Julian franziu a testa enquanto verificava o pulso da garota mais jovem. — Ela ainda está viva.

Ele continuou a procurar batimentos cardíacos enquanto a família permanecia estranhamente parada.

— Como alguém poderia fazer isso? — Scarlett examinou a mesa, como se ela pudesse encontrar uma garrafa de veneno escondida entre a comida. Mas tudo parecia perfeitamente normal – pão achatado, feijões longos, espigas de milho salpicadas, cestos de amoras frescas, tortas de porco treliçadas e— Ela parou nas facas de manteiga que saíam da mesa. Metal fosco e chato, o tipo de utensílio que cortava mal e que, no entanto, alguém fora suficientemente forte para enfiar a ponta de cada um através do pano na mesa, prendendo uma nota no lugar.

— Julian, venha ver isso. — Scarlett cuidadosamente se inclinou sobre o banquete, sem se atrever a tocar as facas ou a nota enquanto lia em voz alta.

UM, DOIS, TRÊS, QUATRO, CINCO ...

SE O SOL NÃO TIVER ESTABELECIDO, ELES AINDA ESTARÃO VIVOS.

BMAS UMA VEZ QUE ESTE DIA CHEGA AO FIM,

ESSA FAMÍLIA ESTARÁ TODA MORTA.

SE VOCÊ DESEJA QUE ELES NÃO VIREM PEDRA,

QUEM ESTIVER LENDO ISSO DEVE EXPIAR.

ECORDE SUAS MENTIRAS E ATOS FEITOS SEM MEDO,

ENTÃO CONFESSE SEU MAIS RECENTE MALFEITO EM VOZ
ALTA PARA QUE TODOS POSSAM OUVIR.

—VENENO

— Isso nem rima direito. — Julian resmungou.

— Eu acho que você está perdendo o ponto, — Scarlett sussurrou. Ela não sabia se as estátuas eram capazes de ouvir, mas se elas fossem, ela não queria assustá-las com o que ela estava pensando. — Você viu o nome na parte inferior da nota? Há um Destino chamado o Envenenador.

Não era exatamente o mesmo nome de Veneno, então talvez este não fosse o trabalho de um Destino. Mas se fosse, era um sinal terrível.

Até recentemente, Scarlett nunca tinha pensado muito sobre os Destinos — os seres antigos e míticos sempre foram as obsessões de sua irmã. Mas depois que os Destinos foram libertados de seu amaldiçoado Baralho do Destino, Scarlett tinha enchido Tella de perguntas e estudado sobre eles.

Os Destinos eram tão antigos que a maioria das pessoas acreditava que eram mitos que só existiam como imagens pintadas no Baralho do Destino, que as pessoas costumavam dizer sobre fortunas. Mas eles não eram apenas imagens pintadas; eles eram reais e tinham sido amaldiçoados a viver dentro de um Baralho do Destino durante séculos. Não havia muita informação sobre o que exatamente eles poderiam fazer com seus poderes, mas o nome Envenenador parecia bastante auto-explicativo.

— Você acha que isso poderia significar que os Destinos estão acordando?

— Nós não achamos que eles acordariam assim rapidamente.

— Julian puxou o nó de sua gravata. — Poderia ser apenas uma brincadeira para o Festival do Sol.

— Quem é capaz de uma brincadeira como essa?

— O Príncipe de Copas pode parar corações, — Julian arriscou.

— Mas os corações deles ainda estão batendo. — Scarlett não foi quem tocou seus pulsos, mas ela imaginou que eles estavam batendo. O dela estava. Ela podia sentir seu coração acelerado quando as plumas de pânico roxo vindo da família começaram a se enrolar como fumaça de um fogo crescente.

— Acho que devemos fazer o que pede e confessar nossas últimas

mentiras em voz alta, — disse Scarlett. — Mesmo que voltemos à cidade e encontremos um farmacêutico aberto, tenho a sensação de que eles não poderão consertar isso. — E Scarlett não podia deixar essas pessoas assim.

Julian balançou a cabeça enquanto olhava para a família congelada mais uma vez. — Eu deveria ter seguido com a mentira e dizer que era seu primo.

— Por que você diz isso? — Scarlett perguntou.

— Porque a última mentira que contei foi para você. — Julian rasgou a mão pelo cabelo e quando ele olhou para ela novamente, pairou sobre os olhos nervosos e arrependidos.

Um terrível sentimento de afundamento se transformou em Scarlett. Suas mentiras os haviam dilacerado antes. Mentir era o hábito que Julian parecia não conseguir quebrar, talvez por fazer parte de Caraval por tanto tempo. Mas com toda a sua honestidade hoje, ela começou a esperar que ele tivesse mudado. Mas talvez ela estivesse errada.

— Eu sinto muito, Carmim. Eu menti quando disse que saí por cinco semanas para te dar espaço. Eu saí porque estava com raiva que você queria conhecer o Conde, e pensei que sair faria você me querer mais.

Isso aconteceu. Isso a fez querê-lo — e odiá-lo, e naquele momento quase a fez querer rir. Sempre doía quando Julian mentia porque isso a fazia acreditar que suas mentiras significavam que ele não se importava. Mas tudo o que ele fez hoje provou que ele ainda se importava. E ela não podia ficar brava com ele por manipulá-la, quando ela fez a mesma coisa com ele.

— Você é terrível, — disse ela. — Mas também sou terrível. Eu realmente não acho que o jogo de cortejo entre você e Nicolas será divertido. Quanto mais penso nisso, mais nervosa fico. Eu só fiz isso para te testar e me vingar de você por ir embora.

O sorriso de Julian voltou imediatamente. — Isso significa que você vai cancelar?

Alguém tossiu do outro lado da mesa. Engasgo e o barulho de cálices caídos se seguiram, quando a família começou a se mover novamente.

— Oh, obrigada!

— Deus te abençoe!

— Você nos salvou!

Scarlett e Julian foram imediatamente envolvidos em um abraço de

tamanho familiar enquanto o pequeno clã expressava sua gratidão. Seus corpos estavam tremendo e quentes do sol, e a menina mais jovem com as tranças poderia ter abraçado Julian um pouco mais do que todo mundo, formando uma paixão instantânea por ele.

— Eu tinha certeza de que íamos ficar assim para sempre, — disse a robusta mulher que Scarlett supôs ser a mãe.

— As pessoas passaram, mas ninguém parou, — disse um dos filhos.

— Você pode nos dizer alguma coisa sobre quem fez isso com vocês? — Perguntou Julian.

— Oh, sim, — todos disseram de uma vez. E então todos os rostos tensos ficaram em branco.

— Bem, a pessoa era...

— Eu acho que...

Vários deles tentaram responder à pergunta, mas nenhum deles conseguiu, como se suas memórias tivessem sido roubadas.

Scarlett debateu expressando o que ela sussurrou para Julian, sobre a possibilidade de que os Destinos estavam acordando e Veneno era realmente o Envenenador, mas essa família tinha passado o suficiente. Eles não precisavam ficar aterrorizados pelas suspeitas de Scarlett.

— Nós pediríamos para vocês ficarem e jantar conosco, — disse o homem de aparência paterna. — Mas acho que nenhum de nós vai comer depois disso.

— Tudo bem, — disse Scarlett. — Estamos muito felizes por termos ajudado.

Ela e Julian deixaram todo mundo abraçá-los mais uma vez antes de voltarem para a carruagem. Se essa cena realmente fosse obra de um Destino, eles precisavam avisar...

— Espere! — Exclamou a garota mais jovem com as tranças.

Ela correu pela grama. Scarlett achou que poderia ter vindo dar um beijo de despedida em Julian, mas correu até Scarlett. — Eu quero dar-lhe um presente por parar para nos ajudar. — A menina solenemente enfiou a mão no bolso do avental e tirou uma chave feia coberta de ferrugem e arranhões branco-esverdeados, a cor de segredos enterrados que não deveriam ter sido desenterrados.

— Tudo bem, — disse Scarlett. — Você fica com isso.

— Não, — a garota insistiu. — Há mais nessa chave do que parece. É como a minha família estava quando você passou na carruagem. Eu não sei o que isso faz, mas eu encontrei esta manhã, na beira do poço. Um momento, nada estava lá e então apareceu. Eu acho que é mágica, e eu quero que você tenha, porque eu acho que você é mágica também.

A menina entregou-lhe o presente.

Scarlett poderia ter chorado, essa criança era tão preciosa.

— Obrigada. — Ela colocou a chave na palma da mão.

Não foi até depois que Scarlett entrou na carruagem e olhou novamente para ela que ela notou que o objeto havia se transformado de uma ferrugem envelhecida em uma chave cristalina que brilhava como poeira estelar e feitiçaria.

Donatella

Os membros de Tella estavam tremendo e seus olhos estavam turvos quando ela se aproximou da pensão. Deslizar entre os mundos a fazia se sentir como uma folha de papel úmida que fora espremida por mãos rudes.

Tella não sabia quanto tempo tinha passado enquanto ela estava fora. De todas as flâmulas do festival amarrotado e do número de doces derretidos nas ruas, ela apostaria que ela tinha saído por horas. As crianças que andavam por aí com cata-ventos em forma de sol mais cedo agora dormiam nos braços de pais cansados, jovens senhoras que usavam vestidos simples haviam mudado para bainhas mais elegantes e uma nova rodada de comerciantes havia tomado as ruas. As celebrações estavam morrendo e começando de novo, voltando à vida para a interminável noite de Festival do Sol.

Tella estava atrasada para encontrar Scarlett.

Seus passos diminuíram quando ela entrou na velha pensão.

Ela não queria ver a decepção de Scarlett. Ela se sentiu péssima por tê-la decepcionado e deixado de cumprir sua promessa. Mas Tella não se arrependia de seguir Lenda – era bom que ela finalmente o visse quando ele não tinha ideia de que ela estava assistindo. Ela provavelmente deveria tê-lo rastreado na vida real semanas atrás, mas ela gostava muito dos sonhos. Ele estava tão perto da perfeição nos sonhos. E talvez esse tenha sido o ponto. Nos sonhos, Lenda era alguém que ela queria – alguém com quem ela se importava e se preocupava – mas na vida real, ele era alguém em quem

ninguém deveria confiar.

Tella abriu a porta e entrou lentamente em uma sala aquecida pelo sol aprisionado.

— Scar. — ela tentou, hesitante.

— Donatella... é você? — A pergunta era apenas um sussurro, tão suave que parecia mais próximo de um pensamento, e ainda assim a voz era inconfundível, familiar – mesmo que Tella só tivesse ouvido uma vez nos últimos sete anos.

Ela correu para o quarto de sua mãe e imediatamente parou ao ver sua mãe sentada na cama.

O mundo parou. Os ruídos externos do festival desapareceram.

O apartamento gasto desapareceu.

Beijos nas pálpebras. Caixas de jóias fechadas. Giddy sussurra.

Frascos de perfume exóticos. Histórias à noite. Sorrisos à luz do dia.

Gargalhadas encantadas. Canções de ninar. Copos de chá violeta.

Sorrisos secretos. Gavetas cheias de letras. Despedidas não ditas.

Cortinas esvoaçantes. O cheiro de plumerias.

Cem memórias perdidas ressurgiram, e cada uma apareceu sem sangue e sem substância em comparação com a realidade milagrosa da mãe de Tella.

Paloma parecia uma versão um pouco mais velha de Scarlett, embora seu sorriso não tivesse a gentileza de Scarlett. Quando os lábios de Paloma se curvaram, eles estavam exatamente como estavam no pôster de procurado que Tella tinha visto em Paradise, a Perdida. Era o mesmo sorriso encantador e enigmático que Tella se lembrava de praticar quando era pequena.

— Por que eu não estou surpresa que você pareça ter acabado de sair de uma briga? — O sorriso de Paloma tremeu, mas sua voz era o som mais doce que Tella já ouvira.

— Foi só com uma roseira. — Ela se atirou na cama e puxou a mãe para um abraço. Ela não tinha o mesmo cheiro que Tella lembrava – o doce aroma da magia se apegou a Paloma – mas Tella não se importava. Ela pressionou a cabeça no ombro dela enquanto se agarrava firmemente à suavidade da mãe, talvez um pouco feroz demais.

Sua mãe retornou o abraço, mas apenas por um momento.

Então ela estava encolhida contra a cabeceira acolchoada, respirando com

dificuldade enquanto suas pálpebras começavam a cair.

— Eu sinto muito. — Tella se afastou imediatamente. — Eu não queria te machucar.

— Você nunca poderia me machucar com um abraço. Eu só...

— A testa dela se enrugou sob mechas soltas de cabelos de mogno escuro, como se ela estivesse procurando por um pensamento descontrolado. — Eu acho que só preciso comer, meu amorzinho.

Você pode me trazer alguma comida?

— Vou ligar para uma das empregadas.

— Eu-eu-acho... — Os olhos de Paloma olhos ficaram trêmulos.

— Mãe!

— Estou bem. — Seus olhos se abriram novamente. — Eu só estou me sentindo tão fraca e com fome.

— Eu volto com algo para comer — Tella prometeu.

Ela odiava deixar sua mãe, mas ela não queria fazê-la esperar que uma empregada subisse e descesse as escadas. Foi uma sorte que ela não esperou, porque quando Tella correu para a cozinha, não parecia haver nenhuma empregada. Elas devem ter tirado tudo para o Festival do Sol.

A cozinha foi abandonada. Ninguém parou Tella quando ela pegou uma bandeja e começou a empilhar comida em cima dela. Ela furtou as frutas mais bonitas de um monte de pêssegos macios e damascos brilhantes como o sol. Então ela pegou um pedaço de queijo duro e metade de um pedaço de pão de sálvia. Ela mastigou a comida enquanto ela a pegava, seu apetite voltando com excitação.

Sua mãe estava finalmente acordada e ela ficaria bem assim que comesse.

Tella pensou em preparar um pouco de chá, mas não queria esperar a água ferver. Ela procurou uma garrafa de vinho. Eles nunca serviram álcool aqui, mas ela estava certa de que eles tinham alguns.

Tella colocou uma garrafa de Borgonha em um armário e depois pegou um par de tortas de chocolate para a sobremesa.

Ela estava orgulhosa de seu banquete enquanto cuidadosamente subia os degraus.

Ela se lembrou de fechar a porta atrás dela, mas parecia que ela tinha deixado entreaberta. Tella empurrou a porta com o cotovelo, perdendo um

pêssego fugitivo no processo. Ele atingiu o chão com um baque surdo quando Tella entrou.

A sala estava mais fria do que quando saíra e quieta. *Muito quieta*. O único som vinha de uma mosca zumbindo em direção ao banquete roubado em suas mãos.

— Estou de volta! — Tella tentou não ficar nervosa com a falta de resposta da mãe. Ficar ansiosa era a especialidade de sua irmã.

Mas Tella não conseguiu parar a sensação de desconforto.

Um damasco caiu no chão quando Tella acelerou o passo.

E então a bandeja inteira ameaçou cair de suas mãos trêmulas.

A cama estava vazia.

O quarto estava vazio.

— Paloma? — Tella chamou. Ela não conseguia dizer a palavra *mãe*. Dói demais gritar do jeito que ela gritou quando era criança e não ouvir resposta. Ela jurou nunca mais fazer isso. Mas doía tanto quanto chamar o nome formal da mãe e não ter resposta.

Com sua garganta mais apertada do que antes, Tella tentou gritar os dois nomes de sua mãe. — Paloma! Paradise!

Absolutamente nada.

Tella jogou a bandeja na cama e correu para o outro quarto e depois para a sala de banho. Ambos estavam vazios.

Sua mãe foi embora.

As pernas de Tella se esqueceram de como trabalhar. Elas tropeçaram desajeitadamente de volta para o quarto antes que seus joelhos parassem completamente, forçando seus braços a encontrarem uma cama próxima para apoio.

Tudo o que Tella podia ouvir era a mosca zumbindo em torno de sua comida abandonada, enquanto tentava entender o que poderia ter acontecido. Sua mãe estava fraca. Confusa. Talvez ela tenha ido procurar por Tella e se perdido? Tella só precisava encontrá-la e—

Seus pensamentos se interromperam ao ver algo em cima da cômoda ao lado da cama. Um papel.

Tella desajeitadamente se afastou da cama. Seus dedos tremeram quando ela pegou a mensagem. A caligrafia foi apressada, tremendo.

Meus amores,

Eu sinto muito por deixar vocês, mas eu sabia que se eu esperasse mais, seria muito difícil para eu ir embora. Por favor, perdoem-me e não me procurem novamente. Tudo o que eu sempre quis foi proteger vocês, mas minha presença só vai colocar vocês duas em mais perigo.

Se estou acordada, então os Destinos estão acordando também, e toda a Valenda está em perigo. Enquanto vocês estiverem nesta cidade, vocês não estarão seguras. Vocês devem ficar o mais longe possível dos Destinos. Vão embora de Valenda imediatamente.

Os Destinos são tão cruéis quanto as histórias dizem. Eles foram criados com medo, e o medo é parte do que alimenta seu poder, então eles tentarão infligir isso o máximo possível. Lute contra ter medo se vocês encontrarem-nos e fiquem em segurança, meus amores.

Se eu puder, voltarei para vocês duas.

Com mais amor do que vocês podem imaginar,

Sua mãe

— Não! — Tella arrancou os lençóis da cama e os pressionou contra os olhos como um lenço. Suas lágrimas estavam bravas e quentes. Elas não duraram, mas doeram. Como a mãe dela poderia fazer isso? Não foi só que ela a deixou, mas que ela enganou Tella para fazer isso. Ela não estava com fome ou fraca. Ela queria fugir, sair de novo.

Tella amassou a carta em seu punho e instantaneamente se arrependeu. Se ela não encontrasse sua mãe, isso era tudo que ela teria.

Não. Tella não podia pensar assim. Ela conquistou a morte. Ela encontraria sua mãe e a traria de volta. Ela não se importava com o que a mensagem dizia. Tella havia decidido há muito tempo nunca tomar decisões governadas pelo medo. O medo era um veneno que as pessoas confundiam com proteção. Fazer escolhas para permanecer seguro pode ser igualmente traiçoeiro. Seu pai havia contratado guardas horríveis para manter a si mesmo, seu dinheiro e suas propriedades a salvo. Sua irmã quase se casou com alguém que nunca conheceu para manter Tella a salvo. Tella não se importava com o quão segura ela estava, contanto que ela tivesse sua mãe.

Uma voz na parte de trás da cabeça de Tella avisou que essa era uma ideia perigosa. Sua mãe lhe disse para sair da cidade para evitar os Destinos. Mas Tella era parcialmente responsável pelos Destinos estarem livres.

E ela não havia sacrificado tanto, e trabalhado tanto, apenas para ser abandonada pela mãe novamente.



O sol ainda brilhava muito forte, mercadores ainda enchiam as calçadas e as estradas ainda estavam cobertas por um festim de guloseimas meio comidas quando Tella saiu. Mas sob o aroma de açúcar aquecido e pedaços perdidos de celebrações, Tella adquiriu outro aroma, muito mais doce do que os prazeres baratos: *magia*.

Tella reconheceu o aroma dos sonhos que ela compartilhou com Lenda. Também se agarrava à mãe quando Tella a abraçou. O cheiro mágico era fraco, mas deixou uma trilha suficiente para Tella seguir pela multidão.

— Licença...

— Desculpe, senhorita.

Mais de uma pessoa embriagada tropeçou em Tella enquanto seguia a trilha mágica pelas ruas cheias, até se encontrar perto do Círculo Universitário em outro conjunto de ruínas de Valenda.

Tella não passou muito tempo nesta parte da cidade. Ela não conhecia essas ruínas. Elas eram muito mais intrincadas do que a arena antiga que ela havia seguido Lenda. Essas passagens, arcos e arcadas pareciam ter sido usadas para o comércio. Ela realmente esperava que elas não levassem a mais portais quando ela começou a subir a trilha íngreme que os levava.

Ela provavelmente deveria ter comprado sapatos novos. Seus chinelos finos estavam completamente arruinados da neve e depois correndo pela cidade quente; Era mais fácil andar quando ela os tirava.

As escadas de granito estavam quentes do sol e, no entanto, Tella sentiu uma ponta de frio correndo pela sua nuca como pernas de aranha.

Ela arriscou um olhar por cima do ombro.

Ninguém estava atrás dela. Não havia guardas entre as árvores ao lado dela. Na verdade, parece que não havia guardas.

Mas a sensação de estar sendo observada aumentou, junto com a sensação

latejante de magia. Tella não podia sentir o cheiro da magia agora, ela podia sentir isso, mais forte do que quando ela seguiu Lenda. Pulsou ao redor dela como se os passos tivessem um coração palpitante.

Thump.

Thump.

Thump.

A magia martelou sob seus pés descalços enquanto continuava a escalar as ruínas – exceto que, de repente, não pareciam mais tão arruinadas.

Em vez de arcos desmoronando, Tella viu curvas imaculadas cobertas de esculturas brilhantemente pintadas de quimeras vermelhas que lembram aquelas que ela espiou no Baile do Destín.

Havia cordeiros prateados com cabeças como lobos, cavalos azuis com asas de dragão com veias verdes, falcões com chifres negros de carneiro. E— Tella se sobressaltou ao ver os guardas reais de Lenda.

Sete deles. Todos espalhados pelo topo das escadas, como soldados de brinquedo derrubados.

Ela bateu o calcanhar em uma pedra quando ela tropeçou para trás. Até aquele momento, não lhe ocorreu que talvez a trilha com cheiro mágico que ela perseguia não pertencia à mãe. Se todas os Destinos estivessem acordados, um deles poderia ter feito isso.

Mas esses guardas não pareciam mortos.

Talvez Tella estivesse enganando a si mesma, mas pareciam estar dormindo.

Ela se aproximou e cautelosamente pressionou o dedo no pescoço de um dos guardas. Ela pensou que sentiu um pulso, quando um conjunto de passos apressados quebrou o silêncio.

Eles pertenciam à mãe dela ou à um Destino?

O estômago de Tella se amarrou em um nó. Antes dos Destinos terem sido libertados das cartas, o feitiço começara a rachar e versões fantasmagóricas da Rainha Morta-Viva e das Suas Servas haviam escapado temporariamente das cartas e quase a matado.

Mas Tella tinha sobrevivido, e ela preferia encará-las mais uma vez do que se arriscar a perder a mãe novamente.

Tella perseguiu os passos pelas escadas estreitas em um labirinto mal

iluminado de celas com barras brancas peroladas. Elas eram quase bonitos, mas ela odiava gaiolas; a visão de cada uma fez seus pés descalços correrem mais rápido.

Seu passo contundente não diminuiu até que o corredor se abriu em uma caverna brilhantemente iluminada por tochas que cheiravam a enxofre e água corrente úmida. Poderia facilmente ter sido um cenário elaborado para uma peça histórica, a mais bonita das câmaras de tortura ou uma sala de treinamento para um antigo circo.

As cordas bambas vermelhas cruzavam a cabeça de Tella, sem rede abaixo. Círculos pintados que pareciam rodas de morte, todos decorados com facas, giravam nas bordas. Além das rodas havia poços de chamas vibrantes de ponta laranja que queimavam como lagos de fogo sob pontes estreitas de suspensão. Em um canto, um carrossel de granito coberto de pontas decorativas girava.

Cortando o centro de tudo isso, havia um rio vermelho. A mãe de Tella estava do outro lado. Mas ela não parecia em nada com a mulher fraca que Tella tinha deixado deitada em uma cama.

Donatella

Paloma parecia uma versão malvada de Scarlett. Tella não sabia onde sua mãe tinha encontrado roupas novas, mas agora ela usava um casaco de couro preto até o chão com mangas curtas que mostravam longas luvas vermelhas. Elas eram da mesma cor que o espartilho dela. Em suas pernas, Paloma usava calções brancos como osso, que se enfiavam sob botas de couro preto até os joelhos.

Uma adaga descansava em uma bainha, apertada contra sua panturrilha, enquanto uma fina corda prateada envolvia sua coxa oposta como uma cobra de estimação.

Ela parecia brutal e bonita, como uma criminosa que acabara de escapar de um cartaz de procurado – um mito que se libertara de uma história para dar um final diferente. E Tella queria desesperadamente fazer parte desse final.

— Por favor, não vá embora de novo! —Tella chorou.

Então ela estava correndo, atravessando a caverna, saltando sobre o fluxo de vermelho e nos braços de sua mãe. Tella a abraçou com tudo que ela tinha. Talvez se ela segurasse firme o suficiente, ela não teria que deixá-la ir desta vez. Tella queria um final diferente também. Ela queria um com sua mãe e Scarlett, sorrindo e rindo e fazendo planos maravilhosos para o futuro.

— Você não deveria estar aqui, — Paloma disse, sua voz afiada, e ainda assim ela não soltou Tella. Ela acariciou seus cachos com uma ternura que

Tella nunca foi capaz de capturar em suas memórias.

— Eu sabia que você seria feroz, — disse Paloma. — Mas, Donatella, esta é uma luta que vai te destruir se você não for embora.

— Ela baixou os braços.

— Não! — Tella agarrou os pulsos de sua mãe; ela seguraria pelo resto de sua vida se o tivesse que fazer. — Você pertence a Scarlett e a mim. Não sei o que você acha que precisa fazer, mas, por favor, volte para nós.

— Eu não posso. — Paloma tentou se livrar, mas Tella se recusou a deixá-la ir. — Você precisa sair daqui – não é seguro.

— Minha vida não está segura desde que você foi embora!

Os olhos castanhos de Paloma ficaram vítreos e sua voz suavizou por fim. — Eu odeio que você tenha sentido muita dor. Mas eu só vou te causar ainda mais. Eu sou o perigo esta noite, Donatella.

Estou aqui porque preciso matar alguém.

— Não, — Tella argumentou, mesmo quando ela sentiu o sangue escorrer de seu rosto. — Você está apenas dizendo isso para me fazer ir.

— Eu queria estar. Mas há coisas do meu passado que eu preciso acertar, e não vou arriscar deixar você e Scarlett se envolverem. Eu cometi incontáveis erros, mas você e sua irmã são as únicas coisas que eu fiz que trouxeram algo de melhor para este mundo. — Seu sorriso ousado retornou, dando a Tella a esperança de que talvez sua mãe realmente não quisesse fazer isso... Tella só tinha que convencê-la disso.

— Só volte comigo para dizer adeus a Scarlett, — Tella implorou. — Ela também sentiu sua falta!

— Eu queria poder. — Paloma estendeu a mão e segurou o queixo de Tella. — Eu iria com você, mas tenho que fazer isso, ou você e sua irmã nunca estarão a salvo.

Ela acariciou a bochecha de Tella, um toque gentil, antes de enfiar os dedos enluvados na parte de trás do pescoço de Tella e puxá-la para mais perto. — Eu te amo tanto, e me desculpe.

Algo pontudo saiu das pontas das luvas de Paloma e espetou a nuca de Tella. Ela sentiu uma pontada de frio e uma sensação de líquido sendo injetado em suas veias.

— O que... — A língua dela subitamente pareceu pesada e inútil. Ela

queria perguntar o que sua mãe tinha feito. Ela queria perguntar por que ela de repente não conseguia mover os braços ou as pernas. Ela queria dizer muito mais. Mas nada saiu exceto aquele *o que* sem poder.

Sua mãe só a puxou para perto para que pudesse paralisar Tella com as pontas das luvas. Isso deve ter sido o que ela fez com os guardas nocauteados.

— Tudo vai ficar bem. — Paloma acalmou. Suas mãos engancharam sob os braços de Tella.

Mas nada parecia bem.

Tella não podia acreditar que sua mãe a havia deixado, então a drogou, ou que agora ela estava arrastando o corpo de Tella em direção à boca da caverna. Tella tentou lutar, mas seus membros não obedeceram, ela mal conseguia senti-los.

Sua mãe finalmente parou em uma das rodas rachadas da morte – os artistas de circo amáveis amarraram as mulheres e depois jogaram facas enquanto a roda girava e girava. Sua mãe não amarrou Tella a ela, mas ela a escondeu atrás dela, escondendo Tella entre o círculo e a parede de granito.

Não! Não faça isso! Tella tentou se opor, mas a língua dela era tão grossa e pesada que ela nem conseguia dar um guincho.

— Você deve adormecer logo. Uma vez que você acordar, deixe esta cidade com sua irmã. Eu vou te encontrar quando puder. — Paloma beijou Tella na bochecha, seus lábios demorando mais do que antes. Mas, apesar do que ela disse, não pareceu um beijo de *vou te encontrar mais tarde*. Esse foi um beijo de *estou planejando nunca mais te ver novamente*.

Mãe! Tella tentou sacudir o entorpecido de seus membros. Ela não estava desmaiada como os guardas – sua mãe deve ter usado a maior parte de seu veneno neles. Tella podia sentir formigamento nos dedos dos pés, mas ela não conseguia levá-los a se mover. Ela não conseguia nem rastrear a mãe enquanto se afastava. Tudo o que Tella percebeu foi uma respiração entrecortada, mas o som era tão patético que foi abafado pela pegada de passos que entravam na caverna. Pesado e batendo, o tipo de passos que queriam fazer uma entrada.

Tella não sabia se eram as drogas de sua mãe, mas o ar ficou mais quente quando o som ameaçador se tornou mais alto. O intruso se aproximou o

suficiente para Tella ver um par de botas masculinas cobertas de poeira. Mas a figura continuou passando, nem mesmo parou quando ele girou a roda de circo rachada na frente dela. A roda rangeu, marcando como um relógio desligado enquanto girava.

Clique.

Clique.

Clack.

Tella não gostou do som, mas permitiu que ela visse a caverna quando a fratura da roda girou em sua direção. Sua primeira espiada entre a fenda quebrada durou apenas o tempo suficiente para ver que as faíscas agora enchiam a caverna, como se o ar estivesse prestes a pegar fogo. As minúsculas chamas dançaram ao redor do homem, fazendo o ouro em seu brasão militar vermelho brilhar. Ele ficou bem na frente de sua mãe.

Paloma parecia muito menor do que antes, quando ela levantou o rosto para ele com expectativa.

— Eu temia ter visto você pela última vez. — disse ela.

A roda continuou a girar, obstruindo a visão de Tella mais uma vez. Quando o *crack* alcançou Tella novamente, o intruso estava acariciando o cabelo de sua mãe. E a mãe dela estava olhando para ele com adoração em seus olhos, como se estivesse esperando por essa reunião clandestina ainda mais do que Tella estava ansiosa para se reunir com ela.

Não era assim que deveria ser.

— Gavriel. — Paloma disse seu nome como se fosse um segredo que só ela tinha sido dito. — Eu senti tanto sua falta. Eu tinha esperanças de que você voltaria para essas ruínas.

A roda continuou a girar. Quando a peça fragmentada apareceu novamente, a mão do homem estava no cabelo da mãe.

— Você é tão bonita quanto eu me lembro. — disse ele. Então seus lábios pressionaram os dela, e Tella jurou que todas as chamas da caverna subiam mais fortes. As faíscas no ar brilhavam como estrelas. Tella podia sentir o calor deles atrás da roda.

Tella ia ficar doente. Ela queria que a roda parasse, para impedi-la de ver qualquer outra coisa, mas em vez disso começou a girar mais rápido, como se estivesse fascinada pelo beijo. Tella rezou aos santos para que a carícia

terminasse, ou que ela pelo menos recuperasse sua habilidade de se mover, para bloqueá-lo completamente. Mas seus membros permaneceram entorpecidos e o beijo continuou, íntimo e ardente e, portanto, muito errado.

Claramente, a mãe dela não veio aqui para matar ninguém. Ela estava aqui porque queria estar com esse homem mais do que queria estar com suas filhas. Tella poderia ter sentido um nó no estômago se tivesse mais sensação em seu corpo.

— Minhas lembranças de você não lhe fizeram justiça. — Seus lábios se moveram para sua mandíbula.

— Estou feliz que você também tenha sentido minha falta. — disse ela.

— Eu pensei em você todos os dias. — Sua boca arrastou para a orelha dela, mas o que deveria ter sido um sussurro ecoou por toda a câmara. — Eu imaginei todas as maneiras que eu iria me vingar de você.

Clique.

Clique.

Clack.

Essa história de amor acabara de dar errado. Por vários segundos tensos, o coração de Tella disparou. Ela não conseguiu ouvir nada além da roda até que a voz forte de sua mãe ficou mais alta quando ela disse: — Gavriel, cometi um erro.

— Você me forçou de volta para dentro daquele amaldiçoado Baralho do Destino quando soube que eu era um Destino. Isso é um erro muito intencional, Paradise.

Sangue e dentes de Deus.

Este homem – esse *Destino* – também ficou preso nos cartões.

Sua mãe acabara de beijá-lo. O que ela estava fazendo? Ela afastou sua própria filha para que ela pudesse se agarrar a um dos imortais monstruosos que só via humanos como peões e fontes frágeis de entretenimento. Tella não sabia qual Destino ele era. Ele poderia ter sido o Assassino, a Estrela Caída, o Envenenador, o Apótico ou o Caos. Não importava – todos eram demônios.

Tella queria gritar para a mãe sair. Mas a língua de Tella ainda estava grossa. Seus lábios estavam dormentes. Tudo o que ela podia sentir eram alguns formigamentos rebeldes, e mesmo que sua boca se movesse, mesmo que ela tivesse avisado sua mãe, Tella duvidava que Paloma teria respondido.

Sua mãe já sabia que o homem na sua frente era um Destino, ela provavelmente sabia qual ele era e que poderes terríveis ele tinha, e ela não parecia se importar.

Outro giro da roda mostrou Paloma inclinada no Destino novamente. — Eu fui avisada que você me mataria para não se apaixonar por mim, — Paloma disse, sua voz muito mais suave do que a maneira que ela falou com Tella anteriormente. — Eu entrei em pânico, Gavriel. Eu fiz o que achava que tinha que fazer para me defender. Nós dois fazemos o que é preciso para sobreviver; essa é uma das coisas que sempre tivemos em comum. Mas eu me arrependi dessa escolha desde então. Por que você acha que estou aqui agora?

— É o que eu tenho tentado descobrir. — disse ele.

Tella conheceu Destinos antes, o Príncipe de Copas e a Rainha dos Mortos-Vivos. A voz desse Destino era até mais fria, sua presença era mais dominante e poderosa, as pequenas chamas em volta dele, flamejando a cada palavra. Mas Paloma não se afastou.

— Não tem nada para descobrir. Eu estou aqui porque quero ficar com você. — Ela se levantou na ponta dos pés A roda girou, bloqueando o que aconteceu em seguida, mas a extensão do silêncio disse a Tella que eles estavam se beijando novamente.

— Você ainda quer vingança? — Paloma engasgou finalmente.

— Ou você quer estar comigo também?

— Talvez a vingança possa esperar. — Sua boca retornou para a de sua mãe.

Tella começou a fechar os olhos; ela não podia mais assistir a isso. Mas quando ela estava prestes a parar de olhar, ela teve um vislumbre de prata nas mãos de sua mãe quando Paloma puxou uma faca e rapidamente enfiou no coração do Destino.

Um rugido ecoou pela caverna.

Tella poderia ter aplaudido. Mas ela não tinha certeza do que sua mãe estava fazendo. O Destino era imortal; se eles morressem, eles simplesmente voltariam à vida. Mas talvez a mãe dela soubesse alguma coisa que Tella não sabia. Ela prendeu a respiração quando a roda voltou a girar.

Mas o Destino não estava deitado no chão ou caindo para uma morte

temporária. Ele estava de pé, olhando para Paloma como se ela realmente o tivesse surpreendido. Então, num piscar de olhos, rápido demais para Tella ver, sua mão enorme puxou a adaga e enfiou no peito de Paloma e torceu.

Ela soltou um som que Tella sabia que ela ouviria para sempre em seus pesadelos. Ele balançou as paredes da caverna enquanto Tella tentava gritar também. Mas ela nem conseguia sussurrar. Seus lábios ainda estavam formigando de dormência. Havia uma sensação de formigamento semelhante em seus membros, mas não era suficiente para movê-los.

Ela tentou rastejar em sua barriga, sair de trás da roda e de alguma forma salvar sua mãe, mas tudo que Tella podia fazer era assistir.

A roda da morte desacelerou para um rastro.

Clique...

Clique...

Clack...

Tudo estava se movendo rápido demais e agora tudo estava indo devagar demais.

Quando a roda terminou sua volta, Paloma estava totalmente imóvel no chão, enquanto o Destino sangrando olhava para ela.

Levante-se! Levante-se! Levante-se!

Tella finalmente conseguiu mover os dedos. Também estava sentindo os dedos dos pés.

Mas a mãe dela não estava se mexendo.

Tella enterrou os dedos no chão até começarem a sangrar. Mas não foi suficiente para impulsioná-la para frente.

Até que a roda parou de girar. O Destino caiu de joelhos, mas sua mãe permaneceu no chão.

Tella conseguiu se arrastar para a frente uma polegada. Ela não estava pronta para desistir ainda. Sua mãe não poderia estar morta.

Sua mãe era forte demais para morrer. Tella lutou muito para perdê-la assim. A história não deveria terminar assim.

Eu vou arrancar seus braços do seu peito! — Seu filho da m...

Uma mão segurou seus lábios. Fria e doce, como maçãs e magia Predestinada.

— Calma, meu amor, — sussurrou Jacks. — Não há nada que você possa

fazer por ela agora, exceto se manter viva.

Seus dedos frios ficaram no lugar até Gavriel finalmente morrer da ferida que sua mãe havia infligido. Seu corpo maciço caiu no chão.

A caverna deveria ter se enchido de silêncio, mas Tella podia ouvir os pedaços de seu coração quando ele se despedaçou.

Donatella

Tella desejou que o tempo parasse. Por anos ela dividiu sua vida em dois períodos: *Quando Sua Mãe Estava Lá* e *Depois Que Sua Mãe Partiu*. Agora a mãe dela estava morta. Mas Tella não queria usar esse momento como medida de tempo. Ela não queria que o tempo seguisse. Ela queria que o tempo congelasse, como seus membros imóveis, mas até eles estavam recuperando ecos de sentimentos.

Ela não podia andar, mas conseguiu rastejar pelo chão de granito da caverna até o corpo da mãe. Mas era tudo, só um corpo.

Quando Paloma estivera em seu sono encantado, seu rosto ainda possuía cor, seu peito subia e descia. Tella tinha pensado antes que ela parecia um cadáver, mas ela não era um – até agora.

— Pelo menos ele a esfaqueou em vez de queimá-la até a morte com seus poderes, — disse Jacks. — O fogo é a maneira mais dolorosa de morrer.

— Isso não está ajudando, — Tella murmurou.

— Bem, eu não sou realmente do tipo reconfortante. — Os braços frios de Jack deslizaram por baixo das costas de Tella enquanto ele a pegava do chão.

— Coloque-me no chão, — disse Tella. Jacks era um Destino, e a última coisa que ela queria era a ajuda de alguém como ele.

Jacks deu um suspiro. — Se eu te deixar aqui, você vai morrer como sua mãe quando Gavriel voltar à vida. Ou outro Destino apenas encontrará você.

— Por quê você se importa?

— Eu não me importo. — Jacks cintilou suas covinhas, estreitando os lábios em um sorriso afiado que o transformou no Príncipe de Copas maravilhosamente esperto que ela tinha ficado fascinada quando criança. — Eu só prefiro torturar você mesmo.

— Tarde demais, — Tella murmurou, e ela provavelmente deveria ter tentado lutar mais contra ele.

Jacks não a incomodou nos últimos sessenta e tantos dias, e supostamente ela era seu verdadeiro amor – a única pessoa imune ao seu beijo fatal – mas ele ainda era um Destino. Um assassino. Ele tinha sido herdeiro do trono antes de Lenda, e de acordo com rumores ele matou dezessete pessoas para ocupar aquele lugar. Ele até ameaçou matar Tella. Ele era voraz e fatal. No entanto, Tella não conseguiu reunir o medo apropriado. Ela não podia sentir nada além de entorpecimento.

A morte da mãe dela não fazia sentido. Gavriel não a machucou até depois dela tê-lo ferido. Ele poderia não tê-la matado se ela não tivesse o esfaqueado. Por que ela arriscaria, quando ele só voltaria à vida?

— Quem é Gavriel? — Tella sufocou. — Qual Destino ele é?

Os dedos frios de Jack ficaram tensos nas costas dela. — Só estou dizendo isso porque gosto dele ainda menos do que gosto de você. Gavriel é a Estrela Caída.

O mesmo Destino que, de acordo com a bruxa de Lenda, criou todos os Destinos. Uma onda venenosa de raiva interrompeu brevemente o choque de Tella. Se Lenda realmente quisesse matar a Estrela Caída para derrotar os outros Destinos, ele teria que entrar na fila.

— Eu vou encontrar uma maneira de destruí-lo, — jurou Tella.

— Não nesta condição, — murmurou Jacks enquanto ele a carregava em uma série de passos.

Ela não queria ver o céu quando ela e Jacks finalmente saíram para o lado de fora. Deveria estar sido preto. Mas ainda era incrivelmente azul, ondulando com fios de índigo. Tella geralmente adorava quando o sol ficava até tão tarde, quando era noite e o mundo permanecia leve, mas agora parecia errado. O dia deveria ter terminado. O sol deveria ter fugido e tornado o mundo sombrio no momento em que sua mãe morrera.

A garganta de Tella ficou apertada. Ela fechou os olhos, tentando apagar a

luz, mas isso só piorou a situação. Toda vez que seus olhos se fechavam, tudo o que ela podia ver era a Estrela Caída enquanto ele enfiava uma faca em sua mãe.

Um soluço começou a crescer dentro dela. Ela estava apenas vagamente consciente de seus arredores enquanto Jacks a levava por uma rua de tijolos. Ela não sabia onde ele morava agora que ele não era mais herdeiro do Império Meridiano e fora expulso do Castelo Idyllwild. Ela assumiu que ele residia no Bairro das Especiarias, dentro de um prédio torto com um clã de ladrões, ou em um túmulo subterrâneo com um covil de gângsteres.

Mas não cheirava como se ele estivesse levando-a para o Bairro das Especiarias. Não havia charutos pungentes. Nenhum fluxo de licor ou urina derramado manchava o solo. Jacks a trouxera para os caminhos limpos da Círculo Universitário, um mundo de livros encadernados em couro, roupões prensados e sebes imaculadas, onde acadêmicos ambiciosos cresciam como ervas daninhas.

Seu ritmo girou vagarosamente enquanto se aproximava de uma casa de quatro andares feita de tijolos vermelhos e colunas de ônix.

Tella poderia ter perguntado o que eles estavam fazendo ali, ou se era onde ele morava. Mas tudo o que ela podia fazer era deixar as lágrimas caírem.

Não poderia nem ser chamado de choro. O choro dava a impressão de participação, ação. Mas Tella não estava agindo. Ela mal conseguia respirar.

— Eu tentaria dizer algo reconfortante, mas da última vez você não gostou, — Jack murmurou. Mas apesar de suas palavras, ele a segurou mais perto de seu peito frio quando ele alcançou um par de portas polidas.

Talvez ele realmente planejasse torturá-la. Ou talvez ele soubesse que mesmo que sua paralisia estivesse quase acabando, Tella não teria se movido se ele a tivesse deixado. Talvez ele soubesse que ela teria ficado nos degraus que levavam à sua casa, mesmo depois que o sol finalmente caísse e a noite esfriasse o suficiente para fazê-la entorpecer mais uma vez. Porque agora que ela tinha todo o sentimento de volta, doía. Em toda parte. Suas emoções estavam machucadas e sangrando. E por um momento ela esperou que elas sangrassem. Então talvez não fosse tão doloroso, ou tão difícil respirar, pensar e sentir qualquer coisa além de agonia.

A porta diante deles se abriu. Eles entraram e o miserável céu azul foi substituído por um teto coberto de lustres de ouro que pendiam luzes sobre paredes forradas de símbolos pretos e vermelhos de cartas de baralho. Era um covil de apostas, cheio de traficantes que sorriam como tigres e jogadores ansiosos como filhotes.

As pessoas estavam rindo e batendo palmas e jogando dados nas mesas aos gritos, e tudo isso nunca soara tão errado. Era um borrão de fichas de jogo, bebidas efervescentes, gravatas descartadas e rodas de desgraça e azar. Quando alguém ganhava, confetes feitos de diamantes e corações e paus e espadas choviam sobre todos. A sala estava viva de uma maneira que sua mãe não estava.

Se alguém achasse estranho que Jack estivesse carregando uma garota histérica, ninguém comentou sobre isso. Ou talvez Tella simplesmente não tenha notado. As janelas desenhadas poderiam ter conseguido bloquear o sol, mas todo o barulho e o caos da sala de jogos de Jack apenas intensificaram o vazio penetrante dentro dela.

Os braços de Jack se apertaram ao redor dela enquanto ele passava pela multidão. Várias pessoas se aproximaram dele. — Você não consegue ver minhas mãos cheias? — Ele falou, ou simplesmente as ignorou.

Alguns passos depois e eles estavam na escada. Os tapetes foram de pelúcia para surrados, quanto mais altos subiam. Jacks tinha redecorado o piso térreo para seus convidados, mas deixou os níveis superiores inalterados. Não que Tella visse muito deles. Seus olhos permaneceram no chão e nas botas arranhadas de Jack até ele levá-la através de outra porta.

Parecia um estudo. Havia uma lareira vazia com um tapete decorativo de âmbar manchado por várias marcas de queimadura na frente, um sofá de couro marrom-uísque gasto e uma mesa arranhada com uma planta solitária debaixo de uma cúpula de vidro.

Jacks continuou a embalá-la enquanto se sentava lentamente no sofá fundo.

Tella poderia ter se afastado. Era errado deixá-lo tocá-la — ele era o mesmo tipo de criatura que havia matado sua mãe na frente dela. E ainda assim ela temia que os braços mortais de Jack fosse a única coisa que ainda a mantinha inteira. Ela não queria o conforto *dele*, mas precisava desesperadamente de

conforto.

A camisa de Jack rapidamente se umideceu contra a bochecha de Tella, mas ao invés de afastá-la, ele a segurou mais perto. Ele esfregou círculos ao redor de suas costas, enquanto sua outra mão fria passava por seus cachos, cuidadosamente desembaraçando-os com dedos gentis.

— Por que você está me ajudando? — Tella finalmente conseguiu dizer. Ao contrário de Lenda, que ou escondia seus sentimentos ou fingia tê-los quando não tinha, Jacks nunca fingiu se importar. Quando ele tinha um propósito, ele apenas fazia ameaças para conseguir o que queria.

— Você não é divertida quando você é tão patética. Eu não posso te atormentar se você já está infeliz. — Sua mão deixou seu cabelo para pressionar contra sua bochecha e afastar várias lágrimas.

O toque foi tão suave quanto o último beijo que sua mãe havia pressionado na mesma bochecha, e Tella perdeu o que tinha conseguido manter inteiro.

Já não eram apenas lágrimas caindo de seus olhos. Ela estava chorando mais do que nunca em sua vida, soluçando com tanta força que sentiu como se pudesse quebrar. Era muita emoção para segurar e muito para liberar.

— Foi tudo por nada, — Tella gemeu. — Tudo o que fiz para salvá-la só funcionou para destruí-la. Eu nunca deveria ter tentado mudar o futuro que vi no Oráculo. A primeira vez que o vi, o cartão só a mostrava em uma prisão. Se eu não tivesse tentado alterar esse futuro, ela ainda estaria viva.

— Ou talvez você também estivesse morta, — disse Jacks. — Você não sabe como as coisas poderiam ter sido diferentes.

— Mas elas poderiam ter sido diferentes. — Tella imaginou todas as outras formas que a história de sua mãe poderia ter terminado. Se Tella tivesse escutado a mãe quando criança e nunca tivesse brincado com o amaldiçoado Baralho do Destino, talvez a mãe dela nunca tivesse deixado as meninas em Trisda em primeiro lugar.

Ou se Lenda tivesse apenas pego o baralho, como Tella havia pedido, e depois o destruísse antes que mais algum dos Destinos escapasse, sua mãe estaria viva agora.

Tella tinha cometido tantos erros. Se ela pudesse voltar e fazer um certo. Se ela pudesse apenas recobrar seu caminho, então isso a levaria a outro

lugar.

Era isso.

Uma centelha de esperança se iluminou dentro dela.

Tella poderia viajar no tempo e recriar o dia inteiro. Agora que todos os Destinos estavam acordados, havia uma maneira de fazer isso. Então pelo menos uma coisa boa poderia vir de seu retorno.

Tella olhou para Jacks, vendo-o pela primeira vez desde que ele a levou embora. Suas mechas indomadas de cabelos dourados faziam com que ele parecesse mais um menino perdido do que um Destino assassino; seus olhos sobrenaturais eram o azul-prateado dos sonhos das meninas; e seus lábios eram tão afiados que ela imaginou que ele poderia cortar com um beijo. Ela não podia confiar nele, mas para isso, ela precisava dele.

— No Baralho do Destino, havia um Destino que poderia se mover através do espaço e do tempo – o Assassino. E se ele pudesse ajudar a desfazer isso?

— Eu sei que você está de luto, — disse Jacks, — mas essa é a pior ideia que eu já ouvi. Viajar no tempo é sempre um erro.

— Do mesmo jeito que confiar em você. Mas aqui estou eu e você ainda não me machucou.

— *Ainda* é a palavra-chave nessa frase. — Ele correu um dedo frio sob o queixo. — Fique tempo suficiente e garanto que isso mudará.

Tella endireitou-se. — Diga-me onde está o Assassino e eu vou sair agora.

— Mesmo se eu soubesse onde ele está eu não diria a você, Donatella. Contatar o Assassino não é uma boa ideia, e não apenas por causa de seu nome. Antes que os Destinos fossem aprisionados no baralho, a Estrela Caída, a Rainha dos Mortos-Vivos e o Rei Assassinado usaram o Assassino para viajar através do espaço e do tempo, e todas as diferentes linhas do tempo o deixaram louco. Ele nem sempre sabe quando está e desaparece por longos períodos. As pessoas que o convenceram a levá-lo de volta no tempo nem sempre retornam. Como eu disse, a pior ideia.

— Nada poderia ser pior que isso! Por favor, Jacks. — Tella agarrou sua camisa úmida com os punhos, puxando seu rosto cruel ainda mais perto. — Ajude-me a encontrá-lo. Eu estou te implorando.

Isso machuca muito. Demais. Tudo é doloroso. Cada vez que fecho os olhos, vejo-o matando-a. Toda vez que está quieto, ouço o terrível click-clack

dessa roda. E eu não posso desligar!

A mão de Jack ainda estava nas costas dela. — E se eu pudesse tirar a dor e a tristeza?

— Como? — Ela perguntou.

— É uma das minhas habilidades. — Ele limpou outro rastro de lágrimas de suas bochechas.

Um sinal de alerta cortou parte da dor de Tella. O mito era que o Príncipe de Copas tinha a capacidade de controlar as emoções. Mas, como Jacks não estava no Baralho do Destino quando Lenda libertou os outros Destinos, ele ainda deveria estar com metade do poder. — Eu pensei que você não tinha todos os seus poderes de volta.

— Eu não tenho, — ele disse. — Eu ainda não consigo controlar as emoções como costumava, ou dar a alguém sentimentos que elas não têm. Mas posso remover temporariamente sentimentos indesejados. Eu posso tirar sua dor por esta noite. — Seus dedos gelados demoraram em sua bochecha, uma promessa entorpecente e um aviso de uma só vez. — Eu não vou estar apagando isso permanentemente, meu amor. Você ainda vai sentir. Mas quando sua tristeza voltar amanhã, não será tão poderosa como é agora.

Sua outra mão acariciou suas costas novamente até que era mais fácil para ela respirar. Muito fácil. Ela se perguntou se ele estava usando seus poderes para acalmá-la. Mas Tella não conseguia se importar tanto quanto deveria. A mágoa era demais. Ela sabia que no instante em que Jacks a deixasse ir, seus pulmões se apertariam mais uma vez, suas lágrimas voltariam a solçar, e mesmo que ela não fechasse os olhos, ela veria sua mãe morrer repetidamente. Cem mortes no espaço de um batimento cardíaco. Muitos batimentos cardíacos e ela pode morrer também.

— Faça isso, — disse Tella. Uma parte dela sabia o quão desesperadamente errado era ter conforto de um Destino. Mas mesmo que fosse um erro, não poderia ser tão ruim assim. — Tome a tristeza e a dor — apenas pegue tudo o que doer.

Donatella

A mão fria de Jacks segurou a bochecha de Tella.

— Tudo bem, meu amor. — Ele inclinou o rosto em direção ao seu quando ele baixou os lábios para os dela.

Tella pressionou as palmas das mãos contra o peito dele e empurrou.

— O que você está fazendo?

— Eu estou fazendo a dor ir embora.

— Você não disse que tinha que me beijar.

— É o caminho mais indolor. Ainda vai doer, mas...

A última vez que eles se beijaram, seu coração parou de funcionar corretamente.

— Não. — disse ela. — Eu não vou deixar você me beijar novamente.

Jacks passou a língua sobre os dentes, pensando por um longo minuto.

— Há outro caminho, mas... — uma segunda hesitação. — requer uma troca de sangue.

Um pico rígido de consciência derrubou a espinha de Tella. O compartilhamento de sangue era poderoso. Tella aprendeu durante seu primeiro Caraval que sangue, tempo e emoções extremas eram três das coisas que alimentavam a magia. Tella bebeu sangue antes.

Ela não se lembrava claramente, mas ela sabia que estava à beira da morte depois de sua briga com a Rainha dos Mortos-Vivos e Suas Servas. Ela pode ter até morrido, mas depois ela foi alimentada com sangue e isso salvou sua

vida. Mas o sangue também tinha a capacidade de tirar uma vida. Uma gota de sangue custara uma vez a Scarlett um dia de sua vida.

— Quanto sangue você precisaria beber? — Ela perguntou.

— Eu não preciso beber nada, a menos que você queira fazer dessa maneira. — Ele deu um sorriso feroz enquanto tirava uma adaga com ponta de joia da bota. Metade das pedras preciosas estavam faltando, mas as que ainda estavam lá brilhavam, amargamente azuis e ruínas.

Ele cortou a adaga no centro da palma da mão. Sangue, brilhando com manchas de ouro.

— Você precisa fazer o mesmo. — Jacks entregou-lhe a faca.

— O que acontece depois que eu me cortar?

— Nós apertamos as mãos e dizemos palavras mágicas. — Sua voz era provocativa, mas seus olhos sobrenaturais estavam brilhando com intenção grave enquanto ele segurava a palma da mão sangrando para ela tomar.

Ele não parecia humano, pois o sangue salpicado de ouro continuava a jorrar na palma da mão. Deveria ter assustado Tella, mas havia muita dor e muita dor, ela não tinha espaço para emoções como medo.

Ela nem sentiu o corte da adaga quando pressionou na palma da mão. Sangue brotou, mais escuro do que o fluxo brilhante correndo pelo pulso de Jacks. Mas ele não fez nenhum movimento para parar seu fluxo. Seus olhos estavam em sua mão, observando quando duas contas vermelhas caíam e sujavam sua mancha amarela e sua saia pervinca. Seu vestido tinha começado o dia tão brilhante, mas agora estava arruinado, como tantas outras coisas.

Tella devolveu o punhal para Jacks, mas ele o jogou no chão e pegou sua mão ensanguentada na dele.

Seu pulso estava acelerado. Suas palmas nunca pareceram tão quentes. O sangue de sua ferida parecia ansioso para se misturar com o dela. — Agora repita depois de mim.

As palavras que se seguiram foram em um idioma que Tella não reconheceu. Cada uma ondulou para a vida em sua língua, metálico e mágico-doce, como se ela pudesse sentir o gosto do sangue fluindo entre suas mãos. Ele subiu mais rápido e mais quente com todas as palavras estrangeiras. Jacks prometera tirar seu luto e sua dor, mas alguma coisa na troca fez com que ela se sentisse como se estivesse concordando em lhe dar

ainda mais.

Pare, antes que seja tarde demais.

Mas Tella não conseguia parar. O que quer que Jacks quisesse fazer, ela deixaria que ele o fizesse – se ele simplesmente tirasse a dor dela.

As últimas três palavras ele falou de uma vez, em uma voz que vibrava com poder: — *Persys atai lyrniallis*.

Essas palavras não eram nem um pouco doces. Elas se agarraram à sua língua como farpas. Mordida e afiada e totalmente profana. O sofá de couro, a lareira vazia, a mesa desarrumada desapareceram.

Tella tentou não gritar ou se esmigalhar contra Jacks enquanto cordas invisíveis de magia açoitavam suas mãos entrelaçadas; Parecia fios de chamas e sonhos ardentes. Então o fogo estava se espalhando, queimando seus braços, queimando seu peito e marcando sua carne como uma magia crua infectando suas veias.

— Não solte. — ordenou Jacks. Sua outra mão agora estava segurando a palma da mão. Mas Tella mal podia sentir isso. Ela estava de volta à caverna, no chão rochoso, observando a mãe se afastar dela. Então Gavriel estava lá, e desta vez não havia roda entre eles. Tella estava vendo a Estrela Caída tirar a adaga do peito, enfiá-la no coração de sua mãe e torcer até...

— Olhe para mim. — Jacks sibilou entre os dentes.

Tella abriu os olhos.

A testa de Jacks estava úmida de suor e seu peito movia-se desigualmente enquanto sua respiração irregular combinava com a dela. Ele não estava apenas removendo sua dor, ele estava tomando.

Lágrimas ensanguentadas riscavam suas bochechas e agonia tomou seus olhos pálidos.

Tella apertou as mãos com força e pressionou a testa na dele.

— Esta transação é muito intensa para você, — arquejou Jacks — ou você está realmente preocupada comigo?

— Não se iluda.

— Não minta para mim, eu sinto tudo o que você está sentindo agora. — Seus lábios se moveram tão perto de sua boca que ela podia provar suas lágrimas ensanguentadas escorrendo pelas bordas. Elas eram amargas, cheias de perda e pesar, mas também eram frias e puras como gelo. Não foi bem um

beijo, mas não doeu muito quando ela roçou os lábios contra os dele.

Talvez ela devesse ter deixado ele beijá-la... talvez não a machucasse dessa vez.

— Eu prometo que não vai doer desta vez. — ele raspou contra sua boca.

Tella deixou seus lábios passarem por cima dele novamente.

Ele era um mentiroso e um Destino. Mas quando ela pressionou a boca na dele, pareceu melhor do que qualquer outra coisa naquele dia.

Sua dor se despedaçou quando ele a beijou de volta. Tudo era um emaranhado de línguas e lágrimas e sangue e desgosto enquanto Jacks continuava a tomar sua tristeza. Ele bebeu com cada movimento carente de seus lábios frios contra os dela. Suas mãos permaneciam trancadas com as de Tella, mas elas serpenteavam atrás das costas, segurando-a com mais força e prendendo-a enquanto os dois caíam no chão.

Isso não se parecia em nada com o primeiro beijo impecável durante o Baile do Destino. Este beijo foi urgente e selvagem e cru e corrupto. Cheio de todas as emoções terríveis que fluiu entre eles.

Uma torrente de tristeza e dor. Eles estavam no carpete áspero e um sobre o outro. Seus dentes afundaram em seus lábios, mordendo forte o suficiente para tirar sangue.

Ele a beijou com mais força, possessivamente, beliscando sua mandíbula, depois seu pescoço, enquanto seus lábios e dentes se arrastavam até a clavícula.

Antes, ele podia sentir suas emoções, mas agora ela podia sentir as *dele*. Mesmo que ele tenha tomado tanto a dor dela quanto a tristeza, isso não era o que ele estava sentindo agora. Ele sentiu desejo. Desespero. Luxúria. Obsessão. Ele a queria. Ela era tudo que ele queria. Tudo o que ele pensava. Ela sentiu isso na maneira como o beijo começou a mudar de imprudente e faminto para lânguido e saboreando, como se ele tivesse considerado isso há muito tempo e agora ele estava agindo sobre todas as coisas que ele imaginou.

Um lugar distante que Tella tentou ignorar disse que tudo isso era um grande erro – Jacks não era realmente o que ela queria, Lenda era. Não importa o que ele fizesse, ou o que ele era, sempre seria Lenda. Talvez ela nunca pudesse realmente *tê-lo*, mas ela o queria. Se ela ia beijar um dos

vilões, ela queria que fosse Lenda, não Jacks.

Ela precisava empurrar Jacks para longe.

Mas Lenda nunca mais a tocou. Mesmo que Lenda estivesse lá, ele não poderia abraçá-la muito menos beijá-la. E era tão bom ser beijada, ser acariciada e tocada. Para sentir desejo em vez de dor. A tristeza quase se foi e o beijo ficou mais intenso. Ou talvez agora que Tella não estava mais sentindo um desespero esmagador ou vendo a morte, ela podia realmente sentir o beijo inteiro, e cada centímetro do corpo de Jacks pressionava contra o dela.

Mas mesmo em seu estado confuso, Tella sabia que não podia continuar.

Ela arrancou sua mão sangrando da de Jacks e terminou o beijo.

Jacks não tentou impedi-la. Mas ele não fez mais nenhum esforço para se afastar. Ambos estavam deitados, os peitos pressionados juntos, as pernas emaranhadas.

A dor, a tristeza e a mágoa desapareceram. Mas assim foi toda a sua força. Ela estava desossada. Vazia. Havia respingos de sangue em todo seu vestido e suas mãos, e sobre ele. Algo íntimo, além do físico, acabara de passar entre eles.

Faixas vermelhas corriam por suas bochechas, fantasmas de lágrimas que ele chorou por ela.

Ela deveria ter tentado sair. Mas seu corpo estava exausto. E ela gostou do jeito que sentiu quando Jacks envolveu seus braços ao redor dela, segurando-a com força em seu peito frio como se quisesse que ela ficasse. Depois que ela recuperasse sua força, ela voltaria a odiá-lo. Tudo o que ela se importava agora era que a dor se foi.

— Obrigada, Jacks.

Ele fechou os olhos e respirou fundo.

— Eu não tenho certeza se te fiz um favor, meu amor.

Donatella

Tella acordou hesitante. Seus sonhos eram flashes febris, todos fugindo rápido demais para ela se lembrar, mas ela sabia que Lenda não estava neles.

Depois de dois meses compartilhando sonhos com Lenda, ela não estava acostumada a sonhar sozinha. Ela também não esperava sonhar sozinha. Lenda tinha seus poderes completos de volta. Desde que ele tomou todos os poderes da bruxa, ele provavelmente tinha mais poder do que antes. Mas ele ainda não tinha visitado os sonhos de Tella.

Ele a viu seguindo-o ontem? Alguma coisa ainda estava errada com seus poderes? Ou era algo mais?

O coração de Tella bateu forte e sua pele ficou quente, exceto por todos os lugares onde ela se emaranhou com os braços e pernas gelados do Príncipe de Copas.

Sangue sujo e santos.

Ela precisava sair.

Ela não queria dormir lá a noite toda. Ela precisava sair e encontrar sua irmã, que provavelmente estava preocupada até a morte.

Com cuidado, Tella deslizou a perna entre as de Jacks. Seus braços responderam puxando-a para mais perto. O ar saiu de seus pulmões quando seus rostos ficaram perfeitamente alinhados.

Mesmo no sono, ele parecia cruel em sua beleza. Suas sobrancelhas formaram uma linha cruel; seus cílios escuros pareciam afiados o suficiente

para picar os dedos; suas bochechas estavam tão pálidas que tinham uma sombra gelada de azul; e seus lábios ainda tinham manchas de sangue de onde ela o mordera durante o beijo.

Sua pele ficou subitamente quente. Ela ainda podia sentir o gosto dele em seus lábios. Azedo e amargo e deliciosamente doce.

Maçãs e mágoa e magia de Destino. Ela se recusou a pensar nisso como um erro, mas ela não podia deixar isso acontecer novamente.

Desistindo da graciosidade, Tella desajeitadamente sacudiu seu aperto, saltou para seus pés e correu para a saída.

★ ★ ★

Tella sentiu o cheiro de mingau de café da manhã e chá preto amargo quando bateu na porta da pensão. A madeira marrom-clara estava quente do sol recém-nascido. Seria outro dia quente. A parte de trás do pescoço de Tella já estava úmida do calor crescente.

Ela olhou para a sujeira e o sangue respingado em seu vestido de pervinca cansado. Ela deveria ter roubado um manto de Jacks antes de sair. Se Scarlett visse o sangue em sua saia, ela faria perguntas que Tella não estava ansiosa para responder. E Tella imaginou que sua irmã já tinha muitas perguntas.

Mas já era tarde demais agora. A proprietária abriu a porta. Ela deu uma olhada para Tella e começou a fechá-la. — Não aceitamos casos de caridade.

— Espere... — Tella agarrou a borda e segurou firme. A mulher não deve ter reconhecido Tella em seu atual estado de desordem. — Eu tenho uma suíte aqui no segundo andar com a minha irmã.

— Não mais. — O proprietário franziu a boca. — Você e sua irmã foram despejadas por destruição de propriedade. Saia ou vou prender você.

— Você não pode fazer isso. — A última vez que Tella esteve lá, ela arrancou um lençol de uma cama, mas isso dificilmente constituía destruição de propriedade. — Minha irmã e eu já pagamos até o final do ano. Então, saia do meu caminho, ou talvez eu te prenda.

Tella empurrou a porta com força suficiente para forçá-la a abrir completamente.

— Pare! — Gritou a dona. — Eu chamarei a patrulha se você for mais longe.

— Vá em frente! — Tella chorou enquanto subia as escadas.

Ela não sabia o que estava acontecendo, mas precisava ver a irmã e...

Tella parou em frente à porta. Apenas fragmentos de madeira indefesa agora pendiam de suas dobradiças. Alguém havia pregado um lençol na moldura, mas de alguma forma isso tornava ainda pior, como um caixão fechado em um funeral.

Tella puxou o tecido de volta com um puxão.

— Scarlett? — Ela chamou. Mas sua voz foi recebida apenas com silêncio e caos. A mobília estava lascada e carbonizada, os espelhos estavam rachados e fragmentos dos candelabros cobriam o chão em lágrimas de vidro. Parecia a cena de um crime.

— Scarlett! — Tella chorou novamente, mais alto do que antes.

As emoções dolorosas que Jacks levava ameaçavam retornar em uma nova forma ao pensar em perder sua irmã. Não parecia haver sangue, mas isso não significava que Scarlett estava bem. E Tella não podia imaginar que sua irmã tivesse feito tudo isso.

— Ela está lá em cima, oficiais. — A voz engomada da proprietária subiu as escadas, seguida por dois guardas em uniformes azul royal.

Tella começou a entrar em pânico. Seu peito se apertou da mesma forma que na noite anterior.

— Scarlett? — Ela chamou mais uma vez, embora fosse óbvio que sua irmã não estava lá.

A essa altura, vários moradores haviam colocado suas cabeças para fora de suas portas. Suas expressões variavam de curiosas a assustadas e irritadas, mas ninguém deu uma palavra enquanto os guardas se aproximavam de Tella.

A guarda feminina adiantou-se primeiro, devagar e com cuidado, como se Tella fosse um gato de rua que pudesse arranhar ou fugir. — Nós não vamos machucar você.

— Mas nós vamos se você correr.

A cabeça de Tella estalou para o guarda masculino.

E então ela sentiu a forte pressão do metal quando a fêmea se lançou para frente e rapidamente ligou algemas de corrente ao redor dos pulsos de Tella.

— O que você está fazendo? — Tella gritou.

— Estamos colocando você sob prisão, por ordem de Sua Alteza, o Príncipe Dante.

Donatella

Tella sacudiu as barras da masmorra, sentindo-se como o Destino Dama Prisioneira que havia sido colocada em uma gaiola sem um bom motivo. — Sua Alteza!

Magia a estrangulava toda vez que ela tentava chamar Lenda, mas ela não estava com vontade de gritar por alguém que realmente não existia e gritar o nome de Dante, ou pior ainda, "Príncipe Dante".

Mas havia algo agradável zombar de "Sua Alteza".

Ela não podia *acreditar* que ele tivesse prendido-a. Foi porque ele sabia que ela o seguira no dia anterior? Ela não achava que ele tinha visto-a, mas isso ainda não lhe dava o direito de aprisioná-la.

Agora ela definitivamente não precisava se sentir culpada por beijar Jacks.

Tella sacudiu as barras novamente. As gárgulas de pedra empaladas pelos topos delas olhavam para ela com olhos esbugalhados. Ela não sabia há quanto tempo estava trancada aqui sozinha. Quando ela foi arrastada para dentro, ela olhou para as outras celas, imaginando se Lenda também trouxera sua bruxa para cá. Mas tudo o que Tella viu foram as marcas de registro gravadas nas paredes. Havia nomes esculpidos nas pedras secas também, mas ela não planejava ficar tempo suficiente para adicionar mais uma.

— Você não tem o direito de me manter trancada! — Tella gritou.

Uma pesada porta se abriu no final do corredor iluminado por tochas, seguida pela batida confiante de botas, que ela conhecia muito bem. Lenda

não foi coroado ainda, mas ele já se movia como um imperador entrando em uma sala do trono.

Os olhos de Tella se arrastaram para cima, de suas botas pretas altas para as calças pretas justas que seguravam suas pernas musculosas. Sua camisa também era preta, mas era acentuada com um colete coberto por linhas finas de cinza que combinavam com a gravata em sua garganta e as lapelas de seu casaco de veludo. O casaco era a rica cor real das amoras – um tom que ela nunca o viu usar. Mas ele usava bem a cor; complementava seu tom de pele bronzeada e fazia seu cabelo parecer ainda mais preto e seus olhos pareciam ainda mais brilhantes, trazendo manchas de ouro que a faziam lembrar de estrelas à noite.

Não é de admirar que eles já tivessem começado a criar estátuas dele por toda a cidade. Ele pode ter sido um mentiroso e um vilão, mas ele fez as duas coisas parecerem muito boas.

As outras celas estavam vazias, mas ele nem sequer olhou para elas, e Tella teve a impressão de que Lenda não teria olhado em volta, mesmo que as celas estivessem cheias de criminosos mortais.

Ele se movia como se nada no mundo humano pudesse machucá-lo.

Ele não precisava olhar por cima do ombro. De acordo com a bruxa, ele só tinha uma fraqueza, e Tella duvidava que fosse nessa masmorra.

Ela não podia acreditar que ela o seguiu em outro mundo porque ela pensou que ele estava em perigo. Mesmo que ele pudesse estar dizendo a verdade sobre perder alguns de seus poderes, ela deveria saber que ele faria o que fosse necessário para recuperá-los.

— Deixe-me sair daqui, seu desgraçado!

— Eu acho que eu prefiro Sua Alteza. — Ele continuou seu elegante passeio em direção a ela, movendo-se com passos apressados pelo corredor escuro. Alguém poderia ter pensado que ele não tinha nenhum sentimento particularmente forte sobre sua situação atual. Mas Tella passou os últimos dois meses compartilhando sonhos com ele. Ela estava consciente de seus movimentos – consciente dele. Ela notou o tique em sua mandíbula enquanto ele lentamente a olhava, olhos viajando de seus pés descalços para suas panturrilhas nuas. Seu olhar se apertou quando ele alcançou sua saia com todas as suas penas rasgadas. Mas em vez de fazer um comentário

zombeteiro, Tella viu linhas se formando em sua testa, como se ele estivesse tentando decifrar alguma coisa.

Era possível que ele não soubesse que ela o seguiu para ver a bruxa? E se esse era o caso, por que ele a trancou?

Ela olhou furiosa para ele quando seu olhar penetrante viajou do pescoço até os lábios, e então – finalmente – seus olhos.

A masmorra subitamente ficou muito quente. Seu olhar ainda estava apertado e escuro, mas estava afiado com o calor que ela sentiu todo o caminho até os dedos dos pés.

Durante meses Tella ponderou como seria quando eles se encontrassem novamente fora de seus sonhos. Ela se perguntou se ele a tocaria afinal, se ele pediria desculpas por deixá-la nos degraus em frente ao Templo das Estrelas. Uma vez ela até imaginou ele pedindo que ela fosse sua imperatriz. Ela quase riu desse pensamento agora, mas estava totalmente séria quando disse: — Só porque você vai ser imperador, não significa que você possa me trancar sem motivo.

O canto de sua boca elevou-se lentamente em uma inclinação arrogante. — Na verdade, significa sim Mas eu não quis que você fosse presa. Eu só disse aos meus guardas para pegar você e trazê-la para mim uma vez que você foi encontrada. Sua voz era legal, até.

Mais uma vez, outra pessoa pode não ter percebido como as frases se tornaram afiadas nos fins. Ele estava definitivamente bravo e zangado com ela.

Tella não podia acreditar. Sua mãe estava morta. Os Destinos estavam acordados. Sua irmã havia sido sequestrada. Seus guardas a trancaram e, no entanto, Lenda continuou olhando para ela como se fosse ela quem tivesse feito algo errado.

— Que crime eu cometi?

— Eu te disse, eu não prendi você. Eu sei como você se sente sobre gaiolas. Eu estava apenas tentando encontrar você.

— Você realmente tem que usar seus guardas? — Ela tentou manter sua voz tão mesmo quanto a dele, mas era difícil. Ela podia sentir o feitiço de Jack rachando. Seu peito estava apertado e sua cabeça latejava. E Lenda ainda não tinha aberto a porta da cela dela.

— Se você queria me encontrar, por que você não me visitou nos meus sonhos e me perguntou onde eu estava?

Um rápido aperto na mandíbula. — Eu tentei.

— Então por que você não podia? — Disse Tella. Logo depois de ele aparecer nos sonhos dela, ele ensinou a ela como controlar partes deles – pequenos truques para mudar o que ela usava e truques maiores no caso de ela não querer que certas pessoas entrassem em seus sonhos. Mas mesmo quando ela estava com raiva de Lenda, ela sempre o deixava entrar. — Eu não estava te mantendo fora.

— Eu sei. Mas outra coisa estava.

Tella não viu o movimento de Lenda – ele deve ter usado sua magia para esconder o que estava fazendo – mas de repente a porta entre eles estava aberta, e Lenda estava segurando algo em suas mãos – dois pedaços de confete, um em forma de pá e o outro em forma de coração.

Uma memória afiada voltou para Tella: Jacks carregando-a através de seu esconderijo de jogo enquanto confete de cartolina caía do teto. Foi por isso que Lenda estava bravo com ela, porque ela estava com Jacks?

— Onde você estava ontem à noite, Donatella?

Mais uma vez, ela não o viu se mover, mas ele agora estava mais longe, encostado nas barras em frente a cela, deixando claro que, embora estivessem fora de seus sonhos, algumas das regras não mudaram. Ele ainda estava mantendo distância.

— Isso não é da sua conta, — retrucou Tella, — e mesmo se fosse, eu não tenho tempo para discutir com você sobre isso. Eu preciso encontrar minha irmã.

— Tella! — A voz de Scarlett percorreu o corredor antes que Tella a visse correndo em uma tempestade de saias de framboesa, brilhantes o suficiente para iluminar toda a masmorra.

— Onde você esteve? — Scarlett capturou Tella em um abraço tão forte que cortou a respiração de Tella. Ou talvez ela não pudesse respirar por causa das emoções repentinamente capturadas em sua garganta. Sua irmã não morreu ou foi ferida ou sequestrada. Ela estava aqui e segura e viva. — Estamos procurando toda a cidade por você e Paloma.

— Eu pensei que algo tinha acontecido com você, — Tella sufocou.

— Por que você acha isso? — Scarlett disparou um olhar acusador para Lenda.

Ele continuou encostado nas barras da prisão, olhando para Tella com os olhos apertados. — Eu não tive a chance de dizer a ela que você estava aqui.

— Oh bom, você a encontrou. — Julian apareceu no final do corredor, andando para a frente como se a tensão na masmorra não fosse espessa o suficiente para sufocar. Ele estava vestido com roupas mais finas do que Tella já tinha visto, mas elas pareciam cansadas, como se ele estivesse usando-as desde o dia anterior. — Onde ela estava?

— Nós estávamos apenas descobrindo isso. — Scarlett voltou-se para sua irmã. — Lenda nos disse que ele achava que Jacks tinha levado você.

As brilhantes saias de framboesa do vestido de Scarlett começaram a desbotar enquanto ela observava o estado desganhado do vestido de penas de Tella. Ela provavelmente perdeu algumas penas durante seu tempo com Jacks, mas duvidava que elas tivessem se desfeito da mesma maneira que Scarlett estava imaginando. E depois de tudo que ela tinha visto ontem, Jacks não parecia como o imortal mais perigoso que Tella conhecia.

— Sua mãe está aqui também? — Julian perguntou.

Scarlett não disse nada, mas Tella também podia ver a pergunta em seus olhos. Olhos tão parecidos com os de sua mãe que apenas olhando para ela fez Tella tremer por todos os lados, como se seus ossos quisessem sair de sua pele e fugir antes de serem forçados a reviver os horrores da noite anterior.

— Tella, o que há de errado? — Scarlett pegou a mão da irmã novamente.

Tella envolveu os dedos ao redor de Scarlett, da mesma maneira que fez quando criança no dia seguinte à desapareição da mãe de Trisda. Tella foi a primeira das irmãs a descobrir que Paloma estava desaparecida. Ela encontrou o quarto que seu pai havia destruído depois que ele não encontrou Paloma em lugar nenhum.

Então Scarlett estava lá, pegando a mão da irmã e silenciosamente prometendo que nunca a soltaria enquanto Tella precisasse que ela segurasse.

— Ela foi embora novamente? — Scarlett adivinhou.

Tella sentiu-se tentada a dizer sim. Teria sido muito mais fácil para ela e para sua irmã se ela apenas deixasse Scarlett acreditar que sua mãe havia fugido. Mas se Tella pegasse o caminho fácil agora, seria muito mais difícil

pegar o necessário.

Ontem à noite ela prometeu matar a Estrela Caída e planejou seguir adiante.

Ela encontraria uma maneira de destruí-lo, e ela não poderia fazer isso sozinha.

Ela respirou fundo, mas ficou alojada em sua garganta até que finalmente conseguiu dizer: — Nossa mãe morreu ontem.

Scarlett cambaleou para trás e apertou o estômago, como se o vento tivesse sido arrancado dela.

Tella queria pegar a mão da irmã de novo, mas ela não conseguia parar para confortá-la. Se Tella parasse de falar, ela sabia que iria começar a chorar. Ela tinha que continuar. Ela enfiou a mão no bolso e compartilhou a carta de despedida que sua mãe havia escrito. Então Tella disse a eles como ela ignorou os avisos de sua mãe e a seguiu até uma das ruínas, onde Tella tinha visto todas as coisas perturbadoras que haviam passado entre a Estrela Caída e sua mãe até que a Estrela Caída finalmente tirou a vida de Paloma. A única parte sobre a qual Tella não era totalmente honesta era o pouco que envolvia Jacks. Como eles já sabiam que ela estava com ele, ela contou como ele a encontrou e a carregou para fora da caverna, mas ela não acrescentou que ele a ajudou a tirar um pouco do seu sofrimento.

Quando ela terminou, os quatro não pareciam mais estar nos corredores da masmorra de Lenda. Mais uma vez, ela nem tinha visto Lenda se mover, mas ela sabia que ele criara a ilusão reconfortante em que eles estavam agora. Os pisos frios tinham se transformado em tapetes creme de pelúcia, as paredes de pedra tinham se tornado pedra-sabão branca, e as janelas gradeadas tinham mudado para vitrais bonitos, cobertos de imagens serenas de nuvens em céus calmantes que iluminavam a luz azul pálida sobre os rostos sombrios de todos.

Julian ofereceu suas condolências primeiro. Em algum lugar durante sua história, ele se aproximou de Scarlett e passou um braço em volta do ombro dela.

Lenda ainda permanecia distante. Encostou-se em uma das paredes reluzentes, mas, quando olhou para Tella, toda a raiva e cautela anteriores desapareceram, substituídas por um olhar tão indescritivelmente gentil, que

ela nunca teria imaginado em seu rosto.

— Eu gostaria que estivesse em meu poder trazê-la de volta. Eu sei o quanto ela significava para você, e sinto muito que você a tenha perdido desse jeito.

Seus dedos se contraíram, como se ele estivesse tentado a alcançá-la, mas pela primeira vez Tella estava feliz por ele não ter tentado tocá-la. Ontem à noite, Jacks a abraçou com o toque, mas Tella teve a sensação de que se Lenda a puxasse para seus braços agora, ela desmoronaria completamente. Ela podia lidar com seus olhares e suas observações farpadas, mas a ternura dele podia subjugarla completamente.

Scarlett não disse uma palavra, mas lágrimas escorriam por suas bochechas, mais lágrimas do que Tella teria esperado, dado seus sentimentos rochosos em relação a sua mãe. Tella sentiu como se devesse estar ali para tentar acalmá-las em vez de Julian, mas novamente receava que isso apenas a fizesse chorar também.

Então o calor envolveu Tella quando Scarlett se separou de Julian e cruzou os braços ao redor da irmã. O peito de Scarlett tremeu, mas seus braços eram inabaláveis, mantendo Tella incrivelmente apertada, da mesma forma que Scarlett fez naquele dia depois que a mãe delas desapareceu pela primeira vez.

Tella estremeceu contra sua irmã, mas ela não caiu aos pedaços como ela temia. A mãe delas uma vez lhes disse que não havia nada como o amor de uma irmã, e esse era um dos momentos em que Tella podia sentir a verdade. Ela podia sentir sua irmã amando-a duas vezes mais do que antes, tentando curar a ferida que a morte de sua mãe havia deixado. Era cedo demais para cicatrizar, e Tella não sabia se a ferida iria se consertar completamente. Mas o amor de Scarlett lembrava que, enquanto algumas coisas nunca curavam, outras coisas ficavam mais fortes.

— Talvez devêssemos sair e dar-lhes algum tempo sozinhas, — Julian sussurrou para Lenda.

— Não, — disse Tella, rompendo com Scarlett. — Eu não quero lamentar agora. Eu vou chorar depois que a Estrela Caída estiver morto.

— Temos que parar os outros Destinos também, — acrescentou Scarlett com uma fungada. — Não podemos deixar que ninguém sofra assim, ou

como as pessoas que vimos ontem.

— O que você viu ontem? — Tella perguntou.

— Uma família que foi petrificada pelo Envenenador.

— Embora não estivéssemos certos de que era ele, ou que o Destino estava realmente acordando, até agora, — acrescentou Julian.

— Mas você suspeitava disso – é por isso que você enviou guardas para mim? — Tella virou-se para Lenda, mas se ele realmente estava preocupado com a segurança dela, e não apenas com inveja de Jacks, não mostrava. A expressão de Lenda havia se fechado e qualquer traço de delicadeza ou ternura desaparecera de seu belo rosto.

— Você viu algum outro Destino quando estava com Jacks? — Ele perguntou. — Você sabe com quem ele está trabalhando agora?

— Não, — disse Tella.

Ela poderia ter dito mais. Ela poderia ter dito a eles onde Jacks estava e o que ele estava fazendo em sua toca de jogo; ela tinha certeza de que todos estavam curiosos. Mas Jacks não era o verdadeiro inimigo agora. A Estrela Caída era, e de acordo com a bruxa, havia apenas uma fraqueza que permitiria que ele fosse morto – e Lenda compartilhava da mesma fraqueza.

— Acho que precisamos nos preocupar menos com Jacks – que na verdade me *ajudou* na noite passada – e mais com a Estrela Caída. Qual é a fraqueza da Estrela Caída?

— Eu não sei, — disse Lenda.

— Sim, você sabe. — Tella manteve os olhos fixos nos dele.

Mais cedo, seu olhar estava cheio de estrelas, mas agora os olhos dele eram sem alma, pretos como veias azul-escuro, as mesmas cores das asas que Dante tatuara nas costas. Como ela pensara que Lenda era apenas Dante? Tella deveria saber apenas pelos seus olhos. Os olhos não mudam de cor. Pupilas podem se dilatar e os brancos podem ficar amarelos ou vermelhos, mas as íris não mudam como as dele.

— Não minta para mim, Lenda. Esmeralda lhe disse que a fraqueza da Estrela Caída é a mesma que a sua.

Os olhos de Lenda brilharam – branco como o ouro. Linhas se formaram brevemente em torno deles, como se ele estivesse sorrindo, mas elas estavam lá e se foram tão rápido, Tella se perguntou se ela imaginou isso. Diversão

não era a resposta que ela esperava.

— O que ela disse foi inútil, — respondeu Lenda, algo como amargura nublando seu tom de voz. — Se queremos derrotar a Estrela Caída e ter uma chance de matar os Destinos, temos que encontrar outra fraqueza.

— Espera, você foi ver Esmeralda? — O choque no rosto de Julian deixou claro que Tella não era a única de quem Lenda mantinha suas atividades extracurriculares em segredo.

— Quem é Esmeralda? — Scarlett perguntou, olhando entre eles.

— Eu não ouço esse nome há muito tempo, — disse uma nova voz, quando Jovan entrou no corredor cintilante. Ela era uma das artistas mais convidativas de Lenda, mas talvez fosse também a mais difícil de ler de todas. Ela estava sempre sorrindo. Sempre simpática, sempre alegre. Como ninguém poderia ser tão feliz o tempo todo, Tella às vezes imaginava que os sorrisos de Jovan eram apenas mais uma peça do traje que ela usava durante o Caraval.

Mas Jovan não estava sorrindo hoje. Seu rosto marrom escuro parecia estranhamente severo quando ela se aproximou de Lenda.

Em um de seus sonhos, Lenda disse a Tella que a maioria de seus artistas tinha assumido papéis no palácio quando o último Caraval terminou e ele foi declarado o herdeiro. Jovan parecia ser um guarda de alta patente, vestida com um casaco militar da Marinha, com franjas douradas nos ombros, que combinavam com as linhas douradas que lhe cobriam as calças.

— Senhor, posso falar com você por um momento? Houve outro incidente.

Donatella

Fendas finas se formaram ao longo das bordas das janelas ilusórias de Lenda.

— Qual Destino?

— O Envenenador novamente. Ele transformou uma festa de casamento inteira em pedra perto do Castelo Idyllwild. Eles estão bem agora. — acrescentou Jovan rapidamente. — Mas a pessoa que os salvou não está. O Envenenador deixou uma nota dizendo que o grupo só se tornaria humano novamente quando alguém assumisse seu lugar voluntariamente. A irmã da noiva se sacrificou.

Scarlett juntou as mãos, como se quisesse fazer uma oração aos santos.

— A irmã é pedra agora?

Jovan assentiu sombriamente.

— Me desculpe senhor. Nós tomamos todas as precauções que você pediu. Lenda esfregou a mão no queixo.

— Mova a garota para o jardim de pedras e veja se alguma das poções que Delilah vende durante o Caraval pode reverter isso. A festa de casamento pelo menos teve uma boa descrição do Envenenador dessa vez?

— Não dele, — disse Jovan. — Mas um membro da festa de casamento teve a impressão de que o Envenenador poderia ter levado alguém com ele.

Lenda xingou em voz baixa.

— Você acha que devemos cancelar o labirinto da noite de amanhã e dizer a todos que fiquem dentro de casa? — Perguntou Jovan.

— Não. — disse Lenda. — Podemos aprovar um toque de recolher em toda a cidade para as pessoas que não são convidadas e dizer que é por causa da preparação para a coroação. Mas se cancelarmos o labirinto, todos saberão que algo está errado.

— Mas *há* algo errado. — Julian deu a seu irmão um olhar duro, mas ainda parecia amigável em comparação com o olhar frio que Lenda era capaz de fazer.

— Os Destinos se alimentam de medo. — disse Lenda. — Eu não quero transformar uma cidade inteira em um banquete para eles.

E até onde sabemos agora, apenas a Estrela Caída, o Envenenador e o Príncipe de Copas estão acordados.

— Jacks não é uma ameaça — protestou Tella. — O Destino com o qual precisamos nos preocupar é a Estrela Caída – não podemos machucar os outros até que ele esteja morto. Mas Lenda não nos diz como derrotá-lo, porque ele está com muito medo de compartilhar sua própria fraqueza. — Tella atirou em Lenda, sua carranca mais aguçada.

As narinas de Lenda se alargaram e Tella duvidou que fosse uma coincidência que os vitrais enchessem de nuvens de tempestade e relâmpagos.

— Dêem a Tella e a mim um momento sozinhos.

Ninguém precisou ser perguntado duas vezes. Julian e Jovan se viraram e caminharam rapidamente pelo corredor. Apenas Scarlett olhou para Tella, mas ela assentiu que estava tudo bem para a irmã deixá-los. Esta conversa com Lenda estava atrasada.

Assim que os outros estavam fora de vista, Tella virou para Lenda, mas ela foi pega de surpresa quando o corredor mudou novamente.

O teto se estendia por quatro andares enquanto as paredes transformavam-se de pedra-sabão branca em madeira de mogno, incrustada de estantes cobertas de volumes imaculados e armários cheios de tesouros iluminados por luzes delicadas que flutuavam como duendes perdidos. Sua antiga cela de prisão tinha agora um fogo crepitante, aquecendo suas costas enquanto peles extraordinariamente macias amorteciam seus pés. Cadeiras apareceram em seguida, de veludo vermelho com costas largas em forma de garra, como as que ela frequentemente favorecia nos sonhos que compartilhava com Lenda.

Elas descansavam em frente ao fogo ardente, convidando-a a sentar-se, enquanto a suave música de violino descia do teto abobadado.

Ela não pôde deixar de comparar a cena ao estudo sombrio de Jacks com seu gasto sofá de couro de uísque e seus tapetes pontilhados de partículas queimadas do fogo. Era um lugar para cometer erros e maus negócios. Embora ela não tenha mencionado passar a noite com Jacks, de alguma forma, ela sentiu como se Lenda estivesse tentando fazer um ponto com sua grande ilusão – que o que Jacks poderia dar a ela nunca se compararia com as coisas que Lenda era capaz de fazer.

— Você está tentando se mostrar? Ou apenas me distrair?

— Eu pensei que você estaria mais confortável aqui. — Lenda atravessou a elegante sala para inclinar um cotovelo encamisado contra o consolo da lareira. — Se você não gosta, eu posso mudar isso. Qual foi o sonho que você ficou tão apaixonada? Foi aquele com as zebras? — Ele deu-lhe um sorriso provocante, parecendo muito mais com Lenda de seus sonhos do que quando apareceu pela primeira vez na masmorra. Seu sorriso cresceu mais quando Tella sentiu seu vestido mudar, ficando mais elegante enquanto suas penas se transformavam em linhas pretas e brancas de seda, espelhando o vestido que ela usava no sonho que ele acabara de mencionar. Ela estava animada com as zebras, que ele criou depois que ela disse a ele que não tinha certeza se acreditava que o curioso animal era real. Mas foi a forma que ele parecia não ser capaz de tirar os olhos dela no sonho que lhe dera a verdadeira emoção.

— Pare de tentar me distrair. — disse Tella. — E tire a ilusão do meu vestido. Eu não quero ser sua próxima Esmeralda.

O sorriso de Lenda desapareceu.

— Você e Esmeralda...

— Não me diga que não somos parecidas. — disse Tella. — Eu já tenho essa impressão de espionar você.

Seus olhos nublaram.

— Então por que você está chateada?

— Você a enganou. Você levou toda a sua magia. Então você a sequestrou!

A expressão de Lenda não mudou, mas atrás dele o fogo brilhava mais e mais, mudando de laranja para vermelho ardente.

— Se você a conhecesse, não sentiria pena dela, Tella. Ela não é inocente. Eu a peguei para que ela pudesse pagar por seus crimes.

Esmeralda é antiga. Ela costumava ser a consorte da Estrela Caída, e antes que ela prendesse ele e seus Destinos nos cartões, ela ajudou a Estrela Caída a criar os Destinos. Ela é responsável por sua existência, e o Templo das Estrelas quer que ela seja julgada por isso.

— O que isso tem a ver com você? — Tella perguntou.

— Você pode se lembrar que eu fiz um acordo com o Templo.

— Lenda tirou a jaqueta, tirou uma abotoadura e dobrou para trás uma das mangas de sua camisa preta.

Pode ter parecido que ele estava fazendo isso por causa do calor sufocante do fogo, exceto que quando ele se moveu, Tella teve um vislumbre da marca na parte inferior de seu pulso.

A marca não era tão brutal quanto a primeira vez que Tella viu sua pele queimada. Agora estava tão fraco que mal conseguia detectá-lo, como se estivesse se curando e desaparecendo. Mas ela ainda se lembrava de como era antes – e o que isso significava. O Templo das Estrelas tinha marcado Lenda em troca de permitir que Tella entrasse no cofre onde sua mãe havia escondido o amaldiçoado Baralho do Destino que prendia os Destinos.

— Eu jurei ao Templo que eu traria a bruxa que ajudou a criar os Destinos. Quando o fiz, jurei pela minha imortalidade. Se eu não tivesse entregado Esmeralda para eles, eu teria morrido naquela noite, e nada teria me trazido de volta à vida dessa vez. Eu sei que você está com raiva de mim agora, mas eu espero que você não queira que eu morra.

Claro que ela não queria que ele morresse. Só pensar que Lenda estava em apuros, levava Tella a persegui-lo em outro mundo.

Mas dizer isso parecia dar muito a mais quando ele ainda não estava dando nada.

Quando Lenda aceitou a marca do Templo das Estrelas pela primeira vez, no lugar de Tella, parecia um grande sacrifício da parte dele. Mas sabendo o quanto Lenda estava disposto a ir para conseguir o que queria, Tella não tinha mais certeza se ele tinha feito o trato para evitar que ela fosse possuída pelo Templo, ou se ele tinha passado por isso para garantir ela entraria no cofre e recuperaria as cartas para ele.

Ela queria pensar que ele tinha feito isso por ela, mas ela ainda não estava certa, e agora isso não era o que importava. Ele poderia ter lhe dado respostas sobre a bruxa, mas ele ainda não tinha dado a ela as respostas que ela mais queria.

— É por isso que você não vai me dizer sua fraqueza? — Ela perguntou.
— Você realmente pensou que eu queria você morto?

Você acha que eu usaria sua fraqueza contra você?

Ele olhou para o fogo, evitando o olhar dela.

— A fraqueza que compartilho com a Estrela Caída não nos fará bem quando se trata de derrotá-lo.

— Desde quando você se importa com o bem?

— Eu não... — Lenda se interrompeu. Seus olhos passaram por ela, como se tivesse ouvido um barulho fora de sua ilusão.

Fosse o que fosse, Tella não podia ver de onde vinha até que uma porta apareceu na parede ao lado do fogo, e Armando passou por ela.

Tella se encolheu, aproximando-se da lareira e de Lenda.

Armando foi a artista que desempenhou o papel do noivo de sua irmã durante o primeiro Caraval das irmãs. Tella não suportava a visão de seu sorriso de satisfação, seus olhos verdes calculistas e a maneira irritante como ele batia os dedos contra a lâmina que ele usava no quadril. Como Jovan, ele também estava vestido como um membro da guarda de Lenda, em um casaco militar da marinha com uma linha brilhante de botões dourados.

— Por que ele está aqui? — Tella perguntou.

— Armando concordou em proteger você quando eu não posso estar por perto.

— Não. — disse Tella. — Eu não quero que ele me siga, e eu não preciso de um guarda.

Lenda a perfurou com um olhar que era mais quente que as chamas em suas costas.

— Eu não te libertei das cartas só para te ver morta pelos Destinos.

Tella abriu a boca, mas não conseguiu encontrar a resposta adequada. Lenda nunca falou sobre o que ele fez para libertá-la dos cartões. A única vez que ele reconheceu isso foi a mesma noite, quando ele disse a ela que não estava disposto a sacrificá-la. Mas então, depois que ela o chamou de herói,

ele foi embora, fazendo-a questionar tudo.

— Você é bem-vinda para ficar aqui no palácio. — Lenda empurrou a lareira e pegou sua jaqueta da cadeira de garra. — Seu antigo quarto na torre de ouro ainda é seu, se você quiser, e o antigo quarto de sua irmã é dela também.

Tella estreitou os olhos.

— O que você quer em troca?

— Eu nunca quis que você partisse em primeiro lugar. — Lenda virou e atravessou as paredes da ilusão, como se ele tivesse falado demais.

Embora para Tella, não parecia o suficiente.

Scarlett

Enquanto Tella e Lenda falavam sobre Destinos e ilusões, Scarlett desejava estar apenas experimentando uma ilusão.

Os sentimentos de todos estavam por toda parte. Eles vieram em muitas cores para Scarlett rastrear ou ignorar. Scarlett nunca sentira nada disso. Foi muito mais intenso do que os breves flashes que viu com Nicolas e Julian. Tristeza nunca mais cinza cobria o chão como um nevoeiro mortal. Videiras violentas e ansiosas lambiam o corredor do palácio. E os verdes escuros e medrosos tornavam tudo o mais doentio e tóxico.

Scarlett não conseguia respirar.

Ela mal podia dizer a Jovan e Julian que precisava de ar antes de tropeçar na direção da pesada porta que levava às escadas. Embora Scarlett e os outros tivessem deixado Tella e Lenda sozinhos no calabouço para que pudessem conversar, Scarlett ainda podia sentir o peso esmagador da pesarosa tristeza de Tella e o ódio espetado de sua raiva pelos Destinos, vermelha em chamas. Scarlett não foi capaz de ver as emoções de Lenda, mas ela jurou que eram elas que faziam com que fosse tão difícil respirar. Ou talvez tenha sido a dor inesperada de Scarlett pela perda de sua mãe.

— Carmim. — Julian correu para o lado dela.

— Não. — Scarlett sacudiu a mão. Sua preocupação era mais do que ela poderia suportar. Tempestuoso, tempestuoso, tempestuoso azul, redemoinho e feroz e—

A visão de Scarlett ficou toda preta.
— Carmim!

Donatella

Lenda não tinha apenas se mudado para o palácio, ele tinha conquistado o lugar. Servos cobriam cada centímetro do palácio, zumbindo como abelhas obreiras enquanto eles se preparavam para a chegada da coroação de Lenda ou trabalhavam na enorme reforma que ele havia encomendado.

Durante o reinado de Elantine, seu palácio era feito de poeira e história. Tinha sido grandioso na maneira como as histórias antigas eram grandiosas, cheias de detalhes curvos, tapeçarias com rosca e arte delicada. Mas Tella imaginou que o palácio de Lenda não seria nada disso.

Lenda possuía a beleza de um anjo caído que comandava a atenção. Ele tinha ternos sob medida, tatuagens e mentiras que as pessoas queriam acreditar. Seu palácio seria de tirar o fôlego do jeito que só as coisas poderosas poderiam ser.

Tella bateu de novo na porta da irmã na ala de safira. Andaimes cobriam os dois lados da entrada, mas não havia trabalhadores à vista no momento, então Scarlett deveria ter ouvido as batidas.

— Ou ela não está lá, ou não está respondendo. — disse Armando.

— Eu não pedi sua opinião. — Tella bateu novamente, apenas para ser desagradável, já que ela estava certa que Lenda estava apenas sendo desagradável quando ele tinha escolhido Armando – quem ele sabia que ela desprezava – para atribuir como seu guarda pessoal.

Tella se perguntou se Scarlett estava com Julian. Na masmorra, eles

pareciam mais próximos do que Tella esperava. Em um sonho há uma semana, Lenda tinha dito a ela quando Julian tinha retornado a Valenda, mas até onde Tella sabia, ele não veio visitar Scarlett até depois que Tella partiu. Seja qual for o reencontro que tiveram deve ter sido magnífico, ou talvez Scarlett não estivesse tão envolvida quanto ele – algo que ambas as irmãs tinham em comum.

Tella bateu na porta pela última vez, mas Armando estava certo – Scarlett não estava lá ou ela não estava atendendo a porta. De qualquer maneira, Tella não poderia ficar aqui e não fazer nada, não enquanto os Destinos estivessem lá fora.

Tella havia tomado banho e esfregado a sujeira da caverna e transformado trocado de roupa para um fino vestido azul-gelo com saias em camadas que ela devia ter deixado no palácio. Mas ela nunca iria lavar o que havia acontecido naquelas ruínas. Ainda podia ouvir *o clique, o clique*, o barulho da roda e ver o corpo ferido da mãe, imóvel no chão.

A Estrela Caída precisava ser parado – e ele precisava pagar pelo que ele fez com a mãe dela. E se Lenda não compartilhasse a fraqueza de Estrela Caída com Tella, ela encontraria outra pessoa que o fizesse. E ela apenas conhecia a pessoa certa. *Jacks*.

O frio lambeu a parte de trás da espinha de Tella. Por um momento ela estava de volta ao escritório dele, no chão, febril e quente, exceto por todos os lugares onde seus membros frios se enroscavam com os dela.

Era uma má ideia voltar. Mas se alguém conhecia a fraqueza da Estrela Caída, seria outro Destino. E Jacks não disse algo sobre odiar a Estrela Caída?

Tella olhou para Armando. Ele estava apenas dois passos atrás dela. Se livrar dele poderia ser um pouco complicado. Mas ela não podia levá-lo com ela até Jacks. Se Lenda descobrisse que Tella estava visitando Jacks novamente, ele poderia realmente trancá-la na torre.

Ela acreditava que a prisão desta manhã foi um erro. Mas Tella também sabia que ela não estava lidando com o Lenda de seus sonhos, que ela quase se convenceu de que não era diferente de Dante. Ela estava lidando com Lenda, o imortal, o futuro imperador, o Lenda que faria o que fosse necessário para conseguir o que queria.

E se ele quisesse Tella segura – e longe do Príncipe de Copas – ela poderia imaginá-lo tomando medidas que iam muito além de simplesmente atribuir-lhe um guarda.

Tella acelerou seus passos quando passou pelo Jardim de Pedra. As estátuas foram humanas uma vez, mas quando os Destinos governaram séculos atrás, eles trataram os humanos mais como objetos e brinquedos. Um dos Destinos tinha transformado todas as pessoas no jardim em pedra apenas para ter decorações realistas. Tella não sabia se havia alguma vida dentro delas, se as pessoas que estavam congeladas ainda podiam olhar para o mundo e ver e ouvir. Ela jurou que os rostos das estátuas pareciam mais aterrorizados do que antes dos Destinos terem sido libertados das cartas. Ela se perguntou se a irmã da noiva que tinha sido transformada em pedra hoje estava entre elas, ou se eles encontraram uma maneira de curá-la, mas de alguma forma Tella duvidou disso.

Seus membros ficaram trêmulos novamente quando ela chegou à casa da carruagem.

— Sua Alteza preferiria que você não saísse do palácio, — disse Armando.

— E eu preferiria que ele não guardasse tantos segredos. — Tella pulou dentro de uma carruagem flutuante que a levaria para o Distrito do Templo.

Com um gemido, Armando se jogou na carruagem em frente a ela quando a caixa aconchegante decolou. — Espero que, pelo menos, estejamos indo a algum lugar interessante.

— Na verdade, *nós* não vamos a lugar algum. — Com isso, Tella abriu a porta e saltou para fora. Ela rasgou a bainha de seu vestido azul-glacial e quase torceu o tornozelo da aterrissagem desajeitada. Se a carruagem tivesse subido mais alto, ela definitivamente teria se machucado, mas valia a pena o risco para poder fugir.

Armando correu até a porta, mas a carruagem estava alta demais para ele pular com segurança.

Tella lançou-lhe um beijo zombeteiro.

— Eu não vou dizer a *Sua Alteza* que você me perdeu se você não contar. — Então ela escolheu outra linha de carruagem, uma que a levaria para o Círculo do Universitário e ao Príncipe de Copas.

Scarlett

Os travesseiros embaixo de Scarlett eram muito mais fofos do que as coisas irregulares em seu apartamento alugado. Os lençóis eram muito mais macios também. Eles cheiravam a brisa fresca e noites estreladas e o único menino que ela amava.

Não os travesseiros dela. Não os lençóis dela. Não a cama dela. *A cama de Julian*. E então parecia o lugar mais seguro do mundo. Scarlett queria abraçar o travesseiro de penas e enrolar-se profundamente nos lençóis até voltar a dormir.

— Carmim. — Era a voz de Julian. Gentil, mas direta o suficiente para dizer a Scarlett que ele sabia que ela estava acordada.

Ela se sentou e lentamente abriu os olhos. Por um instante, sua visão ainda estava embaçada sobre as bordas, mas não havia sentimentos aglomerando o quarto. As únicas cores que ela viu foram aquelas que deveriam estar lá. O azul escuro e frio dos lençóis a envolvia, o cinza elegante das cortinas nos cantos da cama, o marrom quente da pele de Julian e o âmbar inebriante de seus olhos.

Seu quarto estava cheio das mesmas cores e levemente selvagem, como sua aparência. O restolho forrava sua mandíbula, seu cabelo parecia como se ele não tivesse parado de passar os dedos por ele, e sua gravata estava no chão a seus pés. Scarlett não precisava ver suas emoções para detectar sua preocupação. Ele sentou ao lado dela na cama, mas parecia pronto para pegá-

la se ela caísse outra vez.

— Quanto tempo eu estive fora? — Ela perguntou.

— Tempo suficiente para me preocupar que isso não era apenas uma manobra elaborada para entrar na minha cama.

Scarlett conseguiu um sorriso.

— E se eu dissesse que era uma manobra?

— Eu diria que você não precisa de uma. Você é bem-vinda na minha cama a qualquer momento. — Ele deu um sorriso malicioso.

Teria sido convincente se ela não tivesse visto fios finos de fantasmas de prata preocupados em torno das bordas dele. Ela se perguntou se ele suspeitava que ela não tinha acabado de desmaiar de dor.

Scarlett queria fechar os olhos novamente, para afastar as emoções que vinham dele, mas ela não queria excluí-lo.

— Obrigada. — disse Scarlett.

— Estou aqui para o que você precisar. — Julian se aproximou da cabeceira da cama, um convite silencioso. Ela poderia se inclinar contra ele se quisesse, e ela fez.

Scarlett pressionou a cabeça no ombro sólido dele e fechou os olhos. Mas mesmo que ela conseguisse silenciar a preocupação de prata que pairava ao redor dele, ela não conseguia desligar tudo.

Mais cedo, ela pensara que a tristeza que sentira só pertencia a Tella, mas talvez algumas também tivessem sido de Scarlett.

— Eu não achei que ia doer. — confessou Scarlett. — Eu pensei que tinha perdido minha mãe há muito tempo. Eu estava furiosa com ela. Eu não confiava nela. Eu não a queria de volta em nossas vidas, eu não a queria... Eu não a queria de jeito nenhum.

Julian segurou Scarlett com mais força e deu um beijo em sua testa.

Ela não sabia quanto tempo eles ficaram lá assim. E ela não sabia se estava triste porque a mãe estava morta, se estava triste porque queria que a mãe fosse embora. Ela queria ficar triste porque sua mãe estava morta; era assim que uma boa filha se sentiria, e se havia uma coisa que Scarlett tentava ser, era boa. Mas ela parou de tentar quando se tratava de sua mãe.

— Você sabe onde minha irmã está agora? — Scarlett perguntou.

— Eu acho que ela ainda está com Lenda. — disse Julian.

Scarlett lentamente retirou os lençóis. Ela queria levantar-se, mas, dada a simpatia do vestido por Julian, estava um pouco nervosa com relação ao que poderia ter mudado enquanto estava em sua cama. Estranhamente, ainda era a mesma roupa rosa que antes. Ela se perguntou se as emoções que a haviam esgotado haviam esgotado parte da magia do vestido também.

Julian pulou da cama, interpretando mal sua hesitação. — Você precisa de ajuda?

— Eu posso sozinha.— disse Scarlett.

Mas os braços de Julian já estavam ao seu redor. Ele pegou-a com um golpe rápido e levou-a para uma sala de estar.

— Julian, eu posso andar.

— Talvez eu só queira uma desculpa para te abraçar. — Ele sorriu como um ladrão que acabou de fugir com um crime.

Ela se deixou inclinar para ele. Foi bom estar em seus braços.

Ele era a distração perfeita de todos os horrores que ela poderia ter vivido. Ele a colocou em um sofá aveludado, quente dos raios de sol que fluíam pelas janelas do chão ao teto.

Uma bandeja de comida de almoço estava na mesa de café em frente a ela. Julian empilhou um prato com sanduíches e queijo para ela. Enquanto comia, notou que a atadura de ontem ainda estava em volta do braço dele, e embora ele não tivesse mudado de roupa, o curativo parecia fresco, como se ele tivesse tido tempo de colocar um novo enquanto ela estava inconsciente.

Scarlett tocou delicadamente a parte de cima do tecido. — Você nunca me contou o que aconteceu aqui.

— É um segredo. — Ele balançou de volta em seus calcanhares, fora de seu alcance.

Scarlett não sabia dizer se ele estava sendo brincalhão ou evitando. — Você planeja usar a bandagem para sempre?

Ele puxou a parte de trás do pescoço, definitivamente evitando.

— Por que você está tão interessado nisso?

— Porque parece que você está ferido e você não vai me dizer o que aconteceu.

— E se eu te desse um segredo em vez disso?

Antes que ela pudesse responder, ele entrou no quarto e voltou com um

livro encadernado em tecido, tão velho que sua capa ocre era praticamente fina como papel.

— Eu tive alguém pegando da biblioteca de Lenda enquanto você dormia. É um dos livros mais antigos que ele tem sobre os Destinos, e é sobre os objetos Predestinados.

Scarlett enfiou as pernas debaixo dela para abrir espaço para ele no sofá. — Você vai me ler uma história para dormir com isso?

— Talvez mais tarde. — Ele tirou um par de óculos do bolso, o que o fez parecer mais infantil e encantador e mais doce do que Scarlett achou possível. — Você ainda tem a chave que a garotinha te deu ontem?

Scarlett enfiou a mão no bolso do vestido e puxou-a para fora.

— É disso que você está falando?

— Você pode querer ter cuidado para quem você oferece isso. Eu acho que a menina estava certa sobre isso ser mágico. Eu acredito que possa ser um dos oito objetos Predestinados. — Julian se sentou ao lado dela no sofá, sua perna roçando seus joelhos, quando ele começou a ler:

— *No Baralho do Destino, a Chave da Fantasia prevê que os sonhos se tornem realidade. Ela pode transformar qualquer fechadura e levar quem tiver a chave para qualquer pessoa que possa imaginar.*

— *No entanto, o poder da Chave da Fantasia não pode ser tomado. Para ser usada, a chave deve ser recebida como um presente.*

— *Como muitos dos outros objetos Predestinados, ele escolhe a quem é dado, muitas vezes aparecendo do nada antes de ser doado a alguém que é digno e carente.*

Os olhos de Julian encontraram os dela quando ele terminou de ler.

— Como está isso para um segredo, Carmim?

O objeto brilhou mais e mais quente na palma da mão de Scarlett. Definitivamente parecia encantado. Talvez fosse apenas sua cabeça confusa, mas ela tinha a sensação de que o objeto estava esperançoso para ser usado, ainda mais esperançoso do que a menininha séria com as tranças tinha sido quando ela disse que achava que Scarlett era mágica.

Scarlett não se sentiu mágica no momento. Suas emoções pareciam frágeis e secas como tinta rachada. Mas Julian estava se esforçando tanto para animá-la com seu segredo, que na verdade parecia muito mais um presente.

Pode não ter sido algo tangível, mas foi incrivelmente atencioso. Ele poderia ter dito que estava dando a ela como parte da competição, mas não o fez. E Scarlett não queria manchar esse momento para ele, trazendo o concurso ou Nicolas.

— Isso é perfeito. — Ela ainda conseguiu dar-lhe um sorriso. — Mas só para ter certeza de que você está certo, acho que devemos testá-lo juntos.

O rosto de Julian se iluminou, enquanto sua boca se contorcia em um sorriso.

Scarlett pensou que ela poderia ter ouvido uma batida na porta, mas se Julian ouviu, ele ignorou. Seus olhos estavam em Scarlett enquanto ela segurava uma chave de cristal que brilhava ainda mais do que antes, como se ela tivesse dito exatamente o que a chave queria ouvir.

Donatella

Tella sabia que tinha encontrado o lugar certo quando viu o badalo da porta em forma de coração partido. Parecia um aviso de que entrar ali não traria nada de bom.

Talvez ela devesse ter se esforçado mais para fazer com que Lenda lhe dissesse sua fraqueza antes de correr para Jacks tão rapidamente. Jacks talvez não escolhesse ajudá-la novamente, e se ele dissesse a fraqueza da Estrela Caída, isso definitivamente teria um custo. Mas qual seria o custo se ela fosse embora? A Estrela Caída mataria mais pessoas? Ele descobriria que Paloma tinha duas filhas e viria atrás de Scarlett e Tella?

Tella bateu na porta e ela imediatamente se abriu, deixando-a entrar na sala de jogos de Jacks.

Dados voaram enquanto jovens clientes batiam palmas, todos ansiosos para perder fortunas que eles nem sequer ganhavam e favores que Jacks, sem dúvida, coletaria deles depois. Todos pareciam mais frescos do que tinham sido na noite passada. Os sorrisos das mulheres não estavam borrados, as gravatas dos homens eram afiadas e as bebidas não eram usadas. Os jogos desta noite estavam apenas começando.

— Você não é uma coisa bonita? — Uma mulher com diamantes vermelhos pintados em suas bochechas se aproximou de Tella. Ela estava vestida para combinar com as cartas nas mesas, em uma saia na altura do joelho de listras pretas e brancas, que brilhavam sobre seus quadris cheios.

Sua jaqueta ajustada escondia botões brilhantes em forma de pá, mas suas mangas compridas estavam todas erradas para a estação quente, fazendo Tella se perguntar se havia cartas, ou armas, escondidas dentro delas. Se essa mulher trabalhava para Jacks, não teria sido uma surpresa.

Embora depois de um segundo olhar, Tella não imaginava que essa pessoa trabalhasse para o Príncipe de Copas, ou que ela era mesmo uma pessoa. Cachos de cobre que brilhavam como moedas emolduravam um rosto com uma pele marrom-clara coberta de sardas escuras e olhos como diamantes líquidos – praticamente claros e muito desumanos. Não, isso não era uma pessoa. Essa mulher era um Destino.

Tella cambaleou para trás, tropeçando na bainha rasgada.

— Essa não é a resposta que eu geralmente recebo. — O sorriso do Destino se estendeu, fazendo todo mundo dentro de um raio de três metros sorrir em uníssono. Depois houve uma estrondosa salva de palmas, pontuada por vários gritos e assobios, como se mais da metade do quarto tivesse acabado de ter uma tremenda onda de sorte.

Essa mulher era definitivamente um Destino. Senhora da Sorte, se a suposição de Tella estivesse certa.

Seu cartão geralmente representava boa sorte, mas Tella não se importava. Ela continuou voltando para a porta enquanto confetes pretos e vermelhos caíam do teto.

— Fique longe de mim!

O sorriso da Senhora da Sorte diminuiu, e uma série de suspiros e gemidos desapontados encheu a toca do jogo.

— Você sabe o quanto a maioria das pessoas pagaria pelo meu conselho? — Perguntou o Destino.

— É por isso que prefiro passar adiante. Tenho certeza de que o preço é muito alto.

O Destino balançou a cabeça e franziu os lábios, mas então seus olhos misteriosos brilharam com um flash de luz iridescente.

— Oh, você é ela, não é? *Você* é quem fez o coração de Jacks bater? — Os olhos claros do Destino foram em direção ao peito de Tella como se houvesse um tesouro misterioso escondido por dentro.

— Você é sua fraqueza.

Tella congelou com a palavra *fraqueza*.

O sorriso de Senhora da Sorte voltou e o salão encheu-se de aplausos mais uma vez.

— Parece que eu tenho sua atenção agora.

Ah, ela definitivamente tinha a atenção de Tella. Isso era exatamente o que Tella queria. Se essa mulher pudesse dar a ela, então Tella nem precisaria falar com Jacks.

— O que significa ser a fraqueza de um Destino?

— Isso significa que você e o Jacks estão ambos em perigo.

Imortais e humanos não devem estar juntos.

Tella engasgou com uma risada.

— Jacks e eu não estamos juntos. Eu odeio Jacks. — Mas as palavras definitivamente não eram tão verdadeiras quanto deveriam.

Senhora da Sorte pode dizer claramente de sua resposta. — Os humanos geralmente não evitam coisas que odeiam?

— Às vezes, Jacks é um mal necessário.

— Então, faça-o desnecessário. — Senhora da Sorte agarrou o braço de Tella enquanto sua voz animada se transformou em algo duro. — Seu relacionamento com o Príncipe de Copas terminará em catástrofe.

— Eu já te disse, nós não temos um relacionamento. — Tella tentou se libertar, mas o aperto do Destino foi desumanamente forte.

— Você está em negação. Se você não estivesse atraída por ele, você não estaria aqui.

Tella tentou se opor, mas o Destino continuou falando. — Você é a garota humana que fez o coração de Jacks bater de novo. Há rumores que você é o único amor verdadeiro dele. Mas isso não significa o que você acha que faz. Imortais não podem amar. O amor não é uma das nossas emoções.

— Então não importa se eu sou o amor verdadeiro de Jacks. — disse Tella.

— Você não me deixou terminar. — Senhora da Sorte apertou o braço de Tella um pouco mais forte. — Quando somos atraídos pelos humanos, sentimos apenas obsessão, fixação, luxúria, possessão.

Mas em ocasiões muito raras, nos deparamos com humanos que tentam nos amar. Mas sempre acaba mal. O amor é veneno para nós.

O amor e a imortalidade não podem coexistir. Se um imortal sente amor verdadeiro por um minuto, ele se torna humano naquele minuto.

Se a sensação durar muito tempo, sua mortalidade se tornará permanente. E a maioria dos imortais mataria o objeto de seu afeto em vez de se tornar humano. Não é seguro tentar um imortal para amar. E se Jacks não te matar porque ele é tentado a te amar, então eu prometo que a obsessão dele por você vai te destruir.

Um silêncio caiu sobre o covil em suas palavras, como se o quarto inteiro tivesse acabado de ser tratado por uma mão ruim.

— Se você tem alguma inteligência, você vai se virar e ir embora agora. — O Destino finalmente liberou o braço de Tella, e então ela retornou através do mar de jogadores, aplausos e gritos a seguindo enquanto se movia.

Tella tentou se livrar da sensação de aperto. Mas ela não conseguia se livrar de suas palavras.

O amor e a imortalidade não podem coexistir.

Nós só sentimos obsessão, fixação, luxúria, possessão.

Se um imortal sente amor por um minuto, ele se torna humano naquele minuto. Se a sensação durar muito tempo, sua mortalidade se tornará permanente. E a maioria dos imortais mataria o objeto de seu afeto em vez de se tornar humano.

Agora Tella sabia qual era a única fraqueza de um imortal. Amor. Para matar a Estrela Caída, eles precisariam fazê-lo se apaixonar. Mas ele era definitivamente o tipo que mataria um humano antes de amá-lo.

Uma dor aguda agitou-se sob seu peito, bem ao redor de seu coração. Mas a dor foi muito mais profunda do que isso. Esta não era a fraqueza que Tella teria imaginado. Mas agora ela entendia por que Lenda não queria que ela soubesse disso: Lenda não a amava, e ele nunca a amaria, não enquanto ele quisesse permanecer imortal.

— Você parece estar com dor de novo. — disse Jacks.

Tella se virou, seu coração disparou ao som de sua voz.

Naquela noite, o Príncipe de Copas vestia-se como um mestre de cerimônias debochado, com um profundo casaco cor de vinho com gola estampada e mangas rasgadas que revelavam a camisa preta e branca por baixo, que fora descuidadamente deixada desabotoada.

Sua gravata branca pendia desamarrada em volta do pescoço, e suas calças pretas estavam apenas meio enfiadas em suas botas desgastadas.

Ele era exatamente o oposto de Lenda. Lenda sempre parecia como se ele pudesse sair ileso do apocalipse, enquanto Jacks sempre parecia como se tivesse acabado de vir de uma briga – tudo selvagem, quase violentamente imprudente em sua aparência. E ainda porque ele era um Destino, Jacks ainda conseguia ser quase dolorosamente atraente.

— Está aqui para ver se eu posso fazer você se sentir melhor?

— Ele afundou os dentes no canto da boca, desenhando uma gota brilhante de sangue vermelho-ouro. — Estou feliz em ajudá-la novamente.

A barriga de Tella despencou e suas bochechas coraram com o calor.

— Isso não é o que eu quero.

— Você tem certeza sobre isso? Você definitivamente parece como se quisesse alguma coisa. — Ele riu enquanto sacudia a língua para pegar o sangue no canto da boca. Ainda rindo, ele se dirigiu para uma mesa de roleta próxima.

— Espere. — Tella correu atrás dele. — Eu preciso falar com você.

— Eu prefiro jogar. — Ele agarrou a maçaneta no centro da roda preta e vermelha já girando e deu outro giro, fazendo-a girar mais rápido enquanto as pessoas na mesa resmungavam. — Faça uma aposta e depois vamos conversar.

— Tudo bem. — Tella pegou um punhado de moedas.

— Não esse tipo de aposta, meu amor. — Seus olhos azul-prateados provocaram, provocando e ousando, junto com algo mais que ela não podia adivinhar rápido o suficiente. — Acho que podemos tornar isso um pouco mais interessante.

— Como?

Ele puxou o lábio inferior com dois dedos pálidos.

— Se a bola cair no preto, vamos falar como você quer. Eu vou responder as perguntas que trouxeram você aqui. Mas se cair no vermelho, você tem que me deixar entrar em seus sonhos.

— Sem chance.

— Então esta conversa acabou. — Ele se virou.

— Espere. — Tella estendeu a mão e apertou seu ombro.

Jacks girou lentamente, sorrindo como se ele já tivesse ganhado mais do que o direito de escorregar para dentro de seus sonhos.

— Ainda não cheguei a um acordo, — disse Tella — e se eu disser sim a essa aposta, você precisa prometer que não deixará ninguém fora dos meus sonhos.

— Por quê? — Ele se inclinou mais perto, cercando-a com o aroma crocante de maçãs. — Alguém reclamou?

— Eu estou reclamando! Eles são meus sonhos e você não tem o direito de manter mais ninguém longe deles.

— Eu estava fazendo isso por você. — disse Jacks docemente.

— Os sonhos podem parecer insignificantes, mas revelam mais segredos do que as pessoas imaginam.

— É por isso que você quer estar dentro dos meus?

Seu sorriso era todo afiado. De repente, tudo o que Tella podia ouvir era o modo como a Senhora da Sorte dissera a palavra obsessão. Não importava por que Jacks queria entrar em seus sonhos – o fato de que ele queria estar neles e manter Lenda fora deveria tê-la assustado.

Jacks parecia seguro na noite passada porque Tella estava muito entorpecida para se importar com todas as coisas que ele tinha feito, mas ele ainda era viperino.

— É melhor decidir rapidamente. — ele provocou. — As chances poderiam ser muito piores e eu poderia ter pedido muito mais.

Whir...

Whir...

Whir...

A roda continuou girando, mas a pequena bola branca estava perdendo força. E Tella não tinha dúvidas de que, quando parasse, Jacks iria embora ou lhe ofereceria uma aposta com chances piores.

— Tudo bem. — disse Tella. — Nós temos um acordo.

A bola parou imediatamente e deslizou para o preto.

Tella não podia acreditar.

— Eu ven...

A bola pulou e bateu na fenda vermelha ao lado.

— Não! — Tella olhou para a bola, esperando que ela se movesse

novamente, mas é claro que não. — Você trapaceou.

— Você me viu tocar a bola? — Jacks agitou seus cílios inocentemente.

Tella lutou contra o desejo de bater nele.

— Eu sei que você fez isso se mover.

— Estou lisonjeado, você acredita muito nas minhas habilidades, mas eu não sou Lenda. Eu não faço truques de mágica.

Não. Ele definitivamente não era Lenda. Lenda era enganador e ele não jogava de forma justa, mas ele não era uma fraude descarada.

Jacks pegou a mão de Tella e deu um rápido beijo frio antes de largá-la e se afastar da mesa. — Vejo você mais tarde hoje à noite, meu amor.

— Nós não terminamos aqui! — Tella marchou atrás dele, passando por jogadores bêbados até que ela o pegou na mesma escada que ele a carregou na noite passada. O tapete trouxe de volta flashes de como ela estava desamparada. Seu peito se contraiu e seus pés vacilaram nos degraus.

Jacks se virou abruptamente.

— Porque você está tão chateada? Com o que você está preocupada que eu veja em seus sonhos?

— Supere. — Tella respirou fundo. — Estou aqui porque quero saber como matar a Estrela Caída.

— Se você chegar perto da Estrela Caída, ele vai te matar mais rápido do que ele matou sua mãe.

Tella se encolheu.

— Bom, — disse Jacks. — Estou feliz que você pareça assustada.

— É por isso que eu preciso matá-lo.

— Você não pode. — disse Jacks categoricamente.

— E com amor?

Os olhos de Jacks congelaram com irritação e Tella jurou que a escada ficou um pouco mais fria.

— Quem te disse isso?

— Então, é verdade? — Perguntou Tella. — O amor pode fazer um ser humano imortal tempo suficiente para matar?

— É verdade, mas isso não vai acontecer. — Jacks começou a subir as escadas novamente.

— Então me diga outra maneira. — Tella chamou enquanto o seguia. Ela

poderia ter dito que não sairia até que ele respondesse, mas ela tinha um pressentimento que não seria uma grande ameaça.

Segui-lo foi provavelmente uma idéia terrível também. As palavras da Senhora da Sorte vieram à mente mais uma vez enquanto ela subia as escadas: *Se Jacks não te matar porque ele é tentado a te amar, então eu prometo que a obsessão dele por você vai te destruir.*

Mas Jacks estava de costas para ela agora. Ele não parecia obcecado com ela em tudo. E ele ainda parecia sua melhor opção para descobrir como derrotar a Estrela Caída. Ela sabia que ele não era seguro, mas depois que ela conseguisse o que queria dele esta noite, ela não se permitiria vê-lo novamente.

Seu estudo cheirava levemente a maçãs e sangue quando ela o seguiu para dentro. A pele de Tella se arrepiou mais uma vez com lembranças de seu beijo proibido enquanto seus olhos foram para o tapete chamuscado na frente do sofá de couro gasto. Ela rapidamente desviou o olhar, concentrando-se na mesa de Jacks; no topo havia um mapa da cidade, contido em um canto por um baralho zombeteiro do Destino.

O baralho estava um pouco desbotado e gasto nos cantos. Não era nada como o baralho mágico de sua mãe, mas era outro lembrete de Paloma e como ela havia sacrificado tanto – incluindo a vida dela – para tentar impedir que os Destinos reinassem mais uma vez.

Jacks se jogou na cadeira atrás de sua mesa, parecendo irritado que ela o seguiu para dentro.

— A Estrela Caída matou minha mãe. — disse Tella. — Eu assisti enquanto ele a assassinou. Eu não espero que você se importe com isso, mas eu sei que você sentiu minha dor na noite passada. Eu vi você chorar lágrimas de sangue.

— Todo mundo que possui um Baralho do Destino me viu chorar lágrimas de sangue. Não transforme isso em uma tragédia e pense que isso significa que me importo.

Jacks pegou seu Baralho do Destino e começou a embaralhar as cartas com dedos elegantes.

— E não pense que isso significa que eu estou do seu lado. — Sua voz era tão amarga que ela quase não percebeu que essa era a maneira dele de dizer

que ele iria ajudá-la.

— Há um livro na Biblioteca Imortal, o Ruscica. — continuou Jacks. — Pode dizer a história inteira de uma pessoa ou de um Destino. Se Gavriel tem uma fraqueza fatal da qual ninguém está ciente, este livro pode revelar isso. Mas usar o Ruscica não é uma boa ideia. Você precisaria do sangue de Gavriel para acessar sua história e conseguir isso poderia matá-la. Se você está determinada a ir atrás dele, você terá a melhor chance de encontrar o que precisa dentro do Mercado Desaparecido.

Jacks cortou as cartas e virou uma metade do baralho. No topo, estava o cartão do Mercado Desaparecido, que mostrava um arco-íris de bancas de tendas coloridas, todas vendendo animais exóticos, produtos e comidas de tempos passados.

Podemos não ter o que você quer, mas temos o que você precisa.

O Mercado Desaparecido era um dos oito lugares Predestinados. No Baralho do Destino, o Mercado Desaparecido era um cartão auspicioso, embora complicado. Prometia a uma pessoa que ela receberia o que precisava. Mas a maioria das pessoas concordava que o que uma pessoa precisava e o que ela queria eram duas coisas diferentes. E Tella imaginou que negociar dentro do mercado era como fazer um acordo com um dos artistas de Lenda durante o Carnaval. Ela duvidava que pudesse comprar o que precisava com moedas.

— Se há outra maneira de matá-lo, você pode encontrar sua resposta dentro do mercado. — disse Jacks. — Há uma barraca administrada por duas irmãs que compram e vendem segredos. Em troca de seus segredos, eles vão te dar um dos segredos da Estrela Caída.

Tella estudou Jacks, duvidosa.

— Eu só vi a Estrela Caída de longe, mas ele não me parece o tipo de vender seus segredos.

— Ele não é, mas se alguém tem um dos seus segredos, são as irmãs. O mercado existe fora do tempo. Se você visitá-las, aprenderá que elas têm métodos exclusivos de coletar informações.

— Onde posso encontrar o mercado?

— Várias das ruínas em toda a cidade já foram lugares Predestinados, mas para acessar sua magia, eles precisam ser convocados. — Jacks apontou para

um conjunto de ruínas a oeste do Distrito do Templo. — Procure uma ampolheta gravada nas pedras e alimente com uma gota de sangue para convocar o mercado. Mas tenha cuidado, sempre há um custo para entrar em um lugar Predestinado que foi chamado adiante. O mercado exige um dízimo do tempo de todos que entrarem. Para cada hora que você gasta no mercado, um dia passará em nosso mundo.

— Obrigada pelo aviso. — Tella não sabia disso, e ela ficou mais do que um pouco surpresa com Jacks, já que a principal fonte de entretenimento do Destino era brincar com humanos. Na verdade, ela ficou surpresa com tudo o que ele disse a ela. Ela veio aqui meio querendo se rebelar contra Lenda e meio esperando por respostas.

Ela realmente não esperava receber nenhum. Mas ela conseguiu. Ela agora conhecia a fraqueza imortal de Lenda e também sabia onde procurar a fraqueza da Estrela Caída. — Eu imagino que você quer algo em troca agora.

Os olhos de Jacks baixaram lentamente para a boca dela.

Um calafrio acariciou seus lábios como um beijo.

— Eu já disse a você que não é por isso que estou aqui.

— Então, por que você não saiu?

Sua risada seguiu Tella quando ela saiu pela porta.

Scarlett

Scarlett deveria estar tropeçando em seus pés com exaustão, em vez de dançar em sua espumante suíte do palácio.

Depois de usar a Chave da Fantasia com Julian para visitar um padeiro que ele conhecia no norte, onde Scarlett provou os melhores bolos de sua vida, ele a levou para ver um velho amigo dele no Império do Sul, onde a água era a sombra mais brilhante de turquesa que ela já tinha visto e as pessoas enviavam mensagens com tartarugas marinhas. Ela poderia ter ficado lá por mais tempo, mas Julian queria levá-la para seu primo distante, que morava em uma casa com um telhado feito para assistir ao pôr-do-sol mais espetacular do mundo. Em uma tarde, Julian e a Chave da Fantasia mudaram a visão minúscula de Scarlett do mundo, tornando-a ainda maior do que ela percebeu.

Ela tentou conter o sorriso. Ela não deveria ter ficado tonta quando caiu de costas na cama. Ela deveria estar de luto pela perda de sua mãe, preocupada com o local onde sua irmã estava ou com medo dos Destinos que estavam acordando.

Mas era difícil ter medo de pesadelos quando os pensamentos de Scarlett ainda estavam enroscados no sonho que era Julian. Ela mentiu sobre a necessidade de dormir porque ela se sentiu tão envolvida nele que queria acordar e voltar ao real.

Ela já se arrependeu.

A Chave da Fantasia ainda estava quente no bolso. Ela pensou em usá-la para encontrá-lo e pedir-lhe para visitar mais um lugar mágico. E talvez Scarlett tivesse feito exatamente isso, se um empregado não tivesse batido na porta com uma entrega de Nicolas.

Scarlett nem precisou abrir o cartão que veio para saber que o presente era dele. Era um regador de cristal, pequeno o suficiente para caber na palma da mão, como se fosse para plantas do tamanho de duende.

Scarlett caiu de volta à realidade. Ela estava tentando não pensar na competição entre Julian e Nicolas. Dado tudo o que havia acontecido nos últimos dois dias, não parecia tão importante quanto antes. Mas ela não podia simplesmente ignorar isso.

Scarlett abriu a nota com relutância. Quando ela recebera cartas de Nicolas no passado, ela sempre as relia até o papel ficar fino. Mas ela desejou que este nunca tivesse chegado.

Querida Scarlett,

Eu não parei de pensar em você desde que você me visitou. Agora que eu te conheci, minhas imaginações não são mais adequadas. Espero que você goste da primeira parte do meu presente. Há uma segunda parte que acompanha, mas eu prefiro dar a você pessoalmente. Se você estiver disponível, gostaria de vê-la novamente amanhã.

Fielmente seu,

Nicolas

Se Julian tivesse escrito as palavras, Scarlett tinha certeza de que seu coração teria acelerado ou que suas bochechas doeriam pela maneira como seu sorriso se esticava. Ela teria sentido algo. Mas nem mesmo o vestido conseguiu uma resposta.

Fechando os olhos, Scarlett encostou a cabeça nos travesseiros.

Ela costumava pensar que Nicolas era sua melhor opção para o casamento. E talvez ele fosse mais seguro que Julian. Nicolas era atraente, atencioso, tudo o que ele o fez parecer em suas cartas anteriores. Mas Scarlett não sentia nada por ele. Não, isso não era verdade. Ela sentiu-se aliviada por não terem

se casado.

Nicolas poderia ter sido a escolha mais segura, mas Julian era quem Scarlett queria escolher. Não houve competição entre Julian e Nicolas. Julian ganhou o coração de Scarlett há muito tempo.

Ela foi até sua mesa escrever uma última carta a Nicolas.

Querido Nicolas,

Obrigada por t—

Depois de todas as suas chances perdidas, parecia terrivelmente insensato informar Nicolas em uma carta que ela já havia feito sua escolha. Ela não gostaria de ser dispensada dessa maneira.

Enrolando o bilhete e jogando no lixo, Scarlett olhou para a carta dele mais uma vez. Ela não poderia dar-lhe a mão em casamento, mas ela poderia dar-lhe esta reunião final. Ela devia muito a ele.

Donatella

Valenda era uma cidade que havia sido feita para a noite.

Quando Tella pegou uma carruagem do céu de volta ao palácio, o mundo abaixo dela brilhou com a luz. As igrejas e os santuários do Distrito do Templo brilhavam como pedaços de lua que se perderam, enquanto as luzes mais escuras do Bairro das Especiarias ardiam como cinzas de um incêndio que se recusava a morrer. Depois havia as casas de dormir entre os distritos, iluminadas por postes de luz dos guardiões, dando uma ilusão de segurança enquanto as pessoas dormiam em suas camas.

Ninguém sabia quão frágil era sua segurança, e Tella se perguntou se mais Destinos estavam acordando agora. Ela provavelmente deveria ter perguntado a Jacks sobre isso antes de deixá-lo. Mas o Príncipe de Copas parecia querer cobrar uma taxa mais alta por mais informações.

A carruagem de Tella parou suavemente quando chegou à casa de carruagem do palácio. Consciente da bainha rasgada de seu vestido, ela saiu cuidadosamente.

O ar era adocicado, o mundo brilhava e as estrelas pareciam próximas o suficiente para roubar e colocar dentro de seus bolsos, fazendo Tella se sentir como se estivesse dentro de um dos sonhos de Lenda, ou de volta no Caraval. Embora o sol tivesse se posto, os criados ainda estavam agitados nos terrenos do palácio em preparação para o Labirinto da Meia-Noite de amanhã. A poeira da noite, que fazia o que tocava reluzir sob a luz das estrelas próximas,

enchia baldes que os criados carregavam para poderem escovar tudo, desde as sebes e as fontes que revestiam as passarelas até os coelhinhos que pulavam pelos jardins.

A maioria dos funcionários do palácio não prestou muita atenção a Tella, mas ela jurou que alguns olhavam para ela com os olhos apertados antes de se voltarem uns para os outros e sussurrarem coisas sobre ela.

Ela sabia que era uma má ideia parar e escutar – as fofocas raramente continham elogios. E, no entanto, Tella se viu seguindo um par de empregadas conversando até o Jardim de Pedra. Ela se escondeu atrás de uma estátua feminina na borda do jardim, com uma saia ondulante que criou o lugar perfeito para Tella se esconder enquanto as servas roçavam as outras estátuas com mais poeira da noite brilhante.

— Você a viu? — A voz da primeira garota era leve e chilreante, como a de um pássaro. Tella tinha ouvido isso antes, em sua primeira noite no palácio, quando ela veio a Valenda para o último Caraval e *Dante* disse à equipe que ela estava noiva de Jacks. Ela não ficou com tanta raiva até que ouviu essa criada falando sobre o noivado, ou sobre Jacks, e sobre rumores de como ele era um assassino. Elas não sabiam que ele era realmente o Príncipe de Copas, e na época, nem Lenda.

— Eu pensei que ela era a noiva do ex-herdeiro, — respondeu uma segunda serva. Tella não reconheceu sua voz. Mas ela decidiu que não gostou quando ouviu o jeito sem fôlego que ela disse: — Eu acho que o príncipe Dante não deveria querê-la por perto.

— Oh, Sua Alteza *definitivamente* não a quer por perto, — disse a menina de passarinho. — Eu acho que a pequena prostituta está apenas esperando fazer do príncipe Dante seu novo noivo agora que seu ex-noivo não é mais o rei. Mas todos, exceto *ela*, sabem que isso não vai acontecer. O príncipe provavelmente está apenas mantendo-a por perto, porque ela pertenceu ao antigo herdeiro, e mantê-la em sua posse é outra demonstração de seu poder.

Isso não é verdade! Tella queria pular de trás de sua estátua para protestar.

Mas talvez fosse apenas um pouco verdade. Lenda estava com ciúmes de Jacks. E de acordo com a Senhora da Sorte, quando os imortais eram atraídos pelos humanos, eles só sentiam obsessão, fixação, luxúria e *possessão*.

— Eu ouvi, — disse a menina de passarinho, — ele realmente a trancou

nas masmorras esta manhã!

— Pelo que? — Ofegou a segunda garota.

— Não foi porque eu não a queria por perto, — disse Lenda, o som baixo de sua voz enchendo todo o jardim de pedras.

De repente, Tella não poderia ter se afastado de seu esconderijo se tivesse tentado. Momentos atrás, o mundo estava cheio de poeira e estrelas da noite, mas agora ele havia roubado tudo.

O raspar confiante das botas de Lenda ecoou pelo jardim e Tella o imaginou se aproximando, cobrindo as criados congeladas nas sombras, enquanto dizia: — Eu a quero aqui. Se dependesse de mim, eu a manteria aqui para sempre. Pedi-lhe para casar comigo e ela disse que não. É por isso que eu a tranquei. Foi uma resposta inadequada, mas às vezes eu levo as coisas um pouco longe demais.

Ele fez uma pausa e ela pôde imaginá-lo exibindo um sorriso dissoluto. — Vocês duas devem ter isso em mente na próxima vez que decidirem espalhar rumores, ou vocês podem se encontrar em uma prisão também.

— Não vamos começar mais nenhum boato.

— Nós sentimos muito, Sua Alteza.

Houve uma onda de chinelos desleixados, como se as servas estivessem dando uma rápida reverência, e então fugindo do Jardim de Pedra, provavelmente deixando um rastro de poeira noturna cintilante enquanto corriam.

— Você pode sair agora, Tella. — A voz de Lenda deu uma revirada quando ele apoiou o cotovelo na estátua que ela estava atrás. Ainda vestido com o mesmo terno preto e cinza-lobo de antes, com uma meia capa preta combinando sobre os ombros, ele parecia ao mesmo tempo rude e majestoso enquanto a observava se erguer.

Se este fosse um dos seus sonhos, quando Tella e Lenda ainda fingiam não se importar, ela poderia ter revirado os olhos para ele, dando-lhe uma resposta que era o oposto de como ela se sentia. Mas ela sentiu que o jogo estava acabado. E ainda assim ela ainda não podia ser totalmente vulnerável e dizer a ele o quanto o que ele disse a tinha transformado de dentro para fora. Ele mentiu, fazendo-se parecer um príncipe desequilibrado para evitar que sua reputação fosse arruinada.

— Eu acho que você assustou as servas até a morte, — disse Tella. — Mas você sabe que elas ainda vão repetir tudo o que você acabou de dizer.

— Eu não me importo com o que alguém diz, contanto que estejam dizendo coisas sobre mim. — Seu tom era de um real superficial, mas o olhar em seus olhos era profundo e todo-consumindo. Seu olhar firme segurou o dela como se ele não tivesse intenção de desviar o olhar – como se, talvez, ele estivesse dizendo a verdade quando disse que queria mantê-la aqui para sempre.

Seu pescoço corou com o calor que se espalhou por sua clavícula.

Mais uma vez, ela pensou no aviso da Senhora da Sorte – os imortais só sentiam obsessão, fixação, luxúria e possessão. Mas talvez Lenda se sentisse mais...

Ficaria claro que ele havia sido rejeitado pela ex-noiva do Jacks.

Apenas os rumores fariam Lenda parecer fraco – uma maneira terrível de começar um reinado. Mas ele nem sequer hesitou em defendê-la.

Isso a fez querer lhe dar algo em troca.

— Eu acho que sei como descobrir se a Estrela Caída tem outra fraqueza.

Os olhos de Lenda brilharam, como se ele tivesse acabado de ganhar pontos no jogo que ela achava que não estavam mais jogando. Mas pela primeira vez ela alegremente lhe daria os pontos.

— Podemos comprar um dos seus segredos no Mercado Desaparecido, e eu estava pensando que você poderia visitá-lo comigo.

Suas sobranceiras escuras se uniram, subitamente desconfiadas. — Como você encontrou a localização do mercado?

— Ela aprendeu comigo. — A voz suave de Jacks lambeu uma trilha fria pela sua espinha.

Tella se virou.

Jacks estava em pé diretamente na frente dela, parecendo exatamente como o Príncipe de Copas que ela tinha sido obcecada quando criança. Toda pálida pele brilhante e cabelo dourado brilhante que pairava sob olhos azuis sobrenaturais. Seu olhar estava um pouco injetado, mas seu sorriso era requintado, afiado como uma faca e polido, como uma lâmina ansiosa para ser usada.

— Como você chegou aqui? — A voz de Lenda era letal, mas quando

Tella olhou para ele, seus olhos estavam fixos nos dela. Eles se encheram de algo como dor antes de afinar para um olhar que estava mais perto de uma acusação.

— A melhor pergunta é, como *ele* chegou aqui? — Jacks fechou os olhos para Tella.

— Eu... — Tella começou. — Mas – ela fez uma pausa para olhar de volta para o céu cheio de estrelas impossivelmente próximas – talvez ela não estivesse realmente nesta parte do palácio? Talvez Tella não tivesse parado para ouvir um par de servas, e talvez Lenda não tivesse realmente defendido ela na frente delas.

Talvez Jacks estivesse perguntando por que Lenda estava lá porque Jacks ainda o conhecia como Dante – e Dante não deveria ter habilidades mágicas, como o poder de entrar em sonhos.

O olhar de Tella baixou para a bainha rasgada de seu vestido azul-gelo, e ela quis que ele se consertasse, algo que ela só seria capaz de fazer se estivesse em um sonho. Por um momento, nada aconteceu.

Então, no momento que ela começou a pensar que não estava em um sonho, o vestido começou a se consertar. O rasgo desapareceu e uma nova lágrima dentro de seu coração tomou o seu lugar.

Isso não era real. Lenda não arriscara nada para defendê-la na frente daquelas criadas, porque eles estavam apenas em um sonho.

Até aquele momento, ela sempre amava seus sonhos com Lenda – eles pareciam como algo especial que os dois tinham compartilhado. Mas isso pareceu um engano.

Seu olhar cortou dos olhos tempestuosos de Lenda para o sorriso cutelo de Jacks, sentindo-se como se estivesse no meio de um tabuleiro de jogo imortal. Ela não gostou de como Jacks tinha enganado seu caminho para seus sonhos, mas era quase pior que Lenda a tivesse enganado mais uma vez, acreditando que uma ilusão era real.

— Vocês dois são terríveis.

Tella se obrigou a acordar e seus olhos se abriram assim que a carruagem do céu parou.

Ela deve ter adormecido enquanto viajava pela cidade, suas visões de Valenda à noite se transformando em sonhos sem que ela percebesse.

Ela saiu da carruagem para encontrar servos zumbindo pelos jardins do palácio e pintando tudo com poeira da noite, mas não brilhava tanto, as estrelas não pareciam mais perto o suficiente para tocar, e nenhum dos servos olhou para ela ou sussurrou nas costas dela.



Não foi até a manhã seguinte, quando Tella estava de volta em seu quarto do palácio emprestado, que ela ouviu a voz de uma serva.

— Senhorita Donatella. — Seu nome seguiu a batida alta que a acordou.

Tella vestiu o roupão e se arrastou para fora da cama de dossel e atravessou os grossos tapetes. A luz do sol animada aqueceu sua pele quando ela abriu as portas principais. Duas criadas reais estavam do outro lado, as mesmas que estiveram em seu sonho na noite passada.

Cada uma delas segurava uma extremidade de uma caixa preta brilhante, quase tão alta quanto Tella.

— Nós temos um presente de Sua Alteza, o Príncipe Dante, — a empregada disse quando as duas garotas colocaram a caixa no sofá mais próximo.

— Ele também queria ter certeza de que você recebeu isso. — A outra empregada entregou a Tella um envelope preto e um sorriso curioso.

Mas Tella não estava prestes a abrir a nota de Lenda na frente de uma plateia, especialmente uma que ela imaginou que compartilharia seu conteúdo.

— Vocês pode ir agora, — disse Tella. Assim que saíram, ela rasgou o selo do envelope. A nota que continha era um quadrado simples e coberta com uma caligrafia precisa que, por uma vez, tornava Lenda fácil de ler.

Tella,

A noite passada pode ter sido um sonho, mas eu quis dizer o que eu disse sobre querer você. Parei de jogar com você. Se você sentir o mesmo, me encontre no Labirinto da Meia-Noite e eu lhe darei o seu prêmio.

Ela releu a carta, ela—

— Donatella. — A voz de Scarlett estava emparelhada com uma batida na porta, cortando os pensamentos de Tella antes que eles pudessem ir a qualquer lugar interessante.

— Eu não estou aqui agora, — Tella gritou.

— Então você não se importará se eu entrar. — A maçaneta girou – embora Tella teria jurado que estava trancada – e Scarlett entrou. Seu vestido rendado era um tom chocantemente claro de vermelho, que parecia em desacordo com seu sorriso sombrio.

Um pequeno trem de rosetas de renda se arrastou atrás dela enquanto ela caminhava em direção ao local onde Tella se espremia em um sofá ao lado da caixa de Lenda. Mas Scarlett não olhou para a caixa quando ela se sentou na frente da irmã.

Era a primeira vez que elas estavam sozinhas desde que sua mãe havia morrido, e pela maneira como Scarlett estava olhando para Tella, esta era claramente a principal razão pela qual ela estava fazendo o check-in. Mas os sentimentos de Tella ainda eram muito crus. Se ela realmente falasse sobre sua mãe agora, seria como tirar uma crosta antes que a ferida tivesse a chance de cicatrizar.

— Como você está? — Perguntou Scarlett.

— Estou muito cansada, — Tella gemeu. — Mas eu acho que eu poderia me animar se você me dissesse por que você parecia tão confortável com Julian ontem.

As bochechas de Scarlett ficaram rosa e o vestido mudou para a mesma cor.

— Eu sabia! — Tella cantou. — Você está apaixonada por ele novamente. — Não que Tella realmente acreditasse que sua irmã tinha parado de gostar dele.

Scarlett balançou a cabeça, tentando lutar contra o rubor. Ela provavelmente ainda se sentia como se devesse estar falando sobre a mãe delas em vez dos meninos.

Mas Tella precisava disso mais do que precisava falar sobre sentimentos

quebrados, e acreditava que sua irmã também. — Conte-me tudo.

Scarlett suspirou. — Acho que ele está roubando meu coração de novo. — Ela então contou a sua irmã sobre o retorno de Julian, e como ele insistiu em ir com ela para encontrar Nicolas, que parecia muito mais decente do que Tella esperava. Ela surpreendeu Tella novamente confessando que desafiou ambos os cavalheiros para um jogo. — Mas acho que vou cancelar o jogo.

— Estou tentada a dizer a você para não fazê-lo. — O jogo era algo que Scarlett nunca teria feito antes de Caraval, e Tella ficou impressionada por ela ter sugerido isso. — Parece uma ideia brilhante, mas você sabe que eu nunca fui fã de Nicolas.

— Não há nada de errado com Nicolas. Ele é apenas...

— Não Julian.

O sorriso de resposta de Scarlett disse a Tella tudo o que ela precisava saber. Julian pode não ter sido perfeito, mas ele era perfeito para sua irmã.

— Agora é a sua vez. — Scarlett olhou para a caixa preta brilhante ao lado de Tella.

— É um presente da Lenda. Ele quer que eu o encontre no Labirinto da Meia-Noite hoje à noite. — Tella pegou a nota que Lenda lhe enviara e entregou a Scarlett. — Eu acho que esse pode ser o jeito dele de se desculpar comigo por me enganar em um sonho sem realmente se desculpar.

— Hmm. — A testa de Scarlett franziu e seu vestido ficou um tom suspeito de malva enquanto ela lia. — Eu realmente acho que ele pode estar planejando dar-lhe mais do que um pedido de desculpas hoje à noite. — Ela olhou para Tella com olhos castanhos solenes. — Você sabia que o Labirinto da Meia-Noite não é apenas o começo da contagem regressiva de uma semana para a coroação de um novo governante? É uma tradição antiga de Valenda com raízes muito românticas. O primeiro Labirinto da Meia-Noite foi construído por um príncipe para a princesa que ele queria se casar. As histórias dizem que o príncipe disse a sua princesa que haveria um prêmio no centro do labirinto. Então ele escapou e esperou por ela, preparando-se para propor quando ela o encontrasse.

— Então você acha que Lenda planeja propor a mim? — Tella disse isso como uma piada. Lenda nem lhe deu uma desculpa por deixá-la naquela noite em frente ao Templo das Estrelas. Não havia como ele estar planejando dar

propor a ela.

Mas Scarlett parecia totalmente séria. — Eu não acho que é totalmente exagero. Embora, na história, a proposta nunca tenha acontecido. Depois que a princesa entrou no labirinto, ela nunca mais foi vista. Dizem que sempre que há um Labirinto da Meia-Noite, o fantasma do príncipe aparece e procura sua princesa perdida.

— Isso soa mais como uma tragédia do que como um romance, — disse Tella.

— Mas também soa como Lenda. Acho que ele gosta de histórias do lado sombrio e trágico. — Scarlett imobilizou Tella com um olhar que parecia um aviso, antes que seus olhos voltassem para a longa caixa preta ao lado de Tella, como se seu conteúdo pudesse confirmar suas suspeitas.

— É provavelmente apenas um vestido, já que ele sabe que perdemos quase tudo quando nosso apartamento foi destruído. — Tella levantou a tampa. Mas dizer que o que encontrou lá dentro era só um vestido, seria como dizer que Caraval era apenas um jogo, quando era muito mais.

Uma fragrância doce e sedutora encheu a sala. Isso a fez pensar em cada sonho que ela passara com Lenda quando ela alcançou dentro da caixa e tirou um vestido que poderia ter feito qualquer garota se apaixonar.

A roupa que ele enviara tinha alças feitas de pétalas de flores, um corpete feito de fitas forradas em pedras tão pequenas quanto glitter, e uma saia cheia formada por centenas de borboletas de seda, todas em diferentes tons de azul que juntas formavam um tom mágico que ela nunca viu. Algumas tinham asas azuis que eram quase tão pálidas quanto as lágrimas, outras eram azul-celeste, algumas tinham manchas de violeta, enquanto algumas tinham veias pervincas. As borboletas não estavam vivas, mas eram tão delicadas e etéreas, que pareciam reais. Exatamente como o vestido de seus sonhos, o vestido que ela tinha usado quatro noites atrás, quando eles estavam dentro de uma versão dos sonhos da Igreja de Lenda. Ela achou que ele nem havia notado o que ela tinha usado. Mas claramente, ele tinha.

Era tentador enfiar o vestido na caixa e não aparecer na festa.

Os Destinos ainda estavam lá fora; ela precisava ir ao Mercado Desaparecido. Ela precisava encontrar a fraqueza da Estrela Caída.

Era egoísta assistir a uma festa agora mesmo.

Mas a verdade real era que ela tinha menos medo de lutar contra monstros do que de dar a Lenda seu coração mais uma vez.

Antes de Lenda, Tella não queria nada com o amor. Ela acreditava que estava destinada a experimentar apenas amor não correspondido. Então ela se apaixonou por ele, e foi como beber magia – indescritível, consumidor e fantasticamente viciante. Tella nem queria se casar, mas se havia uma pessoa que pudesse tentá-la, era Lenda.

— Você vai? — Scarlett perguntou.

— Claro que vou, — disse Tella. Ela simplesmente não sabia o que faria se Lenda realmente propusesse. Ninguém sabia como fazê-la sonhar ou se maravilhar ou sentir tanto quanto Lenda. Mas ninguém sabia como quebrá-la como Lenda fez também. Ela ainda não havia superado completamente a última vez que seu coração foi partido, e se ele fizesse isso de novo, ela temia que nunca superasse isso.

Scarlett

Cada passo que Scarlett dava no palácio parecia um movimento na direção errada.

Para evitar o caos do Labirinto da Meia-Noite de Lenda, que tomara conta de todos os terrenos exteriores do palácio, Scarlett pedira a Nicolas outro lugar para se encontrarem. Ele respondeu enviando um mapa desenhado à mão com pistas. Ela imaginou que ele estava tentando no romance, e se o mapa fosse de Julian, teria funcionado. Mas em vez de se sentir romantizada, Scarlett sentiu como se estivesse cometendo um erro.

Ela deveria ter dito a Tella que iria ver Nicolas. Ela disse a Tella que estava cancelando o jogo. Mas ela não confessou que estava contando isso para Nicolas pessoalmente. No fundo, Scarlett sabia que era uma escolha questionável deixar a segurança dos terrenos do palácio.

Depois dos incidentes de ontem com o Envenenador, ela não ouviu falar de nenhum outro Destino causando estragos por diversão.

Mas, enquanto Scarlett percorria as ruas íngremes de Valenda, viu vários Destinos sob a forma de avisos e cartazes de procurados pregados pelos guardas de Lenda.

As páginas bruxuleantes estavam por toda a cidade. Alguns alertavam as pessoas para não aceitarem bebidas de estranhos.

Outros tinham a palavra *Procurado* acima dos esboços que se assemelhavam à descrição de Tella da Estrela Caída. Mas eles não disseram

explicitamente que eles eram realmente Destinos. Os frequentadores da rua passeavam por eles.

Scarlett queria parar todos os que passavam e fazê-los ler os avisos. Ela sabia que os Destinos se alimentavam de medo, mas todos pareciam muito vulneráveis.

Scarlett enfiou a mão no bolso, verificando mais uma vez se a Chave da Fantasia ainda estava lá. Pelo menos ela estava protegida – se quisesse escapar, tudo o que precisava era enfiar a chave na fechadura mais próxima. E ainda assim ela não podia ignorar seu desconforto.

Até o vestido dela parecia incerto.

Enquanto seguia o mapa até as docas na periferia da cidade, o vestido de Scarlett tinha uma tonalidade de marrom, perfeito para ser ignorado. Mais alguns degraus sobre a madeira frágil e seu nariz fazia cócegas com os aromas familiares de sal e peixe e madeira sempre molhada.

Trisda, a pequena ilha onde passara a maior parte da vida, sempre cheirava assim. Em vez de deixá-la com saudades de casa, isso a fez querer fugir, da mesma forma que Trisda sempre a fizera querer fugir. Mas Scarlett decidira depois do Caraval que não deixaria o medo dominá-la.

Ela contava as docas, seguindo o mapa que Nicolas havia desenhado para ela, até que ela chegou a um longo cais coberto com um tapete preto e dourado que levava a um navio que parecia um palácio flutuante. Seu casco era esculpido com imagens ornamentadas de sereias e montes segurando tridentes e conchas.

Os mastros também estavam decorados – gigantes com coroas de estrelas ao redor de suas cabeças enquanto seguravam suntuosas velas roxas.

Era quase ofensivo em sua elegância. Este navio pertencia a alguém que pensava muito bem em si mesmo. Essa não foi a impressão que ela teve de Nicolas. Ele parecia mais pé no chão. Mas todos usavam seus disfarces.

Scarlett parou assim que pisou no cais. Ela se sentiu nervosa em encontrá-lo antes, mas agora sentia um pavor de medo que a alertou a se virar. Ela não devia nada a Nicolas.

A maioria das pessoas não aceitava bem a rejeição. E parecia especialmente insensato rejeitar Nicolas em seu barco, o que ele poderia facilmente jogá-la para o lado – ou sair com ela ainda a bordo.

Ela se virou. Scarlett queria ser corajosa, mas ela não queria ser tola.

— Scarlett? Você é Scarlett Dragna? — A voz não soou como Nicolas.

Corra. Se esconda. Grite. Seus sentimentos ficaram brilhantes e vermelhos. Ela começou a correr.

Mas já era tarde demais.

Uma rede preta passou por cima da cabeça dela.

— Deixe-me ir! — Scarlett tentou arrancar a rede quando ela gritou. Mas suas mãos foram puxadas para trás e amarradas juntas.

— Tenha cuidado com ela. — uma nova voz ordenou. — Ele quer que sua filha não seja danificada.

Donatella

Tella não sabia o que a pura antecipação cheirava até que ela alcançou o Labirinto da Meia-Noite de Lenda. O cheiro de cravo vermelho e folhas crescentes permearam tudo.

Ela esperava simples sebes verdes frondosas, mas deveria ter sabido melhor do que anexar a palavra simples a qualquer coisa que envolvesse Lenda. Cada parede viva era formada por diferentes flores raras. Lírios estelares alaranjados ardentes. Cardos crepusculares. Ouro brilhante rastejando. Delícias de champanhe.

Febris vermelhas escaldantes. Tudo o que crescia e se estendia com cada pessoa que entrava.

Durante seu primeiro Caraval, Tella aprendeu que as emoções eram uma das coisas que alimentavam a magia, fazendo-a pensar se Lenda se tornava mais forte quanto mais as pessoas desfrutavam de sua festa, e como resultado, o glamour e a ilusão da festa também aumentavam.

Não que Tella tivesse visto Lenda. Mas ela ouviu alguns sussurros sobre o quão magnífico *Sua Alteza* parecia hoje à noite.

Aparentemente, o apelido não tinha sido apenas parte de seu sonho.

Mas Tella ainda sentia um desejo possessivo de atacar qualquer um que dissesse isso.

Seus nervos sobre o que Lenda poderia perguntar e como ela responderia atacou, dando-lhe um nó enquanto se afundava mais no labirinto. Os vaga-

lumes tinham chegado, fazendo com que todos por quem ela passasse parecessem um pouco encantados enquanto suas risadas e flertes tropeçavam em sua cabeça.

Ao contrário do que o nome indicava, o Labirinto da Meia-Noite não começava à meia-noite. Tudo começou ao entardecer quando o horizonte era uma batalha de cores, como se as nuvens estivessem tentando se libertar do céu. Elas provavelmente estavam tentando chegar ao labirinto, que estava cheio de ainda mais cores.

Tella não teria ficado surpresa se algumas delas fossem feitos de lenda. Com tantas emoções entusiasmadas girando em torno do labirinto, sua magia deveria estar ficando mais forte. Talvez essa fosse outra razão pela qual ele queria passar com a hospedagem do labirinto – ele precisava disso para alimentar seus poderes antes dos Destinos terminarem de acordar.

— Oh, olhe! — Exclamou um festeiro próximo. — Essa porta surgiu no meio da cerca. Vamos ver se isso nos leva ao centro do labirinto.

Tella ouviu um farfalhar de saias dançantes e um murmurado — Senhores em primeiro lugar.

Então o pacote risonho de pessoas na frente dela sumiu, desapareceu através de uma porta repleta de dragões azuis celestiais que desapareceram junto com eles. Apenas um desfile de vaga-lumes pairando e um trecho de quase silêncio permaneceu. Tudo o que Tella podia ouvir era o bater de asas, suave como canções de ninar sonhadoras e delicadas como borboletas.

Sua pele fazia cócegas que ela só costumava sentir em seu estômago enquanto olhava para baixo para ver seu vestido ganhar vida com a batida de cem asas. Tella riu e borboletas se soltaram de uma saia que havia sido inanimada apenas alguns momentos atrás.

Lenda estava lá.

Ele tinha que estar por perto. Ele estava trazendo seu vestido para a vida e fazendo o labirinto mudar na frente de seus olhos.

Moveu-se mais rapidamente que antes, crescendo mais alto e mais forte e *mais forte*. Crenulações frondosas formaram no topo, dando tudo uma aparência de castelo encantado.

Ela perseguiu as borboletas saltando de seu vestido até encontrar um arco brilhante formado por deslumbrantes peônias brancas de diamante.

Assim que ela atravessou o arco, as flores se moveram para trás, isolando-a do resto da festa e deixando-a sozinha com Lenda.

Ela levou vários batimentos cardíacos apenas para digeri-lo.

Um pó de luz de bronze o cercou, fazendo sua pele brilhar e seus olhos parecerem um pouco mais brilhantes, enquanto Lenda se inclinava contra uma parede frondosa do lado oposto do recinto. Ele estava vestido em tons de carvão preto, exceto pelas calças vermelho-escuro que ele usava, enfiadas em botas altas e polidas.

Seu casaco era mais comprido do que o habitual, quase no chão, com um colarinho alto e real alinhado em fios intrincados da mesma cor da luz de bronze que o rodeava, como se pedaços do sol poente tivessem ficado para trás apenas para se agarrar a ele.

— Você é um show, — brincou ela.

Ele deu-lhe um sorriso devastador. — Só quando estou tentando impressionar uma garota. — Seus olhos tomaram seu tempo olhando-a, provocando um pouco enquanto permaneciam nas delicadas fitas que compunham seu corpete, antes de finalmente encontrar seus olhos.

— Você é linda. — Ele empurrou a parede e se aproximou. Mas, pela primeira vez, ao invés de ouvir o passo confiante de suas botas, tudo que ela podia ouvir eram as palavras que ele escreveu em sua nota: *Eu quis dizer o que eu disse sobre querer você*.

Mais borboletas saíram de sua saia quando Lenda parou na frente dela, perto o suficiente para tocar. O mundo já não cheirava a antecipação. Cheirava como ele. Como mágica e corações partidos.

Por favor, não quebre meu coração de novo, ela pensou.

Mesmo que ele não pedisse para ela se casar com ele, ele parecia que ia pedir alguma coisa. Seu canto isolado do labirinto estava ficando mais brilhante, cheio de estrelas infantis que brilhavam e dançavam e brilhavam, mas o olhar de Lenda permanecia firme no dela, intenso e intimista, tão íntimo quanto qualquer toque.

Sua respiração ficou rasa.

Sua boca se contraiu no canto. — Eu já te assustei?

— Você está tentando me assustar?

— Eu pensei que eu já tinha te dito, eu só estou tentando manter você. —

Seus lábios deram um beijo nos dela.

O labirinto, a festa, o mundo desapareceram. Sua boca estava macia e depois desapareceu.

Aconteceu tão rápido que Tella poderia ter imaginado se não fosse pelo brilho provocante em seus olhos.

— Eu vim aqui para reivindicar um prêmio, não para brincar. — Tella estendeu a mão como se fosse pefar alguma coisa.

Lenda riu, profunda e retumbante. — Eu sempre quero brincar com você. Mas esta noite eu não estou jogando. Eu quero você, Donatella Dragna. Eu nunca me senti assim sobre ninguém, e eu nunca pedi isso a ninguém, também. — Sua voz caiu tão baixo que fez seus dedos enrolarem dentro de seus chinelos e metade das borboletas em sua saia levantarem voo.

Scarlett estava certa. Ele ia propor.

Seus olhos ficaram mais brilhantes e seu sorriso se tornou tentador. — Eu quero manter você, Tella. Eu quero te fazer imortal.

Tudo dentro de Tella ficou parado. *Imortal.* Ele estava pedindo para torná-la imortal, não para se casar com ele.

— Eu diria que você pode levar todo o tempo necessário para pensar sobre isso. Mas agora que os Destinos estão acordados, não quero mais esperar. Eu não quero arriscar perder você. — As mãos de Lenda envolveram sua cintura. Ele parecia querer beijá-la novamente, mas desta vez não seria apenas uma rápida pincelada dos lábios dele. Ela podia sentir as mãos dele ficando cada vez mais quentes quando os dedos dele se espalharam pela sua caixa torácica.

Se ela se inclinasse, ele a beijaria até que isso a consumisse, até que ela não pudesse respirar sem ele e ela ofegasse *sim* para o que ele pedisse.

Tella deixou ele segurá-la, mas ela não se inclinou. Ela não estava totalmente preparada para ele propor e ela definitivamente não estava preparada para isso. — Eu não tenho certeza se sei o que você está pedindo. Você está oferecendo para me fazer um dos seus artistas?

— Não. — Seus dedos acariciaram sua cintura para cima e para baixo. — Você seria diferente. Meus artistas não são imortais, apenas sem idade. Minha magia os impede de envelhecer, mas só posso trazê-los de volta à vida durante o Carnaval, quando meu poder está no auge. Fora do Carnaval, não há nada que eu possa fazer por eles. Mas como um imortal, se você morresse,

você sempre voltaria. Ninguém poderia te matar. Você nunca ficará velha ou fraca ou frágil. Você seria jovem, forte e viva para sempre.

As luzes ao redor deles brilhavam como pedras preciosas, girando e rodopiando e prometendo que uma eternidade com Lenda também estaria cheia de magia. Seria como viver em um dos seus sonhos. Mas por algum motivo, Tella não conseguiu dizer sim.

A boca de Lenda se abaixou e suas mãos se apertaram ao redor de sua cintura. — Eu pensei que você estaria mais animada. Dessa forma, podemos ficar juntos.

Ele ainda parecia querer beijá-la, mas, em vez de se inclinar, seus dedos brincaram com as fitas de seu corpete, soltando-os cuidadosamente para que suas mãos pudessem passar por suas costas nuas.

Seus olhos se fecharam. Apenas as pontas de seus dedos tocaram sua pele, mas Tella sentiu em todos os lugares. Ele disse a ela que ele não estava brincando com ela hoje à noite, mas ele definitivamente estava, embora ela se perguntasse se ele percebia isso.

As pessoas realmente não importavam para Lenda. As pessoas eram peças de jogo dentro do seu mundo. Ele até transformou a bruxa que o criou em um peão sacrificado para que ele pudesse continuar. E ainda assim, apesar de tudo, Tella queria acreditar que ele não a via assim. Em vez de se preservar, ela queria perseverar.

Ela queria acreditar que ele não iria quebrar seu coração novamente.

Ela queria acreditar que ele não estava manipulando ela, que ela era sua única exceção. Mas talvez Lenda não soubesse como fazer exceções. Talvez ele tenha enganado a todos.

Ele disse que nunca teve sentimentos como esse antes, e ele nunca se ofereceu para fazer alguém imortal, mas ele não se incomodou em mencionar a única fraqueza que ela aprendeu sobre a noite passada.

Imortais não podem amar. O amor é veneno para nós. O amor e a imortalidade não podem coexistir.

Em ocasiões muito raras nos deparamos com humanos que nos tentam amar... Se um imortal sente amor por um minuto, eles se tornam humanos por esse minuto. Se a sensação durar muito tempo, sua mortalidade se tornará permanente.

De repente tudo ficou claro. Tella entendeu por que Lenda apareceu em seus sonhos, mas manteve distância, recusando-se a tocá-la até hoje à noite, antes de fazer uma oferta para mudá-la.

Ontem à noite ela pensou que Lenda tinha sentimentos reais por ela – que ele poderia amá-la. Mas foi o oposto. Lenda não estava mudando – ele estava esperando mudá-la.

E ela não acreditava que fosse para não morrer. Lenda queria torná-la imortal para que ele não morresse.

Ele não a amava. Ele estava com medo de se apaixonar por ela, porque o amor era sua única fraqueza. Se Lenda a amasse, ele perderia sua imortalidade e se tornaria humano. Mas ele não teria que se preocupar se ela fosse imortal, porque os imortais não poderiam se amar.

Imortais sentiam obsessão, fixação, luxúria, possessão. E Lenda estava claramente experimentando essas coisas. Tella sentiu isso com cada pressão de seus dedos, enquanto ele continuava a brincar com as fitas de seu corpete e provocar toques quentes contra sua pele.

Ela pulou para trás, abrindo os olhos quando ela se soltou de seus braços.

Lenda brilhava mais forte, a luz de bronze ao redor dele fazendo tudo brilhar. Ele geralmente parecia humano, mas por um instante ele parecia dolorosamente imortal enquanto seus lábios perfeitos se franziam. — O que há de errado?

— Ontem à noite, descobri qual é a sua fraqueza.

Seus ombros endureceram. — O que você disse?

— Se você se deparar com um humano que faz você sentir amor, então você se torna mortal e, se o sentimento durar muito tempo, a mudança se torna permanente. O que me faz pensar que você não quer me transformar para me manter viva, você só quer me transformar para se manter vivo.

— Não. — Sua resposta foi inflexível e imediata. — Não é por isso que quero fazer isso. Eu quero que você seja imortal para que você não morra.

— Mas eu não quero a sua imortalidade, Lenda. Eu quero seu amor.

Ele deu um passo para trás. Ela nem achava que ele percebeu que estava fazendo isso. — Eu não posso te dar isso.

— Sim, você pode. Você apenas se recusa a escolher o amor sobre a imortalidade.

A luz em seus olhos se apagou e o mundo ficou um pouco mais escuro. — Mesmo se isso fosse verdade, você poderia me culpar?

— Não, — Tella disse honestamente. — Mas eu não quero ser como você. É por isso que eu não posso deixar você me fazer imortal.

Seus olhos encontraram os dela novamente. A luz ainda estava perdida, mas eles brilhavam de um jeito que a fazia lembrar de todas as coisas mágicas que ele podia oferecer. — Você vai se sentir diferente se você me deixar transformar você.

— Mas eu não quero sentir de maneira diferente. Eu quero sentir amor em todas as suas formas. Eu costumava ter tanto medo disso, mas agora acho que o amor é outro tipo de magia. Isso torna tudo mais brilhante, torna as pessoas mais fortes, quebra regras que não deveriam existir, é infinitamente valioso. Eu não posso imaginar minha vida sem isso. E se você sentisse algum amor em seu coração, você entenderia.

Tella encontrou seus olhos escuros.

Um lampejo de dor caiu em seu rosto. Mas se era real ou para convencê-la a concordar com o que ele queria, Tella não sabia dizer.

— Você vai morrer, Donatella.

— Eu já morri.

— Mas você não voltará desta vez.

— A maioria das pessoas não, mas não é por isso que você está me oferecendo isso. Isso facilita as coisas para você. Você não quer me amar e perder sua imortalidade.

Sua boca se abriu e fechou e se abriu novamente, e por um breve momento antes de falar, ele parecia totalmente perdido. — Não é que eu não queira amar você, Tella. Eu não posso amar você. — Sua voz era plana e vazia e totalmente sincera. Não soava como se ele estivesse dizendo isso porque ele era um imortal, mas porque ele realmente acreditava que ele era incapaz de sentir. Se isso fosse verdade, se ele realmente se achava sem coração, então talvez ele não estivesse realmente tentado a amá-la. Talvez ele só quisesse possuí-la. *Eu quero te manter.*

— Você não está pensando nisso direito. — Lenda alcançou a mão dela.

Uma semana atrás, seu coração teria disparado porque ele queria tocá-la. Mas ela se forçou a dar outro passo para trás. Ela não foi tentada pela

imortalidade, mas ela foi tentada por ele. Ela não poderia tocá-lo novamente se ela fosse fazer isso. — Eu não preciso pensar sobre isso. Às vezes você apenas sabe. E sei que não posso imaginar passar uma eternidade com alguém que nunca me amará.

Ela se virou para sair.

— Tella, espere...

Ela avançou. Ela nem se permitiu olhar para trás. O arco que ela atravessou para encontrá-lo se foi. Uma parede florida tomara o seu lugar. As pétalas aveludadas pareciam reais contra sua pele. Mas ela sabia que era apenas uma ilusão. Quase assim que ela as tocou, Lenda separou as flores e os ramos de sebes para deixá-la passar.

A passagem arborizada diante dela era mais fraca do que ela lembrava. Os vaga-lumes tinham desaparecido e um calafrio se infiltrara em seu lugar. Solavancos rastejaram pela parte de trás do pescoço dela. O frio deveria ter sido bom depois de sua conversa acalorada, mas o vento que soprava era fétido e errado, um sonho que deu errado.

Quando ela se esforçou para ouvir, não houve mais risadas partidárias; quaisquer passos que ela pegasse eram duros, fugazes.

Algo estava errado.

— Tella... — Lenda agarrou sua mão, aparecendo ao seu lado.

— Por favor, deixe-me ir.

— Isso não é sobre nós. — Ele cortou. Seu aperto nela se intensificou. Ele estremeceu, o rosto empalidecendo enquanto o brilho ao redor dele desaparecia.

— O que há de errado? — Tella perguntou.

Mais passos frenéticos ecoaram à distância, seguidos por uma série de gritos abafados. Folhas caíam das paredes do labirinto, decaindo quando caíam no chão.

— Saia daqui, — disse Lenda. — Vá para a torre e se tranque no seu quarto.

— Eu não estou me trancando em uma torre!

— Então fuja. Se você fizer alguma coisa por mim, faça isso – acho que os Destinos estão aqui.

Então seus lábios estavam nos dela. Grave. Rápido. Quente. E se foram

muito cedo.

Tella tropeçou para frente quando ele a soltou. O labirinto ao redor deles era apenas uma série de galhos esqueléticos e folhas podres. Tella podia ver através deles.

— Os Destinos estão fazendo isso?

— Tella, apenas vá! — Lenda rugiu.

O cheiro fétido no ar ficou mais forte e mais doce, grosso e doce como a morte, quando duas figuras sombrias apareceram do outro lado da sebe.

O sangue nas veias de Tella congelou.

A mulher pálida usava um tapa-olho cravejado de jóias, e o homem tinha um grande corte cortando sua garganta como se sua cabeça tivesse sido cortada e colocada de volta em seu pescoço. O Rei Assassinado e a Rainha dos Mortos-Vivos.

Seus joelhos se dobraram e sua garganta ficou seca.

Tella pegou a mão de Lenda, para levá-lo a fugir com ela. Mas uma sebe fresca surgiu entre eles, cortando-a.

— Não! — Ela bateu os punhos contra os ramos finos, espinhentos e inteiramente sem folhas do sebe. Era mais fraco que suas ilusões anteriores, mas era o suficiente para formar uma barreira entre eles.

— Príncipe Dante, — o Rei Assassinado disse lentamente. — Eu me pergunto se a história vai chamá-lo de Dante, o Morto ou apenas esquecer de você completamente depois desta noite.

— Trágico, — arrulhou a Rainha dos Mortos-Vivos. — Seu rosto teria parecido maravilhoso em uma moeda.

Antes que Tella pudesse pegar outra palavra, a sebe espinhosa diante dela se moveu. Pressionou contra seu peito, forçando-a a tropeçar para trás. Mais rápido e mais rápido, empurrava-a contra ela, afastando-a de Lenda e os Destinos.

Aquele bastardo! Lenda estava usando sua magia para afastá-la e ela era impotente para impedi-lo – ou os Destinos que vieram atrás dele.

Ela queria se virar, lutar contra a parede em suas costas e retornar a Lenda. Mas a parede mágica era implacável e ela odiava admitir que não havia nada que pudesse fazer contra os destinos, exceto a esperança de que ele fosse mais forte. Ela sobreviveu quando a Rainha dos Mortos-Vivos e Suas Servas

tentaram matá-la.

Lenda também sobreviveria.

Ele tinha que sobreviver.

À sua frente, o palácio brilhou, brilhante como a lua contra o céu negro. O único lugar na terra que não parecia estar em pandemônio.

O resto do terreno ainda estava escuro; todas as luzes da festa estavam agora vencidas. Mas Tella podia ouvir as pessoas lutando para sair do labirinto quando seus galhos começaram a rachar e desmoronar. Ainda havia alguns sorrisos e risadas ocasionais; algumas pessoas devem ter pensado que tudo isso fazia parte do jogo.

Se fosse Caraval, Tella teria acreditado o mesmo; ela imaginou que esse era o plano de Lenda. Mas ela sentiu o medo dele quando ele a beijou e depois a forçou a se afastar.

Os pés de Tella queimaram quando seus chinelos bateram contra o chão enquanto a sebe continuava a empurrar suas costas.

Ele raspou contra a terra. Ela podia sentir a agitação da sujeira e ouvir o esmagamento de seus galhos e— O chão abaixo de Tella tremeu. Ela disse a si mesma para continuar correndo. Mas ela não podia mais ouvir a cerca. Quando ela desacelerou, ela não sentiu nada nas suas costas. E quando ela se virou ela não viu.

A sebe, o labirinto, as borboletas esvoaçantes por toda a saia, tudo o que tinha sido a festa sumira. Tudo o que restou foram grossas torres de fumaça, girando para cima.

Não! Não! Não! Tella não sabia se ela gritava as palavras, se ela as engasgava, ou se apenas as pensava. Ela sabia que havia apenas uma razão para a magia de Lenda parar de repente.

Ele estava morto.

— Não! — Desta vez, ela definitivamente gritou a palavra. Então suas pernas cederam e ela caiu de joelhos.

O MEIO

Donatella

Tella podia sentir a terra negra sob suas mãos e joelhos, mas ela não sabia se estava seca ou úmida ou espinhosa com grama e gravetos.

E ela não sabia quanto tempo ela ficou lá, incapaz de se mover. Tudo o que ela sabia era que ela precisava se levantar. Ela precisava continuar se movendo, ela precisava continuar correndo, como Lenda tinha implorado para ela com suas últimas palavras.

Um soluço seco sacudiu seu peito enquanto ela tentava se levantar.

Lenda não estava morto para sempre. Não era como o que aconteceu com a mãe, que Tella nunca mais veria. Ele voltaria à vida.

Mas por enquanto, ele se foi.

Ela olhou de volta para os destroços que minutos atrás tinha sido o labirinto, mas ele não emergiu da fumaça.

Tumulto reinou onde horas atrás havia magia e borboletas. Ela podia ouvir o som de pessoas escapando, passos desajeitados e respiração pesada, daqueles que não estavam acostumados a correr.

Tella lutou para ficar de pé. Ela sabia que precisava fugir. Lenda pediu a ela para fugir com suas últimas palavras. Mas o que aconteceria com o corpo dele se ela fosse embora? E se os Destinos tivessem descoberto que ele era Lenda? E se eles pegassem seu corpo, para que quando ele voltasse à vida eles pudessem matá-lo mais e mais?

Tella correu de volta contra a multidão..

— Deixe a cidade! — Ela advertiu qualquer um que ela viu. — Saia daqui! — Ela não sabia se havia mais de dois Destinos por perto, mas se eles vieram matar o herdeiro de Elantine, eles não tinham medo da descoberta. E eles provavelmente assumiriam o palácio em seguida. Ao contrário dos terrenos lá fora, ainda estava claro e brilhante, intocado pela violência. Por enquanto. Quando os Destinos tomassem o palácio e depois o Império, as fontes provavelmente ficariam cheias de sangue.

Uma mão rígida segurou o ombro de Tella. — O que você está fazendo?

Ela ficou tensa, preparando-se para uma luta, mesmo quando reconheceu a voz; baixo e ressonante com um sotaque cadenciado que era apenas um pouquinho instável: Julian.

Era difícil ver o rosto dele no escuro. Mas o modo alarmante que os dedos dele cavaram no ombro dela foi o suficiente. *Ele já sabia o que tinha acontecido.*

— Precisamos voltar ao labirinto para pegar o corpo dele. — disse ela.

— Tella. — Julian apertou seu ombro. — Meu irmão está morto.

— Mas ele voltará à vida... certo? — Ela tentou se livrar da mão de Julian, ou talvez ela estivesse apenas tremendo.

— Ele é imortal, ele vai voltar.

— Por que você não parece mais certo sobre isso?

— Porque eu estou tentando salvar sua vida agora. Ele me fez jurar que se algo assim acontecesse com ele, eu te colocaria em segurança.

Julian soltou o ombro de Tella, agarrou-a pelo braço e puxou-a na direção oposta do palácio.

— Espere, espere... — Tella ofegou. — E quanto a Scarlett?

— Ela não está aqui. — Julian puxou com mais força a mão de Tella, forçando-a através de nuvens de fumaça. — Quando ela não apareceu para me encontrar no labirinto, eu fui encontrá-la... mas ela não está no palácio.

— Onde ela está?

— Com o conde.

— Mas... mas... — Tella engasgou. — Scarlett me disse que ela estava cancelando o jogo.

— Eu gostaria que ela tivesse, — Julian grunhiu, suas palavras entrecortadas enquanto ele insistia para ela correr mais rápido. — Quando

entrei em seu quarto, encontrei uma nota do conde pedindo para vê-la novamente hoje.

— Onde ele mora? — Tella perguntou.

— Nos arredores da cidade – além das ruínas ao sul do Distrito do Templo.

— Então é para onde vamos, — disse ela.

Houve uma pausa, cheia de nada além de respiração pesada, onde Julian poderia ter argumentado que ele deveria levar Tella para a segurança e então ele procuraria por Scarlett sozinho. Mas parecia que seu amor por sua irmã superava a promessa que fizera a Lenda, ou Julian sabia que não adiantava lutar com Tella. Foi por isso que Tella sempre gostou de Julian. Ele nunca desistiu de Scarlett.

Eles fugiram rapidamente pela cidade escura juntos, mas eles não se moviam mais rápido do que os rumores: — *O príncipe Dante está morto – esmagado até a morte por seu labirinto.*

— *O ex-herdeiro voltou e assassinou o príncipe Dante.*

— *O príncipe Dante foi morto por alguém no labirinto.*

— *Invasores tomaram a cidade e decapitaram o príncipe Dante.*

Algumas das afirmações estavam mais próximas da verdade do que outras, mas todas elas tinham uma coisa em comum: Lenda estava morto.

Seus passos vacilaram, mas ela não parou. Se alguma coisa, ela correu mais. Os Destinos ganharam mais uma rodada. Mas assim que Tella encontrasse sua irmã e Lenda voltasse à vida, todos visitariam o Mercado Desaparecido. Lá eles encontrariam uma maneira de destruir a Estrela Caída, e então eles poderiam parar os outros Destinos também.

Havia buracos em seus chinelos no momento em que ela e Julian passavam pela periferia da cidade ao amanhecer. Era um nascer do sol brilhantemente sangrento, como se alguém tivesse cortado as nuvens e se espalharam nuvens escuras de vermelho em vez de chuva. Em outra manhã, poderia parecer errado, mas naquele dia em particular parecia apropriado que até o céu parecesse violento.

Um trecho empoeirado de pastagens secas e amareladas repousava entre a cidade e a propriedade do conde. O triste latido de um cachorro era o único som, exceto pelo cansaço dos passos de Tella e Julian.

— Eu achava que a residência do conde era mais chique, — disse Tella.
— Scarlett descreveu como sendo muito melhor.

— Eu não acho que ela viu o que realmente era no outro dia. Eu acho que ela estava muito preocupada em encontrar o conde. E não cheirava tão mal.
— Julian pôs a mão sobre o nariz e a boca.

Tella fez o mesmo, nervos frescos arranhando seu estômago. O fedor era tão pútrido que ela parou quando chegaram à porta da frente. Estava rachado, escorrendo mais do odor miserável.

O cachorro latiu de novo, longo e choroso.

Tella parou quando a porta se abriu completamente e um terrível zumbido incessante se juntou aos gritos angustiados do cão invisível.

Ela não se lembrava de ter entrado, mas se arrependeria de entrar no resto de sua vida. Nenhum servo os cumprimentou, ou os avisou. Havia apenas o uivo sem fim do cão, o zumbido das moscas e as preces silenciosas de Tella.

Não deixe minha irmã estar morta.

Não deixe minha irmã estar morta.

Porque alguém certamente estava morto. O fedor mórbido piorou quando ela e Julian finalmente passaram pela entrada e chegaram à biblioteca aberta.

Tella balançou em seus pés quando viu o corpo do conde. Ou ela pensou que era o corpo do conde. Ele estava na biblioteca do segundo andar, sentado em uma grande cadeira atrás de sua mesa, e ele parecia como se a pele tivesse sido queimada de seu corpo.

O cachorro ao lado dele uivou de novo e sacudiu o rosto triste, tentando afastar os vermes e moscas dos banquetes dos restos do conde.

Tella tentou desviar o olhar do cadáver carbonizado; ela viu morte suficiente naquela semana. Ela não precisava olhar novamente. Ela nunca tinha visto um corpo esfolado com fogo – e ela desejou que ela não estivesse vendo isso agora. Mas ela não podia se afastar da cena macabra na frente dela. Não deveria ter sido possível. Se o conde tivesse sido queimado vivo, então outras partes de sua biblioteca deveriam ter pegado fogo. Mas era como se alguém tivesse instruído as chamas a só queimarem sua pele.

Tella recuou um passo quando algo que Jacks disse voltou para ela.

— *Pelo menos ele a esfaqueou em vez de queimá-la até a morte com seus poderes... O fogo é o modo mais doloroso de morrer.*

— Eu acho que sei quem fez isso, — disse Tella. — Eu acho que a Estrela Caída estava aqui para encontrar Scarlett.

Julian ficou totalmente cinza. — Por que ele iria querer Carmim?

— Por causa da nossa mãe. Antes de ele matá-la, a Estrela Caída disse que ela o forçou a voltar para dentro do amaldiçoado Baralho do Destino; ele deve ter estado livre uma vez antes, e nossa mãe o aprisionou novamente. Provavelmente não foi suficiente para ele apenas matá-la, agora ele está vindo atrás de suas filhas.

O que também explica por que o apartamento delas foi saqueado.

Tella esperava que estivesse errada. Ela não podia perder sua irmã da mesma maneira que ela perdeu a mãe. Mas ela não podia imaginar quem mais fizera aquilo ou por que alguém faria isso. Ela nunca gostou de Nicolas, mas o fato de que ele havia sido claramente torturado até a morte a fez pensar que ele não tinha desistido da irmã – ou pelo menos não facilmente.

Scarlett poderia ter conseguido fugir. Todos os empregados pareciam ter escapado, então talvez eles tivessem levado a irmã com eles. Ou talvez ela tenha conseguido se esconder e eles só precisassem encontrá-la.

Julian tentou puxar o cachorro do quarto enquanto iam caçar Scarlett. Mas o animal não saíria; continuou uivando e guardando seu mestre morto enquanto Tella e Julian vasculhavam cada centímetro da propriedade procurando Scarlett.

— Carmim! — gritou Julian, e Tella juraria que seus olhos estavam vidrados. Ele não estava chorando, mas ele estava perto. — Carmim!

— Scarlett! — Tella chamou ao mesmo tempo, repetindo o nome até que sua garganta ficou crua. Sua visão entorpecia as bordas enquanto ela vasculhava armários, adegas e quartos empoeirados cheios de móveis cobertos de pano. Quando ela e Julian completaram a busca, as pernas de Tella tremiam, ela estava coberta de umidade e não encontrou sinais de que Scarlett estivesse lá.

Julian era uma bagunça suada também. O cabelo grudado na testa e a camisa grudada no peito quando eles tropeçaram para longe da casa e para os estábulos vazios. Era o único lugar na propriedade que não cheirava a morte.

Mas Tella não queria descansar lá. Ela não queria se enrolar no feno e comer a comida que Julian havia roubado da cozinha. Ela não queria reviver

nenhum horror ou sentar-se em silêncio enquanto seus piores medos se tornavam realidade. Ela já havia perdido a mãe e Lenda. Ela não podia perder sua irmã.

Seu peito ficou apertado e, por um momento desesperado, Tella desejou que Jacks estivesse lá para tirar a dor.

Scarlett

Scarlett esperou que o mundo se agitasse, que o barco balançasse e que seu estômago revolvesse. Mas apenas o estômago dela atendeu às expectativas. Ele borbulhava de desconforto quando ela se sentou em uma cama macia e abriu os olhos para descobrir que tudo era colunas de creme e ouro, carpetes e roupas de cama, com toques delicados de rosa.

Nada era roxo, a cor da assinatura do pai. Ela não sentiu o cheiro do perfume dele ou viu o rosto odioso dele. No entanto, Scarlett sentia-se longe de estar segura enquanto deslizava para fora de uma cama em forma de lua crescente e coberta de lençóis rosa finos.

Com as pernas desajeitadas, ainda instáveis por qualquer coisa com que tivesse sido drogada, Scarlett atravessou as colunas, todas cobertas de cabeças de querubins com olhos de animal. Adorável e errado. Mas eles não eram tão perturbadores quanto os afrescos de humanos com partes de animais pintadas no teto.

Alguém tinha um senso de decoração muito distorcido.

Seu estômago revirou quando ela alcançou as janelas do chão ao teto e rapidamente puxou as cortinas.

Mais arcos sem fim e arcadas de ouro e branco. Scarlett não sabia onde estava, mas não estava em um barco nas docas ou no oceano. Parecia que ela viajara de volta no tempo antes que as ruínas de Valenda fossem ruínas.

Scarlett se virou e correu, com os pés cobrindo tapetes de creme fofos,

para procurar uma porta. A Chave da Fantasia ainda estava em seu bolso; tudo o que ela precisava encontrar era uma fechadura. Mas a única coisa que encontrou foi um véu de cortinas cor-de-rosa, pouco mais grossas do que os lençóis transparentes na cama.

Scarlett separou-os e entrou numa sala cheia de mais afrescos.

Mas foi a gaiola dourada que lhe forçou uma pausa. Tomava quase metade do quarto. Do outro lado da jaula havia uma porta. Mas dentro da gaiola havia uma jovem em um vestido de lavanda, sentada em um balanço como um pássaro de estimação.

Scarlett poderia ter passado por ela. A cabeça da mulher em cativeiro estava gentilmente curvada e os olhos fechados, como se ela tivesse apenas se embalado para dormir. Se Scarlett estivesse quieta, ela nem sequer a acordaria. Mas ela não conseguiria escapar e deixar outra garota em cativeiro.

Scarlett deu um passo cauteloso para perto.

Não havia cores doentes girando em torno da jovem cativa, mas Scarlett sentiu uma onda de incerteza quando se aproximou. Havia algo muito familiar sobre tudo isso, mas sua cabeça ainda estava muito confusa com as drogas para desvendar o que poderia ser.

A fechadura reluzente na porta de ouro da gaiola era maior que o punho de Scarlett. Ela estendeu a mão para o bolso, imaginando se ela abriria com a Chave da Fantasia, mas seu vestido fechou o bolso antes que seus dedos pudessem alcançar. No momento exato, a cabeça da mulher em cativeiro se ergueu, revelando olhos lavanda em alerta da mesma cor que o vestido dela.

— Você não é preciosa? — Sua voz estava áspera como se ela não tivesse falado por um longo tempo. — Infelizmente, você não pode me libertar, pequeno humano. Só a sua verdadeira morte me permitirá deixar esta jaula.

— Mas eu nunca posso realmente morrer, — disse uma nova voz.

Scarlett se virou.

Por um momento ela pensou que estava olhando para um anjo.

O homem largo à sua frente estava vestido no mais puro branco e cercado por faíscas que a faziam pensar que o ar ao seu redor estava a um instante de pegar fogo.

Scarlett jurou que a gaiola dourada ao lado dela parecia mais sem graça agora que ele estava perto dela. Sua pele cor de oliva brilhava e seu cabelo

castanho espesso tinha mechas de ouro que combinavam com seus olhos brilhantes. Ele claramente não era humano.

— Olá, Scarlett. — O homem diante dela curvou a boca lentamente. Poderia ter sido um sorriso convincente, exceto por seus olhos dourados, que brilhavam e se enrugavam nos cantos um segundo tarde demais, como se precisasse lembrar a si mesmo que um sorriso deveria tocar todo o seu rosto. — Você parece exatamente com a sua mãe. Mas ela nunca teria feito uma pausa para libertar Anissa se ela achasse que poderia ter escapado. Paradise era implacável.

Ele disse que a palavra *implacável* do jeito que alguém poderia ter dito a palavra *bonita*. Seu sorriso chegou a atingir os olhos dessa vez, fazendo-os brilhar como estrelas roubadas; eles brilhavam mais brilhantes que as faíscas ao redor dele, que aqueciam a sala como chamas genuínas. Instantaneamente Scarlett sabia exatamente quem era o imortal diante dela – a Estrela Caída. O Destino que matou sua mãe na frente de Tella.

Scarlett vacilou para trás, os ombros batendo na gaiola. Ela não sabia o que a Estrela Caída queria com ela, mas ela não queria descobrir. Ela tentou passar por ele em direção à porta.

— Isso seria um erro. — Sua mão caiu sobre o ombro de Scarlett, pesada e forte o suficiente para esmagar seu braço inteiro com um aperto.

— Gavriel, seja um pouco gentil ou você vai quebrá-la, — disse a mulher na gaiola.

A Estrela Caída relaxou a mão, mas não soltou. — Eu não quero te machucar. Eu trouxe você para o Alojamento para sua proteção.

A única coisa de que Scarlett precisava de proteção era dele.

Mas dizer isso era provavelmente uma ideia terrível. Ela tentou se concentrar no que ele havia acabado de dizer. Quando ela saísse de lá – porque ia sair – ela queria poder dizer aos outros exatamente onde ela estava. — Não é o Alojamento um dos lugares Predestinados?

Ela não tinha estudado os lugares Predestinados, tanto quanto os imortais Predestinados, mas ela lembrou que o Alojamento era um tipo de zoológico cheio de quimeras mágicas e humanos com partes de animais, o que explicava todos os afrescos perturbadores e a mulher na gaiola ao lado dela.

Scarlett se perguntou se o cativo era o que ele planejava para ela

também. Seus pensamentos em espiral não lembravam muito sobre a Estrela Caída, além de que ele fez todos os Destinos, e matou sua mãe. Talvez ele também colecionasse mulheres como animais de estimação e Scarlett fosse sua próxima aquisição.

— Eu acho que você ainda está assustando ela, — disse a jovem mulher na gaiola.

— Você não precisa me temer, *auhtara*. — Seu aperto no ombro dela relaxou um pouco mais quando ele usou aquela palavra estrangeira novamente. Scarlett estava familiarizada com as línguas, mas era como nada que ela já tivesse ouvido.

— Por que você continua me chamando assim?

Seus dentes brilharam com outra tentativa de um sorriso que era tudo que não deveria ser. — É minha língua nativa, para *filha*.

A sala enfeitada girou em torno de Scarlett. Ela não sabia se ele estava tentando assustá-la ou surpreendê-la. Ela queria ter esperança de que fosse uma piada distorcida. Mas ela duvidava que esse imortal fosse capaz de brincar. Ele era o monstro contra o qual outros monstros se mediam. Se o que ele disse era verdade, Scarlett não tinha certeza do que isso fazia dela, mas ela nem queria saber.

Ela não queria acreditar nele.

Ele tinha que estar enganado.

Ele tinha que estar errado.

Isso tinha que ser um erro. Ela já tinha um pai assassino e sedento de poder. Ela não merecia outro.

Isso não podia ser verdade, mesmo que, no fundo, uma parte de Scarlett a lembrasse como as pessoas costumavam comentar que Tella era parecida com o pai dela, mas Scarlett não tinha nenhuma semelhança com ele. Sua mãe também se casara com o pai depois de um romance vertiginoso, que Scarlett tinha ouvido falar de criados sussurrando alguns anos atrás. Eles disseram que foi apenas um casamento rápido porque Paloma estava grávida – e algumas das empregadas juraram que não era com o filho de Marcello Dragna.

— Isso teria funcionado melhor se você não tivesse sequestrado ela primeiro, — repreendeu a jovem mulher na gaiola. — Pobre garota está em

estado de choque.

— Quieta, Anissa, ou amanhã você vai acordar em uma gaiola menor. — A Estrela Caída voltou sua atenção para Scarlett. — Eu posso ver que você está tendo dificuldade em acreditar nisso, mas você deve ter tido alguma inclinação por não ser totalmente humana.

Existe alguma coisa que você possa fazer que a maioria dos humanos seja incapaz de fazer?

— Mas eu sou humana, — Scarlett protestou, mesmo quando ela viu tons assustadores de brilhante redemoinho roxo ao seu redor.

Foi um presente que ela sabia que não era normal, assim como sua capacidade mais recente de ver os sentimentos dos outros. — Eu não sou um Destino.

— Não, você não é um Destino, mas como minha filha, você pode se tornar um. — Seu sorriso desumano se ampliou. Ela imaginou que ele estava tentando ser reconfortante, mas não havia nada remotamente reconfortante sobre um homem que acabara de dizer a uma mulher em cativeiro que a colocaria em uma gaiola menor e que ele também poderia transformar Scarlett em um monstro.

— Diga-me, *auhtara*, o que você pode fazer?

Scarlett engoliu em seco. Ela não queria responder a ele. Mas ela sabia que isso era um teste, e ela não queria descobrir o que aconteceria se falhasse. — Eu sempre vi minhas próprias emoções em cores, — ela admitiu, — mas recentemente eu comecei a ver os sentimentos de outras pessoas também.

— Você pode ver alguma das minhas emoções? — Ele perguntou, a voz ainda suave. Outro teste, e desta vez Scarlett não sabia qual era a resposta correta. Ela imaginou que a maioria das pessoas não iria querer que ela espionasse suas emoções. Se o pai que a criara perguntara isso a Scarlett, a resposta correta certamente seria não. Mas a Estrela Caída foi o Destino que criou todos os outros Destinos. Ele não queria uma filha sem talento.

Scarlett respirou calmamente.

Ela nunca tentou intencionalmente ver as emoções de outra pessoa, e a Estrela Caída era um Destino, não um humano. Mas aparentemente, ela não era inteiramente humana também.

Scarlett ficou um pouco mais ereta, empurrando todo o seu medo,

preocupação e terror para o lado até que vislumbrou cores que não eram dela. Ela esperava vermelhos irritados e roxos perversos.

Mas a Estrela Caída era feita de ouro magnífico.

Ele estava satisfeito e ficou mais satisfeito com o momento. Ela podia ver indícios de verde ansioso enquanto ele assistia ela usar seus poderes para lê-lo.

— O que você vê? — Ele perguntou.

— Você está feliz por eu estar aqui, mais feliz do que você esperava... e você está orgulhoso. Eu posso ver fagulhas de cobre ao redor de você enquanto eu estou falando.

Scarlett não conseguiu evitar; ela se encolheu. Se ele quisesse sequestrá-la ou colocá-la em uma jaula, ela não era forte o suficiente para detê-lo. Mas ela nunca aceitaria afeto dele. Talvez não tenha sido a maneira mais inteligente de sobreviver, mas nem tudo era sobre sobrevivência.

A mão da Estrela Caída caiu, mas para sua surpresa, ele deu outro sorriso desumano. — Se você tivesse me aceitado com muita facilidade, eu ficaria desapontado. Mas você não vai continuar lutando comigo. Você é minha única filha. Quando eu subir ao trono, compartilharei todo o Império Meridiano com você, se você se tornar o que eu quero que você seja.

Ele acenou com uma mão enorme e o horror de Scarlett aumentou, enquanto faíscas no ar explodiam em chamas que enchiam o espaço acima de suas cabeças e se transformavam em formas brilhantes. Ela viu uma imagem de si mesma sentada em um trono em um vestido de festa completo com um diadema de jóias no topo de sua cabeça e uma fila de pretendentes, alguns de joelhos, outros com as mãos estendidas com presentes elaborados.

— Eu posso realizar todos os seus sonhos mais loucos quando você entrar em seus poderes. Eu posso te fazer um Destino, como eu.

Scarlett conteve-se ao dizer que assumir o império com ele ou se tornar um Destino não era um dos sonhos dela, quando ele acenou com a mão novamente e a imagem de fogo mudou.

Scarlett ainda estava sentada na sala do trono, mas agora ela estava aos pés da Estrela Caída e, em vez de um diadema descansando em sua cabeça, havia uma gaiola em volta.

— Vou deixar você escolher o futuro que você quer. Pense nisso enquanto

eu estiver fora. Minha adorável Senhora Prisioneira fará companhia a você e lembrará o que acontecerá se você tentar deixar o Alojamento.

Ele acariciou as barras da gaiola dourada e Scarlett percebeu por que essa jovem era tão familiar. A Senhora Prisioneira era outro Destino. No Baralho do Destino, seu cartão tinha um duplo significado: às vezes sua foto prometia amor, mas geralmente significava sacrifício.

Scarlett não conseguia lembrar quais eram os poderes da Senhora Prisioneira, mas ela esperava que não fosse uma forma de adivinhação quando os olhos da jovem mudaram de roxo para branco quando ela disse: — Estou ansiosa para vê-la se transformar no que ele quer.

Donatella

Tella esperava encontrar Lenda quando ela finalmente sucumbiu ao sono. Ela não se importava se ele estava distante por sua rejeição ou ainda um pouco morto, ela só esperava que ele estivesse lá. Suas saias azul-céu rasgadas arrastaram-se pelo chão do Castelo de Idyllwild, pegando pedaços de glitter abandonado de estrelas de papel descartadas, enquanto ela procurava um salão de baile que não tinha baile.

Ela sabia que estava sonhando, mas tudo parecia mais uma lembrança abandonada. Diferentemente da primeira noite do último jogo do Caraval, quando Dante a acompanhou até aqui, o salão de baile ficou em silêncio, exceto pela queda de algumas fontes de festa patéticas. Durante o último Caraval, eles fluíam com vinho, mas agora mal derramava um líquido vermelho enferrujado da cor dos corações partidos.

Jacks saiu da gaiola no centro em um borrão elegante de roupas amassadas e meio abotoadas. Cabelos dourados cobriam seus olhos e brilhavam mais intensamente do que qualquer coisa na sala. Ele parecia indomável e mais bonito do que Tella queria admitir.

Seus movimentos eram indolentes mas graciosos quando ele cortou uma fatia de uma maçã azul-celeste, a mesma cor exata de seu vestido.

Suas bochechas pareciam subitamente coradas quando ele colocou a fatia de fruta em sua boca e deu uma grande mordida.

— O que você está fazendo aqui? — Ela exigiu.

— Não me divertindo tanto quanto eu esperava. — Ele se aproximou. Ele cheirava especialmente à noite divina – o cheiro de maçãs era combinado com um rico tempero que ela não conseguia identificar. Ela tentou dizer a si mesma que só gostava porque, quando estava acordada, só conseguia sentir o cheiro da morte, mas quanto mais Jacks se aproximava, mais ela lutava contra o desejo de inalá-lo. Algo estava muito errado com esse sonho.

— Isso não é o que eu quis dizer, — disse ela. — Eu só lhe dei permissão para entrar em meus sonhos por uma noite.

— E ainda assim você não tentou me manter fora hoje à noite?

— Seus lábios perfeitos brincaram com a ponta afiada de sua lâmina.

— O que você estava pensando antes de dormir?

— Não sobre você.

— De verdade? — Ele provocou. — Você não estava desejando que eu estivesse lá para fazer você se sentir melhor? — Ele continuou brincando com a faca, mas o olhar em seus olhos sobrenaturais suavizou quando seu olhar percorreu seus cachos indomados até suas mãos sem luva, até que pousou na bainha desfiada de seu vestido de baile destruído. Ela quase pensou que ele estava preocupado, até que ele disse: — Você parece infeliz.

— Não é educado dizer isso a uma garota, — ela retrucou.

— Eu não vim aqui para ser educado, meu amor. — Ele deixou cair a faca no chão com um barulho e aproximou-se. — Estou aqui porque você me queria.

— Não, eu não queria.

— Então, você não quer que eu tire sua dor? — Seus olhos eram o azul impecável do vidro do mar polido. — Eu posso fazer você sentir do jeito que quiser quando acordar. Tudo o que você precisa fazer é pedir.

Ele segurou sua bochecha com a mão fria e se inclinou para mais perto.

Ela deveria ter se afastado. A palavra *obsessão* voltou à sua mente. Mas quando Jacks a tocava, ela não conseguia se preocupar se era uma ideia horrível ou odiava a sensação dele como deveria.

Sua pele fria era calmante contra sua bochecha aquecida, persuadindo-a a fechar os olhos, a inclinar-se para ele, a tomar o que ele estava oferecendo.

— Isso não parece melhor? — Seus lábios frios estavam em seu ouvido, roçando a pele sensível. — Basta dizer sim e eu vou tirar tudo o que dói. Eu

posso fazer você esquecer tudo. E eu posso te dar coisas que o seu príncipezinho morto não poderia.

Um arrepio atingiu a espinha de Tella e seus olhos se abriram.

Isso não era o que ela queria. Tudo o que doía era tudo com o que ela se importava – Lenda, sua mãe, Scarlett, os Destinos assumindo o império.

Tella sacudiu a cabeça e se afastou. Ela não precisava de Jacks para fazê-la se sentir melhor. Ela precisava acordar, precisava encontrar sua irmã e então precisava ir ao Mercado Desaparecido para comprar um segredo que pudesse lhe dizer como destruir a Estrela Caída. Ela não precisava apagar sua dor; ela precisava disso para impulsioná-la em ação. Só porque era uma emoção negativa, não significava que não fosse valiosa. — Não estamos fazendo isso.

Jacks balançou de volta em seus calcanhares e passou a língua sobre as pontas dos dentes. — Você não quer se sentir melhor?

— Não, e eu não quero você!

Ele riu, jogando para trás sua cabeça dourada e fazendo o som ecoar pelo salão de baile abandonado. — Você diz isso, meu amor, mas uma parte sua quer, ou eu nem estaria aqui.

Scarlett

Scarlett fingiu não estar apavorada. Ela fingiu que não estava presa dentro do Alojamento Predestinado. Ela fingiu que, em vez de tons petrificados de ameixa, seus sentimentos eram tons pacíficos de rosa que combinavam com a cama crescente que ela se obrigou a deitar.

Ela queria usar a Chave da Fantasia no momento em que a Estrela Caída saísse. Mas a Dama Prisioneira não tirou os olhos de alfazema de Scarlett. Por causa de sua gaiola, o Destino não impedia fisicamente Scarlett de sair, mas Scarlett não queria que a Dama Prisioneira gritasse para alertar um guarda antes que ela pudesse escapar. Seria mais seguro fugir depois que o Destino adormecesse.

— O que quer que você esteja planejando, você pode confiar em mim com isso. — A Dama Prisioneira delicadamente saltou de seu poleiro e caminhou até a beira de sua jaula, observando Scarlett entre barras de ouro. O sorriso dela era muito mais convincente do que o de Estrela Caída, mas ela era um Destino e, apesar de estar presa, parecia bastante leal a Estrela Caída antes de ele ir embora.

O outro pai de Scarlett, Marcello, tinha guardas como este, guardas mais jovens que ele disse para ser amigo de suas filhas com o objetivo de ficar de olho nelas.

— Não estou planejando nada, — disse Scarlett.

— Claro que você está, — disse o Destino.

— Você está me dizendo isso por causa do seu poder? — Scarlett ainda não confiava no Destino preso, mas ela estava curiosa sobre ela. Ela podia lembrar o que seu cartão representava, mas ela ainda não conseguia se lembrar de sua habilidade. — Quando seus olhos ficaram brancos mais cedo, você estava vendo o futuro?

— Eu costumava ver o futuro, amada. Antes de eu estar nessa gaiola, eu era amada pelos meus dons. As pessoas temiam os outros Destinos, mas me adoravam e sabiam que podiam confiar em mim porque não posso mentir. Esta gaiola escureceu meus dons. Agora vejo apenas pequenos vislumbres de coisas que acontecerão.

Ocasionalmente, recebo indicações de quais escolhas são melhor seguidas ou deixadas sem serem feitas. Mas o único dom irrestrito que ainda tenho é minha incapacidade de mentir.

Scarlett observou o Destino com ceticismo quando ela começou a dedilhar as barras de sua gaiola. O pouco sobre ser incapaz de mentir soava familiar, mas isso não fez Scarlett confiar nela.

— Você ainda está me olhando como se eu fosse sua inimiga, mas estou muito mais presa do que você. Você sabe como é horrível ser mantida como um animal de estimação?

Não. Mas Scarlett tinha a sensação de que, se não saísse logo, descobriria. — Por que ele colocou você na gaiola?

— Não foi só ele; foi outro Destino, o Apótico – ele pode mover metais e pedras com sua mente. O Apótico formou a jaula e Gavriel selou com o fogo dele para fazer isto impenetrável para qualquer um exceto para ele. Ele fez a mesma coisa com a Donzela da Morte, quando ele tinha o lugar Apótico, uma gaiola de pérolas ao redor de sua cabeça. Como ela, eu não serei livre até que ele esteja realmente morto.

Seus olhos violetas se encheram de tristeza, mas Scarlett podia ver fios roxos violentos girando em torno dela. Ela não era leal a Estrela Caída, mas isso não significava que ela seria leal a Scarlett.

Tudo o que importava para a Senhora Prisioneira era sair de sua jaula.

— Gavriel tem prazer em distribuir punições. Se você for esperta, vai me ouvir. Depois que ele conquistar a coroa do Império Meridiano, será uma dinastia de terror. A única razão pela qual ele não está sentado no trono agora

é porque ele adora brincar com humanos e quer que seus súditos o adorem antes que eles o odiem.

— Ele não vai se safar, — disse Scarlett. Lenda não era seu favorito, mas ele faria tudo ao seu alcance para manter seu trono.

— Oh, querida, — suspirou o Destino. — Ele já começou a se safar. Enquanto você estava dormindo como uma donzela angustiada, Gavriel enviou alguns de seus leais Destinos para matar o próximo imperador.

Scarlett sentiu todo o sangue escorrer de seu rosto. Lenda não poderia estar morto. Lenda era imortal. Imortais não deveriam morrer.

Mas Scarlett sabia melhor do que a maioria que Lenda poderia ser morto — ela viu seu corpo morto durante o primeiro Caraval. Ele voltaria à vida, eventualmente. Mas se ele estava realmente morto agora, então o que aconteceu com Julian e Tella?

Quando Scarlett saiu para encontrar Nicolas, tanto Tella quanto Julian estavam no palácio. Tella sabia quando correr. Mas Julian gostava de lutar — ele era o irmão de Lenda; ele fazia parte de seus jogos e agora sua corte. E ao contrário de Lenda, Julian era mortal.

Se ele morresse fora do Caraval, ele não voltaria à vida.

A boca de Scarlett ficou subitamente seca. Ela realmente tinha que sair de lá e encontrar Julian e sua irmã.

— Fico feliz em ver que você está finalmente acreditando em algo que eu disse. O Rei Assassinado e a Rainha dos Mortos-Vivos estão no comando. Seus livros de história dizem que eles eram nossos governantes, mas eles respondem a Gavriel. Ele lhes deu ordens para tornar todo mundo o mais infeliz possível até que toda a cidade fique aterrorizada. É quando Gavriel entra como um salvador e faz sua reivindicação pelo trono. A essa altura, as pessoas estarão ansiosas para acreditar em qualquer mentira que ele disser. A menos que você decida pará-lo.

A Senhora Prisioneira agarrou as barras de sua jaula enquanto espiava Scarlett pela sala.

— Você deve se tornar o que ele mais quer. Só você tem o poder de derrotá-lo. — Os olhos do Destino piscaram de lavanda para branco leitoso. Então seus ombros caíram. Ela soltou as barras, voltou ao seu poleiro, fechou os olhos e voltou a dormir, como se não tivesse dito a Scarlett que o mundo

estava acabando e que era seu trabalho salvá-lo.

Mas as únicas pessoas que Scarlett poderia pensar em salvar naquele momento eram Tella e Julian. Ela precisava fugir e se certificar de que eles estavam seguros.

Ela sentou-se na cama baixa, as pernas saltando para cima e para baixo, incapaz de fingir que não estava apavorada. Anissa parecia estar dormindo, mas Scarlett esperou até que sua respiração soasse mais como uma série de roncos suaves.

Scarlett levantou-se cautelosamente e deu um passo.

O Destino continuou com seus roncos.

Scarlett deu outro passo.

E outro.

E outro. E então, sem querer, ela estava correndo em direção às portas principais e empurrando a Chave da Fantasia dentro da fechadura.

Julian. Julian. Julian.

Pensar o nome de Julian quando ela virou a chave foi a decisão mais rápida que ela já tomou. Se ele estivesse vivo, ela precisava— Seu pensamento foi interrompido quando ela entrou pela porta e encontrou-se de pé sob um velho patamar de madeira, olhando para um mar de palha e feno, com um menino lindo e cansado no centro de tudo.

A jaqueta dele tinha ido embora, as mangas da camisa dele estavam enroladas, as calças dele estavam rasgadas, e o coração dela pulou em sua garganta no instante em que ela o viu.

Os olhos âmbar de Julian brilharam ao vê-la e, provavelmente, ao ver seu vestido, que havia se transformado em um vestido de baile brilhante, com uma saia cheia coberta de rubis. Era difícil entrar correndo, mas isso não impediu Scarlett de se jogar para frente e jogar os braços ao redor dele.

Ele cheirava a sujeira, lágrimas e perfeição. E ela decidiu então que ela nunca, nunca o deixaria ir. Ela desejou que houvesse uma maneira de amarrar seu coração ao dele, de modo que mesmo quando eles estivessem separados, eles ainda estariam ligados.

Havia coisas neste mundo para realmente ter medo, mas amar Julian não era uma delas. — Estou tão feliz por você estar vivo! Quando ouvi o que aconteceu com Lenda, fiquei apavorada por você ter se machucado também.

— Estou bem. Eu estou bem. — Julian a segurou com mais força, como se ele nunca quisesse deixá-la ir também. — Estava preocupado com você. Como você chegou aqui?

— Eu usei a chave. — Scarlett se afastou, apenas o suficiente para ver seus olhos. — Eu tinha que encontrar você.

Antes que Julian pudesse responder, ela se recostou e o beijou com tudo o que tinha.

Assim que os lábios de Scarlett encontraram os dele, seus dedos amarraram em seus cabelos, e sua língua varreu sua boca, tomando conta de cada centímetro dela.

Ele geralmente era doce quando ele beijava, todo adorando os lábios e gentilmente explorando com as mãos. Mas não havia nada de doce nesse beijo. Estava desesperado e devorador. Um beijo com dentes e garras, como se precisassem se segurar com mais do que apenas as mãos. A parte de trás do vestido desapareceu, e então as mãos de Julian estavam lá, marcando sua pele nua.

Ela sabia que havia outras coisas importantes que provavelmente precisavam ser discutidas, mas nada parecia mais crítico do que isso. Se os últimos dias tivessem provado alguma coisa, era o quão dolorosamente rápido o mundo poderia se inclinar e mudar. Pessoas morreram. Pessoas foram levadas. As pessoas eram muito diferentes de como Scarlett imaginava que seriam.

Mas Scarlett sabia quem era Julian. Ele era falho e imperfeito, imprudente e impulsivo. Mas ele também era apaixonado, leal e amoroso – e ele era quem ela queria. Sua mão era a mão que ela queria segurar. Sua voz era o som que ela queria ouvir, e seu sorriso não era apenas algo que ela queria ver; ela queria ser a razão disso.

Ele nunca seria perfeito; ele disse isso a ela. Mas ela não queria a perfeição – ela só queria ele. As mãos dela foram para os botões da camisa dele.

— Espere, Carmim... — Julian gentilmente agarrou seus pulsos. — Por mais que eu esteja gostando disso, precisamos fazer uma pausa.

Ele removeu cuidadosamente as mãos da camisa. Houve um lampejo de vermelho em seu braço enquanto ele se movia, onde estava o curativo. Ele se

foi agora, e em seu lugar, na parte de baixo de seu braço, estava uma estrela tatuada preenchida com um forte tom de tinta vermelha.

Lágrimas instantaneamente picaram nos cantos dos olhos dela.

— É escarlate, — ela engasgou.

Julian deu-lhe um sorriso tímido. — Na verdade, é carmim.

— Mas, mas, — Ela gaguejou sobre o que dizer. Ele fez isso quando eles não estavam se falando e ele não tinha certeza de que estariam juntos.

— Eu não queria esperar, — disse ele, facilmente lendo seus pensamentos em seu rosto. — Eu sabia que, se eu voltasse e as coisas não dessem certo, me arrependeria de perder você, mas nunca me arrependeria de ter um lembrete de você.

— Eu amo você, Julian.

Seu sorriso poderia ter salvado o mundo. — Graças aos santos mortos, eu estive esperando para ouvi-la dizer isso. — Sua boca bateu contra a dela, consumindo-a mais uma vez.

— Eu deveria ter dito a você mais cedo, — disse ela, falando as palavras entre os beijos, incapaz de segurar. — Eu deveria ter dito a você no minuto em que deixamos a propriedade de Nicolas e percebi que o jogo que eu fiz era um erro. Eu escolho você, Julian, e prometo que sempre escolherei você e sempre amarei você. Eu vou te amar com todos os ossos do meu corpo, para que mesmo depois que meu coração parar de bater, uma parte de mim permaneça para amar você para sempre.

Julian a beijou novamente, desta vez mais doce, lábios atentos e suaves enquanto ele sussurrava palavras contra seus lábios. — Eu te amei desde aquela noite em que você apareceu na praia em Trisda, pensando que poderia me subornar para fugir sem você. Eu pude ver como você estava apavorada quando eu apareci, mas você não recuou.

— E então você me sequestrou.

Seu sorriso se tornou lupino. — Isso foi sua irmã. Mas eu tenho tentado roubá-la desde então. — Suas mãos amassaram suas costas enquanto ele a puxava para outro beijo.

Mas Scarlett se assustou com um barulho vindo de cima.

De repente ela olhou para cima e viu Tella olhando para baixo do palheiro. Ela parecia como se tivesse acabado de acordar de um sono muito

insatisfatório. Seu cabelo estava cheio de feno, seus olhos estavam vermelhos e seus lábios estavam virados para baixo.

Scarlett

Tella parecia do jeito que Scarlett se sentia logo depois de ter sido levada por Estrela Caída. Exhaust e quebrada e não totalmente certa do que fazer a seguir.

— Scar, — Tella disse, sua voz rouca de acordar. O som irregular de seus pés se arrastando e ela desceu correndo a escada do sótão. Antes de chegar ao último degrau, ela pulou para a frente e jogou os braços ao redor de Scarlett. — Estou muito feliz por você estar bem.

— Nada vai acontecer comigo. — Scarlett apertou a irmã de volta. — Me desculpe, eu não te disse onde eu estava indo. Encontrar Nicolas foi um erro.

O celeiro ficou em silêncio. Tudo o que Scarlett pôde ouvir foi o crepitar do feno sob Tella e Julian enquanto trocavam olhares conturbados.

— O que aconteceu?

Tella soltou sua irmã quando Julian puxou a nuca.

— O que aconteceu? — Scarlett repetiu.

— Nicolas está morto, — disse Tella. — Achamos que ele foi assassinado por Estrela Caída.

Se Scarlett fosse capaz de sentir mais emoção, suas pernas poderiam ter cedido, ou ela poderia ter sentido lágrimas nos olhos pelo homem com quem ela pretendia se casar. Mas por um instante, as únicas cores que ela podia ver eram preto e branco, como se suas emoções estivessem se desligando para que elas não a consumissem.

Ela nunca imaginou que seu jogo teria terminado assim.

— Como você sabe que foi Estrela Caída? — Perguntou Scarlett.

— Por causa da maneira como ele foi morto, — respondeu Julian, olhando para baixo. — Ele foi queimado.

— Pobre Nicolas. — Scarlett apertou os braços contra o peito, desejando poder voltar no tempo, desejando ter perdoado Julian mais cedo e nunca ter reacendido as coisas com Nicolas. A Estrela Caída, sem dúvida, tinha vindo aqui para procurá-la, e Nicolas pagou o preço.

— Como você escapou? — Tella perguntou. — Onde você esteve?

Era tentador inventar uma mentira. Depois de finalmente confessar seus sentimentos a Julian, Scarlett não queria que Julian a visse de maneira diferente. E Tella parecia tão frágil já. Scarlett imaginou que uma pena poderia tê-la derrubado; descobrir que o Destino que matou a mãe delas era o pai biológico de Scarlett poderia quebrá-la. Mas era muito perigoso manter um segredo.

Scarlett começou com a informação menos chocante, contando a Tella sobre a Chave da Fantasia que ela havia recebido e como ela poderia usá-la para escapar de qualquer lugar. Tella se animou com um pouco de espanto e um pouco de ciúme, o que era melhor que a fragilidade e o medo. Mas Scarlett duvidava que sua irmã tivesse a mesma resposta a essa próxima revelação. Scarlett ainda não tinha certeza de como se sentia sobre isso, mas sabia que não conseguiria guardar para si mesma.

Ela respirou fundo. — É uma coisa boa que eu tinha a chave, porque eu realmente não fugi. Eu fui sequestrada pela Estrela Caída.

Tella, você estava certa sobre por que a Estrela Caída veio aqui. Mas ele não estava procurando por nós duas, só eu. Ele é meu pai.

Scarlett meio que esperava que o chão tremesse ou o teto frágil colapsasse diante de suas palavras.

O rosto de Tella ficou branco como osso, mas sua expressão se tornou feroz e sua mão estava quente e sólida quando ela pegou Scarlett e apertou com força. — Você é a mesma que sempre foi, só sabemos mais sobre você agora. Mas isso não muda você – a menos que você deixe. E esta notícia não nos muda também. Mesmo se não compartilhássemos qualquer tipo de sangue, eu ainda chamaria você de minha irmã e lutaria contra qualquer um que tentasse dizer que não é verdade. Você é minha família, Scarlett. Quem é

seu pai biológico não muda isso.

— Eu não vejo você de forma diferente também. — Julian envolveu um braço em torno de Scarlett. Mas quando ele falou de novo, sua voz era hesitante. — Isso faz de você um Destino?

— Não, — disse Tella imediatamente. — A bruxa que ajudou a Estrela Caída a criar os Destinos disse que os Destinos foram feitos, não nasceram. E Scarlett nunca poderia ser um Destino – os Destinos não podem amar. Se um imortal ama, isso os torna humanos, e nós dois sabemos o quanto Scarlett ama.

— Tella está certa, eu não sou um Destino. — disse Scarlett.

Mas quando ela tentou adicionar um sorriso às suas palavras, sua voz vacilou quando pensou na ameaça da Estrela Caída de transformá-la em um. Ela não estava com ele agora. Mas os poderes dela estavam crescendo por conta própria – e se ela já estivesse a caminho de se tornar um Destino?

O braço de Julian se apertou ao redor dela. — Está tudo bem, Carmim, você está segura agora. Nós não vamos deixar ele te encontrar.

— Não é isso o que eu estou preocupada, — confessou Scarlett.

— A Estrela Caída disse que queria cultivar meus poderes e me transformar em um Destino.

Julian endureceu ao lado dela.

— Você não precisa se preocupar, ele não tem mais você, — disse Tella.

— E se isso acontecer sem ele? Eu sempre vi minhas emoções em cores. Mas ultimamente tenho visto os sentimentos de outras pessoas também.

— Tipo nossos sentimentos? — Julian perguntou.

Scarlett assentiu. — No começo era apenas vislumbres. Mas posso sentir a habilidade se tornando mais poderosa...

Ela parou ao som de um latido, próximo e alto o suficiente para chamar a atenção de todos para a entrada do celeiro, onde o cachorro de Nicolas, Timber, latia de novo, com mais urgência dessa vez.

Donatella

Tella amava cachorros. De volta a Trisda, ela chegou a roubar um filhote de cachorro uma vez. Ela sabiamente o nomeou Príncipe Tuckleberry o Cachorro. Mas depois que seu pai a encontrou, Tella nunca mais viu o Príncipe Tuckleberry novamente. Ela passou um tempo tão curto com o animal que Tella tinha uma compreensão limitada do modo como os cães se comunicavam. Mas claramente o animal de estimação de Nicolas estava tentando lhes dizer alguma coisa.

O enorme cachorro preto latiu. Então ele virou sua grande cabeça para o lado de fora, como se quisesse que os três seguissem.

— Você acha que ele está nos dizendo que Nicolas ainda está vivo? — Perguntou Scarlett.

— Não, — respondeu Tella. Mas talvez outra pessoa estivesse – como Lenda.

O trio foi em direção às portas do celeiro e saiu no final da tarde.

Julian apertou a mão de Scarlett como se ele nunca tivesse planejado deixá-la fora de sua vista. Tella esperava que ele não o fizesse. Agora que Scarlett estava de volta, Tella precisava ir ao Mercado Desaparecido e fazer o que fosse preciso para comprar um segredo que mostraria a ela como destruir a Estrela Caída – antes que ele pudesse colocar suas mãos horríveis em sua irmã e transformá-la em um Destino.

Tella queria acreditar que não era possível. Mas deveria ter sido

impossível que um Destino fosse, na verdade, o pai de Scarlett – ou que Scarlett agora tivesse a capacidade de ver os sentimentos de outras pessoas. Não que isso tenha mudado nada. Tella queria dizer o que ela disse – mesmo que elas não compartilhassem uma gota de sangue, Scarlett ainda seria sua irmã.

Uma brisa do começo da noite atravessou o ar enquanto Tella continuava seguindo os passos pesados de Timber até os fundos da propriedade. Ela não se sentia nem um pouco descansada. Ela se sentia tão gasta quanto os chinelos em seus pés. Mas seu coração deu um chute extra quando Timber os levou para um caminho de paralelepípedos tão coberto de arbustos de amora que ela e Julian não notaram durante a exploração inicial do terreno.

O cachorro parou e latiu até que o trio trabalhasse para separar as plantas espinhosas.

Assim que havia espaço suficiente para percorrer, o animal correu à frente.

O ar ficou tenso quando Tella seguiu. Seu nariz enrugou com o cheiro de sangue e suor e vergonha. De repente, ela esperou que Lenda não estivesse do outro lado. O fedor não era tão ruim quanto estava na casa de Nicolas, mas Tella sentiu uma sensação de horror crescente quando um anfiteatro envelhecido apareceu. Ela viu os degraus primeiro; suas pedras estavam quase azuis à luz fraca, a cor das mãos frias e veias de sangue sob a pele. Não havia muitos deles.

O teatro era pequeno, do tipo construído para jogos em família ou para entretenimento leve. Mas não havia nada de interessante no baile de máscaras forçado que acontecia no centro do palco.

As pessoas estavam vestidas com roupas de criados e usando meias máscaras horríveis que vinham em tons amargos de ameixa, cereja, mirtilo, limão e laranja. As cores faziam Tella pensar em doces apodrecidos que se recusavam a cair quando os criados se moviam pelo palco, com os braços e as pernas amarrados com cordas que os transformavam em marionetes humanas.

Tella amaldiçoou.

Scarlett ofegou.

Julian parecia como se a comida que ele tinha comido no celeiro tivesse subido para queimar sua garganta.

Ninguém parecia estar puxando as cordas dos empregados. As cordas

moviam-se com magia, balançando-se no palco em uma dança forçada cheia de reverências perturbadoras.

Os olhos de Tella se prenderam ao mais jovem participante forçado, um menino com cachos tão bonitos quanto um boneco e um rosto manchado de lágrimas secas.

— Não é de admirar que não tenhamos encontrado nenhum empregado, — disse Julian.

— Quanto tempo você acha que eles têm estado assim? — Scarlett perguntou.

Ninguém sabia como responder a ela. Se os empregados tivessem sido colocados assim quando o conde foi morto, deveria ter sido pelo menos um dia inteiro. A maioria deles nem parecia estar consciente; suas cabeças ficaram curvadas quando seus corpos foram empurrados pelo palco.

Tella correu em direção a eles, esperando que não fosse tarde demais para salvá-los. — Isso parece com o Bobo da Corte Louco.

Ele tem a capacidade de animar objetos. Ele deve tê-los amarrado e usado sua magia nas cordas para mantê-los em movimento.

— Como podemos desfazer isso? — Scarlett perguntou. — Quando o Envenenador petrificou a família, ele deixou uma nota.

Mas ninguém encontrou uma nota no palco.

— Acho que só precisamos cortar os cordões ou desamarrá-los, — disse Julian. Que provou ser mais fácil falar do que fazer.

Os braços e membros da pobre serva moviam-se mais rapidamente a cada tentativa de libertá-los. Julian era o único com uma lâmina; ele deu para Scarlett. Mas nenhum deles teve qualquer facilidade. Todos tiveram que pular para trás mais de uma vez para evitar serem chutados no estômago ou socados no rosto enquanto trabalhavam para desfazer os laços dos servos. Felizmente Nicolas não empregou uma equipe muito grande.

Havia apenas meia dúzia deles. Seus corações ainda estavam batendo, mas mal. Nenhum deles podye ficar em suas próprias pernas por muito tempo, uma vez que eles foram libertados.

— O mestre tem remédios de infecção para as feridas em sua estufa, — murmurou um homem mais velho enquanto arrancava uma máscara de mirtilo podre do rosto. Tella imaginou que ele era o mordomo. Seus olhos

eram os mais tristes, quando ele olhou para seus colegas de serviço, todos caídos no palco.

Julian encontrou os remédios enquanto Tella pegava água, e Scarlett procurava ataduras de um pequeno armário para os pulsos e tornozelos crus dos criados. Toda a provação foi terrivelmente sombria. Nem Scarlett, Julian, nem Tella contaram a nenhum dos criados o que acontecera a Nicolas, e nenhum deles perguntou, fazendo Tella suspeitar que eles já deviam saber. Ou eles experimentaram terror o suficiente e não queriam saber.

Houve muitos agradecimentos murmurados, mas ninguém encontrou seus olhos, como se tivessem vergonha do que lhes fora feito. Apenas o garoto com os cachos olhou diretamente para Tella.

Ele até conseguiu um sorriso torto, como se ela fosse uma espécie de heroína, o que ela não era, de forma alguma. Ela era parte da razão pela qual tudo isso aconteceu. Mas naquele momento, ela prometeu que compensaria o papel que desempenhou na libertação dos Destinos. — Encontrarei quem fez isso com você e vou garantir que ele nunca mais machuque ninguém.

— Ele usava uma máscara, — ofereceu o menino. — Mas não era assim. — A criança chutou o pedaço de tecido de cerejeira que havia sido amarrado em seu rosto. — Era brilhante, como porcelana, e um lado estava expondo os dentes, enquanto o outro lado piscava e estendia meia língua.

— Bobo da Corte Louco, — disse Tella. — Ele é um Destino.

Vários adultos de repente olharam para ela enquanto falava; pelo menos um parecia pensar que ela não deveria estar dizendo nada disso para o garotinho. Mas depois do que eles acabaram de experimentar, nenhum deles a contradizia.

Tella não entrou na história dos Destinos, ou como eles foram libertados de um Baralho do Destino, mas ela disse o suficiente para que uma vez que os servos e o menino se recuperassem, eles pudessem advertir os outros sobre o perigo que Valenda estava correndo agora.

Parecia um esforço insignificante, mas esperançosamente salvaria algumas outras pessoas de serem transformadas em brinquedos humanos, ou de serem assassinadas – como sua mãe e Lenda.

Os olhos de Tella examinaram o horizonte escuro, como se finalmente Lenda pudesse aparecer, brilhando mais do que as estrelas que estavam

começando a se esgueirar. Ela continuou procurando por sinais de seu retorno depois que todos os criados foram alimentados, enfaixados e ajudados de volta a seus aposentos na parte de trás da propriedade, que não possuía nenhum pouco da podridão que se agarrava à biblioteca do conde.

Tella estava pronta para seguir os criados e lavar-se. Mas Scarlett permaneceu do lado de fora da porta em um caminho coberto de vegetação, coberto por peculiares faises.

— Você quer entrar comigo para se lavar? — Tella perguntou.

O ar estava parado, mas as saias de Scarlett se agitavam ao redor de seus tornozelos. Tella não percebeu quando o vestido mudou de cor. Mais cedo, tinha sido um brilhante vestido de baile vermelho. Agora estava preto de luto.

— Sinto muito por Nicolas, — disse Tella. — Ele não merecia morrer assim.

— Não, ele não merecia. Eu nunca deveria ter tentado encontrá-lo. Então ele ainda estaria vivo. — Os olhos de Scarlett brilharam de lágrimas quando ela olhou para Tella. — Não podemos deixar a Estrela Caída fazer isso com mais ninguém.

— Nós não vamos. — Tella estendeu a mão para pegar a mão da irmã.

Mas Scarlett recuou, uma linha preocupada entre as sobrancelhas. — Eu sinto muito, Tella – eu pensei que poderia ficar aqui com você e Julian, mas eu preciso voltar para a Estrela Caída.

— O que? Não! — A voz de Tella foi acompanhada por Julian quando ele saiu do alojamento dos empregados. — Você não pode.

Julian deve ter acabado de se limpar. Seus cabelos escuros pingavam água por todo o caminho coberto de vegetação enquanto Scarlett se aproximava da propriedade e se afastava das janelas abertas dos empregados.

— Sinto muito, — disse Scarlett. — Mas eu tenho que fazer isso. Acho que posso ser a chave para derrotar os Destinos.

— Absolutamente não! — Julian gritou enquanto Tella gritava: — Você perdeu a cabeça? Ele matou nossa mãe e ameaçou transformá-la em um Destino. Você não pode voltar para ele!

— Eu não quero voltar, — disse Scarlett. — Mas eu sabia que tinha que ser assim que vi esses servos. Se eles tivessem ficado mais tempo, não teriam sobrevivido.

— Mas como é que o seu regresso vai fazer alguma coisa para ajudar outras pessoas como eles? — Tella argumentou. Ela queria o mesmo que sua irmã. Ela queria encontrar uma maneira de matar a Estrela Caída e proteger a todos do terror dele e de seus Destinos.

Mas esta não era a maneira de fazer isso. — O Mercado Desaparecido é um dos lugares Predestinados, — disse ela. — Há irmãos lá que vendem segredos, e eu acho que elas podem ter um que vai nos dizer como matar a Estrela Caída.

— E se eles não o fizerem? — Argumentou Scarlett.

— Então, vamos encontrar outra maneira, — interrompeu Julian.

— Eu acho que é o contrário, — disse Scarlett. — A Estrela Caída quer que eu domine meus poderes, e acho que isso pode ser a chave para impedi-lo. Havia outro Destino lá, a Senhora Prisoneira.

Ela me disse que para derrotar a Estrela Caída eu precisava me tornar o que ele queria.

— Claro que ela diria isso, — Tella cuspiu. — A Dama Prisoneira é um Destino.

— Ele a trancou em uma jaula; ela não pode sair a menos que ele morra. E mesmo que ela esteja tentando me manipular, isso não significa que ela está errada. O que ela me disse faz sentido. Tella, você disse que se um imortal ama, eles se tornam humanos. Se eu conquistar meus poderes, eu poderia fazê-lo amar. Eu poderia transformá-lo em humano e então poderíamos derrotá-lo.

— Ou você pode conquistar seus poderes e se transformar em um Destino, — disse Tella.

— E o amor não funciona assim, — acrescentou Julian. — Magia pode fazer muitas coisas, mas eu não acho que você pode fazer alguém amar com isso. Isso é muito perigoso.

— Eu não estou pedindo a nenhum de vocês para me deixar fazer isso. É minha escolha, não de vocês. Então, estou apenas pedindo para vocês não me impedirem. A menos que encontremos outra maneira de destruí-lo, sou a única que pode fazer isso e quero fazer isso. Tella, uma vez você me disse que há mais coisas na vida do que ficar em segurança...

— Eu estava falando de se divertir, não morar com assassinos!

— Bem, eu não acho que qualquer um de nós vai se divertir se a Estrela Caída assumir o império. E nós dois sabemos que você faria a mesma coisa.

Scarlett envolveu sua irmã em outro abraço. Ela dava abraços incríveis. Ela sabia exatamente o quão forte apertar, quando ficar em silêncio, e quando deixar ir. Mas não importa quando ela soltasse esse abraço, seria cedo demais.

Tella segurou com mais força. Ela queria continuar discutindo.

Se ela continuasse brigando, se contasse a Scarlett o quanto estava aterrorizada, se ela entrasse em detalhes sobre a morte horripilante de Nicolas e a lembrasse da maneira como a Estrela Caída havia matado sua mãe, Tella sabia que poderia convencê-la a ficar. Tella queria muito fazer isso. Mas ela apenas prometeu fazer o que fosse necessário para derrotar a Estrela Caída e ela quis dizer isso. Ela simplesmente não achava que isso levaria sua irmã.

Ela caiu contra Scarlett quando o céu escureceu em uma noite negra ondulante. — Tem certeza de que você não quer ser egoísta agora e apenas pensar em se salvar?

— Claro que quero fazer isso. Mas eu preciso fazer isso – por mim, por você, por Julian e por todos os funcionários que acabamos de ajudar, que não têm a chance de fazer o que posso. Eu não posso ficar sem fazer nada quando tenho a capacidade de fazer alguma coisa. E eu tenho a Chave da Fantasia; se ficar muito perigoso, vou fugir.

— As chaves podem ser roubadas, — Tella murmurou.

— Eu vou ser cautelosa. — Scarlett abraçou sua irmã mais apertado, até que Tella finalmente se afastou. Ela não queria. Mas se Scarlett ia voltar para a Estrela Caída, ela precisava fazer isso logo, antes que alguém notasse sua ausência. Scarlett provavelmente queria um bom adeus com Julian também.

E pelo jeito, Tella imaginou que seria o tipo de adeus que os olhos curiosos de uma irmã não deveriam testemunhar.

Scarlett

Quando Tella entrou no quarto de hóspedes e tentou lavar toda a sujeira, tristeza e traços remanescentes de culpa de sua pessoa, Scarlett ficou sob a luz da lua, preparando-se para outro adeus que ela não queria ter.

Julian pareceu sentir o mesmo. Sua testa franziu, seus lábios foram pressionados firmemente juntos, e quando ele envolveu seus braços ao redor de Scarlett, não havia nada macio ou tenro em seu toque. — Eu sei que você disse que isso não é minha escolha, mas você não pode me dizer que você me escolheu e, em seguida, não me dar absolutamente nada a dizer em sua vida.

— Esta é a sua maneira de me pedir de novo para não ir?

— Não. — Ele a segurou mais perto, enfiando a cabeça dela no seu peito. — No futuro, porque haverá um futuro para nós, só espero que você possa falar comigo sobre coisas como essa em vez de me dizer que já se decidiu.

— Tudo bem, — Scarlett admitiu. — Mas eu espero que você faça o mesmo?

— Eu não pediria a você se eu não estivesse planejando isso.

— Os dedos de Julian apertaram sua cintura, como se ele ainda pudesse encontrar um caminho que não envolvesse deixá-la ir.

Scarlett desejou poder. Ela realmente não queria voltar para a Estrela Caída. Mas naquele momento, ela estava mais preocupada com Julian. Como Tella, ele era impulsivo e governado por suas emoções, que Scarlett podia ver, eram cinzentas como nuvens de tempestade e cheias de preocupação.

— E se eu tentar lhe mandar cartas todos os dias? Não acho que seja seguro visitá-lo novamente. — E ela também não achava que seria seguro enviar-lhe mensagens, mas temia que, se não conseguisse encontrar uma maneira de assegurar-lhe que estava bem, ele viria depois dela eventualmente e se colocaria em perigo. — Eu posso abrir uma porta com a Chave da Fantasia para enviar notas para você saber que estou bem.

— Eu ainda não gosto, — disse Julian.

— Se você gostasse, meus sentimentos provavelmente estariam feridos.

Ele deu um beijo na testa dela e, por um momento, seus lábios ficaram ali. — Tenha cuidado, Carmim.

— Eu sou sempre cuidadosa.

— Eu não sei... — Ele se afastou apenas o suficiente para ela ver sua boca se contorcer no canto. — Uma menina cuidadosa não diria que ama.

— Você está errado. Eu não acho que meu coração poderia estar mais seguro do que em suas mãos. — Mas mesmo quando ela disse isso, seu coração parecia pesado.

A boca de Julian ainda estava formando um meio sorriso, mas seus olhos estavam expressando outra coisa. Scarlett sempre amou seus olhos – eles eram marrons e quentes e cheios de toda a emoção que o levava. Julian nem sempre era honesto, mas seus olhos eram, e naquele momento ele estava olhando para ela como se estivesse com medo de que a próxima vez que a visse, ela não seria a mesma.

— Eu vou voltar para você, — ela prometeu.

— Não é com isso que eu estou preocupado. — Sua voz estava rouca. — Passei a maior parte da minha vida em torno da magia – a magia do meu irmão me trouxe de volta à vida mais vezes do que posso contar. Eu tentei ir embora, mas magia assim é difícil de sair.

Eu sei agora que você acha que se você pode conquistar seus poderes, você pode controlar a Estrela Caída, mas sua magia pode acabar controlando você.

Seus olhos saíram dos dela para olhar por cima de seu vestido encantado antes de pousar na chave Predestinada em sua mão. Ela estava prateada e brilhante na luz escura.

Ela nem percebeu que já tinha tirado do bolso. Confiar na chave estava se

tornando um hábito, assim como usar seu vestido encantado. Mas ela não queria depender disso, ela só queria dominá-la o suficiente para que ela pudesse fazer a Estrela Caída amá-la e transformá-lo em um mortal. Então ela se contentaria em nunca mais usá-la.

— Você não precisa se preocupar comigo. — Scarlett levantou a cabeça e rapidamente deu a Julian outro beijo, desejando poder dizer mais, mas sabendo que já era hora de voltar.

Quando ela usou a chave pela primeira vez, ela não tinha planejado voltar, então não pensou em quanto tempo passaria. Ela esperava que a Estrela Caída não fizesse outra visita tão cedo. Ela também se preocupava com o fato da Dama Prisioneira acordar.

Depois de virar a Chave da Fantasia, Scarlett manteve os passos leves. Mas uma vez que ela entrou em seu quarto no Alojamento, ela sabia que as coisas não estavam como as deixara.

A Dama Prisioneira estava acordada, balançando silenciosamente em seu poleiro enquanto suas saias de lavanda roçavam o chão polido de sua gaiola dourada. — Se você vai fugir, você não deve sair por tanto tempo. E não parece tão surpresa; Você realmente achou que eu não sabia? — Ela afetou um ronco suave.

— Por que fingir? — Perguntou Scarlett.

— Porque eu sabia que você não sairia se pensasse que eu estava acordada. Mas você precisa ser mais sábia. — Sua voz se tornou suave como um sussurro e seus olhos desumanos mudaram de roxo para branco, como eles tinham feito naquela noite. — Deixando aqui por horas a fio você será pega com essa chave muito mais cedo do que você deveria ser.

Donatella

Um dia inteiro havia chegado e ido e Lenda ainda estava morto. Ele precisava voltar à vida. Lenda não deveriam morrer, e Tella ainda não tinha terminado com ele.

— Quanto tempo normalmente leva para ele voltar à vida? — Perguntou a Julian durante a viagem inicial até a propriedade do conde.

— Geralmente é pouco depois do nascer do sol, sempre menos de um dia, — respondeu Julian. Tinha sido difícil convencê-lo a dizer muito mais. Tella sentiu que havia mágica no jogo que o impediu de revelar muitos segredos. Ele confessou que Lenda tinha uma conexão com todos os seus artistas — Julian sentiria isso quando Lenda estivesse vivo novamente — e se Lenda queria encontrar Julian, ele seria facilmente capaz de fazê-lo. Mas Lenda não apareceu e Julian ainda não tinha percebido.

Tella não sabia que horas eram agora, só que parecia a parte mais escura da noite quando ela e Julian saíram da propriedade do conde para ir ao Mercado Desaparecido.

Jacks dissera que o Mercado Desaparecido poderia ser convocado indo a um conjunto de ruínas a oeste do Distrito do Templo. Desde que Nicolas vivia fora da cidade, a caminhada foi de várias milhas. Julian ficou em silêncio por muito tempo. O tipo de silêncio que fez Tella pensar que ele planejava prender a respiração o tempo todo que Scarlett estava fora.

Tella poderia ter feito a mesma coisa. Ela era toda para cometer erros e

fazer melhor da próxima vez. Mas Tella temia que, se Scarlett desse um passo errado, talvez não houvesse uma próxima vez.

Tella enviou uma oração para os santos, mesmo aqueles que ela não gostava muito. Ela acrescentou uma oração pelo retorno seguro de Lenda também, mas ela sabia que não era para os santos.

Lenda tinha apenas uma fraqueza que poderia permitir que ele fosse realmente morto: amor.

Ela estava tentando não pensar sobre isso. Ela não queria se lembrar do jeito que ela praticamente implorou para ele amá-la antes que ele fosse morto.

Naquela noite, ela não acreditou totalmente quando ele disse que não era capaz de amá-la. Ela acreditava que ele só estava com medo porque ele não queria sacrificar sua imortalidade e se tornar humano. E agora ela entendia por quê.

Ela disse a si mesma para parar de se preocupar. Este era Lenda, e ele era implacável quando se tratava de magia e imortalidade. Ele nunca se deixaria morrer por amor. Mas Tella ainda se viu tentando lembrar a maneira como ele a beijou na noite do labirinto. Será que ele só sentiu luxúria, desejo e obsessão naquela noite? Ou seu beijo foi alimentado pelo amor? Houve um momento durante o labirinto em que ela pensou que as palavras *eu queria manter você* pareciam possessivas em vez de românticas. Mas agora, ela se viu esperando que ele só sentisse os sentimentos que ela achou tão dolorosos naquela noite.

— Estamos quase lá, — disse Julian.

Tella agora podia ver um esboço vago à distância. No escuro, era difícil dizer a diferença entre pedras e sombras, mas parecia que as ruínas à frente deles continham uma estrada, alinhada em árvores fossilizadas, com arcadas em ruínas em ambas as extremidades e algumas estátuas assustadoramente realistas, que

Tella desesperadamente esperava que não fossem humanos petrificados.

Pelo menos não havia nenhum Destino por perto.

Tella parou logo antes de chegarem à beira das ruínas, em uma mancha perfeita de luar branca e clara.

— Eu sou tola? — Ela perguntou.

Julian parou e olhou para ela. — Depende do que você está se referindo.

Se você está falando sobre o fato de que você está planejando fazer um sacrifício de sangue para visitar um dos lugares Predestinados com base nas palavras de outro Destino, então não, porque eu estou aqui e não sou um tolo. Mas se você está falando sobre qualquer coisa que envolva meu irmão, você pode ser.

— Obrigada por colocar isso tão gentilmente, — disse Tella.

Julian deu-lhe um encolher de ombros de um ombro só. — Estou apenas tentando ser honesto. Quando eu minto, isso me deixa em apuros com sua irmã.

— Eu não quero que você minta. Eu só queria que você tivesse algo verdadeiro para dizer que eu quisesse ouvir.

Ele passou a mão pelo queixo. A combinação de luar e sombras fez com que ele se parecesse um pouco com seu irmão, um pouco mais afiado, um pouco mais severo. Mas mesmo no escuro, o olhar de Julian era mais suave e mais gentil do que o de Lenda jamais foi.

— Se você quer que eu te diga que meu irmão vai amar você algum dia, eu não posso. Eu o conheço toda a minha vida. Eu sou uma das poucas pessoas que o conheciam antes dele se tornar Lenda, e ele nunca amou ninguém. Mas ele tem outras boas qualidades. Ele não desiste, e se você é importante para ele, ele vai fazer você se sentir mais importante do que qualquer pessoa no mundo, e... — Ele hesitou, como se quisesse parar, mas depois acrescentou relutantemente — Eu acho que você é importante para ele.

Mas isso era o suficiente?

— Agora, vamos, — Julian disse rispidamente. — Se Lenda voltasse agora, ele poderia me matar por deixar você ficar na estrada tão exposta.

— Espere. — Tella pulou na frente de Julian antes que ele pudesse continuar nas ruínas.

— Eu só tenho mais uma pergunta. Ele me pediu para me tornar imortal.

— Isso não é uma pergunta, Tella.

— Eu não sei o que fazer. — Tella pensou que ela sabia. Ela queria o amor de Lenda, mas a morte dele a fez perceber que nunca poderia pedir o amor dele novamente.

— Isso ainda não é uma pergunta, — disse Julian. — Mesmo se fosse,

essa é uma escolha que eu não gostaria de fazer para ninguém. — Ele começou a passar por ela, mas depois parou e se virou. — Se você disser sim, tenha absoluta certeza de que é o que você quer. Não há como voltar a ser mortal.

— A menos que eu me apaixone.

Julian balançou a cabeça. — Não conte com isso acontecendo. Imortais não podem se apaixonar um pelo outro, e muito poucos humanos tentam amá-los. Não importa o que meu irmão tenha feito, eu nunca parei de amá-lo, mas ele nunca me amou de volta. — A voz de Julian estava perfeitamente equilibrada, como se realmente não doesse, mas Tella sabia que aquilo devia destruí-lo. Lenda era seu irmão. Ela não podia imaginar como seria devastador se sua irmã não a amasse.

Mas Tella sentiu que Julian não queria sua pena. Ele se virou assim que terminou e caminhou em direção às ruínas com uma rapidez em seus passos, que deixou claro que não queria que ela o alcançasse imediatamente.

Quando ele desacelerou, eles procuraram as ruínas juntos em silêncio. Ele disse tudo o que havia para dizer, e mesmo sem Destinos à espreita por perto, eles sabiam que precisavam ser discretos. Eles não usaram tochas para procurar o símbolo de ampulheta, que Tella temia que eles nunca encontrassem. Julian afirmou ter visão noturna perfeita, mas apesar do que ele disse sobre não mentir mais cedo, ela duvidava dessa afirmação.

— Encontrei! — Ele disse, convencido e alto demais.

A ampulheta não era maior que uma palma, escondida dentro de um arco de pedra dilapidado, e reluzente como se fosse iluminada pela magia. Deu apenas iluminação suficiente para Tella ver que os espinhos se projetavam do topo, como se estivesse implorando pelo sangue que Tella precisava usar para convocar o mercado.

— Tem certeza de que ainda quer ir sozinha? — perguntou Julian.

— Cada hora dentro é um dia que se passa aqui, — ela lembrou a ele. — Se por algum motivo Scar tentar usar a chave para encontrá-lo, não é seguro para ela dentro do mercado. Ela pode ser pega pela Estrela Caída se demorar muito para voltar ao Alojamento.

— E se ela procurar você em vez disso?

— Agora é gentileza sua, — disse Tella. — Mas eu acho que nós dois

sabemos que ela não vai me procurar com a chave.

Tella só tinha assistido do palheiro quando Scarlett voltou, então ela não tinha ouvido tudo o que tinha sido dito entre Scarlett e Julian, mas ela tinha visto o jeito que Scarlett tinha olhado para ele. Era o olhar que algumas pessoas viviam a vida inteira esperando, e outras viviam a vida inteira sem receber. Era o olhar que Tella tinha esperado que ela recebesse de Lenda.

— Eu sempre serei sua irmã, você não pode roubar esse papel de mim. Mas eu acho que você é o primeiro amor dela agora e deveria ser. Se você continuasse escolhendo seu irmão antes da minha irmã, eu não acharia que você a merece. Tudo que eu peço é que você não estrague tudo. Não apenas a ame de volta, Julian, lute por ela todos os dias.

— Eu pretendo.

Com isso Tella pressionou os dedos em um dos espigões no topo da ampulheta e deixou o sangue cair sobre a pedra gravada.

A luz etérea se derramou do arco. De repente, Tella viu uma estrada velha e tortuosa coberta de árvores estrangeiras a ponto de perder todas as suas brilhantes folhas vermelhas. Entre as árvores, tendas se estendiam como asas coloridas de pássaros, todas repletas de natureza e desgaste. Estas não eram as tendas mágicas que Tella tinha visto durante o primeiro Caraval. As tendas de Lenda eram trechos perfeitos de seda lisa, enquanto essas estavam cobertas de brocados esfarrapados e forrados com borlas gastas pelo tempo. No entanto, ainda havia algo sobrenatural sobre elas. Assim que Tella virou a cabeça para se despedir de Julian, ela jurou que as tendas mudaram e, por um momento, as roupas e as lágrimas desapareceram e pareciam ainda mais deslumbrantes do que as tendas de Caraval.

Tella corajosamente atravessou o arco e entrou no Mercado Desaparecido.

Parecia entrar em um livro de história ilustrado. As mulheres usavam vestidos de mangas de sino com cintura baixa e cintos baixos feitos de bordados pesados, enquanto os homens usavam camisas caseiras amarradas na frente e calças soltas enfiadas em botas de abas largas.

Entre as tendas, crianças vestidas com roupas semelhantes fingiam lutar com espadas de madeira, ou sentavam-se em tranças de flores.

— Saudações! Saudações! Saudações! O Mercado Desaparecido está ao seu serviço. Você pode não ir embora com o que você quer, mas nós vamos

dar o que você precisa! — gritou um homem vestido como um arauto, enquanto Tella se aventurava mais.

Claramente eles estavam acostumados a visitantes de outros tempos. Nenhum deles parecia se importar que o vestido de comprimento de bezerro e as botas de couro usadas que ela pegou emprestada de um criado não se encaixassem. Se qualquer coisa, parecia excitar a todos.

— Olá, querida, você gostaria de algo para alegrar a sua aparência pálida e trazer seu amado de volta? — Uma mulher vestindo uma argola de ouro fino em torno de sua testa estendeu um amuleto cheio de líquido corado rosa.

— Que tal algumas algas assadas frescas? — Perguntou outro vendedor. — Elas curam corações e narizes partidos.

— Ela não quer suas ervas podres. Elas não curam nada! O que a moça realmente precisa é isso. — O comerciante em frente a ele, um homem enrugado com vários dentes perdidos, projetou um elaborado lenço de contas tão largo quanto um guarda-sol, com veios finos como teias de aranha. — Se você não for cuidadosa, milady, logo sua pele ficará tão delineada quanto a minha.

— Não diga a garota isso. Ela é linda! — Gritou uma mulher de pele escura em uma touca de marfim. Sua loja era a mais movimentada do grupo. Não havia nem mesas dentro, apenas pilhas brilhantes do peculiar. — Aqui, espie no meu espelho, criança. — A mulher empurrou o braço na frente de Tella.

— Eu não estou... — Tella interrompeu quando ela pegou um olhar claro do espelho. Suas bordas estavam cobertas de grossos redemoinhos de ouro derretido, exatamente como o Oráculo – um objeto predestinado pelo qual Tella havia confiado um pouco demais quando ele estava preso dentro de um cartão.

Tella não sabia se era o verdadeiro Oráculo agora livre das cartas, mas ela rapidamente desviou os olhos e deu um rápido passo para trás, antes que pudesse mostrar qualquer imagem do futuro.

— Nas mãos corretas, revelará mais do que o seu reflexo, — a mulher arrulhou.

— Eu não estou interessada! Eu gosto do meu reflexo como é. — Tella continuou a tropeçar. Depois disso, ela tentou o seu melhor para não se

distrair enquanto os comerciantes tentavam vender seus pincéis para garantir que ela nunca perdesse o cabelo, gotas que transformariam seus olhos de qualquer cor que ela desejasse, e uma perturbadora sobremesa chamada torta de beija-flor.

Todo vendedor era simpático e um pouco ansioso, como se Tella fosse a primeira convidada em séculos, o que poderia ter sido o caso, já que o Mercado Desaparecido também estava preso em um amaldiçoado Baralho de Destino.

— Eu tenho sapatos que evitam que você se perca. Eles são seus se você trocar comigo todas as suas lindas mechas de cabelos. — Esse entusiasmado vendedor já tinha um pesado par de tesouras nas mãos.

Tella tinha certeza de que ele teria cortado todo o cabelo dela sem permissão, se ela não tivesse corrido para a próxima tenda. Era mais vazio que as outras, com nada além de um par de cortinas listradas de turquesa e pêssgo que caíam do telhado de tecido para o chão de terra.

Uma garota notavelmente linda, da idade de Tella, com pele impecável e lindos olhos de cobalto da mesma cor de seus cabelos, estava sentada diante das cortinas em um banquinho alto. Ela cumprimentou Tella com um sorriso incandescente, mas Tella jurou que as pinturas tinham mais profundidade em seus olhos. Ao contrário dos outros fornecedores, essa garota não ofereceu nada para vender. Ela apenas chutou as pernas para frente e para trás como uma criança pequena.

Tella quase se virou para sair, quando outra mulher se arrastou lentamente entre as cortinas. Esta era muito mais velha, com pele enrugada e cabelo azul opaco que parecia uma versão desbotada da menina. Elas tinham os mesmos olhos de cobalto também, mas enquanto os da menina mais nova estavam vagos, os olhos da velha eram afiados e perspicazes.

Tella sentiu como se estivesse olhando para duas versões diferentes da mesma pessoa. Uma havia perdido a juventude enquanto a outra havia perdido a cabeça.

— Vocês duas são irmãs? — Tella arriscou.

— Somos gêmeas, — respondeu a mais velha.

— Como? — Tella soltou. Não que isso importasse. Tudo o que ela deveria se importar era que este era o lugar que ela estava procurando. Mas

algo sobre essas gêmeas encheu seu estômago com chumbo.

A irmã mais nova continuou a chutar as pernas agradavelmente, enquanto o rosto marcado da irmã mais velha ficou sombrio. — Há muito tempo, fizemos uma barganha que nos custou muito mais do que esperávamos. Então esteja avisada. Não negocie conosco a menos que esteja disposta a pagar custos imprevistos. Nós não oferecemos retornos ou trocas. Não há segundas chances. Uma vez que você tenha comprado um segredo de nós, será seu, não nos lembraremos mais dele, assim como você esquecerá o que tiramos de você.

— Você está tentando conseguir clientes ou assustá-los? — Tella perguntou.

— Estou tentando ser justa. Não pretendemos enganar nossos clientes, mas a natureza de nossas barganhas significa que ninguém nunca sabe realmente o que está ganhando ou perdendo.

Tella na verdade não precisava ser informada disso. Ela sabia que uma barganha feita em um lugar Predestinado provavelmente lhe custaria mais do que ela imaginava. Mas se elas possuísem um segredo que revelaria uma fraqueza capaz de matar a Estrela Caída, ela não poderia se afastar. Os Destinos eram perigosos, mas elas cumpriam suas promessas, e o Mercado Desvanecido prometia que as pessoas que entrassem encontrariam o que precisavam. E Tella precisava de um segredo. Ela precisava disso para que sua irmã não estivesse mais em perigo, de modo que as pessoas não ficassem amarradas como marionetes, e para que ninguém mais pudesse ser morto como sua mãe, Lenda ou Nicolas.

— Tudo bem, — disse Tella. — O que me custará descobrir um segredo sobre um Destino?

— Depende do Destino e do tipo de segredo.

— Eu quero saber como matar a Estrela Caída.

— Isso não é um segredo, preciosa. Imortais têm apenas uma fraqueza. Amor.

— Mas ele deve ter outra fraqueza – uma que ele não quer que ninguém saiba. — Uma maneira de tirar sua irmã do perigo, porque se o amor era a única fraqueza da Estrela Caída, então Scarlett era a pessoa mais provável a derrotar ele, ou morrer tentando.

Tella não podia deixar sua irmã morrer. E ainda assim ela sentiu como se pudesse ouvir o relógio da vida de Scarlett enquanto a irmã mais nova, de cabelos azuis, continuava chutando os pés, enquanto a mais velha fechava os olhos em pensamento.

— Eu tenho um dos seus segredos, — disse ela depois de um tempo. Então ela se virou para sua irmã mais nova. — Millicent, querida, abra o cofre.

A jovem garota puxou uma borla de bracelete que Tella não tinha notado antes e as pesadas cortinas atrás da mulher mais velha se separaram imediatamente, revelando fileira após fileira após fileira de prateleiras alinhadas em baús de tesouro antigos. Eles vinham em todos os tamanhos e cores. Alguns pareciam estar se desintegrando com a idade, outros brilhavam com verniz molhado. Alguns não pareciam maiores que a palma de Tella, enquanto vários eram grandes o suficiente para caber corpos mortos.

Depois de mais ou menos um minuto, a irmã mais velha voltou de entre as prateleiras segurando uma caixa quadrada de jaspe vermelho com um coração em cima que tinha fogo em volta dele. De relance, a tinta laranja e amarela parecia um pouco lascada e um pouco sem graça. Mas quando Tella levantou o olhar para o rosto da irmã mais velha, a imagem piscou e por um momento ela viu chamas genuínas lambendo o coração.

— Se você usar o segredo aqui dentro corretamente, ele irá ajudá-lo a derrotar a Estrela Caída. No entanto, — a mulher segurou a caixa perto de seu peito — antes que eu possa deixar você ter, eu vou precisar de um segredo seu.

— Eu posso escolher o segredo? — Tella perguntou.

A mulher deu-lhe um sorriso peculiar, que iluminou os olhos sem mover a boca. — Receio que seus segredos não sejam valiosos o suficiente para negociar, senhorita Dagna. O segredo que queremos pertence à sua filha.

— Eu não tenho uma filha.

— Você terá. Nós conhecemos você em nosso passado e em seu futuro, e sabemos que você terá uma filha algum dia.

— Você sabe quem é o pai dessa filha? — A nova voz era baixa e profunda e o som dela fez o coração de Tella correr duas vezes mais rápido.

Ela se virou.

Tudo no Mercado Desaparecido estava embaçado, cores se fundindo como se o mundo ao seu redor estivesse se movendo rápido demais, exceto pelo belo rapaz parado em frente a ela, ocupando toda a porta da tenda.

Lenda estava lá.

Donatella

Lenda estava lá, e vivo, tão vivo que a visão dele fez Tella sorrir até suas bochechas doerem.

— Você está de volta. — Ela nem se importou que as palavras saíssem sem fôlego.

Ela estava além de fingir que a visão dele não lhe roubou o fôlego. Ele parecia um desejo que acabara de acordar. Seus olhos estavam cheios de estrelas, sua pele de bronze estava levemente brilhante, e seu cabelo escuro estava um pouco desalinhado. Ele não usava uma gravata em sua garganta, e os botões de cima de sua camisa preta estavam desfeitos, como se ele estivesse com pressa para sair – para chegar até *ela*.

Se o sorriso dela não tivesse sido esticado até onde poderia ir, ela teria sorrido ainda mais.

— Você achou que eu não voltaria? — Seus olhos encontraram os dela e o canto de sua boca se encolheu na torção arrogante que ela tanto amava.

— Eu... — Tella se interrompeu. As palavras *estava preocupada* ficaram alojadas em sua garganta. Havia apenas uma razão para se preocupar com ele.

Ela engoliu as palavras enquanto lutava para manter o sorriso.

Ele estava vivo. Ele estava vivo e ali. Isso era tudo o que importava.

Ele estava vivo. Ela nunca teria superado se ele tivesse morrido porque ele a amava. E ainda assim doía muito perceber que ele estava lá agora, parecendo um sonho se tornando realidade, porque ele não a amava, e ela o

amava desesperadamente.

— Ahem, — disse a irmã mais velha. — No caso de vocês dois terem esquecido, o tempo muda de forma diferente aqui e eu estava no meio da fala.

Os lábios de Lenda formaram uma linha reta quando ele se virou para a mulher, os olhos se estreitando um pouco como se ele gostasse de ter usado uma ilusão para fazê-la desaparecer. Talvez ele estivesse tentando, mas sua magia não funcionava da mesma forma dentro desse lugar Predestinado.

O que era bom, porque Tella precisava deste lugar e dessa mulher.

— Você disse que eu teria uma filha, — disse Tella.

— Sim. O pai da sua filha terá magia, — respondeu a mulher. — Sua filha nascerá com um presente muito poderoso. Mas esta criança terá uma fraqueza fatal. Em troca do segredo mais bem guardado da Estrela Caída, queremos que você descubra a fraqueza secreta de sua filha, volte ao mercado e nos dê esse conhecimento.

— Tem certeza de que não quer nenhum dos meus segredos?

— Perguntou Tella.

Ela ainda não tinha pensado em ter uma criança, ou que ela visitaria este mercado novamente no futuro, o que a fez pensar que ela sobreviveria a tudo isso. Mas ela odiava pensar que esse era o único caminho.

— Você ainda não nos disse quem é o pai, — disse Lenda, inclinando um ombro largo descuidadamente contra um poste de barraca. Mas Tella jurou que viu um pulso muscular em sua mandíbula.

— Não temos permissão para compartilhar essas informações, — disse a irmã mais velha, — e não é bom saber muito sobre o futuro.

Tella concordou. A carta do Oráculo que mostrara seus vislumbres do futuro quase a matou. E ainda assim ela não conseguiu evitar perguntar: — Você não pode me dizer se *ele* é o pai?

— Quem mais seria o pai? — Lenda grunhiu.

— Não fique chateado comigo! — Tella retrucou. — Você fez a pergunta primeiro. — *E você não me ama*, disse os olhos dela.

Seus olhos brilharam com ouro, e de repente ele estava dentro da tenda e bem na frente dela, olhando para ela com o rosto bonito que ela temia nunca mais ver. — Eu pedi para você se tornar imortal.

— Uma mão envolveu sua cintura, quente e forte e sólida, enquanto a

outra mão encontrou a parte de trás do seu pescoço. Seu sorriso virou diabólico quando ele a puxou para mais perto.

A respiração de Tella era curta. — O que você está fazendo?

— Perguntando de novo. — Ele a beijou, forte e rápido e um pouco selvagem. Ela separou seus lábios, mas isso era tudo que ela podia fazer. A mão em sua cintura a manteve pressionada contra ele, enquanto os dedos em seu pescoço se estendiam, cobrindo sua garganta enquanto ele angulava a cabeça para trás, assumindo o controle completo enquanto aprofundava o beijo. Ele estava possuindo-a, possuindo-a com cada varredura de sua língua e pressionando seus lábios, sem palavras dizendo-lhe mais uma vez que ele queria mantê-la para sempre. Ele não a beijou como se simplesmente voltasse à vida. Ele a beijou como se tivesse morrido, sido enterrado e conseguido sair do túmulo e atravessar a terra só para chegar até ela.

Tella nunca tinha experimentado um sentimento tão inebriante em sua vida. Ele poderia não amá-la, mas Julian estava certo que Lenda sabia como fazê-la se sentir desejada.

— Apenas diga sim, — ele disse contra seus lábios. — Deixe-me fazer você imortal.

— Você não está jogando limpo, — ela murmurou.

— Eu nunca disse que jogava, e eu não vou desta vez. — Seu polegar acariciou a coluna sensível de seu pescoço. — Você é muito importante, Tella.

Mas você não me ama. Embora tão doloroso como era saber que ele não a amava agora, ela também sabia que, se ele amasse, ele não estaria vivo agora.

— Ahem. — A irmã mais velha limpou a garganta. — Se vocês desejam começar a gerar essa criança agora, temo que este não seja o lugar.

Tella saltou para longe de Lenda, recuperando-se de uma realidade terrível e corando mais forte do que nunca em toda a sua vida.

— Agora, sugiro que continuemos, — continuou a irmã mais velha. — Se vocês dois continuarem no que vocês estão fazendo, semanas terão passado em seu mundo quando vocês deixarem o nosso.

Santos sujos. Tella realmente tinha esquecido o tempo. Ela não tinha ouvido nenhum sino tocar, mas imaginou que mais de uma hora devia ter passado, talvez até mais, o que significava que pelo menos um dia havia

chegado e partido em seu mundo. Outro dia em que sua irmã estava sendo mantida em cativeiro pelo Destino que matou sua mãe, e o povo de Valenda sofreu terrores incontáveis, enquanto os outros Destinos brincavam com eles como brinquedos que queriam quebrar.

E ela estava beijando Lenda.

Os olhos de Tella dispararam de volta para a caixa de jaspe vermelho nas mãos da mulher mais velha. Era para isso que ela veio aqui – um segredo que poderia salvar todos eles – e ela precisava disso, independentemente do custo.

— Eu vou fazer isso, — disse Tella. — Eu vou fazer o negócio.

— Tella, você não tem que fazer isso. — Lenda virou-se para a irmã mais velha, inclinando a cabeça e mostrando um sorriso que teria feito a maioria das mulheres desmaiar. — Você pode ter um dos meus segredos.

A irmã mais velha franziu os lábios. — Não estamos interessadas.

Um vinco ofendido formou entre as sobrancelhas escuras de Lenda. — Então tem que haver algo mais que você quer.

Do lado de fora, o sol ainda enchia o mundo com luz de limo, mas nada chegava ao interior da tenda. O ar estava ficando mais frio, enchendo-se de ondas pesadas de neblina azul-prateada.

—Lenda... — Tella colocou a mão em seu braço, antes que a névoa se tornasse espessa demais para ver através dela. — Tudo bem, você não precisa me salvar. Eu sei o que estou fazendo.

— Mas você não deveria ter que fazer isso. — Ele se virou para ela, e embora ele não dissesse outra palavra, seus olhos eram suaves, cheios de desculpas. E ela sabia que isso não era sobre ele ou seus segredos.

Lenda estava pensando sobre a única coisa que Tella não queria pensar. Ou melhor, a única pessoa – *sua mãe*.

Quando sua mãe possuía o Baralho do Destino que aprisionou os Destinos, o Templo das Estrelas queria que Paloma lhes desse Scarlett, em troca de esconder o amaldiçoado Baralho do Destino.

Sua mãe se recusou, mas ela facilmente ofereceu Tella ao Templo. E parecia o pior tipo de traição, semelhante ao que Tella estava fazendo agora.

— Você não precisa fazer isso, — disse Lenda.

Mas Tella não viu uma escolha melhor, e ela temia que corresse o risco de não encontrar uma. — Minha irmã, ela está com a Estrela Caída. Ela não

estará segura até que ele esteja morto.

— Eu sei, Julian me disse antes de eu te encontrar aqui.

— Então você sabe que eu tenho que fazer isso agora. — Tella se virou para as irmãs antes que sua consciência tentasse convencê-la a mudar de ideia. — Você tem um acordo.

— Excelente, — disse a mais velha. — Só precisamos selar sua promessa. Se você não descobrir a fraqueza secreta de sua filha até seu décimo sétimo aniversário ou optar por não nos dar, o custo será sua vida.

E antes que alguém pudesse protestar, a irmã mais nova pressionou uma haste grossa de ferro na parte de baixo do pulso de Tella.

Ela gritou em voz alta.

Lenda disparou para frente e pegou sua mão livre. — Olhe para mim, Tella.— Seu aperto era forte e reconfortante, mas não era quase o suficiente para distraí-la da dor, ou da tristeza. Tanta tristeza.

Tella estava familiarizada com a dor, mas esta era o tipo de dor que vinha de quebrar o coração de outra pessoa. Um coração frágil. O coração de uma criança. O coração de uma filha.

Tella fechou os olhos para conter as lágrimas.

A irmã mais nova puxou o ferro do pulso de Tella. Onde antes havia carne impecável, havia agora uma fina cicatriz branca na forma de uma fechadura feita de espinhos. Não doía. A dor desapareceu instantaneamente com a marca. Mas embora Tella não sentisse mais dor ou tristeza, ela também não se sentia como antes.

Ela pensou em sua mãe e na visão de quando sua mãe tinha afastado Tella. Tella nunca saberia por que sua mãe fez as escolhas que fez, mas naquele momento Tella acreditava que não era porque ela não se importava, era porque ela se importava. Ela se importava o suficiente para fazer o que precisava ser feito. Talvez seja por isso que ela escolheu desistir de Tella em vez de Scarlett. Scarlett se sacrificaria de bom grado – destruiria-se – se achasse que era a coisa certa. Tella era mais como Paloma, disposta a fazer o que fosse preciso, mesmo que fosse a coisa errada, se ela conseguisse o que precisava. Talvez Paloma tenha sacrificado Tella porque ela sabia que não iria destruí-la.

Mas Tella silenciosamente prometeu que ela teria certeza de que sua filha

não teria que fazer esse tipo de escolha. Quando isso acabasse, Tella encontraria uma maneira de fazer tudo certo, não importava o que fosse preciso.



Tella apertou a caixa de jasper vermelho com uma mão e a mão de Lenda com a outra. Ele não soltou sua mão desde que a pegou na tenda. Seus dedos pesados permaneceram atados aos dela, mantendo-a perto do seu lado enquanto eles voltavam pelo mercado movimentado.

Ele não tentou beijá-la novamente, mas ocasionalmente, quando ela olhava para ele, ela via um sorriso satisfeito.

Tella queria espiar dentro da caixa, queria saber por qual segredo ela havia prometido tanto. Mas ela não queria ficar mais tempo do que o necessário. Ela imaginou ter passado uma ou duas horas, mas talvez tivesse sido mais tempo. Talvez ela e Lenda tivessem perdido três ou quatro dias em vez de apenas um ou dois.

Quando atravessaram o arco que os levava de volta a Valenda, o céu estava azul da meia-noite, tornando impossível dizer a hora ou quanto tempo havia passado.

Lenda tinha residências particulares por toda a cidade. Julian supostamente estava esperando por eles na Casa Estreita no Bairro das Especiarias. De todos os seus artistas, apenas Aiko, Nigel, Caspar e Jovan sabiam disso.

Ir para lá deveria ser mais segura do que permanecer nas ruas irregulares de Valenda; não demorou muito para o lixo coletar que a monarquia estava em convulsão. Tella não espiou nenhum Destino, mas ela detectou a mácula de se instalarem onde os foliões da noite já estiveram.

A caixa de jasper na mão dela ficou mais pesada. Ela teve a vontade de abri-la agora, mas eles já haviam chegado à Casa Estreita, que na verdade era uma estrutura esbelta. À primeira vista, parecia pouco mais larga do que uma porta, tão torta quanto todas as outras casas desta parte da cidade. Mas quanto mais perto eles chegavam, mais crescia.

Tella viu as janelas decorativas arqueadas aparecerem nos dois lados da porta. Abaixo delas descansavam caixas de flores, transbordando com

dedaleira branca, que Tella jurava que não estavam lá momentos atrás.

A casa teria parecido curiosamente convidativa se ela não tivesse olhado para cima para ver a Donzela da Morte parada no centro da janela do segundo andar, mostrando um sorriso macabro por trás de sua gaiola de pérolas.

A mão de Lenda agarrou Tella com mais força.

No Baralho do Destino, a carta da Donzela da Morte previa a perda de um ente querido ou de um membro da família. E foi o cartão dela que previu pela primeira vez que Tella perderia a mãe.

O ar ao redor dela estalou e uma fração de segundo depois uma figura encapuzada se materializou entre Tella e Lenda.

Tella congelou. Ela não podia ver o rosto dessa figura, ele estava escondida por seu manto, mas ela não precisava vê-lo. Havia apenas um Destino com a habilidade de viajar através do espaço e do tempo e se materializar à vontade: o Assassino – que, de acordo com Jacks, também era insano.

— A Donzela da Morte está aqui para ver vocês dois, — disse ele.

Donatella

A Casa Estreita era outra das ilusões de Lenda.

Tella tinha visto através do glamour lá fora e achou que parecia encantador. Mas por dentro, lembrou Tella da ilusão que Lenda criara na masmorra, quando transformou sua cela em um estudo de quatro andares. Os tetos da Casa Estreita se estendiam ainda mais, e os livros nas prateleiras ao redor não pareciam tão perfeitos quanto em sua ilusão. Alguns dos volumes eram envelhecidos, rachados e frágeis, como se tivessem experimentado várias vidas anteriores antes de encontrar casas nessas prateleiras.

Lenda tinha um braço protetoramente ao redor dos ombros de Tella quando eles entraram na sala abobadada. Ele nem queria que Tella entrasse na casa, mas o Assassino tinha sido insistente e Tella também – essa era a luta dela assim como a de Lenda.

A cena em que eles entraram poderia ter sido uma pintura chamada *Reféns Numa Festa de Chá*. Os artistas mais confiáveis de Lenda estavam sentados rigidamente em cadeiras vermelhas que envolviam uma mesa de ébano brilhante, com um serviço de chá de estanho que ninguém tocava, exceto Nigel, o cartomante coberto de tatuagem de Lenda. Julian e Jovan estavam lá, assim como o historiador Aiko, que capturou a história do Caraval através de fotos, e Caspar, que uma vez fingiu ser o noivo de Tella.

Atrás deles, o Assassino e a Donzela da Morte pairavam como anfitriões sombrios. Alguns dos outros Destinos que Tella tinha visto às vezes

brilhavam, mas o Assassino, que mantinha seu rosto oculto por seu pesado capuz, parecia recolher sombras.

A Donzela da Morte parecia exatamente como o cartão dela no Baralho do Destino. Sua cabeça estava coberta de barras curvas de pérolas que se enrolavam como uma gaiola, e seu vestido parecia mais longos farrapos de tecido fino que tinham sido amarrados juntos.

Ela também não brilhava, mas sua roupa puída se formava ao redor dela, como se ela mantesse um vento particular na coleira.

— Não tenha medo de nós, — disse a Morte da Donzela. — Estamos aqui para ajudar a derrotar a Estrela Caída.

— E se quiséssemos machucar vocês, eu teria empurrado punhais através de cada um dos seus corações no momento em que os vi do lado de fora. — A voz do Assassino era como unhas martelando através de vidro, áspero e discordante.

— É realmente assim que você conquista as pessoas? — Murmurou Julian.

— Daeshim, — a Donzela da Morte repreendeu em uma voz muito mais suave do que a de seu companheiro encapuzado, — lembra do que falamos?

— Você disse para ser amigável. Isso foi uma piada.

Ninguém riu, exceto Jovan. — Eu acho que você precisa de algum trabalho sobre o seu humor, companheiro.

— Se você não matar a todos nós, eu te ajudarei, — acrescentou Caspar.

— Obrigado, — o Assassino respondeu. Não que sua polidez parecesse relaxar alguém. Se alguma coisa, mais tensão enchia a sala. Assistir Caspar e Jovan sorrirem para o Assassino encapuzado pareceu como observar gatinhos pularem em direção a um crocodilo.

— Eu sei que você tem poucas razões para confiar em nós, mas eu venho para avisar do mal, não para trazê-lo. — Os olhos tristes da Donzela da Morte se encontraram com Lenda e o vento fez seu vestido desfiado ficar mais forte. — Sinto que todo o seu mundo está em perigo se você se recusar a aceitar a nossa ajuda.

— Qualquer perigo para o nosso mundo é por causa de sua espécie, — disse Lenda.

— Você não é tão diferente de nós, — respondeu a Donzela da Morte. —

Você é imortal e tem habilidades como a nossa. Mas você não sabe o que é estar ligado à Estrela Caída. Somos suas abominações imortais e, quando agimos, ele nos pune eternamente.

Seus mitos afirmam que a Morte prendeu minha cabeça em pérolas, mas na verdade foi Gavriel. Uma vez, ele me quis. Eu recusei ele.

Então, ele tinha minha cabeça enjaulada neste mundo amaldiçoado, para impedir que alguém mais me tocasse. Eu tentei removê-la; Eu até morri e voltei à vida, mas a jaula permanecerá até que Gavriel morra.

— E qual é o seu conto de desgraça? — Tella perguntou ao Assassino.

— Não é da sua conta. Você deveria confiar em mim porque eu não estou matando nenhum de vocês agora.

— Isso é bom o suficiente para mim, — disse Caspar com uma risada. Parecia que ele achava que o Assassino estava contando outra piada. Tella não tinha tanta certeza.

Julian também pareceu desconfiado. Ele sentou-se em frente, onde o Destino estava, os cotovelos sobre a mesa, inclinando-se para a frente com um olhar que estava prestes a pedir uma briga. — Todos concordamos, todo mundo odeia a Estrela Caída. Mas ainda acho difícil acreditar que você o quer morto, já que matá-lo deixa vocês dois mais vulneráveis.

— Ser vulnerável não é tão ruim quanto alguns acreditam, — disse a Donzela da Morte. — A morte da Estrela Caída nos tornaria sem idade. Se nós morrêssemos, nós não voltaríamos à vida, é verdade. Mas se formos eternos, poderemos viver quase tanto quanto um imortal se formos cuidadosos. Embora nem todos nós queiram viver tanto tempo. Alguns dentre o nosso tipo gostariam de ter a opção de finalmente morrer. Mas eles não estão dispostos a se opor abertamente a ele. Ninguém quer passar uma eternidade em uma gaiola.

— Isso eu acredito. — O tom de Lenda era mais diplomático do que o de seu irmão, mas ficou claro pelo peso que ele colocou atrás dele que um movimento errado dos Destinos mudaria sua abordagem. — Podemos todos ter um minuto sozinhos? Se você está realmente aqui para nos ajudar, não imagino que isso seja um problema.

A Donzela da Morte deslizou silenciosamente para onde Lenda e Tella estavam perto da porta. Assim que ela saiu, o Assassino simplesmente – e

enervantemente – desapareceu de uma forma que lembrou a todos que ele poderia reaparecer, com as facas que ele falou anteriormente.

Tella jurou que as paredes estremeciam, como se o escritório tivesse finalmente parado de prender a respiração.

Lenda afrouxou seu aperto em Tella, mas não a soltou quando ele se aproximou da mesa. Esta foi a primeira vez que ela o viu interagir com seus artistas assim. Alguns de seus artistas nem sabiam quem ele realmente era, mas esses eram os que ele mais se aproximava.

Houve um silêncio respeitoso quando Lenda e Tella chegaram à mesa juntos. Todos pareciam ansiosos para dar sua opinião. Mas ninguém disse uma palavra até que Lenda se virou para Nigel.

O cartomante tatuado pegou uma xícara de chá e tomou um gole antes de falar, com os lábios cercados por arame farpado coberto de tinta. — Eu não consegui ler nem o Destino. Os olhos do Assassino estavam escondidos por seu capuz e quando a Donzela da Morte olhou em minha direção, ela só encontrou meus olhos. Seu olhar nunca se aventurou em nenhuma das minhas tatuagens.

— Qual é a sua impressão pessoal? — Perguntou Lenda.

— Nunca confie em um Destino, — disse Nigel.

— Se o Assassino quisesse nos machucar, ele teria, — interrompeu Caspar.

— Talvez os planos deles envolvam mais do que nos matar em um salão, — disse Jovan.

— Nem todos os Destinos são assassinos, — disse Aiko.

— Então você acha que devemos confiar neles? — Perguntou Lenda.

— Sim, — respondeu Caspar e Aiko ao mesmo tempo em que Jovan disse firmemente: — Não. Qualquer pessoa que use 'o' na frente do nome nunca é confiável. Mas desde que suas ordens eram para o resto de nossa trupe voltar para sua ilha por segurança, pode não ser uma má ideia considerar novos aliados.

Lenda virou-se para Julian.

— Eu não posso acreditar que vou dizer isso, mas... — Julian esfregou a mão para cima e para baixo ao longo da cicatriz marcando seu rosto. — Eu gosto dos poderes do Assassino. Ele poderia ir até Carmim se alguma vez

precisássemos dele.

— Eu não sei sobre isso, — Tella cortou. — Eu ouvi que o Assassino não estava em seu perfeito juízo porque ele viajou muito com o tempo. Mas nós podemos não precisar dele, ou da Morte da Donzela. Podemos já ter a resposta para derrotar a Estrela Caída.

Ela aliviou-se de debaixo do braço de Lenda e estendeu a caixa de jasper vermelho enquanto explicava rapidamente por que poderia ser a resposta para todos os seus problemas.

Mas quase tão logo Tella desatou o trinco, ela percebeu que não seria uma resposta para nenhum problema. A nota dentro era tão fina que parecia que poderia desmoronar com um toque.

Gavriel, a Estrela Caída, foi humano uma vez.

Isso aconteceu apenas brevemente, pouco antes de ser traído pelo único humano que ele amava, Paradise, a Perdida.

Tella ignorou a dor que sentia ao ver o nome da mãe e releu a nota, esperando que mais palavras aparecessem na página. Mas não aconteceu nada.

Não era isso que ela queria.

Tella queria uma lista de fraquezas, uma falha fatal ou um plano simples que descrevesse exatamente como matar um Destino ou a Estrela Caída. Mas este segredo apenas disse a ela que a única pessoa que poderia matar a Estrela Caída já estava morta.

— Não importa essa ideia. — Tella deixou cair a caixa na mesa.

Ela teria amassado as palavras inúteis dentro também, mas a nota desapareceu assim que ela terminou de ler. *Poof*. Se foi.

Ela podia sentir sua esperança diminuindo, mas Tella se recusou a desistir de encontrar a fraqueza da Estrela Caída. E a nota revelou uma coisa. Na noite em que sua mãe morreu, Tella não entendia por que sua mãe o esfaqueara. Mas agora ela entendeu.

Paloma deve ter pensado que Gavriel ainda a amava e que sua reunião o

tornaria mortal para que ela pudesse matá-lo. Só que ele a matou em vez disso.

— Você chegou a uma decisão? — A Donzela da Morte falou suavemente da porta, mas Tella podia sentir o poder pulsando em torno dela enquanto seu vestido fantasma tremulava, enquanto o Assassino estava ao seu lado coletando sombras.

O rosto bonito de Lenda pareceu impassível, mas Tella jurou que a porta em arco na qual os Destinos estavam ficou mais alta, fazendo os dois parecerem menores. — Obrigado pela oferta, — disse ele, — mas preferimos lutar essa batalha sozinhos.

— Eu não acredito que vocês podem ganhar sem nós, — suspirou a Donzela da Morte. — Pelo menos leve isso.

Houve um silvo e um estalo, como um golpe do fósforo, e então o Assassino estava ao lado de Tella, colocando dois discos grossos na palma da mão. *Moedas desafortunadas.*

Tella voltou a falar quando Jack deu a ela uma dessas. Ela se lembrava de pensar que a moeda mágica era um presente tão especial. Mas havia uma razão pela qual os objetos eram chamados de desafortunados. Eles poderiam ser usados não apenas para convocar Destinos, mas para rastrear humanos.

— Caso você mude de ideia, — murmurou o Assassino.

— Segure-as com força, diga nossos nomes, e nós viremos em seu auxílio, — prometeu a Donzela da Morte.

Tella tinha que admitir, eles eram mais gentis do que qualquer outro Destino que ela conheceu, e ainda assim ela jogou as moedas deles em uma lixeira assim que eles desapareceram.

— Então, o que fazemos agora? — Perguntou Jovan.

— Eu tenho uma nova idéia, — Tella ofereceu.

Outra garota poderia ter ficado quieta depois que seu último esquema fracassou de forma tão espetacular. Mas foi por essa razão que Tella sentiu a necessidade de encontrar um plano que funcionasse. A ideia era algo que Jacks havia sugerido, mas ela não tinha considerado seriamente isso antes. Seria mais arriscado para a irmã dela, porque isso significaria que ela precisaria obter o sangue da Estrela Caída, mas se funcionasse, acabaria salvando Scarlett – e todo o império.

— Há um livro na Biblioteca Imortal que revelará todo o histórico de uma pessoa ou de um Destino. Se encontrarmos este livro e lermos a história da Estrela Caída, isso deve nos dizer qualquer fraqueza que ele tenha.

Aiko olhou para cima de seu caderno, onde ela já começava a esboçar o encontro deles com o Assassino e a Donzela da Morte. — Você está falando sobre o Ruscica. Esse livro pode ser muito útil, mas para acessar a história da Estrela Caída, precisaríamos de um frasco de seu sangue.

— Eu sei. — Tella respirou fundo, esperando que essa aposta fosse recompensada. — Minha irmã está com a Estrela Caída, e assim que tivermos o livro, podemos enviar uma mensagem pedindo que ela pegue o sangue.

— Não, — objetou Julian. — Isso a colocaria em perigo demais.

— Todos nós estamos em perigo, — disse Aiko.

— E Scarlett não estará sozinha. — Lenda dividia o olhar entre Nigel, Aiko, Caspar e Jovan. — Enquanto Tella e eu procuramos a Ruscica, Nigel, volte para o palácio e descubra o que os Destinos planejaram em seguida. Aiko, descubra quais Destinos estão em Valenda – não quero ser surpreendido por mais visitas. Caspar, encontre um caminho para o palácio e tente aprender quanto as pessoas são fiéis aos Destinos. Jovan, quero você em Scarlett.

Esgueire-se para as ruínas do Alojamento, garanta que ela permaneça segura e, quando puder, escorregue-lhe um bilhete, deixando-a saber que precisamos do sangue da Estrela Caída.

Tella queria protestar – conseguir o sangue da Estrela Caída seria arriscado para Scarlett. Ela não queria que sua irmã tentasse até que eles tivessem o livro. Mas quanto mais esperavam para pedir a Scarlett que conseguisse o sangue, mais tempo ela estaria no Alojamento com ele.

— Eu ainda não gosto desse plano, — disse Julian. — Se alguém vai cuidar de Carmim, eu deveria ir.

— Sem chance, — respondeu Lenda. — Você será pego, e se algo acontecer com você agora, eu não posso trazer você de volta.

Julian olhou para o irmão. — Você não terá que me trazer de volta. Eu não vou ser pego.

— Eu não vou discutir sobre isso. — Lenda balançou a cabeça, seu tom desdenhoso.

Julian se levantou da cadeira e, de repente, todos na mesa tinham outro lugar para olhar, mas Tella não conseguia tirar os olhos dele. Lenda era mais alto e mais largo, mas o rosto de Julian estava cheio do tipo de emoção crua que Lenda nunca mostrava. — Você não quer discutir porque sabe que estou certo.

— Você não está certo, — disse Lenda. — Você está apaixonado e isso te deixa desleixado.

Julian se encolheu. O mesmo aconteceu com Tella.

Não que Lenda parecesse notar a reação dela.

— Você está certo, Lenda, — disse Tella, chamando sua atenção de volta para ela.

Lenda sorriu, satisfeito por ela concordar com ele, até que Tella continuou. — O amor é confuso. Não é facilmente controlado. Mas é isso que faz com que seja tão poderoso. É uma paixão desenfreada.

É se importar com a vida de outra pessoa mais do que com a sua. Eu concordo que Julian está provavelmente em maior risco de ser pego, ou pior, se ele for às ruínas do Alojamento para cuidar de Scarlett, mas eu acho que é admirável que ele esteja disposto a correr esse risco.

Julian ficou um pouco mais alto. — Obrigado, Donatella.

— Mas eu ainda concordo com o Lenda. Se você está em risco, Julian, isso coloca minha irmã em maior perigo – se ela descobrisse que você estava lá e em apuros, ela faria qualquer coisa para salvá-lo. Acho que a melhor coisa para ela seria se você ficasse longe.

Julian balançou a cabeça com uma careta.

Mas não houve mais argumentos depois disso. Era quase estranho como ninguém mais debatesse suas atribuições. No final, todos concordaram em seguir as ordens de Lenda. Até mesmo Julian, que recebeu uma tarefa que não envolvia a infiltração das ruínas do Alojamento, onde Scarlett estava sendo mantida.

Enquanto Tella observava todos em silêncio, ela se perguntou se talvez Lenda tivesse manipulado todos eles. Ele possuía outro tipo de magia que ela não conhecia? Ou talvez tenha algo a ver com como eles estavam todos ligados a ele...

— Eu sei o que você está pensando, — disse Julian. Todos os outros se

foram, e ele estava quase na porta, mas ele se virou e olhou para Tella. — Você está se perguntando se todos nós concordamos apenas porque estamos ligados a Lenda por mágica.

Você está se perguntando se a mesma coisa acontecerá com você se aceitar a oferta que meu irmão fez a você e se tornar imortal...

— Julian, — advertiu Lenda.

— Relaxe, irmão. — Um sorriso de lobo substituiu a carranca de Julian. — Eu ia contar a verdade a ela. Todos nós temos livre arbítrio, Tella. Se você se tornar imortal, você não perderá seu livre arbítrio.

Você não vai sentir meu irmão controlando você. Mas você nunca vai sentir ele te amando como eu amo Carmim. — Com isso, ele saiu da sala, deixando Tella e Lenda sozinhos.

As luzes quentes do estudo diminuíram quando Tella ouviu Lenda se aproximar. O ar ficou mais quente e seu coração bateu mais rápido, mas ela não ousou olhar para ele. Era muito fácil ser hipnotizada por tudo sobre ele.

Mais cedo, quando ele a beijou no mercado, ela sentiu o quanto ele a queria, ela pensou que talvez pudesse ser o suficiente; Ser desejada por Lenda era inebriante e poderoso. Então ela assistiu Julian. Tella nunca se sentiu atraída por Julian, mas por um momento ela odiou o quanto tinha ciúmes do que sua irmã tinha com ele.

Suficiente nunca seria suficiente para Tella. Ela queria um amor pelo qual valha a pena lutar, mas imortais não podem amar.

— Meu irmão só disse isso porque está chateado. — A voz baixa de Lenda estava bem ao lado de Tella e enquanto ele falava, o mundo se transformava. As paredes se transformaram em fumaça, a mesa abandonada sumiu e a porta desapareceu, até que eram apenas os dois, de pé sob um céu aveludado cheio de estrelas brancas surreais. Piscando. Brilhando. Luzes cintilantes. Mas nenhuma delas brilhava como os olhos escuros de carvão de Lenda quando ela finalmente olhou para ele.

— Há outras vantagens em ser imortal. — Sua mão quente deslizou ao redor de seu pescoço antes de seus dedos deslizarem em seus cabelos. — Me dê uma chance. Por favor.

Tella inclinou a cabeça para trás, apoiando-se na palma da mão dele na palavra *por favor*. A maneira como ele disse isso a fez se sentir tão querida e

importante, mais uma vez.

Sua boca se contraiu em meio sorriso, e o mundo ficou um pouco mais brilhante quando várias estrelas caíram do céu, caindo em direção à terra em arcos ofuscantes de fogo.

Tella adorava quando ele se exibia. Ela adorava que ele fosse mágico. Ela amava muitas coisas sobre ele. Ela o queria mais do que ela jamais quis alguém – ela não queria que ele a deixasse ir ou a deixasse sozinha, nem por um momento. Ela queria que ele a perseguisse até os confins da terra, aparecesse em seus sonhos todas as noites e estivesse lá quando acordasse também. Ela queria que ele a amasse.

Mas sabendo o que o amor custaria a Lenda, ela nunca mais poderia pedir isso. Tella precisava acabar com isso, para os dois.

Ela sabia que Lenda não a amava; ele disse que nunca faria.

Mas, para o caso de isso mudar alguma vez, a última coisa que ela queria era ser a razão pela qual ele não voltasse à vida quando morresse.

Tella deu a ele o tipo de sorriso que ela geralmente fazia com desculpas indiferentes. — Eu não posso fazer isso.

Várias estrelas desapareceram do céu.

Tella vacilou, mas ela não parou. — Eu pensei que poderia considerar isso. Mas, na verdade, acho que me apaixonei mais pela ideia de você do que por você.

Lenda apertou sua mandíbula. — Você não quer dizer isso, Tella.

— Sim, eu quero. — Ela forçou as palavras para fora, cada uma com sabor pior do que a anterior. Mas ela sabia que se ela não passasse por isso agora, ela não seria capaz de fazer isso de novo.

Lenda pode não ter sido capaz de sentir amor, mas pelo jeito que ele ficava olhando para ela – pelo modo como sua boca bateu em uma linha tensa e seus olhos se tornaram distantes e protegidos – ficou claro que ele sabia como se sentir magoado.

Tella fez-se continuar, seu sorriso forçado desaparecendo. — É como quando você queria ver se conseguia convencer o mundo de que você era o herdeiro de Elantine. Eu só... — Ela respirou fundo. — Eu queria ver se eu poderia fazer o Grande Mestre Lenda se apaixonar por mim.

O rosto de Lenda se tornou uma máscara de perfeita calma, mas o que

restou das estrelas no céu desapareceu de uma só vez, ocultando os dois na escuridão repentina. — Se isso é verdade, Donatella, então nós dois falhamos em conseguir o que queríamos.

Antes que ela pudesse responder, ele se foi.

Donatella

Naquela noite, Tella tentou não pensar em Lenda. Ela precisava se concentrar. Ela não podia pensar nas coisas dolorosas que tinha dito a ele, ou no modo como ele a deixara na escuridão total, enquanto ela escrevia um bilhete para sua irmã que iria condenar a todos ou salvá-los.

Scar,

Precisamos de um frasco do sangue da Estrela Caída. Mas tenha muito cuidado para pegar o sangue, e com a Estrela Caída – faça o que fizer, não tente fazê-lo amar você. Quando fui ao Mercado Desaparecido, soube que a Estrela Caída amou nossa mãe uma vez – ela era a única humana que ele amava e ele a matou.

Seja mais cautelosa do que você já foi em sua vida.

Com amor,

T

Tella perdeu a noção de quantas vezes releu a nota antes de finalmente entregá-la a Jovan, que a entregaria a Scarlett mais tarde naquele dia, pois já

passava da meia-noite. Tella estava além do cansaço, mas mesmo depois de subir na cama lutou contra o sono, não querendo enfrentar o que quer que esperasse por ela – ou melhor, o que *não* esperava por ela – em seus sonhos.

Donatella

A carruagem do céu sonhador entrou em foco lentamente. Envolveu Tella como uma memória escondida atada com toques de maçãs e magia. As almofadas de couro sob ela eram amanteigadas e aparadas em um azul royal espesso que combinava com as pesadas cortinas que cobriam as janelas ovais. Era exatamente como a primeira carruagem do céu em que ela já esteve, exceto pelo seu tamanho. Tinha cerca de metade do tamanho de uma carruagem regular, não deixando praticamente nenhum espaço entre ela e o jovem que se sentava em frente a ela, Jacks.

Ele sorriu como um canalha quando jogou uma maçã branca cintilante entre os dedos pálidos. E pela primeira vez, Tella ficou feliz por ter lhe dado permissão para entrar em seus sonhos.

Sua maçã parecia como se sua casca tivesse sido mergulhada em glitter, e ainda assim seu brilho era de uma faísca para uma chama quando comparado ao Príncipe de Copas. Ele estava um pouco desalinhado, como de costume – suas calças castanho-claras estavam apenas meio enfiadas em suas botas, o fraque vermelho-amarrotado de veludo estava enrugado e a gravata creme estava meio amarrada. Mas sua pele brilhava como uma estrela, seu cabelo dourado brilhava mais que qualquer coroa, e seus olhos sobrenaturais brilhavam com um tom de azul que fez Tella pensar nos erros mais maravilhosos.

— O que estamos fazendo aqui? — Ela perguntou. Ela sabia que eles

estavam em um sonho e, como Lenda, Jacks parecia ter a capacidade de controlá-lo.

— Eu pensei em tentar algo novo. Eu quero que nós comecemos de novo.
— Ele mostrou suas covinhas de um jeito que Tella imaginou ser uma tentativa de um sorriso inocente.

Ela se perguntou brevemente o que poderia ter acontecido se ele tivesse dado a ela aquele sorriso na primeira vez que eles se encontraram, ao invés de ameaçar jogá-la para fora da carruagem.

Ela não teria pensado que ele era um pouco inocente ou inofensivo, mas ela teria ficado intrigada.

— Digamos que você pudesse reviver naquele dia. O que você teria feito diferente?

— Talvez eu tivesse lhe oferecido uma mordida da minha maçã.

— Ele se inclinou para frente, aproximando-se dela quase reverentemente, e colocou o pedaço brilhante de fruta em suas mãos.

Estava mais frio que sua pele, quase queimando em sua frieza. — Vá em frente e dê uma mordida, meu amor. É só uma maçã.

— Por alguma razão, eu não acredito em você.

Seu sorriso se contraiu. — Pode ter um pouco de magia.

— Que tipo?

— Prove e descubra. — O olhar desafiador de Jacks parecia um desafio, o tipo que já estava perdido assim que foi aceito.

Se isso tivesse acontecido na primeira vez que eles se conheceram, ela provavelmente teria dado uma mordida, meio curiosa sobre a fruta branca mágica, meio na esperança de impressionar o garoto ainda mais mágico em frente a ela. E

provavelmente a teria colocado sob um feitiço mais traiçoeiro do que o beijo dele.

— Eu acho que vou passar. — Ela entregou-lhe a maçã.

Jacks se apoderou dela em seu lugar. Em um instante ela estava do outro lado da carruagem e dobrou ordenadamente em seu colo, seus braços frios a envolveram, e seus lábios estavam perto o suficiente para beijar.

— Jacks. — Tella colocou uma mão contra o peito dele antes que ele pudesse se inclinar mais perto. — Eu teria sido tentada pela maçã, mas eu

poderia ter realmente empurrado você para fora da carruagem se você tivesse tentado isso naquele dia.

— Então me empurre, Donatella. Eu não vou te parar se é isso que você quer. — Mas ao invés de deixá-la ir, os braços ao redor dela se apertaram. Então sua cabeça inclinou para o lado. Seus lábios encontraram o lugar sensível onde seu pescoço encontrava sua mandíbula.

— Jacks... — Sua voz estava sem fôlego. Soou como um convite em vez de um aviso quando sua boca se arrastou pelo seu pescoço, movendo-se devagar e suavemente contra sua pele. Seus lábios caíram para baixo, para o oco de sua garganta, e seu coração bateu mais rápido. Quando Jacks a beijou, sempre pareceu um pouco como se ele a adorasse. E com tudo o que acabara de acontecer com Lenda, era muito tentador deixá-lo continuar fazendo isso.

— Diga-me o que você quer, Donatella. Diga e eu vou dar isso para você. — Sua boca parou em sua clavícula.

— Jacks. — Ela empurrou com força em seu peito. Não havia espaço suficiente na carruagem para ela ir a qualquer lugar, mas ela foi capaz de separar seus lábios de sua pele. Três meses atrás, ela não teria parado ele. A Tella que não acreditava no amor teria brincado com Jacks da mesma maneira que ele claramente gostava de brincar com ela. Mas Tella se sentia vulnerável demais para jogar hoje à noite.

— Eu sinto muito, Jacks. Eu não acho que você pode me dar o que eu quero.

A cor de seus olhos entorpeceu o vidro do mar pálido, algo como ferida enchendo seu olhar. — Se eu tivesse meus plenos poderes, poderia fazer você mudar de ideia. Eu poderia fazer você se sentir mais do que você jamais imaginou. Eu posso até fazer o sentimento durar se você me disser quem é Lenda.

Ele acariciou sua bochecha; seu toque era afetuoso, mas não havia nada amoroso ou caloroso no que ele sugeriu.

Diferente dos outros Destinos, Jacks não estava nas cartas quando Lenda os libertou do Baralho do Destino, então ele permaneceu enfraquecido. Mas com seus poderes completos, Jacks podia controlar as emoções de qualquer pessoa. Embora tê-lo tirando seus sentimentos por uma noite tenha sido um alívio, Tella nunca iria querer dar a alguém tanto poder sobre ela

indefinidamente.

— Eu não quero isso também, — ela disse suavemente.

— Pelo menos eu tentei. — Suas covinhas retornaram. — Eu suponho que vou ter que tentar mais.

Ele correu os dedos pela bochecha dela mais uma vez quando o sonho se dissolveu.

Scarlett

Enquanto Tella ainda dormia, Scarlett recebeu uma nota embainhada dentro do guardanapo de linho que acompanhava seu café da manhã.

Ela resistiu ao impulso de imediatamente abrir a mensagem. Em vez disso, tomou outro gole do cordial da manhã e, lentamente, enfiou a página no bolso.

Ela jurou que podia ver as baforadas de roxo exigente subindo de onde a mensagem se escondia, como se contivesse alguma da impaciência de sua irmã.

A Dama Prisioneira foi amigável, contando o que sabia sobre os planos da Estrela Caída, e ela não contou a ele sobre o uso que Scarlett fez da Chave da Fantasia. E, no entanto, Scarlett ainda não confiava totalmente nela. Deixou o bilhete no bolso até mais tarde, quando os olhos da Dama Prisioneira finalmente se fecharam para o cochilo, e Scarlett pôde ver que suas cores haviam mudado genuinamente para a tranquila cerceta de águas paradas.

A dama do Destino nunca dormia muito tempo – Scarlett imaginou que tinha algo a ver com o fato de ser forçada a dormir em um poleiro. Então Scarlett leu rapidamente, e depois escreveu uma nota precipitada.

Donatella,

Eu vou pegar o sangue, e vou ter cuidado, mas o que quer que você

esteja fazendo, seja rápida. Em três dias, a Estrela Caída planeja reivindicar o trono. Ele se gabou de que seu Destino continuará a atormentar a cidade. Quando ele fizer sua primeira aparição pública, ele quer que o povo de Valenda implore para que ele reivindique o trono e substitua o Destino que matou Lenda. Ninguém vai pensar em reclamar que ele seja coroado imperador até que seja tarde demais.

Todo meu amor,

S

Donatella

Tella tinha imaginado ingenuamente que a Biblioteca Imortal seria tão fácil de encontrar quanto o Mercado Desaparecido. Era quase tão risível quanto a ideia de que a palavra fácil ainda permanecia em seu vocabulário.

Ela deu um bufo delicado.

Se Lenda ouviu, ele não reagiu. Seus ombros largos não mudaram, e sua cabeça escura não se afastou das águas da fonte rachada em que ele estava olhando – a mesma fonte que eles tinham se beijado na noite que Tella percebeu que ela estava se apaixonando por ele.

Se apenas se desapaixonar por ele fosse tão fácil.

Ela nunca quis antes parar de amar Lenda. Mas hoje, ela continuava pensando no que Jacks tentara oferecer enquanto vasculhavam as colunas decrepitas que cercavam as ruínas da Esposa Amaldiçoada. Ele não tinha seus plenos poderes, então ele realmente não conseguia tirar nenhuma das emoções de Tella por mais de um dia ou realmente mudar seus sentimentos, mas ela estava um pouco tentada pela idéia de se sentir indiferente, ao invés de sentir tudo.

Ela sabia que Lenda se lembrava da noite em que ele a carregou até aqui e depois a beijou até que ela esqueceu sua dor. Se ela fechasse os olhos, ela poderia se lembrar de tudo. Ela se lembrava da maneira como ele a levava aos degraus musgosos em frente as ruínas, como eles tinham falado sobre o passado e como eles se beijaram. Ela podia se lembrar da suave sensação de

seus lábios contra sua boca e seu pescoço e a maneira áspera que suas mãos tinham enterrado na corda ao redor de sua cintura, puxando-a ainda mais perto dele enquanto ele sussurrava o quanto ele a queria.

Ele *tinha* que lembrar. Mas ele se recusou a olhar para ela. Ele praticamente a tratou como um estranho. Foi o mesmo esta manhã nas outras ruínas que eles visitaram. Quando ele falou, foi em respostas curtas para uma de suas perguntas, ou comandos concisos.

Era injusto que, de todos os planos que Tella havia feito recentemente, o único que havia funcionado envolvia afastá-lo. Ela pensou que poderia lidar com Lenda não a amando, mas ela não estava indo muito bem com a idéia dele desprezando-a.

Ela circulou a fonte novamente, embora já tivessem vasculhado essas ruínas em busca de imagens que representassem a Biblioteca Imortal e a levassem ao Ruscica. Eles se revezavam pingando sangue em qualquer coisa que parecesse simbólico. Mas ou a entrada da Biblioteca Imortal não estava aqui, ou seria preciso mais do que sangue para abri-la.

Lenda passou a mão pelo cabelo escuro antes de finalmente se afastar da fonte e começar a caminhar silenciosamente em direção aos degraus que desciam para as ruas. Ambos estavam vestidos com o tipo de roupa comum que tornava as pessoas fáceis de ignorar.

Tella estava usando um vestido de mangas curtas da cor da água lamacenta do lago, enquanto Lenda usava calças marrons simples e uma camisa caseira com mangas desgastadas – mas o bastardo ainda conseguia se mover com a arrogância de alguém que sabia que os olhos se voltariam para ele sem importar o que ele usava. Seus passos possuíam o tipo de confiança que algumas pessoas procuravam por toda a vida.

— Você vem? — Ele disse, um tom áspero, quando chegou ao topo da escada.

— Depende de para onde você está indo. — A voz que viajou para cima da base dos degraus abaixo deles era amabilidade cristalizada, clara e delicada e inquebrantavelmente forte.

Tella se aproximou apenas para ouvir melhor. Lenda tentou ficar na frente dela, mas Tella tinha que ver a quem a voz pertencia.

A mulher que apareceu no topo dos degraus era quase tão bonita quanto o

som de suas palavras. Um vestido de pêsego transparente ondulava acima do chão rachado enquanto ela se movia, da mesma forma que o vestido esfarrapado da Donzela da Morte, como se uma brisa mágica seguisse onde quer que ela fosse.

Ela era mais alta que Lenda. Sua pele era pálida e dura como mármore, o cabelo cortado quase no couro cabeludo, e no topo de sua cabeça descansava uma argola de ouro fino, que a fazia parecer uma princesa antiga.

— Você não é lindo? — Ela disse a Lenda com a mesma voz hipnótica.

Ele respondeu com um sorriso irresistível. — A maioria das pessoas pensa assim.

— *Você acha que sim?* — A mulher extasiada voltou-se para Tella.

Mas assim que ela fez sua pergunta, tudo o que Tella podia ver eram imagens de Lenda. Ela o imaginou durante Caraval, quando ele esperou por ela na frente do Templo das Estrelas, com apenas um pano largo enrolado em volta de sua metade inferior, revelando seu peito glorioso em todo seu esplendor esculpido.

— Você deveria vê-lo sem camisa. Ele é magnífico. — A boca de Tella ficou aberta assim que as palavras saíram. Ela nem conhecia essa mulher. E ela não deveria mais estar apaixonada por Lenda.

Mas Lenda não ria nem sorria como normalmente faria. Na verdade, ele parecia assassino.

A mulher riu, o som tão cativante quanto sua voz. Isso implorou para Tella rir com ela. Mas desta vez Tella lutou contra o desejo de ceder quando ela percebeu a aparência da mulher mais uma vez. Os olhos de Tella voltaram para o círculo ao redor de sua cabeça. Estava coberta de símbolos antigos, que Tella não sabia ler, mas imaginou que, se pudesse decifrá-los, os símbolos lhe teriam dito que aquela mulher não era uma princesa antiga, mas a Predestinada, Sacerdotisa, Sacerdotisa.

Sua magia estava em sua voz. É por isso que Tella havia respondido com tanta honestidade. Toda vez que Sacerdotisa, Sacerdotisa fazia uma pergunta, uma pessoa tinha a escolha entre respondê-la com verdade ou lutar contra a questão e morrer. Sua voz não era apenas convincente, era mortal.

— Eu já posso ver que brincar com vocês dois vai ser divertido, — disse o Destino. — Você gostaria de ficar aqui e brincar comigo?

Todos os cabelos nos braços de Tella se ergueram. A palavra *não* bateu contra o crânio dela, seguido por *nunca*, e então as palavras *eu prefiro matar você*. Mas ela sabia que seria um erro gritar qualquer uma dessas do jeito que ela queria.

Eles precisavam fugir.

Mas as palavras *não* e *nunca* continuaram batendo em seu crânio. Batendo e batendo e — — Receio que temos em outro lugar que precisamos ir, — respondeu Lenda suavemente.

Tella recuperou a capacidade de pensar, mas durou apenas um momento.

— Isso é decepcionante. — A boca do desytino caiu em um beicinho. — Onde vocês estão indo que poderia ser mais interessante do que passar tempo comigo?

Imagens da Biblioteca Imortal, arrancadas do Baralho do Destino, tomaram conta dos pensamentos de Tella. Ela viu estantes de livros mágicas cheias de volumes proibidos, e então o Ruscica abriu uma página com instruções detalhadas de como matar a Estrela Caída.

— Estamos indo às ruínas ao redor de Valenda em busca da Biblioteca Imortal, — disse Lenda. Sua voz ainda estava completamente nivelada. Tella não sabia se ele nem estava tentando não responder às perguntas, ou se a magia o afetava mais do que ela, tornando impossível evitar responder.

Em algum momento entre agora e a última pergunta, a Sacerdotisa se aproximou dele. Seus longos dedos brancos estavam em seu braço, arrastando-se até o pescoço. — Esse lugar não é para seres humanos. O que eu precisaria fazer para que você ficasse aqui comigo?

A pergunta não foi dirigida a Tella desta vez — não pressionou contra o crânio dela. E ainda assim ela sentiu que o Destino tinha colocado mais magia por trás disso. Tella podia sentir a pergunta enchendo as ruínas com um fedor adocicado enquanto as mãos do Destino subiam no cabelo de Lenda, da mesma forma que Esmeralda, e Tella temia que o Destino não estivesse apenas usando seus poderes para obrigar Lenda a responder uma pergunta. Ela queria possuí-lo.

— Nada vai fazê-lo mudar de ideia! — Tella gritou, chamando a atenção do desgraçado Destino em seu caminho. Os lábios da Sacerdotisa se afinaram. — Você não tem um forte senso de autopreservação, não é?

— Eu sou mais forte do que a maioria das pessoas pensa, — disse Tella. Ela pensou ter visto uma fração do retorno do sorriso perdido de Lendas.

E antes que o Destino pudesse fazer outra pergunta, a terra começou a tremer. As ruínas tremeram. Os degraus se dividiram, a fonte amaldiçoada rachou ao meio, vinho derramando-se por todo o chão, enquanto os restos da mansão arruinada desmoronavam em uma nuvem estrondosa de poeira e detritos.

A poeira era tão espessa que Tella não podia ver Lenda ou a Sacerdotisa, mas ela pensou ter ouvido os passos do Destino se afastando enquanto Tella procurava um lugar seguro para se esconder até que o terremoto cessasse.

Tudo o que ela podia ver era poeira. Mas ela não engasgou com isso, e embora o mundo ao seu redor estivesse desmoronando, ela percebeu que nada realmente a tocara.

— Lenda? — ela chamou timidamente, embora estivesse certa de que a Sacerdotisa já tinha ido embora. — Diga-me que você está fazendo isso.

A poeira desapareceu, os tremores cessaram e as ruínas voltaram a ser como antes. As únicas rachaduras que restaram foram as que estavam lá antes. Uma ilusão.

Lenda apareceu em seguida. Mas ao contrário das ruínas, ele parecia muito diferente do que antes. O cabelo úmido se agarrava a sua testa, e sua pele de bronze parecia cinza quando ele tropeçou em direção a Tella.

Lenda nunca tropeçava.

Seus braços foram ao redor dele instintivamente, e ou ele estava realmente enfraquecido ou eles chegaram a uma trégua temporária, porque ele não a afastou. Ele se inclinou pesadamente contra ela, tornando impossível para ela se mover. Ele havia se drenado usando muita magia.

Lenda era privado de muitas coisas, incluindo qualquer coisa que envolvesse seus poderes. Mas ela sabia que sua magia estava em seu auge durante o Caraval porque era alimentada por todas as emoções de todos os presentes. Ele provavelmente era mais forte no palácio por razões semelhantes.

— Você não tinha que se dar ao trabalho de assustá-la, — disse Tella.

Os dedos de Lenda encontraram seu cabelo e pentearam seus cachos, um gesto ocioso que ele provavelmente nem percebeu que estava fazendo. — Eu

não queria que ela fizesse perguntas que você poderia se recusar a responder.

— Eu não sou tão teimosa, — Tella bufou.

— Sim, você é, — ele murmurou, — mas eu gosto disso em você. — A mão de Lenda deixou seus cachos e envolveu a vulnerável parte de trás do pescoço dela – definitivamente um gesto intencional.

Ele acariciou sua pele com os dedos que a fizeram pensar que ele não estava tão fraco quanto parecia e então ele inclinou a cabeça para trás até que ela estava olhando para ele.

Sua cor já estava voltando para seu rosto bonito, fazendo-o parecer um pouco intocável, mesmo quando ele continuava a tocá-la.

Seus dentes afundaram em seu lábio inferior. Por um momento fraco, ela esperou que isso não fosse uma trégua temporária, e que ele finalmente tivesse visto seu discurso da noite passada.

Ele soltou o pescoço dela e se afastou. — Nós devemos ir.

— Mas eu acabei de chegar aqui.

O Príncipe de Copas apareceu no topo dos degraus. Ele encostou-se a um corrimão em ruínas, uma bagunça elegante de roupas enrugadas, movimentos preguiçosos e cabelos dourados, que pairavam sobre os olhos que pareciam estar observando-os por um tempo.

Gelo cobriu a pele de Tella. Mas era diferente do frio que sentia sempre que Jacks olhava para ela, porque seus olhos se moviam ao lado dela, agarrando-se a Lenda, que Jacks, junto com o resto do império, só conhecia como Dante – um jovem que deveria estar morto, um jovem que acabara de usar uma quantidade assustadora de poder, um jovem que não xingou Jacks, ou tentou proteger Tella como ele fizera com a Sacerdotisa.

Ela rapidamente se virou para ver Lenda. Seus ombros largos estavam rígidos, sua expressão estava fixa. Ele ficou parado como uma estátua ao lado dela, da mesma forma que ele esteve na noite do Baile do Destino quando Jacks usou seus poderes para brevemente fazer todos os corações pararem de bater.

— Jacks! Pare com isso! — Tella exigiu.

Mas o Príncipe de Copas nem sequer a reconheceu. Seus olhos azuis assumiram um olhar voraz e, naquele momento, Tella pôde ver o que ele estava pensando. Ao contrário dos outros Destinos, Jacks estava em apenas

metade do poder; ele queria o resto de seus poderes de volta, e Lenda era o único com a capacidade de restaurá-lo.

— Fique longe dele! — Tella implorou. Lenda já estava enfraquecido por usar muita magia; ela não queria pensar no que uma troca de poder com Jacks faria com ele agora.

Mas o Príncipe de Copas continuou a ignorá-la; Seu olhar raivoso permaneceu na forma congelada de Lenda. — Você sabe, eu me perguntei se você era Lenda durante o Caraval, e depois novamente quando eu te vi no sonho dela. Mas então você morreu.

— Ele não é Lenda, — Tella mentiu.

Jacks finalmente inclinou a cabeça em sua direção, mas nenhum dos danos que estavam em seus olhos na noite passada estavam lá. Ele parecia mais o menino cruel que ela conheceu na carruagem que ameaçou empurrá-la só para ver se ela sobreviveria.

— Se ele não é Lenda, quem criou a ilusão que acabei de ver e como ele está vivo? Os relatórios que ouvi disseram que o novo herdeiro havia sido morto.

— Eram apenas rumores, — disse Tella. — Eu comecei eles para manter os Destinos longe.

Jacks riu, mas seus olhos permaneceram frios. — Pela primeira vez espero que você esteja mentindo, meu amor. E se você não estiver, então me desculpe.

Tella agarrou seu esterno e se dobrou, subitamente tonta e enjoada e incapaz de respirar. As ruínas, Jacks, Lenda, tudo se transformou em um borrão, e as estrelas explodiram diante de seus olhos quando a dor a cegou.

— Que diabos... — Lenda amaldiçoou, finalmente livre do controle de Jacks.

— Não faça outro movimento em direção a ela, — alertou Jacks, — a menos que você deseje que ela morra.

— Jacks, — Tella ofegou quando ela caiu de joelhos, não mais capaz de ficar em pé. — Por quê...

— O que você fez? — Lenda rugiu.

— Eu estou dando a ela um ataque cardíaco, — disse Jacks calmamente.

— Isso a matará muito em breve, a menos que você me devolva todos os meus poderes agora. *Tick. Tock.* Ela não tem muito tempo restante.

— Jacks... — Tella ofegou. Ela não podia acreditar que ele estava realmente fazendo isso. — Não... faça...

— Eu vou fazer isso, — disse Lenda. — Pare de machucá-la, e eu vou restaurar seus poderes com alguns dos meus. Mas só se você jurar agora, em sangue, nunca usar nenhuma de suas habilidades em Tella ou em mim novamente.

A boca do príncipe se apertou e seus olhos voltaram para Tella.

— Bem. Você tem um acordo. Eu não usarei, a menos que um de vocês me peça. — Jacks tirou uma adaga da bota e cortou a mão dele, criando um derramamento de sangue para selar a promessa.

Tella começou a ofegar, ofegando por ar. — Você é um demônio! — Ela poderia ter amaldiçoado Jacks mais completamente, mas tudo o que ela queria era respirar. Ela *confiava* nele. Ela pensou que ele realmente se importava com ela, e ele tentou matá-la.

Os braços de Lenda foram ao redor dela, segurando-a enquanto ela continuava a lutar por oxigênio. — Você me assustou, — ele murmurou.

— O que isso vai te custar? — Ela perguntou contra seu peito.

Em vez de responder, Lenda cuidadosamente andou até a borda da fonte, parecendo ter se recuperado de seu uso anterior de magia, enquanto a ajudava a sentar na borda. — Fique aqui. Eu volto já.

Ele voltou para o Príncipe de Copas. — Nós não estamos fazendo isso aqui. — Lenda entrou nas ruínas da decrepita mansão sem esperar que Jacks o seguisse.

Assim que Jacks e Lenda estavam fora de vista, Tella se levantou da fonte com os braços trêmulos e se arrastou na direção que eles tinham ido. Jacks só deveria ter uma fração do poder de Lenda. Mas ela não confiava nele, e ela tinha visto a troca de poder entre Lenda e a bruxa — ela tinha visto Lenda drenar Esmeralda de toda a sua magia. Ela não podia deixar isso acontecer com a Lenda.

Jacks poderia tê-la deixado fraca demais para fazer muito, e mesmo em seu melhor, ela não seria capaz de separar dois poderosos imortais. Mas isso não a impediria de tentar se necessário.

Ela se aproximou da mansão em ruínas na qual Jacks e Lenda haviam entrado. Toda a estrutura era esquelética, um cadáver feito de tijolos e pedras em vez de ossos. Tella pressionou as mãos contra as paredes sujas para evitar o colapso enquanto espiava através de um buraco irregular.

Ela sabia, por experiência própria com Jacks, que as trocas de sangue poderiam ser intensamente emocionais. A boca de Jacks estava presa no pulso de Lenda. O sangue manchava os cantos de seus lábios, enquanto seu rosto se torcia em algo sádico e faminto enquanto ele bebia.

Ao contrário de Jacks, Lenda parecia não sentir nada. Ele parecia um estudo de apatia – até que, de repente, Lenda arrancou o pulso da boca de Jacks com força suficiente para empurrar o Destino vários passos para trás. — Tella não é sua. — As palavras eram afiadas.

Jacks respondeu com um sorriso sangrento. — Ela vai ser.

Tella agarrou a parede para ficar em pé enquanto ela novamente se lembrava do jeito que ele mostrou suas covinhas e disse, *eu suponho que eu tenho que me esforçar mais*.

Era este o seu jeito de tentar?

Ela continuou a observar quando Jacks limpou o sangue da boca com as costas da mão. — Ela me perdoou antes. Ela vai me perdoar novamente. E agora que essa transação levou sua habilidade de visitar os sonhos dela, não deve ser difícil conquistá-la.

Tella se afastou da parede, pronta para marchar para dentro e contar a Jacks o quão difícil e implacável ela poderia ser. Mas as pernas dela tinham outras ideias. Elas amassaram embaixo dela e a levaram para o chão duro. — Desgraçado!

— Espero que você não esteja falando de mim.

Ela olhou para cima.

Lenda se elevava acima dela. Mas sua coloração estava distante de novo – ele parecia pálido em vez de bronze brilhante – e seu cabelo escuro havia caído do lugar. — Eu pedi para você ficar na fonte.

Não. Ele *disse* a ela para ficar. Mas ela não queria brigar com ele sobre isso, não depois do que ela acabara de ver. — Eu sinto muito sobre os sonhos.

— Eu não me importo com os sonhos. — Sua voz ficou áspera em um

flash. — Eu me importo que você quase morreu.

— Eu não acho que ele realmente teria me matado.

— Sim, ele teria, Tella. Ele é um Destino; você é uma humana e o objeto de sua obsessão. Só há uma maneira de terminar sua história com ele, a menos que você me deixe fazer de você imortal.

Ela nem mesmo o viu se mover, mas de repente Lenda estava de joelhos na frente dela. Seus olhos encontraram os dela de um jeito que era ao mesmo tempo feroz e terno, enquanto suas mãos quentes seguravam suas bochechas.

— O que... o que você está fazendo? — Ela gaguejou.

— Eu desisti com muita facilidade. — Seu polegar acariciou sua mandíbula. — Você me pediu para deixar você ir, mas eu não posso.

— Eu já te disse. Foi só a ideia...

— Você mentiu. — Outro movimento rápido e suas mãos deixaram seu rosto para que um de seus braços pudesse deslizar sob suas pernas enquanto outro foi atrás de suas costas.

— Lenda... — Tella protestou. — Eu não preciso que você me carregue.

Ele continuou pegando-a e embalou-a contra o peito, tão perto que ela podia sentir seu batimento cardíaco constante. — Ele tentou matar você. Eu preciso carregar você.

Todo o ar deixou seus pulmões quando ele marchou pelas ruínas e começou a descer os degraus. — Eu ainda não estou deixando você me fazer imortal.

— Vamos ver. — Sua voz tinha suavizado, e ela poderia ter chamado isso de doce, mas não havia nada doce sobre a maneira como ele sorriu. Era um sorriso que prometia que ela gostaria desse novo jogo, mesmo quando perdesse.

Donatella

Tella nunca esteve tão fria em um de seus sonhos. Sua respiração saiu em grossas baforadas brancas que se demoraram como neblina, enquanto ela vagava por um castelo de cartas, que na verdade era mais um pesadelo do que um sonho. Todas as cartas ou eram rainhas com sua sorridente imagem ou reis com o rosto cruel de Jacks, piscando para ela sempre que ela ousava olhar para elas.

— Eu sei que você está aqui em algum lugar! — Tella chamou.

Ela não sabia como ele tinha entrado em seu sonho. Ela tomou precauções para mantê-lo fora depois que ele tentou matá-la. Mas claramente essas medidas falharam.

Jacks saiu de entre um par de rainhas vermelhas com o seu rosto que ambas tiveram a audácia de lhe mandar beijos.

Ela avançou e lhe deu um tapa na bochecha, com força suficiente para deixar uma marca vermelha em sua pele pálida. — Eu nunca vou te perdoar pelo que você fez hoje.

Todos os reis e rainhas nos cartões faziam cara feia ou cobriam a boca em choque. Alguns pareciam como se eles pudessem sair de suas cartas e atacar, mas Jacks os dispensou com uma mão preguiçosa como algo que provavelmente deveria ser tristeza cintilando em seus olhos azul-prateados.

— Você nunca esteve em perigo, Donatella. — Sua voz era muito mais séria do que o habitual. — Eu sabia que ele não me deixaria te matar.

— Isso não justifica o que você fez! — Ela tentou não gritar, tentou não mostrar o quanto ele a machucou, o quanto ela se importava. Ela nunca quis confiar nele, mas ele estava lá quando sua mãe morreu, ele cuidou dela quando Lenda não cuidou. Ela sabia que ele era um Destino, ela sabia que ele tinha pouca ou nenhuma consciência, mas ela começou a acreditar que ele estava tentando lutar contra a natureza dele por ela. — O que você teria feito se ele se recusasse a lhe dar o poder dele? Você teria me deixado morrer?

— Eu sabia que ele não recusaria.

— Isso não é uma resposta. — Tella apertou as mãos em punhos. Ela queria dar um tapa nele novamente – ela queria derrubá-

lo no chão e levar todo o castelo de cartas com ele e machucá-lo do jeito que ele a machucou. Mas Lenda estava certo, Jacks era um imortal e ela era claramente sua obsessão.

Não havia um final bom para a história deles. Ele não era capaz das mesmas emoções que ela. Se ele sentisse alguma culpa, ou se tivesse algum sentimento real por ela, ele nunca teria tentado matá-la.

— Por que você se importa? — Perguntou Jacks. — Você acabou de dizer que nunca me perdoaria.

— Você ainda está ignorando a pergunta.

Jacks esfregou a bochecha onde ela deu um tapa quando ele se recostou contra um de seus reis de papel. — Você acreditaria em mim se eu dissesse não, que eu não deixaria você morrer – que eu nunca deixaria você morrer?

— Não, — disse Tella. — Eu nunca vou acreditar em você novamente. E eu quero que você fique fora dos meus sonhos. — Ela sabia que ele tinha feito um voto de sangue para não usar seus poderes sobre ela, mas se ele quisesse, ela sabia que ele encontraria uma maneira de contornar o voto, como ele fez com todo o resto. — Como você chegou *aqui* esta noite?

O rei de papel que Jacks se inclinou deu a Tella um sorriso torto. — Você e eu temos uma conexão. Eu nunca precisei de permissão para entrar nos seus sonhos.

O sangue de Tella gelou. — Não, nós não temos uma conexão. E depois disso, eu nunca mais quero te ver novamente.

O sorriso do rei do papel desapareceu, mas Jacks parecia intocado. — Você diz isso agora, mas vai voltar para mim.

Donatella

O tempo corria mais rápido do que o sangue podia sair de uma artéria cortada. Em dois dias, a Estrela Caída faria seu pedido para o trono – a menos que eles conseguissem detê-lo.

Ontem, o Destino continuou a atormentar a cidade, incendiando todas as igrejas do Distrito do Templo que não adoravam um dos Destinos. O ar ainda estava tingido de marrom pela fumaça. As chamas haviam sido apagadas por um bando de corajosos cidadãos antes que o fogo pudesse se espalhar para outras partes de Valenda, mas o dano havia marcado um novo ponto de inflexão. Era exatamente como Scarlett previra que aconteceria em sua última nota. As pessoas estavam prontas por um entregador. Quando a Estrela Caída aparecesse, toda Valenda pensaria que ele era seu salvador.

Tella rezou para todos os santos que ela encontrasse uma maneira de matá-lo dentro da Biblioteca Imortal, antes que eles ficassem sem tempo. Infelizmente, parecia que a biblioteca Predestinada ainda não queria ser encontrada. Ou talvez nunca tivesse estado em Valenda para começar.

Tella viu uma estátua intocada do Príncipe de Copas enquanto eles procuravam nos distritos queimados do Templo por símbolos da biblioteca. A estátua tinha pouca semelhança com Jacks. Seu rosto parecia muito mais gentil. Suas bochechas eram redondas em vez de ocas. Seu sorriso parecia mais malicioso que mal e seus lábios não pareciam tão afiados.

Lenda pressionou uma mão quente nas suas costas. Ele não parou de tocá-

la desde o dia anterior. Teria sido mais inteligente separar-se, pelo menos uns poucos metros, enquanto procuravam símbolos para levá-los à biblioteca. Mas parecia que Lenda havia adotado uma nova estratégia quando para vencer Tella. — Pronta para seguir em frente, querida?

Tella estreitou os olhos.

Lenda deu a ela um sorriso espantado. — Que tal 'querido coração' ou 'anjo'?

— Acho que podemos concordar que estou longe de ser um anjo. E você não vai me convencer a me tornar uma imortal com um termo carinhoso. — Ela se afastou, mas ele rapidamente agarrou a faixa em volta da cintura dela e enrolou-a no punho para atraí-la para perto. Era azul-escuro, da mesma cor do vestido listrado. As roupas monótonas de ontem não os mantiveram despercebidos, então Tella optou por um traje mais bonito hoje.

— Você está certo, eu acho que 'diabinho' é mais adequado. — Ele continuou cambaleando-a para ele, os olhos escuros cheios de riso. Ele não parecia preocupado que o mundo ao seu redor estivesse literalmente desmoronando – ele olhava para ela como se ela fosse tudo o que importava.

— Por favor, me diga que eu estou interrompendo alguma coisa, — Jacks falou enquanto saía de trás da fonte do Trono Sangrando diretamente em frente a eles. A bacia estava seca – suas águas carmesim provavelmente foram usadas para apagar incêndios – deixando para trás pedaços de vermelho rachado que normalmente corresponderiam ao traje casual de Jack. Mas pela primeira vez, o Príncipe de Copas parecia imaculado. Seus cabelos dourados estavam bem amarrados para trás, suas roupas estavam apertadas, suas botas estavam polidas e seu terno branco era a cor das pessoas geralmente associadas aos anjos.

Lenda instantaneamente se moveu na frente de Tella como um escudo.

Os lábios pálidos de Jacks se franziram. — Eu não estou aqui para fazer ameaças – eu mantenho meus votos. Eu só tenho um presente para Donatella.

— Eu não quero nenhum presente de você, — ela cuspiu.

Jacks puxou sua gravata, dissolvendo sua aparência impecável com uma puxada frustrada. — Eu sei que você me odeia novamente, mas espero que isso prove que eu não sou realmente seu inimigo. — Ele estendeu um rolo de papel encadernado. — É por isso que você não conseguiu encontrar a

Biblioteca Imortal.

Tella intencionalmente ignorou o pergaminho. — Acabamos de fazer negócios com você.

— Não há nenhum acordo envolvido. Considere este presente meu pedido de desculpas. — Os olhos de Jacks lentamente encontraram os dela. Hoje, eles eram de um azul brilhante com fios vermelhos, como se ele estivesse tão dilacerado que não tivesse dormido. Mas Tella sabia que era uma mentira desde que ele apareceu em seus sonhos. — Mesmo se você não quiser aceitá-lo, é o que você precisa se quiser encontrar a Biblioteca Imortal. Você só pode localizar a biblioteca se já esteve lá antes ou se usa o Mapa de Tudo.

O pergaminho começou a brilhar nas mãos de Jacks – assim como os Destinos costumavam fazer.

Tella tentou não olhar para aquilo. O Mapa de Tudo era um objeto Predestinado, semelhante a Chave da Fantasia, mas em vez de encontrar pessoas, localizava lugares. Dizia-se que, se uma pessoa tocasse no mapa, levaria essa pessoa para o lugar que queria encontrar – mesmo que esse local estivesse em outro reino. Poderia revelar portais ocultos e portas para outros mundos. Era inestimável e mítico, e fazia outros tesouros parecerem finos como pedaços de papel.

Era difícil resistir ao impulso de pegar das mãos de Jacks. — Não precisamos do seu mapa.

— Mas vamos pegar, — disse Lenda. Com um movimento relâmpago, o mapa enrolado estava em sua mão.

Tella esperava um protesto de Jacks, mas ele simplesmente colocou as mãos pálidas nos bolsos. — Espero que agora você possa encontrar o que está procurando. — Ele deu a Tella um olhar final, encontrando o olhar dela com olhos tristes e encapuzados e tanta sinceridade que ele poderia ter sido uma foto de um santo em uma parede confessional.

Mas enquanto ela podia acreditar que ele estava chateado que ela o odiava novamente, ela duvidava que ele realmente lamentasse o que ele tinha feito. Tella não tinha dúvidas de que Jacks a queria, mas querer alguém não era o mesmo que amá-lo, e ontem ele provou que ele queria seus poderes ainda mais do que ele a queria.

Jacks foi embora sem outra palavra.

Lenda desatou o mapa. Seu rosto era indiferente, mas a rapidez com que ele desenrolava o pergaminho revelava uma ânsia de possuir o objeto Predestinado, apesar de sua fonte desagradável.

O papel era de um leve tom de farinha de aveia, mas Tella observou quando ele mudou de cor nos dedos de Lenda. Começou em branco, mas quando ele o segurou, uma mancha de tinta azul escura apareceu. Cresceu nos restos ardentes do Distrito do Templo, esboçou pilhas de cinzas que se formam ao lado das estátuas do destino. Tella viu a estátua do Príncipe de Copas e a fonte do Trono Sangrento. Então ela apareceu. Primeiro seus cachos indomáveis tomaram forma, seguidos por seu rosto em forma de coração, e seu vestido listrado com seu decote e mangas pequenas.

Ela esperou por uma renderização de Lenda para se materializar em seguida, mas tudo o que apareceu foi uma pequena estrela a seus pés.

Ela estava onde Lenda queria estar.

— Não fique tão surpresa. — Ele deu um sorriso torto, os olhos se enchendo com o mesmo olhar de provocação que ele lhe dera antes, quando ele a chamava de *querida*. Mas ela percebeu que ele nem escovou o dedo nela quando ele lhe entregou o mapa mágico.

Era possível que Lenda estivesse se apaixonando por ela?

Não que ela quisesse. Não mais. Não importa o quanto a simples ideia da possibilidade de seu amor fazia seu coração começar a disparar. Ela não queria que ele se tornasse humano e, portanto, suscetível à morte por ela. E ele deixou claro, mais e mais, que ele não queria, também.

Tella olhou para o mapa quando ele começou a se mover novamente. Ela não queria confiar no mapa – parecia muito com confiar em Jacks – e ela imaginou que Lenda tinha que se sentir da mesma maneira. Mas ela estava grata por ele ter pegado o objeto Predestinado.

O sentimento incontrolável de que o tempo estava se movendo muito rápido e eles estavam se movendo muito devagar estava de volta. Sempre que Tella pensava em Scarlett, o coração de Tella se apertava de medo. Ela lembrou a si mesma que sua irmã mais velha era cautelosa, e a carta que ela havia mandado ontem prometia que ela traria o sangue da Estrela Caída hoje à noite. Mas Tella não podia deixar de temer que algo estivesse prestes a dar errado, e mesmo se Scarlett conseguisse pegar o sangue, não adiantaria nada

se não encontrassem o Ruscica. Tella e Lenda não tinham o luxo de perder tempo – e o mapa era incrível demais para ser ignorado.

Como Tella e Lenda seguiram o Mapa de Tudo, ele não apenas delineou uma rota para eles, mas também revelou um estranho senso de humor ao fixar rótulos estranhos em vários lugares, plantas e animais pelos quais Tella e Lenda passaram – e alguns que eles não passaram.

CÃO ALTAMENTE INTELIGENTE

CUIDADO COM OS PIOLHOS

ESQUELETOS REAIS DENTRO DOS CLOSETS

O MELHOR FUDGE DE VALENDIA

TÚNEIS SUBTERRÂNEOS QUE SAEM DA CIDADE

TÚNEIS SUBTERRÂNEOS QUE LIDERAM À MORTE E AO
DESMEMBRAMENTO

Tella quase parou de pensar sobre onde eles estavam indo, quando o caminho no mapa finalmente acabou ao sul do distrito de Satine. As palavras *Entrada da Biblioteca Imortal* apareceram. Mas tudo o que Tella podia ver era uma casa de carruagens com um conjunto de tábuas apodrecidas pregadas transversalmente na frente da porta principal.

As palavras *Perigo* e *Não Entre* foram pintadas grosseiramente sobre as tábuas, com símbolos de crânios e beijos de aranhas pintados embaixo deles.

Tella nunca havia encontrado os aracnídeos mortais, mas ela ouviu as histórias. Aranhas atacando pessoas com beijos durante a noite, enquanto as pessoas dormiam, botando ovos dentro da boca de uma pessoa e fechando os lábios da vítima com suas teias. Não havia como destruir as teias. Elas permaneciam no lugar até as aranhas chocarem, e então as vítimas estavam mortas.

— Isso tudo é um glamour, — disse Lenda.

Tella olhou para o mapa. As palavras *Ele está certo* pairavam sobre a imagem da carruagem infestada, e mesmo assim ela ainda se sentia reticente em entrar. — Se é um glamour, por que você está arrancando as tábuas da porta?

— Há uma magia mental ligada, como as ilusões que uso.

Temos que tratar isso como se fosse real para passar.

Tella fechou a boca quando entraram. Ela disse a si mesma que nada disso era real. O cheiro podre que serpenteou seu nariz estava em sua mente. O que quer que estivesse espremido debaixo dos chinelos não era fungo; as aranhas amarelas rastejando sobre seus braços não estavam realmente ali.

— Esta é a magia mais antiga que eu já senti... — Lenda assumiu, e por um momento ela pensou ter visto algo como admiração em seus olhos enquanto as paredes ao redor começavam a desmoronar e uma cachoeira de aranhas caía do teto.

Tella lutou contra o desejo de gritar para que um ou mais não caísse em sua boca.

Lenda capturou sua mão e a impulsionou para frente através de uma avalanche de aranhas. Ela sentiu as pernas minúsculas rastejando por toda parte enquanto as aranhas assassinas se multiplicavam, cobrindo cada centímetro de sua pele.

Tella não sabia se a morte por ilusão era possível. Então ela se lembrou do que Jacks havia dito sobre a necessidade de convocar lugares Predestinados com sangue. A ferida na palma da mão de quando ela trocou sangue com Jacks estava quase curada, mas Tella imaginou que poderia reabri-la com as unhas.

Ela soltou a mão de Lenda e arranhou sua ferida curada, tirando uma nova onda de sangue.

Solte-o ali, instruiu o mapa, apontando para uma erupção de aranhas no canto da sala. Havia muitos para Tella distinguir um símbolo, mas ela obedeceu ao mapa e instantaneamente as aranhas, o chão fétido e as paredes decadentes desapareceram.

Um piscar de olhos e o mundo estava desmoronando, e então ela e Lenda estavam em um pátio feito de paredes de arenito cobertas de estrelas de jasmim que cheiravam tão doces quanto pareciam. Tella respirou timidamente. Ela não tinha certeza se essa era outra ilusão ou a biblioteca Predestinada, mas era extremamente preferível a essa cascata de aranhas assassinas.

Acima deles, metade do céu estava intenso com a luz do sol, enquanto a outra metade tremeluzia de estrelas. Numa extremidade havia um arco de arenito decorativo com duas enormes estátuas de ambos os lados, formadas

por areia de pêssego cintilante. As metades inferiores das estátuas eram felinas, enquanto seus torsos eram humanos, um macho e uma fêmea. Suas cabeças teriam aparecido humanas também, se não fosse pelos chifres curvos que saíam dos topos deles.

A estátua masculina abriu a boca. — Bem-vindo, companheiro imortal e jovem mortal.

— Esperamos que vocês encontrem o que procuram, — acrescentou a mulher. — Mas estejam avisados, há um pequeno dízimo para entrar e ler nossos livros. — Ambas as bocas das estátuas se fecharam com um estalo audível.

O queixo de Tella caiu também. Ela lutou para separar os lábios, abrir a boca para falar, mas não conseguiu.

Ela se virou para Lenda. Ele balançou a cabeça, sua boca tão fechada quanto a dela.

O silêncio deles deve ter sido o custo de entrar na biblioteca.

Donatella

O silêncio dentro da Biblioteca Imortal era absoluto e vivo. Tella podia sentir isso engolindo seus passos, e sugando o som de páginas de livros, e mechas cintilantes dentro de óculos de furacão, mas o pior era a sensação do silêncio mantendo seus lábios pressionados dolorosamente fechados.

Lenda estendeu a mão e pegou a mão dela mais uma vez. Seus olhos silenciosamente prometeram que estavam juntos nisso, e então ele pressionou o beijo mais suave do mundo em seus dedos. Ela sentiu a ponta dos dedos das mãos até os dedos dos pés, lembrando que havia bons usos para os lábios fechados, enquanto se aventuravam sob um arco feito de livros e mais para dentro do lugar Predestinado.

Tudo cheirava a poeira presa em couro leve e rachado e sonhos rebeldes. Inspirando e expirando pelo nariz, Tella olhou para o Mapa de Tudo. Ele havia se transformado depois que eles entraram na biblioteca. Ele agora revelava um reino inteiro feito de livros que poderiam ter sido o pesadelo de um amante de livros ou feiti o seu desejo se tornar realidade. Havia um *Castelo da Lombada Quebrada* e, um *Rio Não Lido*, uma *Ravina de Páginas Rasgadas*, uma *Vila de Poetas*, um conjunto de *Novelas Montanhosas* e, finalmente, o *Ruscica e Livros Para Imaginações Avançadas*.

A rota mais direta para essa sala era através de uma área conhecida como Zoológico. Tella se perguntou se teria livros em gaiolas, mas o Zoológico não tinha estantes de livros. Todos os volumes vagavam livremente nesta sala

enquanto eles se uniam para pegar as formas de diferentes animais. Tella espiava rinocerontes estudiosos, elefantes de papel machê e girafas muito altas que se moviam em um silêncio estranhamente pacífico. O elefante farejou Tella com o seu tronco de livros cor de couro, enquanto um coelho de papel feito de páginas soltas pulava silenciosamente atrás de Lenda.

O coelho continuou a segui-lo quando saíram do Zoológico e chegaram à Câmara de Leitura, onde os livros formavam sofás e cadeiras e um trono gigantesco.

Um aviso apareceu no mapa: *Não se sente no trono.*

Tella ficou instantaneamente curiosa, mas não o suficiente para testar o mapa, especialmente quando eles estavam tão perto do que queriam. De acordo com o mapa, tudo o que tinham que fazer era subir a escada feita de livros, que ficavam atrás do trono, e eles encontrariam a sala Ruscica.

Os degraus eram muito estreitos para andar lado a lado.

Tella relutantemente soltou a mão de Lenda quando ela começou a subir. As escadas livres de livros eram o tipo de íngreme que fazia com que parecesse traiçoeiro se virar. Eles estavam instáveis, mudando por baixo de seus chinelos. Mas Lenda tocou suas costas ou seu ombro a cada poucos passos, deixando-a saber que ele ainda estava lá. Ele estava com ela, e ele não estava saindo, embora ela não pudesse vê-lo ou ouvi-lo.

Isso a fez pensar em todas as outras coisas que ele disse para ela no passado sem palavras. Quando chegaram ao topo dos degraus e à sala com a Ruscica, Tella ficou grata pela biblioteca engolir o som. Isso não melhorou seus outros sentidos, mas isso a fez mais consciente deles, e mais consciente de Lenda quando ele veio ao lado dela e silenciosamente roçou os dedos contra os dela. O

movimento foi rápido e sutil, e ela poderia não ter notado se estivesse ali esperando que ele falasse, em vez de prestar atenção ao silêncio dele.

O mapa não dava nenhuma indicação de onde estava a sala onde o Ruscica descansava, obrigando-a e a Lenda a se separarem enquanto procuravam. Muitos dos volumes tinham lombadas cobertas de números, símbolos ou idiomas que ela não lia. Havia também alguns espinhos com títulos que ela gostaria de ler, se não se sentisse pressionada pelo tempo.

Sereias e Mermen e Como Se Tornar Um
Dez Regras Essenciais de Viagem no Tempo
Mudança de Forma para Iniciantes
Bolos, Bolos e Mais Bolos
Transformando Sua Sombra em um Animal de Estimação
Amor, Morte e Imortalidade

Ela poderia ter pegado o livro sobre bolos ou imortalidade, se este último não estivesse sentado ao lado de um volume grosso de cor de carne com uma palavra grosseiramente costurada na espinha: *Ruscica*.

O livro escorregou da prateleira em uma nuvem de poeira tingida de vermelho que fez as pontas dos dedos de Tella formigarem quando ela o pegou.

Ela encontrou Lenda no lado oposto da sala silenciosa. Quando ela mostrou seu prêmio, ele sorriu. Nenhum deles sabia se teria a informação de que precisavam, mas Tella finalmente se sentiu vitoriosa quando Lenda a segurou pela mão novamente.

★ ★ ★

Depois que a Donzela da Morte e o Assassino visitaram sua casa no Bairro das Especiarias, Lenda decidiu que eles precisavam se mudar todas as noites. Mas uma parte de Tella pensava que ele estava apenas mostrando suas muitas casas. Sua cabana costeira de quatro andares parecia ter sido construída na mesma época que a propriedade do conde Nicolas, mas enquanto a propriedade de Nicolas parecia como se precisasse de magia, a casa de Lenda era o oposto. Cheia de janelas reluzentes e amplas varandas que davam para o oceano espumante, a casa ficava na costa rochosa de Valenda, do jeito que Tella imaginava que Lenda se sentaria em seu trono, exigindo atenção simplesmente por estar ali.

Eles começaram a cerca de um quilômetro de distância, e os dedos de Lenda ficaram entrelaçados com os dela durante toda a caminhada. Ela deveria ter se libertado; antes, o toque dele a havia imobilizado, quando ele a puxou pelas aranhas e a firmou na biblioteca. Mas agora, ele não estava ajudando, ele estava fazendo uma reivindicação. Tella se lembrou de que

nada de bom poderia vir disso quando ela olhou para as mãos entrelaçadas. Mas ela não deixou ir. Ele tinha dedos compridos, palmas fortes, unhas bem aparadas – e nenhum traço de tinta.

Ela levantou as mãos, olhando mais de perto. — Sua rosa negra se foi?

— Você realmente acha que eu iria mantê-la? — Ele arrastou a mão até a boca e deu um beijo nos nós dos dedos. — Você não precisa mais ficar com ciúmes da tatuagem.

— Eu não estava com ciúmes.

— Então talvez eu devesse ter deixado por mais tempo. — A rosa reapareceu nas costas de sua mão.

— Você é um desgraçado. — Tella levantou a mão livre para dar um tapinha nele com seu livro.

Ele pegou seu pulso antes que ela pudesse, e então ele pegou sua outra mão e prendeu as duas atrás dela. Eles finalmente chegaram ao alpendre de seu chalé, e em um movimento rápido ele a girou e a pressionou de volta na porta. — Eu acho que você gosta de mim porque eu sou terrível.

— Não. — Tella se mexeu contra ele, mas ele não se mexeu. — Eu decidi que gosto de garotos legais, como Caspar.

— Sorte minha que ele não gosta de garotas assim. E eu também posso ser legal. Mas acho que você gosta quando não sou.

Ele libertou seu pulso e envolveu suas mãos ao redor de seus quadris. O coração de Tella correu quando seus dedos se espalharam, reivindicando-a enquanto ele a puxava para mais perto.

Talvez mais um beijo não doesse.

Ondas batiam contra a costa próxima, enchendo o ar com sal e umidade, enquanto Lenda continuava inclinando-se.

A porta atrás dela se abriu.

Tella tropeçou para trás, e ela poderia ter caído, se não fosse pelos braços de Lenda apertados ao redor dela.

— Desculpe por isso. — Julian passou a mão pelo cabelo, parecendo um pouco envergonhado, embora ela sentisse que ele realmente não estava. Havia algo duro em seus olhos que normalmente não estava lá. E era a imaginação de Tella, ou ele estava se recusando a olhar para ela?

Ele prometeu a Lenda que ficaria longe do Alojamento, onde Scarlett

estava sendo mantida, mas conhecendo Julian, ele estava encontrando maneiras de se encontrar com Jovan, que deveria estar vigiando sua irmã.

— Scarlett está bem? — Tella perguntou.

Julian finalmente olhou para ela e até conseguiu sorrir. Mas Tella não conseguia afastar a sensação de que algo estava errado. — Eu só preciso falar com meu irmão.

Os braços de Lenda lentamente deixaram sua cintura. — Eu vou te encontrar quando terminarmos, — ele sussurrou.

Tella entrou na casa e fechou a porta atrás dela. Mas ela não conseguiu subir a escadaria de madeira curva para o seu quarto ainda. Se Julian estava mentindo e Scarlett não estava bem – se ela tivesse se machucado tentando pegar o sangue de Gavriel, ou se ela não fosse capaz de conseguir nada – Tella não queria se proteger das informações.

Ela estava perto da porta, as mãos pressionadas contra a madeira quente, mas só havia silêncio, exceto pelas ondas do mar.

Perguntando-se se os irmãos estavam dando a ela uma chance de sair do alcance da voz, ela deu alguns passos barulhentos pela porta e rapidamente foi na ponta dos pés para ouvir Julian dizer: — O que você está fazendo com Tella?

Ela sacudiu ao som de seu nome, seu alarme tomou uma nova direção quando ela se aproximou e espiou através do buraco da porta.

A resposta de Lenda era baixa demais para ela ouvir, mas ela podia ver a expressão dele. Suas sobrancelhas escuras baixaram e o olhar em seus olhos se fechou.

— Eu sei que você não a ama, — disse Julian.

Tella recuou um passo. Ela já sabia que Lenda não a amava, mas a maneira como Julian dizia as palavras fazia com que parecesse muito pior. Não importava que a voz dele fosse suave. As palavras eram como um período no final de uma sentença, pequena, mas absoluta em seu poder.

— Se você se importa com ela, então você deve deixá-la ir em vez de tentar mudá-la.

Silêncio.

Tella ousou olhar pelo buraco da espionagem mais uma vez. O sol estava quase no fim. A noite tomava conta do céu enquanto Lenda olhava para o

irmão com algo parecido com uma acusação. — Essa é a escolha dela, não a sua. Embora você não tenha se importado quando eu te disse que um juramento de sangue poderia te deixar sem idade.

— E eu me odeio por isso às vezes. — A voz de Julian ficou dura. — Eu odeio não apenas ver você se perder, pedaço por pedaço, mas se beneficiando disso. Então eu te vi com Tella. Eu pensei, talvez depois que você a salvasse do Baralho, você mudaria.

Tella prendeu a respiração, mas nada sobre Lenda mudou.

Ele parecia o Lenda que a deixou naqueles degraus em frente ao Templo das Estrelas – fechado, frio e totalmente inacessível. — Se eu tivesse mudado, estaria morto.

— Você não sabe disso, — argumentou Julian. — Talvez você tivesse acabado de fazer as coisas de maneira diferente. Você é descuidado com sua vida. Você arrisca porque sabe que não pode morrer. Tudo bem se é assim que você quer viver, mas não seja descuidado com a vida dela. — Ele olhou para o irmão, cabelos castanhos protegendo os olhos que pareciam travar uma batalha entre o abandono e a esperança. — Você se lembra como era o jogo quando começou?

— Eu tento não lembrar.

— Você deveria, foi divertido.

— Foi apenas um carnaval itinerante, resmungou Lenda.

Julian sorriu, como se a esperança acabasse de ganhar. — Isso foi. Mas ainda inspirou as pessoas a sonhar e acreditar em magia.

Isso me fez acreditar em magia.

Lenda olhou para o irmão como se tivesse perdido a cabeça. — Você sabe que a magia é real.

— Só porque algo é real não significa que você acredita nele. Os Destinos são reais, mas eu não confio neles. Eu costumava colocar minha fé em você e quero fazer isso novamente. Eu sei que você pode ser melhor que isso.

Lenda riu, mas parecia tão longe de humor que deixou Tella triste, não só por Lenda, mas por todos eles. — Quando você se tornou um idealista?

— Quando conheci uma garota que amava tanto sua irmã, que ela pôde desejar que ela voltasse à vida. Você pode possuir magia, mas amor assim é poder real.

— E, no entanto, todo o amor do mundo não teria trazido Tella de volta sem minha magia.

— Ela nunca teria morrido sem a sua magia também. — O sorriso de Julian desapareceu. — Tella teria encontrado outro jeito. Ela não precisava e não precisa de você para salvá-la. Ela precisa *te* salvar.

Scarlett

Scarlett olhou para o espelho que repousava sobre a penteadeira cor de mármore e tentou não chorar com o que viu. Tella não teria chorado. Tella teria desejado sua dor no poder e usado para encontrar uma maneira de consertar tudo – não importando o custo.

Scarlett também podia fazer isso. Ela poderia fazer isso por sua irmã, por Julian, por todos no império e por si mesma. Mesmo que parecesse impossível no momento.

Pelo menos sua irmã e Julian não podiam vê-la agora.

Scarlett continuou a encarar seu novo reflexo no espelho, enquanto seus pensamentos a levavam de volta à noite anterior, depois que ela entregara seu último bilhete para Tella e Julian, quando tudo tinha dado errado.

Uma vez por dia, desde que Scarlett chegara ao Alojamento, os olhos púrpura da Dama Prisioneira se tornavam branco-leitosos, deixando Scarlett saber que ela estava vislumbrando um fragmento do futuro, como contou a Scarlett, *A única maneira de derrotar a Estrela Caída é se tornar o que ele mais quer*. Mas tudo o que a Estrela Caída queria de Scarlett era que ela conquistasse seus poderes e controlasse as emoções dos outros. E seu plano original tinha sido fazer exatamente isso – cultivar seus poderes para mudar seus sentimentos e fazê-lo amá-la, para que ele se tornasse mortal.

Mas nos últimos dias a Estrela Caída deixou claro que, se Scarlett dominasse suas habilidades, seria o catalisador que a transformaria em um

Destino imortal.

Ele disse a ela para encorajá-la a conquistar seus poderes. Mas Scarlett sabia que, uma vez que ela fosse imortal, não seria mais capaz de amar. O amor era uma parte fundamental do que a movia, ela nem sabia quem seria sem amor. E se isso a fizesse gostar do pai dela, quem só queria poder?

Então, apesar do aviso de Anissa, Scarlett planejou obter o sangue que Tella e Julian precisavam para o seu livro Predestinado.

★ ★ ★

— *Você tem certeza de que quer continuar com isso?* — Perguntou a Dama Prisioneira. — *Eu não posso mentir, então se eu fizer uma ameaça, eu tenho que estar disposta a seguir adiante. E se ele te pegar, sua chave mágica não vai te tirar de uma das gaiolas dele.*

— *Eu sei,* — disse Scarlett. — *Mas se isso funcionar, nenhuma de nós terá que se preocupar em ficar enjaulada.* — *Essa foi uma das razões pelas quais ela escolheu confiar no Destino. Scarlett não acreditava que a preocupação de Anissa por ela fosse genuína, mas acreditava que Anissa queria sair de sua jaula.* — *Eu acho que isso vai funcionar, mas se você está tendo dúvidas...*

— *Gavriel e eu tivemos escaramuças assim por décadas.* — A Dama Prisioneira pulou do poleiro para se aproximar de Scarlett. — *Eu posso lidar com tudo o que ele joga do meu jeito.*

— *Eu também posso,* — disse Scarlett, fingindo confiança que não sentia quando soltou a taça de vinho da mão, quebrando-a contra o chão de mármore. Fragmentos afiados de vidro caíram em torno de seus pés enquanto o vinho granada se espalhava, manchando a bainha do vestido rosa de Scarlett enquanto a Dama Prisioneira alcançava através de suas barras e pegava o maior fragmento de vidro.

Um momento depois, Scarlett gritou, alto o suficiente para alertar o guarda do lado de fora da porta. Ele clamou um instante depois. Um olhar para Scarlett, forçada contra a gaiola de Anissa, quando Anissa chegou através das barras para pressionar um pedaço de vidro contra o pescoço de Scarlett, e uma nuvem verde de medo se formou ao redor do guarda quando ele pegou sua espada.

— Eu não faria isso, a menos que você queira que eu a mate. — A Dama Prisioneira inclinou sua ponta de vidro quebrado para a parte mais indefesa da garganta de Scarlett.

— Agora, — ela continuou conversando. — Traga Gavriel. Diga a ele o que você viu e que, se ele não vier aqui agora, eu vou cortar a garganta da filha dele.

O guarda imediatamente fez o que lhe foi dito. Como Scarlett, ele sabia que a Dama Prisioneira não podia mentir.

— Espero que isso funcione, — o Destino sussurrou uma vez que ele saiu. — Eu realmente não gostaria de matar você.

— Eu particularmente não quero morrer, — disse Scarlett, esperando que ela não tivesse superestimado seu valor para a Estrela Caída. Scarlett sabia que ele não se importava com ela, e ele certamente não a amava. Mas com base na quantidade de tempo que passava a cada dia trabalhando com ela para conquistar seus poderes, ela sabia que ele se importava muito com suas habilidades e o que ela poderia fazer por ele. E ainda assim suas palmas começaram a suar quando ele entrou.

Scarlett não sabia, e não queria saber, o que a Estrela Caída estava fazendo, mas havia manchas de sangue em sua camisa branca e fúria em seus olhos. A sala ficou mais quente quando se encheu com as violentas faíscas vermelhas que o rodeavam.

— Use seu fogo em mim e eu vou matá-la, — a Dama Prisioneira chamou de trás de suas grades. — Se você a quer, venha buscá-la você mesmo.

Scarlett não teve que fingir tremer com as palavras. Por causa da incapacidade da Dama Prisioneira de mentir, se a Estrela Caída usasse suas chamas, então ela seria obrigada a seguir com suas ameaças. Mas tanto Scarlett quanto a Dama Prisioneira haviam concordado com o risco. Se a Estrela Caída usasse seu fogo, então ele derrotaria Anissa antes que ela pudesse esfaqueá-lo com o vidro quebrado e coletar o sangue que Scarlett precisava.

As faíscas de Gavriel desapareceram e ele atravessou a sala mais rápido do que Scarlett podia piscar.

Ela tropeçou para o lado quando a Dama Prisioneira empurrou-a para fora do caminho e cortou a garganta da Estrela Caída com seu vidro.

O corte estava sangrento e perfeito.

Muito perfeito. Mas Scarlett não perceberia isso até mais tarde.

Ela correu para a Estrela Caída quando ele caiu de joelhos e pressionou o lenço contra a garganta ensangüentada para coletar seu sangue derramado quando ele fechou os olhos e morreu.

Foi a coisa mais feia que Scarlett já havia feito. Era isso o que era ser um Destino? Durou menos de um minuto, mas pareceu uma eternidade antes que seus olhos dourados se fechassem e seu corpo ficasse mole. Scarlett não conseguia impedir que as pernas ou as mãos tremessem. Ela sabia que eles não o mataram para sempre, embora ele merecesse. Ele matou sua mãe e inúmeros outros. Ainda assim, parecia errado.

E Scarlett já estava imaginando o que a Estrela Caída faria em sua fúria quando voltasse à vida. Ela precisava se mover rapidamente.

Ela pingou sangue pelo chão de mármore enquanto corria para a sala de banho com o pano ensanguentado para espremer o sangue da Estrela Cadente em um frasco. Por que, por que ela não pensou em esconder o frasco em algum lugar em si mesma para colocar direto em sua garganta?

Gotejamento. Gotejamento.

Estava demorando muito para encher o frasco.

Gotejamento. Gotejamento. Gotejamento.

— O que você está fazendo com isso, auhtara?

Os olhos de Scarlett dispararam para o espelho do banheiro, os membros trêmulos se transformando em líquido. A Estrela Caída estava atrás dela como uma estátua de bronze que foi aberta. Sua pele estava pálida como os mortos e seu pescoço ainda estava sangrando, mas ele estava muito vivo. Ele estava fingindo? Ou ele acabou de se recuperar tão rápido?

Ele bateu o frasco no chão, quebrando o vidro, e envolveu uma mão ao redor de sua garganta, sufocando o ar. — Decepcionada que eu não estou morto?

— Por favor, — Scarlett disse asperamente. — Eu – eu só peguei o sangue porque pensei que se bebesse, talvez ajudasse a finalmente conquistar minha magia.

— Então você deveria apenas ter me perguntado. Eu teria dado a você, auhtara . Mas agora eu tenho que te dar outra coisa. — Seus dedos

apertaram sua garganta novamente e seu mundo ficou escuro.

★ ★ ★

Quando Scarlett acordou mais tarde, sua cabeça parecia pesada demais para se mexer, e havia algo apertado em volta do pescoço dela, roçando sua pele.

— A gaiola provavelmente vai demorar um pouco para se acostumar. — A voz do Estrela Caída continha uma sugestão de diversão.

Os olhos de Scarlett se abriram para um mundo de vermelho.

Havia filas verticais de contas vermelho-rubi em torno de sua cabeça — ele a aprisionou em uma jaula. Um soluço sacudiu seu peito. Ela tentou arrancá-lo; seus dedos rasgaram as gemas, tentaram dobrar suas barras e arrancá-las, mas elas eram ineficazes, e logo ela estava chorando muito para fazer qualquer outra coisa.

A Estrela Caída alcançou entre as barras de rubi para acariciar a bochecha úmida de Scarlett. — Não me traia novamente. Meu castigo não será tão bom da próxima vez.

★ ★ ★

A memória desapareceu quando Scarlett olhou em seu espelho de vaidade. A gaiola de rubi que envolvia sua cabeça parecia a prima sangrenta da gaiola usada pela Donzela da Morte. Mas, em vez de parecer poderosa como o Destino sempre fazia no Baralho do Destino, Scarlett achava que ela parecia totalmente impotente. Ela não tinha sido capaz de dormir usando-a, então havia círculos profundos sob seus olhos, e desde que seu cabelo tinha caído quando ele a colocou nela, mechas de seu cabelo escuro grudaram em sua garganta, seguradas no lugar pelo colarinho imóvel da gaiola.

Anissa tentara dizer que era bonita e que combinava com seus brincos escarlates. Eles já foram um presente precioso de sua mãe.

Seu pai me deu isso, ela disse, porque escarlate era minha cor favorita. Costumavam fazer Scarlett pensar que Marcello Dragna, o pai que a criou, já fora um homem melhor. Mas, Scarlett percebeu, sua mãe deveria estar se referindo a Estrela Caída.

Scarlett tentou não pensar em sua mãe. Mas pela primeira vez, ela desejou poder voltar no tempo para conversar com ela e perguntar o que fazer.

Scarlett não contatou Julian e sua irmã. Ela estava muito envergonhada de lhes dar um bilhete, avisando-os que ela falhou em obter o sangue, e ela não queria que eles a vissem assim, nem por um segundo. Scarlett sabia que precisava ser ainda mais cuidadosa agora. Ela não podia arriscar usar a Chave da Fantasia, a menos que fosse uma emergência.

Ela não poderia cometer outro erro e ela não poderia fugir. Se Scarlett queria salvar a si mesma e a todos os outros antes que a Estrela Caída assumisse o trono, depois de amanhã, ela só tinha uma escolha: conquistar seu poder e usá-lo para fazê-lo amá-la.

Ela respirou fundo e deixou seu quarto para encontrá-lo.

Hoje à noite, ele estava vestido com calças de couro marrom, uma camisa branca solta e uma capa de ouro pálido que combinava com o brilho vitorioso em seus olhos. Ele estava em um excelente humor desde que ele colocou a gaiola em torno da cabeça de Scarlett; ele gostava de ser capaz de demonstrar quanto poder ele tinha sobre ela. Mas esta noite ele parecia quase infantil em sua excitação.

Quando Scarlett se sentou ao lado dele no banco de mármore perto da gaiola de Anissa, ele sorriu e acariciou as barras de rubi curvas que cercavam o rosto de Scarlett. — Meus Destinos terminaram de rastrear os membros do conselho real. Agora todas as suas cabeças decepadas estão sentadas em piques nas docas. Não há mais barreiras para me impedir de reivindicar o trono amanhã à noite.

— Amanhã. — Scarlett tentou manter o pânico de sua voz. — Eu pensei que você estava esperando outro dia?

— Eu nunca fui bom em ser paciente. — Ele pulou de seu assento. — Mas não se preocupe, para ajudar a prepará-la para a coroação de amanhã, trouxe um presente que espero que ajude você a finalmente conquistar suas habilidades.

A Estrela Caída pediu que sua guarda pessoal abrisse a porta, e uma jovem que parecia ter levado um pano mágico para enxugar metade de sua coloração tropeçou na sala. Seu cabelo era de um tom vermelho desbotado, e sua pele era branca pálida, com tatuagens pretas espreitando por baixo de suas longas

luvas pretas. No entanto, as cores de seus sentimentos eram tudo menos obscuras. Tons vitríolos de ameixa apodrecida giravam em torno dela em círculos rancorosos e enfurecidos.

A Estrela Caída andou a passos largos na direção de sua prisioneira como um caçador poderia se aproximar de uma presa presa. — Eu a salvei do Distrito do Templo quando estava pegando fogo ontem. Infelizmente, ela não é muito grata; Eu já tive que puni-la.

Ela pode ser difícil para você trabalhar, a menos que você encontre uma maneira de controlá-la. — Ele passou o dedo pela bochecha da jovem.

A mulher estalou os dentes sobre os dedos, mordendo as pontas.

A Estrela Caída arrancou a mão de sua boca antes que ela pudesse tirar sangue. — Comporte-se. — Sua voz permaneceu suave, mas suas palavras foram seguidas por uma explosão de chamas que queimaram as pontas de seus cabelos.

— Se você conseguir controlar suas emoções, então tirarei essa gaiola de sua cabeça. Mas, se você não quiser, temo que os resultados sejam desagradáveis. — O olhar dele traçou as linhas de rubis que prendiam a cabeça de Scarlett. — Eu estive pensando se talvez você não tenha conquistado seus poderes porque você não teve a motivação adequada. Espero que você tenha agora. Volto de manhã para ver seu progresso e, por sua causa, *auhtara*, eu realmente espero que haja progresso.

Donatella

Tella não conseguiu dormir. Ela se virou e virou até arrancar todos os lençóis de seda da cama. Mas assim que ela fez, eles se reorganizaram, colocando-a de volta. Ela não sabia que tipo de glamour era, mas ela sabia que era de alguma forma o que Lenda estava fazendo.

Ele era tão frustrante e confuso e impossível não pensar.

Ele não veio para vê-la depois de sua conversa com Julian. E agora que Jacks tinha tirado sua habilidade de encontrar Tella em seus sonhos, ela sabia que não o veria ali também. Mas mesmo se tivesse, ela não sabia o que restava a dizer.

Ela precisa te salvar.

Mas Lenda não queria ser salvo da maneira que Julian queria que ele fosse. E Tella não sabia se poderia realmente salvá-lo, ou se ela poderia se tornar a razão pela qual ele morreu e não voltou à vida.

Ela se sentou, abandonando a ideia de dormir, e puxou para trás as delicadas cortinas azuis que cercavam sua cama de dossel. Tudo na sala tinha uma qualidade de sonho, dos lustres cintilantes aos tapetes grossos e almofadas extraordinariamente fofas em suas cadeiras. Ela imaginou que, assim como os lençóis que se escondiam, era tudo principalmente uma ilusão, mas ela gostava da mesma forma.

Cobrindo o chão macio, ela caminhou até o Ruscica sentado em sua mesa. Brilhava fracamente, cheio de poder Predestinado. Mas, a menos que Scarlett

aparecesse com o sangue da Estrela Caída nada desse poder seria desbloqueado, e eles não teriam como derrotar a Estrela Caída. A morte de sua mãe não seria defendida, Valenda queimaria e Scarlett...

Tella parou seus pensamentos fugitivos antes que eles fossem longe demais.

Scarlett poderia ainda não ter aparecido com o sangue, mas a noite estava apenas começando. Era cedo demais para se preocupar.

Ela provavelmente viria depois, com ou sem o sangue. Scarlett possuía uma chave mágica, e se algo desse errado, ela teria usado para escapar.

Tella passou os dedos pela capa antiga do Ruscica. Ela nunca tinha aberto, e ainda assim ela estava colocando muita fé nisso. Ela desejou que ela não precisasse de sangue para ler. Mas quando ela abriu o livro, seu desejo não se tornou realidade. As páginas estavam em branco e intocadas.

Tella olhou para a escrita em sua mesa. O bico da caneta com ponta de vidro era afiado o suficiente para tirar sangue. Jacks disse que ela precisava do sangue da Estrela Caída para ler a história dele.

Mas Jacks raramente era inteiramente honesto.

Curiosa, Tella espetou o dedo com a ponta da caneta e deixou o sangue escorrer em uma tigela de tinta, enchendo-a de vermelho, até que houvesse o suficiente para escrever dentro do livro mágico.

Me conte uma história.

Ela viu quando o sangue dela encharcou o papel e lentamente se transformou em um novo conjunto de palavras curvas: Bem-vindo à vida de Donatella Dragna.

Não era o que ela esperava. Tella já conhecia essa história, e ainda assim ela estava curiosa para ler o que o livro dizia sobre ela.

Um índice se formou sob a saudação. Ela esperava que isso marcasse sua vida em anos, mas a mesa favorecia eventos significativos. Eles pareciam ser listados em ordem de sua ocorrência.

Alguns eram óbvios, como *o nascimento de Donatella Dragna, a mãe de Donatella e Scarlett desaparece* e *o primeiro beijo de Donatella*.

Mas ela ficou surpresa com algumas das outras legendas:

Donatella passa uma semana fingindo ser uma sereia
Donatella rouba uma cabra e a nomeia Afagos
Donatella rouba todas as roupas íntimas de sua irmã
Donatella escreve sua primeira carta para Lenda
Donatella se casa com o Príncipe de Copas

O sangue de Tella gelou. Ela olhou para o sumário, para ver se havia algo mais que não era verdade. Mas nenhuma das outras afirmações era falsa.

Talvez o livro tivesse um senso de humor como o Mapa de Tudo? Ou talvez Jacks tivesse dado a ela um mapa falso que levava a uma biblioteca falsa onde ela conseguira esse livro falso.

Ela não se casou com Jacks. Tella não era casada. Ela nem tinha certeza se queria se casar.

De acordo com o índice, o evento aconteceu logo após a morte da mãe. Tella virou o livro violentamente até encontrar o temido capítulo em questão. Ela leu cada palavra cuidadosamente, mas havia seções que se destacavam mais que outras.

Se seu coração não estivesse tão carregado de pesar e dor, Donatella saberia melhor do que confiar no Príncipe de Copas.

Se ela não estivesse queimando com desespero, ela teria percebido o perigo em repetir palavras mágicas enquanto seu sangue se misturava com o dele.

Se ela não tivesse acabado de ver a mãe dela morrer, ela saberia que o Príncipe de Copas não estava tirando sua tristeza porque ele se importava. O Príncipe de Copas não sabia como se importar. Ele só sabia como pegar o que queria e ele queria Donatella Dragna.

Mas a pobre Donatella estava muito abalada para ver isso. Quando ele disse a ela para falar, ela repetiu suas palavras, criando um vínculo imortal que iria amarrar suas almas para sempre em matrimônio eterno.

De jeito nenhum em todos os infernos. Tella não queria acreditar. Mas uma parte dela sentiu isso. Se ela estava sendo realmente honesta, ela sentiu desde a noite que tinha acontecido, quando ela decidiu deitar lá com ele, dormir ao lado dele em vez de sair. Ela sentiu isso de novo, quando voltou no dia seguinte para pedir ajuda. E novamente, quando ela se sentiu tão traída e tão magoada por ele depois que ele quase a matou, quando tudo o que ela deveria ter ficado zangada.

Se tivesse sido um casamento humano, ela teria apenas de fechado o livro e fingido que nunca tinha acontecido. Mas isso não era algo que ela pudesse ignorar ou fingir.

Este era um vínculo imortal que ligaria sua alma a Jacks para sempre.

Donatella

Tella não se importava que fosse no meio da noite, que ela tivesse esquecido seu manto, ou que as ruas de Valenda fossem muito mais perigosas do que nunca, agora que os Destinos tinham tomado o controle. Ela marchou para Jacks como se ela fosse mais letal do que qualquer coisa que pudesse encontrar.

Uma vez na porta, ela bateu com o punho e depois entrou no momento em que se abriu. Um tumulto de estalidos e estalos e palmas a agrediu imediatamente.

Parecia que, em vez de se esconder dos Destinos, metade da cidade acabara de chegar. Tella se perguntou se Jacks tinha alterado seus sentimentos para levá-los para lá, ou se todos eles eram tão tolos quanto ela.

Corpos fortemente perfumados roçaram contra ela enquanto ela se movia através do esmagamento. A última vez que ela esteve na casa de Jacks, tinha sido em sua maioria homens, mas esta noite os cavalheiros foram superados em número pelas senhoras. Todas elas estavam penteadas e limpas. Nenhuma delas estava coberta de suor como Tella.

Um espinho horrível de ciúmes a atravessou com o pensamento de que ela poderia encontrar Jacks com os braços em volta de outra garota. Mas ela estava realmente com ciúmes ou ela teve aquela sensação repentina só porque eles eram imortalmente casados?

Casados!

Tella ainda não conseguia acreditar. Ela flertou com a confiança dele novamente depois que ele lhe deu o mapa. Mas ela nunca deveria ter confiado nele o suficiente para deixá-lo enganá-la assim em primeiro lugar.

— Você não está cheia de fogo esta noite? — A multidão animada se separou quando a Senhora da Sorte se aproximou mais de Tella, com todas as curvas vestidas de veludo verde e os olhos enigmáticos. — Parece que você realmente não pode ficar longe dele.

— Onde ele está? — Tella cuspiu.

O Destino apontou para uma parede coberta de corações pretos e brancos. — Há uma porta escondida lá; Ele levará você para a sala de jogos onde Jacks gosta de jogar. Mas...

Tella saiu sem ouvir o aviso da mulher. Não teria importado o que ela disse.

Tella atravessou a porta e desceu um lance de escadas, que a levaram para dentro de uma sala que parecia ter sido atacada por um baralho de cartas. Tudo era preto e branco com toques violentos de vermelho. As paredes brancas estavam listradas com linhas tortas de espadas vermelhas brilhantes, enquanto o chão parecia como se alguém tivesse arrancado punhados de porretes, diamantes e corações e os jogasse em todos os lugares. No centro da sala, a pesada mesa redonda era igualmente selvagem, repleta de fichas, cartões, pedaços de jóias, algumas camisas elegantes e garrafas de licor meio vazias. As cadeiras em volta estavam cheias de jogadores, todos em vários estados de nudez, explicando as roupas misturadas com as fichas.

O único que permaneceu vestido principalmente foi Jacks. Ele perdeu a jaqueta de antes, descartou sua gravata dourada e sua camisa estava aberta, perdendo todos os seus botões afiados como diamantes.

— Todo mundo fora! — Tella gritou.

Uma dúzia de cabeças se voltaram para ela, faces intoxicadas, todas usando vários tons de surpresa. Exceto Jacks. Seus olhos azul-prateados encontraram os dela com expectativa e então ele sorriu como o diabo que ele era. Ele sabia que este momento estava chegando. — Olá, esposa.

Ainda olhando para ela, Jacks deu uma onda preguiçosa de sua mão em direção à mesa. — Senhoras e senhores, eu apresentaria a minha noiva, mas acho que prefiro expulsar vocês para que possamos conversar em particular.

Tella esperava alguns murmúrios de protesto, mas Jacks deve ter usado seus poderes recém-restaurados para controlar as emoções de todos. Não houve objeções do grupo e, em um minuto, sua corte de jogadores seminus estava na escada.

— Isso foi uma boa aparição. — Jacks se inclinou em sua cadeira alada e chutou uma bota marrom arranhada na mesa. — Você veio para consumir o...

Tella se lançou para ele antes que ele pudesse terminar. Sua cadeira caiu para trás, trazendo os dois com ela.

— Seu maldito, sem coração, infeliz, trapaceiro, manipulador, demônio sugador de maçã! — Os xingamentos eram deselegantes, não tão sujos como deveriam, e seus golpes foram ineficazes. Ele facilmente enlaçou seus pulsos em suas mãos frias, então ela nem sequer bateu nele, mas foi bom lutar com ele. Foi bom lutar contra o aperto dele.

— Você me enganou para casar com você!

— Você me pediu para ajudá-la.

— Eu queria que você tirasse minhas emoções, não me fizesse sua esposa.

— Mas eu tenho sido um bom marido. Eu te disse como encontrar o Mercado Desaparecido, eu te dei o mapa Predestinado.

— Você também ameaçou me matar! E você quase fez! — Tella ofegou quando finalmente arrancou seus pulsos de suas mãos geladas. Ela teria tentado bater nele novamente, mas ela precisava parar de tocá-lo.

Ela puxou-se dele, então ela levantou do chão até que ela se elevou sobre ele. Ele não estava nem respirando pesadamente. Ele apenas olhou para ela como se ele fosse um anjo mal comportado com cabelo dourado pendurado em sua testa pálida.

— Eu quero que você desfaça, — ela exigiu. — Eu quero o casamento revogado, e então eu nunca mais quero vê-lo novamente.

— Por que eu concordaria com isso? — Ele falou. — Não há nada realmente nesta solução para mim.

— Você quer se casar com alguém que te odeia?

— Talvez eu goste da intensidade disso. — Ele sorriu para ela enquanto se levantava do chão, deixando a cadeira entre eles.

Tella mal podia respirar, ela estava tão furiosa. Ela teria saído se pudesse.

Mas esse casamento não era algo que ela pudesse ignorar ou fingir. Mesmo agora ela podia sentir isso do jeito que ela o odiava.

Ardente e consumido, muito mais forte agora que ele estava na frente dela como seu próprio vilão pessoal.

— Se você não desfazer isso, eu juro que vou te matar. — Ela passou por cima da cadeira, até que eles estavam tão perto que ela tinha que esticar o pescoço para olhar para o rosto afiado dele. — Se eu permanecer sua esposa, prometo que vou fazer você se apaixonar por mim. Eu vou me tornar tudo que você sempre quis, e no momento em que você for mortal, eu vou esfaquear o objeto afiado mais próximo através do seu peito e terminar seu batimento cardíaco de uma vez por todas.

— Não seja tão dramática. — Jacks suspirou. — Se você quiser sair do casamento, há uma maneira mais simples de fazê-lo.

Ele alcançou sua bota e puxou uma adaga.

Tella recuou, quase tropeçando na cadeira caída.

— Não se preocupe, meu amor, é para você usar em mim. — Ele virou a adaga em sua mão e segurou o punho em direção a ela.

— Matrimônio imortal não pode ser desfeito com assinaturas e pedaços de papel. Para cortar nossa conexão, você tem que me ferir.

— E isso vai desfazer o casamento?

— *Desfazer* implica que isso nunca aconteceu. — A voz de Jacks mudou de afiada para sombria num piscar de olhos. — O que é feito não pode ser desfeito, mas pode ser cortado. Tudo o que você tem que fazer é usar a faca e dizer as palavras: *Tersyd atai es detarum*. — Ele passou por cima da cadeira até que o espaço entre eles se foi novamente.

Tella aceitou cautelosamente a lâmina. Era a mesma adaga de joias que eles usaram na noite em que ele tirou suas emoções, quando ele também se casou com ela. Ela lentamente inclinou para a garganta de Jacks.

Ele não vacilou. Ele nem parecia respirar, embora seus lábios permanecessem separados enquanto ele a olhava diretamente nos olhos, seu olhar o mais triste tom de azul que ela já tinha visto. Ela não acreditava que fosse real. E, no entanto, o olhar em seu rosto era tão convincente que a fez se perguntar o suficiente para hesitar.

— Devo facilitar isso para você? — Ele abriu a camisa, expondo seu peito

de pele lisa e esculpida, como mármore com um batimento cardíaco. Ela podia ouvir o pulso rápido dele enquanto se movia em conjunto com o dela, batendo mais forte a cada respiração que ela dava. Quando eles se conheceram, seu coração não batia de jeito nenhum. Então começou de novo – por causa dela.

Ela segurou o punhal com mais força, mas não fez outro movimento.

— Por que você está hesitando, meu amor?

— Por que você está fazendo isso tão fácil?

— Você acha que isso é fácil para mim? — Jacks se inclinou para frente até que sua pele pressionou contra a lâmina. Pela primeira vez ele não cheirava a maçãs. Ele cheirava a licor e mágoa, e quando ele falou, suas palavras eram quase suaves demais para serem ouvidas. — Você acha que é da minha natureza ser gentil?

— Não há nada gentil sobre o que você fez comigo.

— Você está certa, — ele sussurrou. — O que eu fiz foi puramente egoísta. Então me apunhale antes que eu decida ser egoísta novamente. Quanto mais tempo ficarmos juntos, mais difícil será para você lutar contra isso. Você pode me odiar, mas vai se encontrar querendo e precisando estar perto de mim. Então, se você realmente deseja acabar com isso, faça agora. Corte-me e corte tudo o que nos une.

O suor escorria o cabo de jóias nas mãos de Tella. Ela queria fazer isso. Ela queria cortá-lo e acabar com tudo. Mas algo sobre as palavras *corte tudo o que nos une*, deu-lhe uma pausa.

Talvez ele soubesse o tempo todo que assim que ela descobrisse que eles eram casados ela viria aqui exigindo que ele terminasse. Talvez seja por isso que ele estava cedendo tão facilmente, porque é o que ele realmente queria – cortar tudo que os unisse. Ela deveria ser seu verdadeiro amor. Foi ela quem fez seu coração bater de novo – o que significava que ela também era sua maior fraqueza.

— Se eu fizer isso, se eu cortar nossa conexão, ainda serei seu verdadeiro amor?

— Por que você se importaria? — Os lábios de Jacks se estreitaram como se ele não pudesse esperar para se livrar dela, mas o olhar em seus olhos dizia que ele queria devorá-la. — Eu imagino que depois de hoje você não vai me

beijar novamente.

— Basta responder a pergunta, Jacks.

Em um instante, ele envolveu a mão fria em torno dela, sacudindo a adaga, criando uma linha de pele rosada enquanto ele a movia para o centro do peito.

— Eu não sei se você é meu verdadeiro amor, Donatella. Tudo o que sei é que quero que você seja.

Suas mãos deixaram o punhal e deslizaram ao redor de sua cintura. Por um momento ela não conseguiu se mexer. Seus dedos estavam mais frios do que nunca, criando calafrios que penetravam abaixo de sua pele.

— Eu sei que o que fiz foi errado. Mas se você está procurando uma história triste em que eu justifique o que fiz, você não a encontrará. Eu sou o vilão, mesmo na minha própria história. Mas você deveria ter um papel diferente. — Miséria encheu seus olhos. — Você deveria ser meu amor verdadeiro. Você deveria me querer, não a ele. Você deveria estar tão obcecada por mim quanto eu estou por você. — Ele a agarrou ainda mais apertado, a adaga ameaçando perfurar sua pele, enquanto ele apoiava sua testa fria contra a dela.

— Se você está evitando terminar isso porque você acha que eu vou te matar ou te machucar uma vez que nossa conexão for cortada, esse pensamento não poderia estar mais longe da verdade. Quando eu disse ao Lenda que eu te mataria se ele não me desse o poder que eu precisava, eu não quis dizer isso, eu não teria feito isso. Uma parte de mim até esperava que ele dissesse não, para que você se afastasse dele e me escolhesse. Eu sou egoísta e quero você, mas nunca te machucaria.

— Você já machucou, — disse Tella. E então ela cortou o peito dele com o punhal.

Donatella

Só era para machucá-lo, mas Tella se dobrou em agonia quando a faca perfurou a pele de Jacks e ela disse as palavras para se libertar.

Suas costelas e coração de repente estavam em chamas. Ela não conseguia respirar. Era como se alguém tivesse rasgado seu peito e tomado algo vital.

Sua visão ficou turva e, quando finalmente voltou, a sala de jogos inteira estava fora de foco, exceto por Jacks. Pelo resto de sua vida, sempre que pensasse em corações partidos, veria a maneira como ele olhava para ela. Seus braços se afastaram dela. Seu rosto estava torcido de dor. Lágrimas vermelhas de sangue vazaram de seus olhos. Mas ele não estava segurando a ferida aberta, ou fazendo qualquer coisa para impedir que o sangue viajasse pelo seu peito e se encharcasse no chão.

Tella sabia que ela tinha feito a escolha certa, mas não se sentia nada como ela esperava.

— Por que você ainda está aqui? — Ele caiu de volta em uma cadeira, ainda deixando o sangue de seu peito escorrer por toda parte. Não foi um ferimento fatal, mas foi mais profundo do que ela pretendia. Tella não gostou da ideia de matá-lo, mesmo que fosse temporário.

— Você deveria fazer algo sobre isso. — Ela andou em direção a ele, pronta para parar o fluxo sozinha.

— Não. — Jacks a empurrou com uma mão trêmula, o olhar em seus olhos agora frio como gelo e maldições. — Você deveria sair. Você

conseguiu o que queria.

Mas Tella não tinha mais certeza do que acabara de receber.

Ela deveria ter se sentido triunfante. Ela nunca quis estar conectada a Jacks. E ainda assim suas pernas tremiam a cada passo que ela dava para longe de Jacks e de sua casa.

Por uma fração de segundo, foi tentador voltar e desfazer o que ela acabara de fazer. Ela, sem perceber, sentiu-se um pouco menos sozinha quando eles se conectaram. Mas ele não era a pessoa com quem ela queria se conectar.

Um tremor sacudiu seu corpo e algo como uma câibra rasgou seu estômago. Havia um vazio dentro que ela nunca sentiu antes.

Com cada casa que Tella passou ela imaginou as pessoas dormindo dentro. Ela imaginou maridos e esposas amontoados juntos. Ela viu irmãs dividindo quartos e meninos com cachorros ao pé de suas camas.

Mas Tella não tinha um cachorro.

Tella tinha uma irmã, mas sua irmã agora tinha outra pessoa.

E Lenda nunca seria o marido de Tella. Na verdade, Tella não tinha certeza se *queria* um marido – ela só o queria. Ela queria tudo sobre ele. Ela sempre quis tudo sobre ele. Mesmo antes de conhecê-lo, ela se apaixonou pelo garoto que tinha a paixão de realizar seu único desejo e a audácia de se chamar Lenda.

Então ela se apaixonou por ele novamente quando o conheceu.

Ela o amava como Dante, mas ela o amava ainda mais como Lenda.

Dante a ajudara a esquecer, mas Lenda a ensinara a sonhar de novo, e ela adorava todos os sonhos deslumbrantes que compartilhavam e as deliciosas mentiras que ele contava com suas ilusões. Mas ela amava a verdade imperfeita dele tanto quanto. Ela amava o quão protetor ele era e como ele podia ser brincalhão. Ela amava o garoto que a chamava de anjo e demônio na mesma conversa.

Ela amava o jeito que ele brincava com ela, e ela não queria que ele parasse. Ela queria ouvir o resto de suas histórias e se tornar parte dessas histórias. Mas mais do que qualquer uma dessas coisas, ela queria estar para sempre ao seu lado, se ele estava com ela enquanto ela lutava contra um pesadelo ou perseguia um sonho, ou se era o contrário, e ela o ajudava a

alcançar um novo sonho. *Mesmo que isso significasse sacrificar um dos sonhos dela.*

Talvez isso fosse amor. Todo esse tempo, ela queria que ele a amasse, e ela se machucou sabendo que ele não amava, mas talvez ela não estivesse realmente amando ele. Ela o escolheu, lutou por ele, ela sentiu por ele, mas ela não estava disposta a sacrificar o que ela queria por ele.

Tella começou a correr em direção à costa, correndo de volta para a casa de Lenda, seu coração batendo mais rápido quando ela finalmente chegou perto o suficiente para ouvir as ondas do mar. Já passava do meio da noite, a caminho do amanhecer, mas ainda não havia chegado. Era esse período peculiar de tempo que não era bem noite ou manhã, mas algo entre os dois.

Se Scarlett estivesse lá, ela teria insistido para Tella pensar nisso por mais tempo. Mas e se Tella não tivesse tempo a perder?

Naquela semana, ela viu sua mãe ser assassinada, Lenda morreu, sua irmã foi raptada e o império invadido por Destinos. Ela nem imaginava o que os próximos dias trariam se a Estrela Caída subisse ao trono. Mas ela preferia passar por eles sabendo que não importava o que, ela tinha um presente e um futuro – um para sempre – com Lenda.

Tella deslizou para dentro da casa e rapidamente correu para uma sala de banho para lavar o sangue de suas mãos. Ela pensou em colocar um vestido novo também. O espelho mostrava uma garota com cachos selvagens e um vestido apressadamente azul safira, mas Tella estava impaciente demais para trocar de roupa.

Ela correu escada após escada. Quando chegou ao quarto andar, ficou sem fôlego. O corredor que levava ao quarto de Lenda estava escuro com a noite, mas ela podia ver fios delicados de luz se esgueirando pelas rachaduras sob sua porta.

Ela bateu suavemente. Então um pouco mais alto.

Em algum lugar ao longe, as ondas ainda estavam quebrando, mas não havia som vindo de dentro do quarto de Lenda.

Ela tentou a maçaneta, na verdade não esperava que alguém tão reservado como Lenda mantivesse a porta destrancada. Mas a maçaneta de vidro girou facilmente.

Tella sentiu uma corrida de emoção em seus ombros. Ela nunca esteve em

nenhum de seus quartos particulares. Não durante Caraval, não no palácio, não desde que ele a trouxe para qualquer uma de suas casas. Ela estava quase certa de que ele tinha uma ilusão sobre seu próprio quarto para se adequar ao seu gosto. Mas quando ela entrou em seus quartos, o único glamour que ela viu foi a luz.

Não havia uma única vela acesa à vista, mas globos de luzes amarelas e brancas suaves dançavam ao redor, fazendo tudo brilhar.

De onde ela estava, Tella podia ver seu quarto iluminado e sua sala de estar. Sua suíte era bem equipada, mas mais simples do que ela esperava. Antes de conhecê-lo, ela poderia ter imaginado a sala de estar de Lenda forrada com suntuosas cortinas de veludo vermelho e cheia de almofadas baixas para um encontro sedutor.

Mas não havia uma partícula de veludo à vista. Também não havia almofadas ou cortinas baixas. Janelas impecáveis do chão ao teto proporcionavam uma visão fascinante do oceano, enquanto deixavam o luar ceroso deslizar sobre os pisos de ébano, a escrivaninha elegante, as estantes de livros cheias e os amplos sofás de carvão.

Tudo parecia tão perfeito que Tella imaginou que poderia borrar se ela entrasse completamente no quarto. Ela passou na ponta dos pés para o que era claramente o quarto de Lenda.

Sua cama ocupava quase metade do espaço e, com sua pesada armação de ferro e lençóis de seda preta, era exatamente o que ela esperava. Lenda estava no meio dela; sua camisa tinha sumido e ele estava de braços, lençóis baixos o suficiente para revelar as lindas asas tatuadas em suas belas costas.

Tella não podia segurar o sorriso. Ela sabia que muitas de suas outras tatuagens haviam desaparecido, mas ela queria muito que isso fosse real.

As asas eram tão hipnotizantes quanto ela se lembrava.

Desalinhado azeviche com veias azul-escuro da cor da vontade perdida e poeira estelar caída. E elas eram uma das coisas favoritas dela sobre ele. Ela ansiava por estender a mão e tocá-las, correr os dedos por sua espinha e acordá-lo. Mas enquanto ela compartilhava incontáveis sonhos com Lenda, ela nunca tinha visto ele dormir, e ela estava curiosa.

Seus olhos deixaram as asas e seguiram para o rosto dele.

Parecia que ele havia adormecido durante a leitura. Uma mão bronzeada

segurava um livro perto da cabeça adormecida, enquanto cabelos negros como penas de corvo caíam sobre a testa. Era uma pose muito humana, e ainda assim sua pele brilhava fracamente com a luz inumana. Ele parecia perfeito e tentador, e naquele momento Tella se sentiu como uma garota de um conto de fadas que se deparou com um deus adormecido que lhe daria um prêmio se ela o acordasse com um beijo.

E ela ficou tentada a fazer exatamente isso, a varrer o cabelo para trás e pressionar os lábios contra a testa dele, quando alguma coisa atrás dele chamou sua atenção. Ela estava tão empolgada em ver Lenda dormindo em sua própria cama que ela nem percebeu o enorme mural pintado na parede atrás dele.

Tella deu alguns passos para trás para ver tudo. Assombrando, brilhante e triste de uma só vez, a obra de arte quase cobriu a parede inteira.

De longe, parecia uma imagem impressionante de um céu noturno em chamas. Mas quando ela se aproximou novamente, Tella pôde ver que isso não era uma representação do céu ou do fogo, mas uma série de imagens menores; um caleidoscópio de estrelas e noite e amulhetas, balões de ar quente e cartolas, crânios e rosas, morte e canais, cachoeiras de lágrimas e sangue e ruínas e riquezas. Era beleza e horror e dor e saudade.

A alma de Lenda foi pintada nesta parede.

Ela não imaginava que ele iria querer que isso fosse visto por alguém, e ainda assim ela não conseguia tirar os olhos. Ela jurou que o mural se movia enquanto se aproximava ainda mais e olhou até que não era mais uma foto – era uma história.

Tella viu imagens de Caravals passados, bem como algumas que pareciam ser da vida de Lenda fora do jogo.

Durante o último Caraval, ele disse a ela que suas tatuagens estavam lá para ajudá-lo a lembrar o que era real. Depois que o jogo acabou e algumas de suas tatuagens desapareceram, ela imaginou que era mentira. Mas agora ela se perguntava se havia algo honesto por trás do que ele havia dito, porque ele claramente pintou seu passado em suas paredes.

Seus olhos viajaram para o canto inferior direito da parede, onde o mural parou abruptamente. Ela imaginou as imagens bem antes que o remendo nu fosse do último Caraval ou dos últimos dois meses da vida de Lenda.

Seu pulso acelerou quando ela encontrou a imagem final. Foi dela e Lenda durante o Carnaval. Eles estavam em frente ao Templo das Estrelas e ele a abraçava. Deve ter sido o momento logo depois que ele a libertou das cartas. Ele estava segurando-a como se não tivesse intenção de soltá-la, mesmo que ele tivesse feito isso.

Se essas fotos fossem lembranças, ele via claramente as coisas de forma diferente do que ela.

Tella sabia que ela era bonita e que, quando sorria, conseguia convencer as pessoas de que ela era mais do que bonita; ela era linda. Mas nesta foto, ela poderia ter sido uma deusa do jeito que ele a pintou naqueles trágicos passos, enquanto ele parecia mais sombrio.

Era assim que ele se via?

— O que você acha disso? — A voz de Lenda era baixa e áspera com o sono.

Tella virou-se de volta para a cama e descobriu que ele estava sentado na beirada, pés descalços no chão, calças pretas cobrindo as pernas e nada em seu peito impecável. Sua pele de bronze brilhava um pouco mais, e suas calças estavam tão baixas que ela podia ver a definição de — — Donatella. — Sua voz era um grunhido baixo. Seus olhos subiram para o rosto dele. Barba por fazer cobria sua mandíbula, cabelos escuros pendiam sobre a testa e, embora seus olhos estivessem encapuzados, seu olhar estava longe de estar cansado. Ele poderia ter incendiado o quarto com a intensidade de seu olhar. — Você precisa parar de olhar para mim desse jeito.

— Como exatamente estou olhando para você? — Ela desafiou.

Sua boca lentamente se curvou, como se ele estivesse prestes a desafiá-la de volta. — Estou meio nu, estou na minha cama e você está me encarando como se quisesse se juntar a mim aqui.

— Talvez eu queira.

Seus olhos brilharam com ouro branco e de repente ele estava de pé, elevando-se sobre ela. — Tella, eu não estou com disposição para jogos agora.

Ela deu um suspiro trêmulo. Ela não mudou de idéia, mas por um momento ela temeu que ele tivesse mudado a dele. — Eu não estou jogando um jogo.

Ela se aproximou da cama e respirou outra vez. Ela nunca se sentiu mais vulnerável em sua vida, mas se ela colocasse a guarda de volta, ele nunca a derrubaria. — Eu quero que você me faça imortal.

As sobrançelhas de Lenda se juntaram, cautelosas. Não a resposta que ela esperava. — Por que você mudou de ideia? É porque não fui ao seu quarto hoje à noite?

— Não. — Ela teria dito a ele para se recuperar, mas ela estava prestes a se jogar para ele ainda mais forte e abrir seu coração ainda mais. — A maior parte da minha vida, eu romantizei a morte. Eu costumava amar a ideia de algo ser tão tremendo que valeria a pena morrer. Mas eu estava errada. Eu acho que pelas coisas mais magníficas vale a pena *viver*. — Ela deu outro passo, até que ela estava bem na frente dele. Ela estendeu a mão e colocou a mão em seu peito nu, diretamente em seu coração.

Ele respirou fundo, mas ele não se afastou, ele não a rejeitou, enquanto a mão dela subia em direção ao seu pescoço. Ela estendeu os dedos, sentindo o pomo de Adão balançando para cima e para baixo enquanto ele engolia.

— Tella... — A palavra era um apelo, e ela não podia dizer se isso significava que ele queria que ela parasse ou continuasse. Mas ela sentiu que ele ainda não acreditava nela.

Seu coração disparou enquanto seus dedos lentamente viajavam para sua mandíbula. Geralmente sua pele era lisa, mas esta noite era áspera, áspera contra a palma de sua mão quando ela segurou seu rosto e inclinou para que ele pudesse apenas olhar para ela.

— Eu acho que você é espetacular, Lenda, e eu quero passar uma eternidade com você. — Ela se inclinou e lentamente trouxe a boca na direção dele.

Lenda ainda estava paralisado, mas ele deixou seus lábios roçarem os dela uma vez. — Você realmente quer dizer isso?

— Mais do que eu quis dizer alguma coisa.

Seus olhos se fecharam. Então seus braços estavam ao redor dela. Ele a pegou com pressa, deitou-a na cama enorme e tomou seus lábios novamente. O colchão abaixo deles era macio, mas tudo sobre Lenda era sólido. Quando a língua dele deslizou entre a boca entreaberta da, ele tinha gosto do ar do oceano que entrava pela janela do quarto aberta, salgado, tentador e

indomável.

As mãos dela exploraram a extensão lisa das costas dele, enquanto a boca dele saiu da dela para encontrar o pescoço dela. Ele pressionou um beijo mais delicado na base, fazendo-a tremer em todos os lugares, antes que seus lábios continuassem para baixo.

Sua língua disparou para fora, lambendo suavemente sua pele, provando-a enquanto ele arrastava beijos sobre a coluna de sua garganta, pressionando beijo após beijo após beijo.

Foi da maneira mais gentil que ele a beijou, e ainda havia algo mais intenso sobre isso. Como se, apesar do que ela disse, ele não acreditasse nela, como se ainda não achasse que eles tinham futuro, mas ele estava determinado a aguentar o máximo que pudesse.

— Eu não mereço você. — Suas mãos abaixaram para suas panturrilhas, subindo o tecido de seu vestido em direção a suas coxas.

— Sim, você merece, — ela sussurrou. Ela mal conseguia se lembrar de como respirar. Seus movimentos eram confiantes e intencionais. Ele sabia onde tocar e o que fazer.

Mas quando ele ousou olhar para os olhos dela, ele parecia aterrorizado. — Tella, eu não quero que você faça isso porque se sente pressionada.

— Eu não tenho certeza de qual parte você está falando. Mas eu vim até você. Eu não sinto nada exceto o quanto eu quero estar com você. Eu te dei meu coração quando você me beijou na fonte, e eu nunca peguei de volta. Eu te amo, Lenda.

Seu corpo congelou acima do dela.

Malditos os santos! Ela se amaldiçoou também por deixar as palavras escaparem.

Antes que ela pudesse responder, ele estava fora da cama e do outro lado do quarto. — Nós temos que parar, — disse ele irregularmente. — Não podemos fazer isso e não posso transformar você.

— Por que não? Por causa do que eu disse? Eu queria que você soubesse o quanto eu quero isso.

— Não é só isso. — Seu peito subiu e desceu com uma respiração profunda. — Você merece mais, Tella.

Não. Ele não podia deixá-la ir de novo. Ele não podia se afastar

novamente, mas ela podia ver que ele já estava se preparando para isso. As luzes brancas da sala estavam ficando fracas, se preparando para desaparecer, assim como as estrelas da última vez que ele terminou uma conversa, saindo.

— Não se atreva a fazer isso. Eu sei o que quero e quero você.

— Você pode não querer se você me deixar transformar você.

— Sua voz baixa era quase um sussurro. Ele fechou os olhos e, quando os abriu, parecia mais a sombra pintada na parede do que o Lenda que amava.

— Você deveria ir. Eu não sou abnegado ou altruísta. Eu sempre encontro uma maneira de conseguir as coisas que eu quero. No momento, só posso fazer isso porque ninguém nunca me olhou da maneira que você fez quando disse essas palavras agora e... você merece ter alguém que olhe para você desse jeito. Você merece alguém que possa amá-la, alguém por quem realmente vale a pena viver, em vez de um imortal que só quer possuir você.

Scarlett

A lua havia se dissolvido e as estrelas haviam fugido para vigiar uma outra parte do mundo, deixando o céu noturno de Valenda liso, escuro como tinta. As únicas manchas brilhantes vinham de algumas janelas brilhantes iluminadas por lâmpadas e velas acesas, como as que ardiam dentro da suíte de Scarlett no Alojamento, onde ela ofegava em frente à gaiola dourada da Dama Prisioneira.

A testa de Scarlett estava encharcada de suor que ela não conseguiu enxugar completamente por causa das barras de rubi que prendiam sua cabeça. O globo de pedras preciosas tinha crescido ainda mais nas últimas horas, enquanto ela tentava e falhava, de novo e de novo e de novo, para alterar as emoções iradas da jovem que Gavriel tinha trazido para ela.

Scarlett precisava fazer isso. Se ela pudesse controlar os sentimentos dessa mulher, então ela poderia controlar os sentimentos da Estrela Caída e pará-lo antes que ele assumisse o trono em menos de um dia.

Mas apesar de seus melhores esforços, Scarlett não pôde fazer nada além de ler os sentimentos da jovem. Scarlett podia ver sua raiva e ódio caindo em cascata pelas costas como uma capa de fogo.

Scarlett imaginou se queimar se ousasse se aproximar demais. A mulher sentou-se no banco de mármore que ficava ao lado da gaiola da Dama Prisioneira, e não se mexeu de lá desde o momento em que a Estrela Caída saiu.

Scarlett sentiu alívio no começo. Ela esperava que a jovem mulher a atacasse, depois do jeito que ela tinha mordido os dedos de Gavriel. Em vez disso, ela escolheu se sentar como uma modelo perfeita para um retrato, até que ela se moveu para tirar suas longas luvas pretas com os dentes.

Seus braços estavam cobertos de tatuagens de rosas negras desbotadas e trepadeiras que terminavam em duas mãos danificadas, cobertas de pontos novos. Os dedos da mulher foram removidos e, por vista da costura, parecia que acabara de ser feito.

Scarlett recuou. Deve ter sido assim que ele disciplinou a mulher por ter se comportado mal antes. Era assim que a Estrela Caída planejava punir Scarlett dessa vez se ela falhasse?

Scarlett tentou falar com a jovem, mas nunca pronunciou uma palavra. Depois de algumas horas, a mulher encostou a bochecha na palma da mão, fingindo tédio. Poderia ter sido crível se não fosse pelas emoções ardentes que ela ainda usava como um manto destrutivo.

Scarlett tentou acalmá-la, canalizando pensamentos calmantes.

Quando isso não funcionou, ela tentou projetar imagens e emoções que pudessem fazer a jovem sentir-se sonolenta, excitada, triste ou feliz.

Nada.

Nada.

Nada.

— Eu não posso fazer isso, — disse Scarlett finalmente. Ela tentou empurrar todas as emoções nessa mulher, mas em vez de fazê-la sentir, só drenou Scarlett. Ela mal podia segurar sua cabeça enjaulada, e ela não conseguia nem pensar sobre o que aconteceria quando a Estrela Caída retornasse; ela não queria descobrir como ele iria puni-la por esse fracasso.

Era hora de sair. Scarlett estava sentindo o tipo de exaustão profunda que dizia que o amanhecer estava se aproximando. A Estrela Caída poderia voltar a qualquer momento e descobrir que ela não tinha conseguido. Scarlett precisava usar a Chave da Fantasia e sair dali. Ela pensou demais em si mesma para imaginar que, se ficasse aqui o tempo suficiente, poderia derrotá-lo, e não o contrário.

Ela odiava a ideia de Tella e Julian vê-la enjaulada, mas ela precisava voltar para eles para que eles pudessem inventar outro plano.

— Se você sair agora, nunca vai ganhar contra ele, — disse a prisioneira, impedindo Scarlett de se aproximar das portas principais.

Até aquele momento, Anissa ficara particularmente calada, satisfeita em se balançar em seu poleiro e assistir aos repetidos fracassos de Scarlett com a jovem. Mas agora o Destino estava de pé, agarrando as barras douradas de sua jaula enquanto seus olhos se tornavam um branco assustador. — Não saia. Este não é o seu verdadeiro final, mas será o começo se você sair agora.

— Eu ficaria se soubesse o que fazer, mas... — Scarlett cortou quando a maçaneta girou. *Exploda-o!*

Ela hesitou por muito tempo. Ele voltou.

Exceto quando a porta se abriu, não foi a Estrela Caída. A luz da manhã entrava pela porta quando um criado entrou numa carreta carregada de comida, que ele prontamente colocou na mesa da sala de jantar.

Scarlett não tinha percebido como estava com fome ou como o ar ficara abafado até que, de repente, se encheu com os aromas de bolos de café da manhã, puffs de morango, espirais de favo de mel, salsicha com açúcar mascavo, ovos temperados e chá quente.

A jovem mulher finalmente se moveu da cadeira. Ela se levantou, foi até a bandeja da mesa da sala de jantar, pegou desajeitadamente o bule de chá com as palmas das mãos e despejou-a sobre toda a comida antes que Scarlett pudesse detê-la.

Seu manto de raiva brilhou brevemente com fios polidos que pareciam algo como vitória. Mas como a maioria dos sentimentos de sucesso, não durou muito tempo. Depois de um momento, os fios mudaram para sentimentos de raiva, ódio e amargura, negros e vermelhos.

Um novo plano surgiu enquanto Scarlett observava as emoções contorcidas e descontroladas da jovem. Ela era infeliz, mas não sem razão. A Estrela Caída cortou seus dedos e depois a entregou à filha como ferramenta de treinamento. Scarlett também ficaria furiosa.

O pensamento deu-lhe um brilho selvagem de esperança.

Talvez houvesse um jeito de ela mudar as emoções da mulher, afinal de contas.

— Estou desapontada, — disse Scarlett. — Eu teria pensado que você seria mais esperta em desafiar meu pai. Eu posso não ser capaz de controlar

seus sentimentos, mas posso vê-los. Ele foi quem cortou todos os seus dedos?

A mulher continuava sentada como uma boneca plácida, mas Scarlett podia ver as cores vivas de suas emoções crepitando como um fogo depois que um tronco fresco foi jogado nele.

— A Estrela Caída é quem você odeia e você acha que agir como uma criança mimada comigo vai machucá-lo, mas você está errada. Se você realmente quer machucá-lo, me ajude. — Scarlett pegou um puff de morango encharcado e deu uma mordida corajosa, como se ela não estivesse prestes a fazer uma proposta arriscada.

Essa mulher pode odiar a Estrela Caída, mas isso não garantia que ela ajudaria Scarlett. Sua aversão era tão horrível, aquecida e poderosa que Scarlett não tinha certeza se a mulher era capaz de sentir qualquer outra coisa.

Mas Scarlett teve que tentar. Anissa estava certa; se Scarlett fosse embora agora, seria o começo do final errado. Scarlett poderia usar a Chave da Fantasia para escapar, mas ela e sua irmã e Julian só estariam seguros por um certo tempo, e todo o Império Meridiano poderia nunca estar seguro novamente.

— Eu também não tenho amor pela Estrela Caída, — confessou Scarlett. — Eu posso ser sua filha, mas ele matou minha mãe e colocou essa gaiola em volta da minha cabeça. Se você quiser machucá-lo, ajude-me a enganá-lo – encontre um uso mais eficaz para o seu ódio. Eu posso ver isso queimando você, mas você pode usá-lo para queimá-lo. Ou você pode se dedicar a despejar potes de chá.

Scarlett terminou seu puff de morango encharcado enquanto tentava ler a resposta da mulher. Mas sua raiva e ódio eram tão poderosas que, se sentisse algo mais, Scarlett não podia ver.

Ela olhou de relance para a Dama Prisioneira, mais uma vez sentada em seu balanço dourado. — Isso deve ser muito interessante.

E então a maçaneta girou.

Desta vez, a Estrela Caída entrou. Uma pesada capa de ouro com elegantes bordados vermelhos e densos pêlos brancos pendia de seus ombros. Era demais para a estação quente, mas ela duvidava que ele se importasse. Parecia poderoso, o que era de suma importância para ele.

O sorriso satisfeito que ele usou durante a sua última visita foi embora;

essa vitória já havia se transformado em história e agora ele estava com fome de algo mais.

— Eu trouxe outro presente para você. — Ele estalou os dedos.

Um raio de faíscas disparou, e um par de servos carregando uma caixa quase tão grande quanto Scarlett entrou.

— Eu acho que você vai gostar deste presente. Mas vamos ver seu progresso primeiro, ou este pode não ser o presente que eu darei a você. — Seus olhos dourados cortaram o café da manhã encharcado de chá de Scarlett.

— Eu acho que você vai ficar satisfeito. — Scarlett se forçou a sorrir. — Você pode dizer pela minha refeição matinal que a frustração era uma das emoções que eu efetivamente projetava. Eu também...

— Eu não preciso de um resumo. Eu quero uma demonstração e prefiro ver uma emoção que se desvie do seu estado natural de raiva e desprazer. Eu quero que ela sinta adoração por mim.

A Estrela Caída estava sentada no banco de mármore. — Faça ela me adorar. Eu quero que ela se sinta como se eu fosse seu deus.

O estômago de Scarlett ficou enjoado. Mesmo que a mulher estivesse inclinada a seguir o plano de Scarlett, ela não poderia imaginá-la fazendo isso. Fingindo confiança, Scarlett olhou para a mulher através das barras de rubi de sua jaula, mas duvidava que ela ajudasse.

Scarlett ia ter que tentar de novo.

Por favor. Por favor. Por favor, funcione, ela cantou em silêncio.

Seu coração disparou e seus dedos se apertaram quando ela imaginou a mulher levantando-se do banco e caindo de joelhos em reverência.

Em frente a ela, nada mudou; as emoções da mulher eram uma tempestade de cores pesadas e fortes. A intensidade era tão extrema que Scarlett levou um momento para perceber que os olhos da jovem tinham se suavizado. Então seus lábios começaram a se mover. Até esse ponto, sua boca pálida tinha sido uma linha fina, mas agora se separava como se um suspiro silencioso tivesse escapado ao ver a Estrela Caída.

Foi a coisa mais extraordinária de se assistir.

A mulher caiu de joelhos, lágrimas brilhando em seus olhos como se a Estrela Caída realmente fosse alguém que ela adorava.

Foi além do que Scarlett tinha imaginado. Scarlett poderia ter acreditado

que ela estava fazendo isso, se não fosse pelas cores odiosas que continuaram a cair dos ombros da mulher e pelos braços tatuados. Felizmente, a Estrela Caída não conseguiu vê-los. Se ele tivesse, seus olhos não teriam brilhado quando ele viu a mulher se ajoelhar diante dele.

— É notável. Eu nunca pensei que ela me olharia assim novamente. Levante a cabeça. — ele instruiu.

A mulher obedeceu.

— Agora isso é lindo. Ela responde como se ela realmente me cultuasse e eu a quebrei. Isso é muito bom, *auhtara*. Você não apenas a fez sentir, você deu a ela sentimentos reais. Mas, — uma ruga marcava sua sobrancelha perfeita. — Eu não sinto que você tenha aproveitado a sua magia completa ainda. Vamos ver o que acontece quando você os leva embora. Eu quero que todos os indícios de amor e adoração tenham desaparecido. Eu quero que ela não sinta nada. Transforme-a em uma casca sem emoção. — Sua voz gotejou com crueldade.

Scarlett lutou contra trair seu desgosto, mais uma vez concentrando toda sua atenção na mulher, como se Scarlett fosse a única no controle dela.

Mas nada aconteceu.

Se alguma coisa, a jovem soluçou mais. Ela chorou lágrimas grossas, como se suas emoções tivessem saído do controle.

Scarlett não sabia o que a mulher estava fazendo. Suas verdadeiras emoções nunca mudaram. Suas lágrimas não eram reais, mas estavam efetivamente enfurecendo a Estrela Caída.

O ar da sala ficou pesado com o calor; as paredes começaram a suar.

Ele olhou para Scarlett. — Faça com que ela pare.

— Eu não posso, — admitiu Scarlett. — Eu...

— Pare com isso ou eu vou acabar com isso, — ele ameaçou.

A mulher caiu de cara no chão, histérica como criança. O choro ecoou em todas as superfícies.

A Dama Prisoneira cobriu as orelhas.

Scarlett furiosamente tentou projetar pensamentos e imagens calmantes. Ela não precisava ler as emoções da Estrela Caída para saber o quão destrutivo ele estava se sentindo. Ele se levantou da cadeira. Chamas lambeiram suas botas.

— Só me dê um minuto, — implorou Scarlett. — Eu posso consertar isso. Eu estou aprendendo.

— Isso não será necessário. — A Estrela Caída puxou a mulher do chão pelo pescoço. E então ele partiu.

O QUASE-FIM

Donatella

Os sonhos de Tella eram de tinta, sangue e amor não correspondido.

Ela estava dentro do mural do Lenda. A noite cheirava a tinta, e as estrelas espiãs pareciam manchas de ouro branco em vez de orbes brilhantes. Quando ela olhou para baixo, a tinta dos degraus da pedra da lua ficou na ponta dos pés, transformando-os em um branco brilhante.

Ela estava na última cena do mural, de pé nos degraus do lado de fora do Templo das Estrelas. Mas ao contrário da pintura, Lenda não estava com ela.

Havia apenas Tella e os degraus e as estátuas divinas, que olhavam para ela quando a Donzela da Morte se aproximava.

— Vá embora! — Tella não precisou de outra previsão de um ente querido perdido agora.

— Isso já funcionou? — Perguntou a Donzela.

— Normalmente não, mas é sempre bom dizer.

— Você precisa de mais em sua vida que seja bom.

— Então, digo a você, a portadora de toda desgraça, para ir embora.

A Donzela da Morte suspirou. — Você se recusa a me entender. Eu tento evitar a desgraça, não a anunciar. Mas, depois desta noite, não voltarei a você de novo espontaneamente. Pois, se você não convocar o Assassino e eu quando acordar, será tarde demais para salvar sua irmã ou o império.

A Donzela da Morte se lançou para frente, agarrando as mãos de Tella e—

Tella levantou-se na cama, encharcada de suor de sua cabeça até a parte de trás de seus joelhos. Suas mãos estavam secas, mas assim que as abriu, ficaram úmidas.

Duas moedas desafortunadas descansaram em sua palma, uma para o Assassino e outra para a Donzela da Morte.

Tella pulou da cama e vestiu uma túnica. Ela não queria acreditar na Donzela da Morte, e ela realmente não queria pedir sua ajuda. Mas mesmo que a Donzela da Morte não tivesse chegado a ela em um sonho, Tella saberia que algo estava errado – ela deveria ter sido acordada muito mais cedo.

Na noite anterior, ela se arrastou para a cama com as janelas abertas, esperando que o som das ondas do mar abafasse os ecos da rejeição de Lenda.

Você merece alguém que possa amá-la... ao invés de um imortal que só quer te possuir.

Ela não sabia se ele tinha acabado de dizer isso para afastá-la – se ele tinha tomado o conselho de seu irmão para deixá-la ir – ou se era assim que ele realmente se sentia. Mas no meio da noite, ela percebeu que não importava. Lenda estava certa. Tella merecia mais do que alguém que só queria possuí-la. O problema era que ela queria esse *mais* de Lenda.

Ela poderia mentir para si mesma e dizer que não queria que Lenda perdesse sua imortalidade por ela. Mas ela sabia que se ele lhe oferecesse seu amor, ela aceitaria e seguraria isso para sempre.

Atormentada por todos esses pensamentos, ela não esperava encontrar o sono. E, se ela tivesse adormecido, Julian deveria acordar Tella assim que Scarlett trouxesse sangue da Estrela Caída.

Mas Julian não a acordou, ou Scarlett nunca apareceu na noite passada.

Tella bateu na porta de Julian e abriu-a quase ao mesmo tempo.

— Jul... — Tella hesitou ao ver sua cama vazia.

Ela saiu e desceu as escadas, mas Julian não estava nos níveis mais baixos. Ele não estava em lugar algum.

Tudo o que encontrou foi uma nota pregada na parte de trás da porta da frente.

Eu não posso mais esperar aqui. Carmim não respondeu na noite passada—nem trouxe o sangue. Estou preocupado que algo tenha acontecido com ela. Eu vou encontrá-la e trazê-la de volta.

-J

Scarlett

A Estrela Caída soltou o corpo quebrado da mulher, deixando-a cair no chão com um baque feio.

— Eu sinto muito que você teve que ver isso. — Ele passou por cima do corpo para alcançar Scarlett, e só então fez sua boca cair em uma carranca impecável. — Parece que você ainda não está lá, mas fico feliz que você esteja finalmente progredindo. — Seus dedos se inflamaram. Ele trouxe um para as barras de rubi que aprisionavam a cabeça dela. Imediatamente a gaiola inteira explodiu e desapareceu, liberando a cabeça e o pescoço de Scarlett.

Seus ombros caíram, finalmente livrando-se do peso da gaiola.

Sua cabeça nunca se sentiu tão leve. Mas ela não conseguiu agradecer a ele. Depois que o alívio inicial passou, tudo o que ela pôde fazer foi olhar para a mulher morta no chão. — Aquilo era mesmo necessário?

— Não se sinta mal com a morte dela. Há muito tempo ela me traiu. Eu ia matá-la de qualquer forma. Eu quase a matei quando a encontrei aprisionada pelo Templo das Estrelas, mas achei que ela poderia ser útil primeiro.

Ele estendeu a mão para alisar uma mecha úmida do cabelo de Scarlett de sua bochecha, seu toque surpreendentemente leve.

Scarlett ainda queria se afastar; ela queria usar a Chave da Fantasia e finalmente fugir. Ela não conseguiu obter o sangue; ela falhou em conquistar seu poder. Mas, enquanto a Estrela Caída continuava a afastar o cabelo preso

em seu rosto com algo parecido com afeição, Scarlett voltou à primeira vez que se encontraram e como ele mencionou a impressionante semelhança que tinha com a mãe – uma mulher com quem ele fez uma criança, a mulher que ele matou e, de acordo com uma nota que Tella havia enviado, também a única mulher que a Estrela Caída adorou.

Talvez Scarlett estivesse fazendo tudo errado. Talvez ela não precisasse conquistar seus poderes para fazê-lo amá-la. Talvez Scarlett pudesse trazer de volta os sentimentos de amor que Gavriel tinha por sua mãe e torná-lo humano o suficiente para matá-lo.

Ela respirou estremecendo com o pensamento. Ela não queria usar o amor verdadeiro como arma, ou para assassinar ou matar.

Mas o amor era a única arma que Scarlett tinha. E isso não era apenas sobre ela. Isso era sobre a mulher deitada no chão, e todas as pessoas em Valenda e todo o Império Meridiano que sofreriam se ela não parasse Gavriel.

— Como você conheceu minha mãe? — Scarlett perguntou suavemente.

Sua mão parou contra o cabelo dela.

A pergunta instantaneamente pareceu um erro, mas Scarlett continuou. — Meu outro pai...

A mão em seu cabelo caiu completamente e as cores pacíficas de pêssego que o cercaram brevemente escureceram para uma laranja a ponto de pegar fogo.

Mas pelo menos ela ainda estava fazendo com que ele se sentisse. Apatia era o oposto do amor, então mesmo que ela estivesse claramente levando as emoções dele na direção errada, pelo menos ela as estava levando para algum lugar. Ela só precisava fazer um trabalho melhor guiando os sentimentos dele para que ele sentisse o que ela queria que ele sentisse.

— Eu quis dizer, o homem que me criou, — Scarlett corrigiu. — Embora, ele não quisesse nada comigo até eu ter idade suficiente para me casar. Eu o odeio.

Os olhos da Estrela Caída despertaram com um pouco mais de interesse. O ódio era uma emoção que ele entendia. Mas Scarlett teria que ter cuidado, ou ele se apegaria a isso em vez de amor.

— Eu não quero te odiar também. Mas você continua me assustando, —

ela disse. — E eu não acredito que isso me deixa fraca, acho que isso me faz inteligente. Eu sou grata por você ter tirado a jaula, mas se você quer que eu continue trabalhando para liberar meus poderes, você precisa me dar uma razão para confiar em você. Claramente, minha mãe teve um relacionamento com você. Ou ela dormiu com você pelo menos uma vez.

Suas narinas se alargaram. Scarlett estava dançando na ponta de uma faca. — Nosso relacionamento foi mais do que isso.

— Então me fale sobre isso, — disse Scarlett.

— Eu acho que eu gostaria de ouvir essa história também, — disse Anissa.

Chamas lambiam as barras de sua gaiola quando Gavriel lhe lançou um olhar.

— Você está sendo assustador de novo, — disse Scarlett.

— Eu sou assustador. Mas eu não quero te assustar.

O cadáver no chão deu a Scarlett uma impressão diferente, mas ela não queria discutir com ele. Não quando ele estava fazendo sinal para ela segui-lo para fora da sala e para os corredores.

Ele raramente a deixava sair de seus aposentos.

Tudo era monstruosamente grande e tingido de magia, deixando Scarlett ainda mais consciente de sua frágil humanidade, enquanto passavam por pilares antigos que eram tão grossos quanto pequenas cabanas e afrescos cobertos de quimeras e híbridos de humanos e animais. Como um dos lugares Predestinados, a aparência do Alojamento tinha sido restaurada uma vez que os Destinos que estavam presos nas cartas tinham acordado. Mas os lugares Predestinados exigiam sacrifícios de sangue e dízimo para se tornarem plenamente vivos, então, felizmente, as criaturas nas pinturas não eram reais. Mesmo assim, Scarlett jurou que seus olhos observavam e seus ouvidos escutavam quando a Estrela Caída finalmente falou.

— Paradise era a ladra mais ousada que já conheci. Não havia nada que ela tivesse medo de roubar. Ela amava a emoção e o perigo e os riscos. Acho que é por isso que ela se sentiu atraída por mim.

— Por que você se sentiu atraído por ela? — Perguntou Scarlett.

— Começou quando ela ameaçou me matar.

Scarlett queria pensar que ele estava brincando, mas ele parecia inteiramente sério. — Antes de nos conhecermos, Paradise foi contratada pela

Igreja da Estrela Caída. — Sua voz rica se encheu de orgulho e Scarlett se encheu de pavor.

Ela tinha ouvido falar do Templo das Estrelas, mas ela não sabia que havia uma igreja dedicada exclusivamente à Estrela Caída.

Embora ela não devesse ter ficado surpresa. O Distrito do Templo tinha tudo, incluindo uma Igreja de Lenda, que não soava mais estranha em comparação à maneira como Gavriel descreveu sua casa de culto.

— A Igreja da Estrela Caída queria que ela roubasse um Baralho de Destino da Imperatriz Elantine. Outros tinham tentado antes, mas todos tinham sido pegos e mortos por sua falha – minha igreja não queria que ninguém soubesse que eles queriam esse baralho particular do Destino, porque era o baralho que me aprisionava e a todos os outros Destinos. Por fim, eles recrutaram a Paradise. A essa altura, a notícia se espalhara pela reputação mortal do emprego. Mas Paradise não teve medo de aceitar isso. E ao contrário de todos que foram antes dela, ela conseguiu roubar as cartas.

Sua boca se curvou em um sorriso tão pequeno que Scarlett duvidou que ele estivesse ciente disso. Ele realmente admirara a mãe dela.

— Paradise não confiava em minha igreja para não traí-la.

Então, ela só trouxe uma carta – a carta que me aprisionava. Ela disse que o resto do baralho estava escondido em algum lugar seguro e que ela compartilharia sua localização depois que seu pagamento fosse entregue. Ela planejava fugir da cidade. Mas as coisas não correram como ela planejou.

— A Igreja da Estrela Caída foi formada pela primeira vez a fim de rastrear este Baralho do Destino e libertar a mim e aos outros Destinos. Antes de pagar a Paradise, eles tinham que ter certeza de que os cartões eram autênticos, então um membro de sua congregação se sacrificou para me libertar.

Apenas a palavra *sacrifício* fez Scarlett querer se encolher, mas o sorriso da Estrela Caída se contraiu mais, da mesma forma que alguém tendo uma boa lembrança. Se ele estava realmente tentando não assustá-la com essa história, ele estava fazendo um trabalho miserável.

— Assim que fui solto, fui atrás da Paradise para encontrar o Baralho do Destino e libertar todos os meus Destinos. Mas ela não tinha mais o baralho. Enquanto minha igreja estava me liberando, Paradise e seu amante usaram o

baralho para ler seus futuros, e eles viram a magia nas cartas. Paradise ainda não sabia exatamente o que as cartas eram, mas ela era inteligente o suficiente para reconhecer que elas valiam muito mais do que a minha igreja estava oferecendo. Ela planejava pedir uma quantia maior. Só que quando ela acordou na manhã seguinte, seu amante pegou as cartas e desapareceu. Eu a encontrei amarrada a uma cama. Ela não tinha ideia de quem ou o que eu era quando cheguei. Ela ameaçou me matar se eu não a desamarrasse, e fiquei instantaneamente intrigado.

Sua voz se tornou melancólica, como se ele estivesse alcançando a parte romântica da história, e ainda as cores ardentes em volta dele se tornaram raivosas, lambendo os degraus, arranhando sua capa e deixando Scarlett nervosa de que seu plano não funcionaria como ela queria.

— Começamos como aliados relutantes. O mundo tinha mudado tanto desde que eu estava preso que eu estava precisando de ajuda para localizar o Baralho do Destino, e ela precisava de alguém para protegê-la da minha igreja. Nenhum de nós queria que o outro soubesse o quanto estávamos intrigados um com o outro. Eu não confessei o que realmente sentia por ela até o dia em que ela me disse que estava grávida de você.

Essa era a parte em que Scarlett esperaria que ele olhasse para ela. E ele fez. Mas teria sido melhor se ele não tivesse. Havia algo quase selvagem em seus olhos dourados – eles mantinham toda a violência do ódio misturada com a paixão do amor, como se tudo isso tivesse acontecido ontem, em vez de dezoito anos atrás.

— Eu ia tornar a Paradise imortal depois que ela desse à luz.

Mas antes que eu pudesse lhe dizer quem eu era, ela descobriu por conta própria e optou por se virar contra mim. Ela havia localizado o Baralho do Destino completo e em vez de compartilhá-lo comigo, ela me colocou de volta dentro de um dos cartões. Eu queria passar a eternidade com ela e ela me traiu.

A Estrela Caída parou abruptamente, parando em um patamar que dava para um canyon branco brilhante. Ele nunca trouxe Scarlett para cá antes, mas ela reconheceu as rodas rachadas da morte espalhadas ao redor da borda, e o rio de vermelho cortando-a. Este era o lugar que Tella descreveu quando contou a Scarlett como ele assassinou a mãe delas.

Scarlett deu um passo atrás.

Ele imediatamente agarrou o braço dela. — Eu não vou te machucar – eu preciso de você, e isso é o porquê — Ele apertou até doer. — Paradise teve os sentimentos mais fortes que eu já tive e os usou contra mim. Se eu a tivesse amado, ela poderia ter me matado.

O amor é a única fraqueza que eu nunca fui capaz de derrotar. Os humanos tentam fazer soar como se fosse um presente. Mas uma vez que encontram amor, nunca dura, só destrói e, para nós, traz a morte eterna. Mas eu acredito que uma vez que você conquiste seus poderes, você pode remover permanentemente essa falha que me permitiria retornar o amor humano.

Donatella

— Da próxima vez que eu vir meu irmão, vou colocá-lo na coleira. — A voz de Lenda era baixa, mas Tella jurou que sacudia a obra de arte que se alinhava no corredor.

Depois de encontrar o bilhete de Julian, Tella foi acordar Lenda.

Parece que ele não dormiu muito depois que ela o deixou na noite anterior. Ele estava em sua porta aberta com uma camisa preta enrugada que ele deveria ter acabado de vestir. Seu cabelo escuro estava num emaranhado, sombras crescentes viviam sob seus olhos, e seus movimentos não eram tão precisos como de costume.

— Eu sabia que a garota iria matá-lo, — resmungou Lenda.

— Ela não é apenas uma garota! Ela é minha irmã e está arriscando sua vida para consertar o erro que nós dois cometemos.

Lenda esfregou a mão sobre o rosto. — Eu sinto muito, Tella. — Ele olhou para ela novamente, e as sombras sob seus olhos desapareceram. Mas Tella sabia que elas ainda estavam lá, escondidos sob uma de suas ilusões. Ele se importava com seu irmão. Julian pode não ter sentido, mas Tella tinha visto, e ela podia ouvir em sua voz quando Lenda disse: — Eu vou encontrá-los.

— Nós vamos encontrá-los, — corrigiu Tella. Essa era sua irmã.

Ela deixou Scarlett voltar para a Estrela Caída, e ela pediu para ela roubar o sangue para o Ruscica – que claramente tinha sido uma tarefa tola. —

Antes que você me diga que é muito perigoso, só sei que vou atrás da minha irmã e Julian, não importa o que você diga.

Se você não quer me levar com você, eu conheço alguém que vai. — Ela estendeu as moedas desafortunadas que encontrou ao acordar.

Lenda olhou para os discos e eles desapareceram.

— Traga-os de volta! — Tella disse. — Eu sei que eles ainda estão lá, mesmo que eu não possa senti-los.

— O que você vai fazer com essas coisas? — Lenda grunhiu.

— Vou entrar em contato com o Assassino e pedir a ele que me ajude a resgatar minha irmã. Ele poderia levá-la para dentro e para fora dessas ruínas em um piscar de olhos.

— Foi você que disse que o Assassino é louco.

— A Estrela Caída é muito pior, e eu não vou ficar aqui enquanto minha irmã está com problemas. Eu não amo essa ideia, mas acho que a Donzela da Morte e o Assassino podem ser nossa melhor opção para tirar seu irmão e minha irmã da Estrela Caída.

Lenda trabalhou sua mandíbula e Tella preparou-se para outra discussão.

— Se fizermos isso, você entra com o Assassino, encontra sua irmã e sai de lá imediatamente.

— Você está realmente concordando comigo?

As moedas reapareceram em sua mão, mas Lenda parecia que já se arrependia de sua decisão. Os músculos do pescoço dele estavam tensos. — Eu ainda não gosto de nada disso. Mas Aiko e Nigel não viram a Donzela da Morte ou o Assassino no palácio, Jovan não os viu nas ruínas, e Caspar não ouviu nenhuma conversa sobre eles trabalhando para a Estrela Caída. Eu não quero confiar neles.

Mas enquanto eu posso nos levar para as ruínas onde sua irmã está sendo mantida com glamour e ilusão, se Julian e Scarlett estiverem ambos lá, será um desafio levar os quatro para fora sem sermos detectados. Apenas me prometa, Tella, se fizermos isso, você não correrá riscos desnecessários.

Lenda encontrou seu olhar, a escuridão crescente de volta em seus olhos. Isso durou apenas um segundo, mas naquele momento ele parecia mais humano.

Scarlett

Ao alcançar a porta que levava de volta a seu quarto, a Estrela Caída deu a Scarlett um sorriso luminoso, como se eles tivessem tido seu primeiro momento pai e filha de coração para coração. Ela deve ter sido uma atriz melhor do que ela pensava. Se ele soubesse que Scarlett nunca se tornaria a razão pela qual ele se tornaria invencível – que ela nunca iria dominar seus poderes e torná-lo imune ao amor – ele a teria colocado em outra gaiola.

Scarlett estava pronta para pegar sua Chave da Fantasia assim que a Estrela Caída a levasse para sua suíte e saísse. Mas uma vez que eles entraram em seus quartos, ele recebeu mais Destinos para se juntar a eles. Suas Servas, Destinos menores, reconhecíveis pelo fio vermelho, fechando seus lábios brancos.

— Oh, que bom! — Anissa sussurrou de dentro de sua gaiola no centro da sala de estar, embora ela parecesse longe de estar feliz com essa chegada.

— O que elas estão fazendo aqui? — Perguntou Scarlett.

A Estrela Caída acenou com a mão em direção à caixa que ele trouxe antes. — Elas vieram para ajudar a prepará-la para conhecer o império.

— Elas também vão se certificar de que sua amante saiba tudo sobre você, — Anissa murmurou assim que a Estrela Caída partiu. — A Rainha dos Mortos-Vivos espia através de Suas Servas. Queenie e Gavriel tiveram um caso há muito tempo. Nós Destinos podemos não amar, mas somos muito apaixonados e ciumentos. Ela não ficou feliz em saber que ele fez uma

criança com uma mortal, e estou supondo que ela está curiosa sobre você.

Scarlett não sabia se esse era o jeito da Dama Prisioneira de alertar Scarlett para não fugir agora. Mas isso não importava. Suas Servas já estavam em cima de Scarlett. Elas tiraram o vestido com uma velocidade não natural, jogando-o no tapete, junto com a preciosa Chave da Fantasia ainda dentro do bolso.

Durante todo o processo, Scarlett fantasiou lançar-se para o vestido e a chave. Mas se ela saísse agora, a Estrela Caída saberia imediatamente que ela tinha ido embora e ele seria mais rápido em rastreá-la.

A melhor escolha de Scarlett era aguentar até que as Suas Servas saíssem. Ela engoliu seu constrangimento enquanto suas mãos insistiam em lavá-la e ajudá-la com suas roupas de baixo. Elas enrolaram o cabelo em cachos com pinças quentes, e então o empilharam em cima de sua cabeça, antes de alinhar seus olhos em kohl, pintando seus lábios com laca rubi, e escovando poeira dourada por toda sua pele até que ela brilhava como um dos Destinos.

Embora quando ela olhou no espelho, ela parecia surpreendentemente semelhante à sua mãe.

Scarlett estremeceu quando as Suas Servas partiram para abrir a caixa que Gavriel trouxera mais cedo.

Se tivesse vindo de quase qualquer outra pessoa, o vestido lá dentro teria sido um presente maravilhoso. O corpete era dourado, com finas tiras de pequenas estrelas amarelas de diamante que brilhavam à luz e lançavam manchas iridescentes de arco-íris ao redor da sala. A saia estava cheia e vermelha como um coração partido, exceto quando ela se movia. Uma torção ou inclinação de seus quadris e uma explosão de ouro caía de sua cintura até a bainha, onde o ouro brilhava e brilhava como pequenos cometas.

Scarlett nunca em sua vida odiara algo tão primoroso. Ela não lutou quando Suas Servas a ajudaram, esperando que agora que o trabalho estivesse terminado, elas finalmente iriam embora. Mas assim que Scarlett se vestiu, uma nova escolta apareceu.

Seu rosto era bonito demais para ser humano. Ele tinha pele marrom-escura, olhos emoldurados por grossos e longos cílios e lábios com uma curva natural que o faziam parecer como se ele sempre sorrisse. Seu manto verde vicioso era a cor das folhas de hera venenosa durante a estação quente.

Caiu em torno de seus tornozelos quando deu a Scarlett um arco tão perfeito que nem uma gota se derramou da taça cheia em sua mão.

Definitivamente outro Destino.

Linhas doces de magia misturavam-se com os pops animados de ouro girando em torno dele.

A Dama Prisioneira parou de balançar. Ela assistiu a este jovem novo Destino com uma combinação de fervente fascínio vermelho e ódio amarelo quando ele estendeu a mão livre e pegou a de Scarlett.

— É tão bom conhecer você, Sua Alteza. — Os anéis em seus dedos brilhavam quando ele levou os nós dos dedos aos lábios e deu-lhes um beijo cavalheiresco. — Vamos passar muito tempo juntos. Eu sou Veneno.

Scarlett imediatamente retraiu a mão, voltando para a família imóvel que encontrou durante o Festival do Sol.

— Parece que ela já ouviu seu nome e não gosta muito, — disse a Dama Prisioneira de sua jaula.

— Eu vou fazê-la mudar de ideia. — Veneno sorriu, mostrando dentes perfeitamente retos. — Eu vou me tornar seu maior amigo.

— Duvidoso, — Scarlett gritou.

Veneno apertou seu coração, jóias reluzindo em seus dedos. — Eu pensei que você deveria ser mais gentil do que seu pai. O que quer que eu tenha feito para te ofender, por favor me perdoe. Caso contrário, será uma noite muito tediosa. — Ele estendeu o braço para Scarlett. — Estou aqui para acompanhá-la à coroação.

— Tenha cuidado, — a Dama Prisioneira advertiu.

— Acalme-se, — disse Veneno. — Você realmente acha que eu machucaria a filha de Gavriel?

— Não era meramente ela que eu estava avisando. — A voz de Anissa suavizou por uma fração e seus olhos assumiram aquele tom enervante de branco. — Tortura e morte estão a caminho.

Scarlett estremeceu.

Veneno a segurou um pouco mais perto. — Não se preocupe, pequena estrela. Acho que tudo o que ela está dizendo é que será uma festa dramática.

Sem mais cerimônias, Veneno afastou Scarlett da sala e saiu para os suntuosos salões antes de descer para uma série de passagens subterrâneas

que os levaram do Alojamento à Torre Dourada do palácio real.

O Destino manteve um fluxo constante de conversas enquanto subiam e subiam até o topo da torre. Scarlett se sentiu quente sob o vestido pesado e a maquiagem brilhante. Mas o Veneno só ficava cada vez mais animado com cada lance de escadas, como se o aviso da Dama Prisioneira realmente o tivesse excitado.

Ele não parou até que eles estavam do lado de fora da sala onde eles estavam para conhecer o pai dela. — Eu quis dizer o que eu disse sobre sermos amigos. Você pode não gostar de mim, pequena estrela, mas se precisar de mim, eu estarei aqui.

Seu sorriso encantador se transformou em algo mais tóxico quando as portas em frente a ela se abriram, deixando-os entrar na sala onde a Estrela Caída esperava.

Tapeçarias de guerras violentas se agarravam às paredes enquanto a avareza madura se agarrava à Estrela Caída. Ele ficou no centro de um grupo de guardas, mulheres jovens e homens musculosos que deviam ter sido os melhores de Valenda, mas que ao lado de Gavriel pareciam crianças brincando de se vestir. O ar ao redor dele era elétrico com faíscas; seus olhos estavam cheios de chamas; a capa que ele usava fluía de seus ombros como ouro líquido.

Seus olhos brilharam quando ela entrou. Houve um lampejo de surpresa rosa pálido, a cor de corações frágeis, e por um momento tão fugaz que poderia ter sido os nervos de Scarlett brincando, ela imaginou que ele estava vendo sua mãe.

Ele pegou o braço dela de Veneno e a levou até a varanda. Pelo jeito cuidadoso que ele lidou com ela, ninguém teria adivinhado que ele tinha matado alguém na frente dela algumas horas atrás.

Palmas e gritos de alegria irromperam quando eles saíram. O pátio de vidro abaixo estava transbordando de gente. As crianças sentavam-se sobre os ombros dos pais, enquanto outras se amontoavam dentro de fontes e subiam em árvores, todas sem a menor ideia de pelo quê estavam torcendo.

Seus olhos se prenderam a um garotinho usando uma coroa de papel e olhando para a Estrela Caída como se quisesse ser notado por ele. Outras crianças e adultos espiavam Scarlett da mesma maneira, admirando-a

simplesmente porque ela estava em um vestido deslumbrante e em pé em uma varanda ao lado do homem com todo o poder.

Scarlett queria vomitar. Ela não era a princesa deles ou a salvadora deles; ela era o fracasso deles. Ela nem escutou o que a Estrela Caída estava dizendo até ouvir as palavras *Paradise, a Perdida*.

O foco de Scarlett se aguçou.

— A história conhece a Paradise como uma ladra e uma criminosa, mas eu a conhecia como minha esposa. — Gavriel fechou os olhos e franziu a testa em uma demonstração de tristeza fabricada.

— Ela é a razão pela qual voltei para Valenda. Eu gostaria de poder dizer que vim para salvar todos vocês dos vilões que mataram seu último imperador, mas eu estava a caminho daqui antes disso. Eu viajei para cá do outro lado do mundo assim que ouvi que um bandido chamado Dante Thiago Alejandro Marrero Santos seria coroado imperador. Eu sabia que tinha que pará-lo. Ele não era o filho perdido de Elantine. Minha esposa, Paradise, a Perdida, foi.

Bocas por todo o pátio se abriram em suspiros e *ahhhhs*. Todos estavam ansiosos para acreditar nele, embora ele não tivesse nenhuma evidência real.

Os aplausos do público morreram em um silêncio respeitoso quando Gavriel prometeu governar da maneira que sua esposa morta teria desejado. Sua voz até se quebrou e Scarlett pensou ter visto várias mulheres desmaiarem. Ninguém parecia alarmado que, se ele fosse casado com Paradise, ele deveria ter parecido significativamente mais velho.

— E agora, — disse a Estrela Caída, — gostaria de apresentar alguém muito especial. Juntos, Paradise e eu tivemos uma filha, sua nova princesa, Scarlett. — Ele colocou o diadema de rubi em cima de sua cabeça. — Ela é minha única herdeira, mas não se preocupem, pretendo governar por muito tempo.

O pátio explodiu em aplausos. Talvez alguns indivíduos intuitivos tenham suas últimas palavras como uma ameaça em vez de uma promessa de prosperidade, mas Scarlett não viu seus rostos quando a Estrela Caída acenou com uma mão e Veneno deu um passo à frente, carregando uma coroa de ouro tão pesada que a maioria dos mortais teria se curvado sob seu peso. Parecia simbólico, pois logo todos os humanos no império seriam esmagados

sob os punhos do Destino que a usava.

Scarlett tentou separar-se dele quando saíram da sacada, mas a Estrela Caída ligou o braço dele ao dela. — Eu quero você ao meu lado esta noite.

Juntos, eles desceram todos os degraus da Torre Dourada para a sala do trono e para um pesadelo disfarçado de festa.

Scarlett

Era o tipo de celebração que se transformaria em livros de história e eventualmente se transformaria em contos de fadas romantizados que faziam até mesmo as partes horríveis parecerem atraentes.

Daqui a cem anos, as pessoas que ouviram falar da celebração da coroação da Estrela Caída talvez desejassem ter participado, embora muitos humanos realmente estivessem parecendo que gostariam de não fazer parte da multidão sortuda permitida lá dentro.

Scarlett não sabia como os guardas haviam decidido quem deixar entrar no pátio, mas ela se perguntou se eles tinham sido informados de que seriam recompensados se sobrevivessem à noite, pois apesar de todos os abusos, ninguém parecia estar lutando de volta.

Perto das escadas ela acabara de descer, Suas Servas costuravam os lábios dos convidados com um grosso fio vermelho.

Então havia a Noiva Prometida em seu véu de lágrimas, beijando todos os homens casados até que suas esposas começaram a chorar. O Príncipe de Copas estava lá parecendo depravado, mas Scarlett não o observou por tempo suficiente para ver o que ele estava fazendo. Ou talvez ele fosse quem controlava as emoções para que todos os humanos se comportassem.

Sacerdotisa, Sacerdotisa cheirava a sofrimento enquanto ela tecia convidados em um vestido feito de camadas de material fino como véu que se moviam enquanto ela se movia. Scarlett nunca tinha falado com ela, mas

Anissa tinha dito a ela que o dom da Sacerdotisa era sua voz. O Destino poderia fazer uma pessoa trair sua mãe ou seu amante ou seus segredos mais terríveis.

Scarlett tentou afastar o pai da Sacerdotisa, não que houvesse muitos lugares seguros. O trono, onde Gavriel teria se sentado tradicionalmente, agora estava jorrando sangue, como o Trono Sangrento no Baralho do Destino, embora Scarlett não soubesse se era o verdadeiro Trono Sangrento ou apenas uma réplica. Do outro lado havia um palco de madeira polida que cheirava a mortificação e tormento. Era como a cena por trás da propriedade de Nicolas.

Scarlett observou enquanto o Bobo da Corte Louco movia as pessoas ao redor como se fossem marionetes. Seus braços e pernas estavam amarrados com cordas, que o Bobo da Corte magicamente controlava para fazer seus movimentos bruscos e semelhantes a bonecas.

Scarlett queria cortá-los livres, mas eles não pareciam estar em tanto perigo quanto o círculo de pessoas ao redor de Veneno, todos segurando nervosamente cálices de líquido roxo borbulhante. Ela não tinha certeza de que tipo de jogo ele estava jogando. Mas ela se lembrou dos avisos de Anissa sobre a tortura e a morte quando notou algumas das decorações mais recentes da sala: estátuas de pedra realistas e esculturas de gelo derretendo de pessoas que seguravam taças nas mãos.

Scarlett enfiou os calcanhares e olhou para o pai. — Eu acho que os seus Destinos estão levando as coisas longe demais. Eu pensei que você queria que seu povo te adorasse.

— Eles só estão se divertindo.

— Eu não sou. — Ela arrancou o braço de Gavriel. — Eu quero que você pare com isso.

Scarlett sabia que poderia haver consequências, mas lutar contra isso valeria a pena. — Isso não me faz querer terminar de conquistar meus poderes e me tornar um de seus Destinos.

O rosto de Gavriel se enrugou com irritação. — Veneno, transforme-os de volta em humanos; minha filha não gosta desse jogo.

Poucos minutos depois, a maioria das estátuas e esculturas eram humanas mais uma vez. Mas os horrores da noite não acabaram.

Assim que Veneno estava devolvendo sua última estátua de volta à vida, Scarlett viu um belo rosto entre os guardas perto das portas. Pele marrom-dourada, boca brincalhona e quentes olhos castanhos presos aos dela. *Julian*.

Scarlett deveria ter desviado o olhar. Ela deveria ter feito algo para causar uma distração, para que Julian pudesse fugir dessa festa miserável. Seu disfarce manteve os Destinos longe dele por agora, mas isso dificilmente o deixava seguro.

— Aquela jovem guarda, — disse a Estrela Caída, seguindo seu olhar. — Você conhece ele? Devo trazê-lo aqui? Talvez possamos usá-lo para testar seus novos poderes.

— Não, — disse Scarlett. Mas, novamente, ela deveria ter feito as coisas de maneira diferente. Ela deveria ter dito outra coisa além daquela única palavra. Assim que passou pelos seus lábios, a Estrela Caída virou-se para o Destino mais próximo – Sacerdotisa, Sacerdotisa da voz hipnótica.

— Traga aquele guarda com a cicatriz em seu rosto aqui, — instruiu a Estrela Caída.

— Não, por favor, — disse Scarlett. Mas, *por favor* pareceu ser tão eficaz quanto a palavra *não*. Isso só fez a Estrela Caída dar um sorriso maligno quando a Sacerdotisa passou o braço em torno de Julian e o persuadiu para frente.

— Eu não acho que eu deveria testar meus poderes aqui, — disse Scarlett. — E se eu falhar como antes? Eu não quero te envergonhar.

— Eu não acho que isso vai acontecer desta vez. — Gavriel deu-lhe um sorriso inquietante quando a Sacerdotisa apareceu, segurando o braço de Julian.

Uma mecha de cabelos castanhos caiu sobre a testa dele. Ele parecia muito mais infantil do que o canalha que ela conheceu em Trisda e mortal demais quando a Sacerdotisa cravou os dedos em seu braço.

Sua pele brilhava como mármore, e seu vestido esvoaçante fez Scarlett pensar em sacrifícios virginais – embora tivesse a sensação de que Julian seria o sacrifício nesse cenário.

Mas Julian não se encolheu; Ele estava ereto e alto, cercado por rajadas corajosas de redemoinhos dourados e imprudentes de latão.

— Obrigado por me trazer até aqui, — disse ele. — Eu estava esperando

para chamar a nova princesa para dançar.

Diversão iluminou os olhos da Estrela Caída. — Primeiro eu preciso de você para responder a uma pergunta. — Faíscas vertiginosas encheram o ar quando ele se virou para a Sacerdotisa.

— Pergunte a ele como ele conhece a minha filha.

O Destino repetiu a pergunta e, quando ela falou, sua voz era tudo que Scarlett podia ouvir. Era o som de luzes brilhantes, luas cheias, desejos à beira de serem concedidos.

Julian respondeu sem hesitar: — Ela é o amor da minha vida.

O coração de Scarlett se partiu e explodiu de repente.

As faíscas ao redor da Estrela Caída se transformaram em chamas selvagens. — Talvez seja por isso que você não conseguiu conquistar seus poderes. Você o ama também?

A Sacerdotisa repetiu a pergunta da Estrela Caída para Scarlett.

De repente, tudo em que ela conseguia pensar era em Julian. Eles estavam de volta a Caraval, enroscados em uma cama enquanto ele a alimentava com uma gota de sangue para salvar sua vida. Ela o amava antes e ela o amava agora. Mas ela não podia confessar isso para Gavriel.

— Não lute contra a pergunta, *auhtara*, ou isso vai te matar.

Lágrimas escorriam pelas bochechas de Scarlett. — Sim, eu o amo desesperadamente.

— Que decepcionante. — Gavriel fez um gesto para a Sacerdotisa, que começou a arrastar Julian para longe.

— Pare! — Scarlett tentou segui-los.

A Estrela Caída envolveu uma mão vermelha brilhante prestes a pegar fogo em torno de seu braço e a puxou em direção ao Trono Sangrento.

Dor excruciante rasgou seus ombros. Scarlett gritou, recebendo olhares de todo o salão de baile.

— Eu não estou planejando machucá-la, e prefiro não machucá-la novamente, mas o farei se você não se comportar. — A mão da Estrela Caída perdeu seu calor, mas o controle sobre o braço empolado de Scarlett permaneceu. Ele a guiou de volta ao Trono Sangrento enquanto a Sacerdotisa trouxe Julian para o palco revoltante do Bobo da Corte Louco.

— Eu não quero que ele nos ouça e faça uma performance como a que

você incitou com o meu *presente*.

— Do que você está falando? — Disse Scarlett.

— Eu acho que nós passamos de fingir. — A Estrela Caída baixou os lábios para o ouvido de Scarlett. — Nada do que você fez na semana passada foi um segredo. Você realmente achou que Anissa não me contaria tudo o que você estava fazendo?

Sim, Scarlett achou.

— Eu vou ter que puni-la novamente por isso mais tarde, a menos que você prove a si mesma agora. — Gavriel sentou em seu Trono Sangrento, e forçou Scarlett a pousar no braço dele como uma decoração. Ele a chamou de princesa mais cedo, mas ela era apenas um peão. O sangue manchava a parte de trás de seu lindo vestido enquanto ela se perguntava como mais Anissa a havia traído. Mas agora não era hora de se preocupar.

A festa inteira assistiu quando Julian foi levado ao palco do outro lado da sala. Scarlett desejou que ele fugisse, mas ele deve ter ficado com medo por ela, porque ele não lutou quando o Bobo da Corte Louco e a Sacerdotisa amarraram as cordas ao redor de seus braços e pernas.

— Agora, — Gavriel sussurrou. — Eu quero que você use seus poderes nele para tirar seu amor por você e substituí-lo por ódio. Uma vez que eu ver a verdadeira aversão por você em seus olhos, vou deixá-lo sair daqui vivo.

— Eu não posso fazer isso. — A voz de Scarlett tremia a cada palavra. E não foi só porque cada parte de seu ser foi repelida pela ideia de fazer Julian desprezá-la. — Eu não consigo controlar emoções.

— Então ele vai morrer, — disse Gavriel razoavelmente. — E se eu sentir que você está tentando mudar meus sentimentos de alguma forma, eu vou incendiar toda esta sala e matar todos os humanos dentro.

Scarlett respirou fracamente enquanto seus olhos percorriam todas as pessoas desamparadas da sala. Metade estava a observando agora. O resto estava virado para Julian, amarrado como uma marionete no palco. E ainda as cores ao redor dele eram ferozes e brilhantes e cheias do profundo e infundável amor carmim. Ela nunca sentiu tanto amor em sua vida. Era puro e desinteressado, sem medo ou arrependimento. Tudo o que ele queria naquele momento era que *ela* estivesse segura.

E ela tinha que tirar todos esses sentimentos para ele viver.

Scarlett poderia ter chorado. Ela olhou para ele e murmurou as palavras *eu amo você*, sabendo que ela nunca poderia falar e verdadeiramente dizer aquelas palavras novamente. Se ela conseguisse conquistar seus poderes, ela não estaria apenas tirando a habilidade de Julian de amá-la. Ela finalmente se tornaria um dos Destinos de seu pai e perderia sua própria capacidade de amar.

Então, antes que ela tentasse apagar o amor de Julian, ela se deixou sentir pela última vez. Ela deixou seu amor tocar o dele, do jeito que dois instrumentos separados tocam juntos para criar uma música mais bonita, e de repente Scarlett sabia como mudar o que Julian estava sentindo – como mudar sua música para que não combinasse com a dela.

Antes, ela sempre tentava projetar um sentimento ou uma imagem em outra pessoa. Mas o que ela precisava fazer era empurrar contra seus sentimentos. Ela precisava alcançar com sua magia e torcê-los até que as cores deles comesçassem a se deslocar e se deslocar e...

— Não! — Julian se debateu contra as cordas que o prendiam ao palco. Ele pode não ter ouvido as instruções da Estrela Caída, mas ele sabia o objetivo final do Destino para Scarlett. Julian sabia que esse ataque contra suas emoções era por causa de sua magia – magia contra a qual ele a advertira. — Não faça isso, Carmim!

A Estrela Caída bateu palmas e faíscas saíram das pontas de seus dedos.

No palco, lágrimas rastream as bochechas de Julian. Ele estava lutando contra ela, lutando contra seus poderes com tudo o que ele tinha. Mas até mesmo sua luta estava ajudando sua mágica a vencer. Ela podia ver o amor dele se transformando em raiva.

Scarlett começou a tremer.

A Estrela Caída agarrou-a novamente para evitar que ela caísse do braço do trono. Ela não sabia se era por ter lutado contra Julian, ou se era porque ela finalmente acessou seus poderes completos, mas seu corpo não parecia mais sob seu controle.

Ela podia sentir a magia que estava usando, enchendo-a e cercando-a do jeito que seu amor por Julian tinha feito momentos atrás. Foi inebriante e poderoso. Sem sequer tentar, ela podia ver mais do que apenas as emoções de Julian. Scarlett viu cores do outro lado da sala. O verde ansioso de vários

Destinos dançava em torno de um arco-íris de cores humanas aterrorizadas e com uma curiosidade mórbida, e ela sabia que, se quisesse, poderia torcê-las com um pensamento. Foi maravilhoso de todas as formas erradas.

Cada centímetro de sua pele se arrepiou. Quando ela olhou brevemente para baixo, sua pele estava brilhando e brilhando com pó de ouro – e magia Predestinada.

— Finalmente. — A Estrela Caída apertou seu aperto em seu braço. — Você está quase lá, *auhtara*.

Julian gritou novamente. — Não faça isso, Scarlett!

O nome soou errado. Ele nunca a chamava de Scarlett. Mas o nome não doeu tanto quanto deveria.

— Você está perto, — disse a Estrela Caída. — Deixe de lado seus sentimentos por ele e pegue o resto do seu poder!

Scarlett empurrou com mais força e o rosto de Julian se transformou em um grunhido. Ela podia ver as bordas de suas emoções se tornando marrons, do jeito que alguma coisa faz depois de ter sido queimada.

Julian resistiu às amarras dele. — Você mentiu, Scarlett! Você disse que sempre me escolheria. — Seus olhos febris se encontraram com os dela, mas pela primeira vez não havia calor algum neles.

Ela não estava salvando ele. Ela estava destruindo ele.

Sua magia vacilou.

Ela não podia fazer isso.

Anissa tinha dito várias vezes que Scarlett precisava se tornar o que a Estrela Caída mais queria para derrotá-lo, mas o Destino a traía. E Scarlett sabia que, mesmo que essa fosse a única maneira de dominar seu pai, era uma grande traição a tudo em que ela acreditava. Se ela deixasse Gavriel empurrá-la para fazer isso, quanto mais ele seria capaz de empurrá-la uma vez que seu amor se for e ela for um Destino? Gavriel ameaçaria matar Julian novamente se ela se recusasse a tirar a habilidade de Gavriel de amar? E ela seria capaz de resistir a ele – ela iria querer?

Scarlett recostou-se em sua magia mais uma vez e desenredou as emoções de Julian, libertando-as até que não estivessem mais emaranhadas, com nós e odiosas.

Ele parou de se debater e sua cabeça caiu, mas ele ainda conseguiu olhar

para ela com os mais lindos olhos castanhos que ela já tinha visto. Eles eram vítreos e vermelhos – ele ainda estava com dor, mas ele também ainda estava apaixonado por ela.

A Estrela Caída apertou o braço de Scarlett, fazendo bolhas na pele que ele já tinha queimado, mas não foi o suficiente para fazê-la mudar de ideia. Ele poderia queimá-la, torturá-la, colocá-la em uma gaiola novamente, mas ele nunca poderia fazê-la machucar Julian.

— O que você está fazendo? — Ele exigiu.

Scarlett sorriu para a multidão, como se isso fosse parte do programa que ele a obrigou a seguir, mas ela manteve a voz baixa, sabendo que desafiá-lo publicamente poderia dar a Julian uma morte muito rápida. — Estou fazendo um novo acordo. Se você quer meus poderes, eu os darei a você, mas não assim. Ele fica livre agora, ou você não recebe nada de mim.

Sangue do trono jorrou mais rápido, cobrindo os braços da Estrela Caída de vermelho. — Eu poderia matá-lo por sua desobediência.

— Mas então você nunca conseguiria meus poderes. — Scarlett continuou a sorrir quando mais cabeças viraram em sua direção, provavelmente curiosas para saber por que o show tinha parado de repente. — Faça isso agora ou nunca farei nada por você novamente.

— Muito bem. Eu vou te dar o que você quer. — A Estrela Caída fez um gesto para o Bobo da Corte Louco e a Sacerdotisa desfazerem as amarras de Julian.

— Vê como eu posso ser generoso? — Perguntou Gavriel. — Seu precioso amor logo estará livre, mas quando eu te ver de novo, espero que você cumpra sua promessa. Você aceitará seu poder, se tornará um verdadeiro imortal e tirará a fraqueza que me faz capaz de amar. Não faça isso e vou torturar todos com quem você se importa até que você esteja me implorando para salvá-los de sua miséria e finalmente matá-los.

Scarlett

Scarlett não tinha ideia de quanto tempo demoraria até que a Estrela Caída viesse por ela naquela noite, mas ela não tinha intenção de estar lá quando ele o fizesse. Assim que ela foi autorizada a deixar sua horrenda festa, ela correu de volta pelos túneis até chegar a seu quarto no Alojamento.

A Dama Prisioneira saltou de seu poleiro dourado em um turbilhão de tecido violeta no momento em que Scarlett entrou. — O que...

— Não fale comigo, sua decepção de mulher.

O rosto de Anissa caiu em uma carranca bonita. — Eu tentei te avisar; Eu lhe disse que não posso mentir.

— Eu disse para não falar comigo! — Scarlett arrancou o vestido ensanguentado quando chegou ao quarto e se apressou a vestir seu próprio vestido encantado. Aqueceu-se contra sua pele, como se sentisse falta dela. Então ficou mais grosso e mais forte à medida que o tecido mudava de cetim macio para couro vermelho, que abraçava seu peito e queimava sua cintura.

— Scarlett, me escute, — disse a Dama Prisioneira. — Tudo o que você está planejando...

— Pare de falar! — Scarlett tirou sua Chave da Fantasia e se dirigiu para a porta. — Se você não é uma traidora, então guarde suas palavras para distrair ou desviar Gavriel quando ele vier para mim.

— Mas a tortura...

Scarlett ignorou o que Anissa disse em seguida. Ela empurrou a Chave da

Fantasia na maçaneta, pensando apenas em Julian, esperando que ele já tivesse se distanciado do palácio – quando ela virou o objeto mágico e abriu a porta.

No começo, ela achou que a chave não havia funcionado. Ela estava no corredor de uma masmorra, muito mais suja do que a que os guardas de Lenda tinham usado para prender Tella. O ar cheirava a água úmida e a coisas deixadas para morrer. Atrás das barras de ferro, Scarlett viu uma variedade de dispositivos de tortura, prateleiras, correntes e cordas, e depois Julian, pendurado no teto.

Suas pernas se dobraram. Ela o viu ferido, viu-o morto e, no entanto, nenhuma dessas coisas facilitou a visão.

As mãos de Julian estavam presas na cabeça e ligadas a um gancho no teto que o deixava pendurado sobre um dreno manchado de sangue. Sua camisa estava arrancada, seu peito estava vermelho e suado, e seu rosto bonito estava parcialmente coberto por uma máscara de metal que Scarlett só conseguia enxergar parcialmente porque sua cabeça estava curvada, como se ele não pudesse mais levantá-la.

O pai dela deve ter tido o seu Destino agarrado a ele assim que ele escapou da festa, ou ele tolamente voltou por ela.

— Carmim... — Sua voz era crua e abafada.

— Vai dar tudo certo. — Ela tentou parecer confiante, mas suas palavras racharam quando seu coração se partiu ao meio. — Eu vou libertá-lo.

— Não, — Julian gemeu, — você... você... precisa sair daqui.

— Não sem você. — Scarlett se levantou na ponta dos pés para tirá-lo do gancho no teto, mas era muito alto para alcançar. Ela precisava de uma escada ou banquinho.

Frenética, ela correu de volta para o corredor. Alguns dos outros prisioneiros a chamaram, mas ela os ignorou enquanto procurava e encontrou um banco curto que deve ter pertencido a um guarda ausente. Ela arrastou de volta e não perdeu tempo em pisar em cima dele.

As emoções de Julian eram fracas, sombras cinzentas. Ele balançou quando ela olhou para a fechadura que segurava os punhos em seus pulsos encadeados. Só não havia bloqueio, era uma cadeia infinita. Ela teria que levantá-lo para libertar as mãos do gancho no teto, mas seus pulsos

permaneceriam algemados.

Seus olhos se abriram e fecharam. — Eu te amo, — ele gemeu.

— Se eu morrer... foi... — As cores ao redor dele piscaram e desapareceram completamente.

— Não! — Disse Scarlett. — Você não vai morrer! Nós vamos passar por isso juntos ou não vamos passar por isso. Não desista de mim, Julian. Eu estou te salvando, estou te salvando, estou te salvando, estou te salvando.

Scarlett repetiu o mantra enquanto usava toda a sua força para levantar o corpo inerte do gancho do teto. Sua pele estava pegajosa de suor e frio. Ele caiu contra ela, quase derrubando os dois no chão com seu peso.

— Julian. — Ela disse o nome dele como uma exigência enquanto envolvia um braço em torno de suas costas febris e o ajudava a se levantar. — Precisamos chegar à porta da cela, e então eu posso usar a Chave da Fantasia para nos tirar daqui.

— Receio que sua chave não vai ajudá-la neste momento. — Cada bar dentro da prisão pegou fogo, enchendo a masmorra com violentas línguas de vermelho e laranja, quando a Estrela Caída apareceu do outro lado da cela de Julian. Veneno, uma taça sempre presente de toxinas em sua mão, estava ao seu lado, com um sorriso entusiástico torcido ainda mais pela luz do fogo.

Scarlett tentou correr com Julian até a porta, sem se importar que estivesse queimando, mas a Estrela Caída chegou primeiro.

Abriu-a e saiu do alcance dela enquanto entrava na cela.

Ele tirou a coroa, mas suas roupas reais ainda estavam encharcadas de sangue. Gotículas vermelhas se espalharam nas pedras do chão quando ele se aproximou.

O vestido de Scarlett mudou imediatamente. Com uma enxurrada de colisões metálicas, ele mudou de couro vermelho furioso para um vestido selvagem de armadura de aço.

Gavriel riu, brilhante como uma estrela e cruel. — O Vestido de Majestade – esse vestido nunca gostou de mim.

— Não é nisso que a Rainha Azane se transformou quando morreu? — Veneno perguntou. — Eu pensei que ela era mais do tipo amante do que o guerreiro.

— Talvez ela simplesmente não goste de nenhum de vocês, — Scarlett

cuspiu.

— Ela definitivamente nunca gostou de mim. É uma pena também. Azane poderia ter sido gloriosa. — Os dedos da Estrela Caída se iluminaram com chamas. — Eu não quero te machucar.

— Então não machuque. — Scarlett apertou o braço ao redor de Julian, seus olhos procurando por outra saída, mas havia apenas três paredes impenetráveis e barras em chamas diante delas. — Nos deixe ir.

— Estou tentando ajudá-la, *auhtara*. — Ele deu outro passo e antes que Scarlett pudesse escapar, ele pressionou as mãos queimadas sobre os seus ombros chapeados de aço.

Scarlett gritou e soltou Julian. A armadura de seu vestido ficou mais grossa, mas não foi suficiente para parar a dor, e ela não era forte o suficiente para se libertar. Quando ele a queimou mais cedo, não foi nada comparado a isso.

— Pare de lutar comigo, eu estou salvando você, *auhtara*. — Olhos dourados encontraram os dela. — Se você sair com aquele garoto embaixo do seu braço, você terá o mesmo destino da Rainha Azane, que se transformou nesse vestido, e da Fantasia, que se tornou a chave em sua mão. Elas eram Destinos que se apaixonaram por humanos e se deixaram mortais e morreram. Mas a magia não pode morrer. Então, quando seus corpos humanos pereceram, sua magia foi transferida para objetos. É isso que você quer?

— Se isso significa que eu nunca vou ser como você, então sim, — Scarlett ofegou; o ar estava quase quente demais para respirar.

Ela continuou tentando se libertar, mas o aperto dele era muito forte.

Tudo o que ela conseguiu fazer foi estender a mão e pressionar a Chave da Fantasia na palma de Julian. — Vai...

— Você não pode me pedir para deixar você! — Julian cerrou os dentes, pegou a mão dela e puxou com mais força do que um garoto que acabara de ser torturado deveria ter feito. Ainda não deveria ter sido o suficiente para libertá-la — a Estrela Caída agarrou-a com mais força, queimando seu vestido de metal e marcando sua pele até que ela gritou novamente — mas naquele mesmo momento doloroso, o vestido de Scarlett mudou.

Durante uma respiração ofegante, o vestido mágico deixou Scarlett em

apenas uma fina camisola, transformando-se em duas luvas de metal que prendiam as mãos da Estrela Caída.

Ao redor delas, as chamas nas barras se transformaram em fumaça.

Gavriel amaldiçoou.

Scarlett tossiu, mas ela estava livre do aperto dele. Seu vestido havia sufocado suas chamas. Ela o viu lutando contra ele, derretendo as luvas blindadas em suas mãos, destruindo seu vestido, que se sacrificou para que Scarlett e Julian pudessem escapar.

— Parem eles! — Gavriel gritou para Veneno.

Veneno entrou na frente da fechadura, estendendo a taça letal, prestes a jogar seu conteúdo e transformá-los em pedra, ou coisa pior. — Parece que, afinal de contas, não seremos grandes amigos.

Scarlett e Julian pararam bruscamente.

O furioso Estrela Caída estava atrás deles, ainda batendo nas luvas. O Veneno estava na frente deles, pronto para transformá-los em pedra. Eles estavam presos. Scarlett apertou Julian com mais força – quando, de repente, todas as grades da prisão começaram a desmoronar e se formar em torno de Veneno. Os postes grossos de metal o levaram para longe da porta enquanto eles formavam uma nova gaiola, prendendo-o.

O ar fétido, cheio de fumaça, tornou-se mágico e doce.

— Lenda está aqui, — Julian chiou. — Ele está fazendo isso.

— Use a chave agora! — Lenda rugiu.

Scarlett não podia vê-lo, mas ela não hesitou em obedecer. Ela se lançou para frente com Julian em direção à porta.

Mas Veneno ainda estava perto demais. Ele estava enjaulado, mas isso não o impediu de jogar fora o conteúdo de sua taça.

Julian empurrou Scarlett atrás dele, bloqueando-a da toxina e deixando-a cobrir o peito e os braços.

— Não! — gritou Scarlett, agarrou Julian e enfiou a Chave da Fantasia na fechadura, enquanto pensava em sua irmã e segurança.

Ela encontrou apenas um deles.

Scarlett

Scarlett caiu pela porta em um borrão gritando de cor agonizante.

Laranja empolada, amarelo ardente e granada violenta. Seus ombros estavam queimando. Ela sentiu a dor antes, mas agora era tudo que ela podia sentir.

— Consiga toalhas úmidas e água fria. — Um par de mãos fortes pegou-a e levou-a para uma cama em forma de nuvem.

— Não, — Scarlett sufocou. — Cuide de Julian primeiro.

— Eu estou bem, Carmim. — Então ele estava ao lado dela, segurando um pano frio em seu ombro, aliviando um pouco da queimadura quando sua cabeça caiu contra os travesseiros e o mundo entrou e saiu de foco.

Ela não sabia quanto tempo ela perdeu a consciência, mas quando voltou, ela estava em uma nuvem de rosa e ouro, de volta ao seu quarto no Alojamento, cercada por colunas de mármore, afrescos perturbadores e rostos familiares. Mas Julian era o único rosto que ela realmente via.

A máscara horrível ainda cobria metade do rosto. Mas as correntes ao redor de seus pulsos haviam sumido. Ele estava de pé sem ajuda. Seu peito era liso e marrom em vez de vermelho e suado, e ele respirava fundo enquanto desdobrava um pano úmido para cobrir o pescoço e o peito dela.

— Isso é real? — Ela perguntou.

— Você me diz. — Ele pressionou um beijo afetuoso em sua testa com o lado de sua boca.

— Mas... como você está ileso? — Scarlett cuspiu.

— Você me disse que estávamos passando por isso juntos, ou não estávamos passando. E... — a testa de Julian se enrugou em algo como confusão — o que quer que estivesse no cálice de Veneno, me curou.

— Eu gostaria que alguns fossem despejados em Scarlett, — disse Tella.

Scarlett se virou para ver sua irmã. Ela estava empoleirada do outro lado da cama, suas mãos delicadas pressionando outro pano frio no outro ombro de Scarlett. À primeira vista, ela parecia deslumbrante em um vestido coberto com fitas azuis escuras e rendas azuis pálidas. Mas quando Scarlett olhou mais de perto, viu que os olhos de sua irmã estavam inchados e suas bochechas estavam manchadas, como se ela estivesse lutando contra as lágrimas o dia todo.

— Tella? Como você chegou aqui?

— Eu tive uma pequena ajuda. — Ela apontou para as colunas que flanqueiam a janela, e os outros convidados do quarto. Destinos.

Scarlett deu um pulo para trás.

Tella ficou louca. Ela trouxe a Donzela da Morte, junto com outro Destino encapotado que parecia extraordinariamente fora do lugar, enquanto cortinas transparentes voavam atrás dele. Ele usava uma capa de lã áspera sobre os ombros encolhidos e um capuz que mantinha todo o seu rosto oculto. Scarlett teve que percorrer a lista de Destinos até se lembrar do Assassino, o Destino louco que podia viajar através do espaço e do tempo.

— Tudo bem, — Tella disse, embora Scarlett tenha jurado que a voz de sua irmã estava mais alta do que o normal, como se ela ainda estivesse se convencendo disso. — Eles querem a mesma coisa que nós queremos.

Scarlett não queria confiar em nenhum deles. Mas ela sabia que sua irmã odiava os Destinos tanto quanto ela. Tella não teria confiado nesses dois sem uma boa razão, e Veneno provavelmente salvou a vida de Julian com o que ele jogou nele.

— Veneno está trabalhando com vocês dois? — Scarlett perguntou.

— Não temos aliança com Veneno, — respondeu a Donzela da Morte enquanto o Assassino balançava a cabeça.

— Veneno trabalha para si mesmo, — disse a Dama Prisioneira.

Scarlett disparou da cama. Ela esqueceu tudo sobre o outro Destino

traíçoeiro no lado oposto da porta aberta. — Precisamos sair daqui! — Scarlett gritou. — Ela é uma espiã.

— Claro que sou uma espiã, — disse a Dama Prisioneira. — É por isso que ele me colocou aqui. Mas eu também estou do seu lado.

— Ela pulou do poleiro em um turbilhão dramático de saias de lavanda e agarrou as barras na frente dela. — Eu quero sair desta gaiola. Por que você acha que eu fatiei sua garganta naquele dia?

— Talvez você estivesse entediada. — Scarlett sabia que a Dama Prisioneira não podia mentir, mas ela realmente não queria ouvi-la.

Ela queria odiar todos os Destinos. Ela não queria olhar nos olhos tristes da Morte Donzela e lembrar como era horrível estar dentro de uma jaula semelhante.

Scarlett não sabia por que o Assassino ajudaria a causa deles – ele era mais poderoso do que ninguém e, ainda assim, as emoções de carvão de fuligem que rodeavam ao seu redor conjuravam sentimentos de quebrantamento e miséria.

— Tella, por que você os trouxe aqui? — Scarlett perguntou.

— Eles meio que me trouxeram. A Donzela da Morte é a que me disse que você estava em perigo, e o Assassino é como entramos.

Ele me trouxe aqui para procurar por você, enquanto Lenda foi procurar por Julian. Vocês dois o viram?

— Ele nos ajudou a fugir, — disse Julian. — Ele estava usando suas ilusões para lutar contra a Estrela Caída e mantê-lo ocupado enquanto saímos.

O rosto de Tella ficou branco como papel. — Você não deveria tê-lo deixado lá embaixo.

— Ele pode cuidar de si mesmo, — disse Julian.

— E se ele for capturado e descobrirem quem ele é? Eles vão drenar toda a sua magia. Precisamos pegá-lo. Ela se virou para o Assassino. — Você...

— Se você for lá para salvar uma pessoa, você nunca vai derrotar Gavriel, — interrompeu Anissa. — Você vai continuar repetindo os mesmos erros, sacrificando um de vocês para salvar outro de vocês.

— Mas nós não podemos simplesmente deixá-lo! — O rosto de Tella passou de pálido a vermelho, como se ela estivesse com medo de que Lenda perdesse mais do que apenas seus poderes. Ela parecia pronta para lutar

contra a própria Estrela Caída.

As costelas de Scarlett se apertaram. Seu olhar disparou para o espaço vazio no chão em frente à gaiola da Dama Prisioneira, onde um corpo descansara mais cedo naquele dia. Assassinato era como a Estrela Caída resolvia os problemas. — Nós não vamos deixá-lo.

— A única maneira de vencer essa batalha é se tornar o que a Estrela Caída quer mais do que tudo. — O olhar violeta de Anissa encontrou Scarlett.

— Eu não posso fazer isso, — disse Scarlett. — Eu tentei. Se eu acessar todos os meus poderes, vou me tornar outra pessoa...

Então atingiu Scarlett. Talvez fosse o que ela precisava fazer.

Seu pai queria que ela mudasse, mas ele também queria outra pessoa. Scarlett viu quando ele olhou para ela com um pouco de ternura. Ele ainda queria Paradise, a única mulher que ele amava. Ele a matou, mas ele se arrependeu, porque como todos os imortais, ele era obsessivo e possessivo. Ele sentia falta dela. A mãe de Scarlett era o que ele mais queria.

No fundo, Scarlett ouviu a irmã protestando contra alguma coisa, mas todas as palavras se transformaram em ruído branco quando Scarlett finalmente viu como poderia derrotá-lo. A ideia era extrema e possivelmente absurda, mas se o amor fosse a única fraqueza de Gavriel, então ela precisava se tornar a única pessoa que ele amava.

— Assassino? Você pode levar outras pessoas com você quando viaja no tempo?

— Por que você precisa viajar no tempo? — Perguntou Julian enquanto Tella dizia simultaneamente: — Estamos perdendo tempo.

Scarlett mal ouviu a resposta suave do Assassino — Sim. Mas se você voltar no tempo e fizer a menor mudança, talvez não consiga retornar a esta linha do tempo, e aqueles que você ama aqui nunca mais o verão.

— E se eu voltasse no tempo apenas para roubar um vestido e observar alguém para imitá-lo?

— Você não pode mudar nada, — disse o Assassino. — Mas a viagem no tempo raramente é planejada – você pode acabar fazendo mais do que apenas roubar um vestido e observar.

— Quem é que você quer observar? — Tella perguntou.

Mas pelo tremor em sua voz, Scarlett pôde dizer que sua irmã já tinha uma

ideia do que Scarlett acabara de descobrir.

— Eu quero voltar no tempo e ver a nossa mãe. — As palavras de Scarlett deveriam parecer impossíveis. Mas ela estava em uma sala cheia de pessoas impossíveis – três Destinos, um menino que não envelhecia e uma irmã que havia morrido e voltado à vida.

A ideia de Scarlett era possível. Era extremamente perigoso. Se ela falhasse, a Estrela Caída poderia matá-la do jeito que ele matou sua mãe, ele poderia colocá-la em outra gaiola, ou ele poderia manter a promessa que ele fez anteriormente e torturar todos que ela amava.

Mas se funcionasse, ela poderia salvá-los todos, junto com todo o império.

— Eu sei como tudo isso soa, mas eu realmente acredito que nossa mãe é a chave para matar a Estrela Caída. Lembra do segredo que você compartilhou na sua carta? O segredo que nos disse que ele a amava? Eu vi isso na maneira como ele olha para mim às vezes. Ele a vê em mim e isso o muda. Se eu puder voltar para roubar algumas de suas roupas e observá-la, então eu posso ser capaz de convencer a Estrela Caída de que eu sou ela. Se eu fizer isso, acho que ele se tornará humano o suficiente para matar.

Tella sacudiu a cabeça. Scarlett nunca pensara que os cachos louros parecessem zangados, mas Tella parecia furiosa enquanto ricocheteavam em volta do rosto. — Ela já está morta, Scarlett. A Estrela Caída a matou.

— É por isso que eu preciso da ajuda do Assassino. Ele pode me levar para a Estrela Caída e dizer que ele pegou a Paradise do passado.

Tella fez uma careta, as mãos apertando o pano que ela estava segurando como se pudesse transformá-lo em uma arma. — Mesmo se você convencê-lo de que você é a Paradise, e se ele apenas matar você?

— Ele não vai. — Pelo menos, Scarlett esperava que ele não o fizesse. — Não se eu convencê-lo de que sou Paradise quando ela engravidou de mim.

— Carmim, tem que haver outro jeito.

— Ele está certo, — implorou Tella, — eu não acho que você está se ouvindo – esta é uma idéia terrível.

— Não, não é, — resmungou o Assassino. — Eu já vi isso funcionar antes.

Cada cabeça na sala virou para ele. Ele não tinha se movido de sua posição no pilar, onde ele estava colecionando sombras, ou talvez ele

estivesse criando-as. Scarlett estava vivendo com um Destino, mas o poder do Assassino era muito mais potente que o da Dama Prisioneira Quando ele falava, o quarto estremecia ao som de sua voz grave.

No entanto, Tella ainda teve a audácia de olhar para ele. — Se você já viu tudo isso, por que você não acabou de nos dizer que é isso que precisávamos fazer?

— Na minha experiência, os humanos não gostam quando digo que visitei o futuro deles e sei que eles vão morrer com mortes muito dolorosas, a menos que façam o que eu digo. Só funciona se eu deixar eles descobrirem.

— Embora às vezes as pessoas precisem de orientação, — acrescentou a Donzela da Morte.

— Eles estão certos, — veio a voz de Anissa do outro quarto.

A careta frustrada de Tella se aprofundou. — Scar, esta não é a nossa única opção. Eu tenho o Ruscica da Biblioteca Imortal. Se conseguirmos um pouco do sangue da Estrela Caída, então...

— Eu tentei pegar o sangue dele, — disse Scarlett. — Esse plano não deu certo.

— Ela acabou em uma gaiola como a dela. — A Dama Prisioneira acenou para a Donzela da Morte.

Todos ficaram quietos.

Tella parecia como se tivesse esquecido brevemente como argumentar. Julian parecia querer tirar Scarlett da cama e segurá-la em seus braços para sempre – mas isso teria que esperar.

— Esta é a nossa melhor chance, — disse Scarlett.

— Você está esquecendo apenas uma coisa. — A Morte Donzela inclinou a cabeça em direção a Julian e depois a Tella. — Se este plano funcionar e Gavriel sentir um momento de amor, um de vocês terá que matá-lo. Se Scarlett tentar matar Gavriel, ele pode parar de amá-la e então ele não será humano.

— Por que você ou o Assassino não podem fazer isso? — Tella perguntou.

— A Estrela Caída queria garantir que nenhum de nós o matasse, então a bruxa humana que o ajudou a nos criar fez um feitiço. Se um de seus Destinos tentar matá-lo, eles morrerão.

— Então eu vou fazer isso. — O sorriso diabólico de Tella poderia ter

rivalizado com um dos Destinos. — Eu vou com prazer matar esse monstro. Se ele ainda estiver na sala do trono, posso entrar e fazer isso.

— Isso não vai funcionar, — disse Jacks enquanto entrava no quarto. — Você nunca vai chegar perto dele. Mas eu posso te aproximar o suficiente para matá-lo.

Donatella

— O que você está fazendo aqui? — Tella exigiu.

— É ótimo ver você também, querida. — Jacks olhou apenas para Tella enquanto ele jogava uma maçã preta para cima e para baixo entre os dedos longos como se ele não tivesse nenhuma preocupação no mundo. Seu preguiçoso olhar roçou seu vestido elegantemente em camadas; ela não tinha ido à coroação, mas queria estar preparada para o caso de precisar se misturar. O vestido era todo de fitas azul-marinho misturadas com rendas azul-celeste que a faziam parecer um pacote que poderia facilmente ser desfeito com o puxão direito.

Ele, por outro lado, não tinha se trocado desde a horrível noite anterior. Havia manchas de sangue em sua camisa. Ele parecia ter abotoado a ferida depois que ela saiu – como se ela não o tivesse esfaqueado no peito na noite anterior e terminado um vínculo imortal.

Ela pensou que ele estava deixando ela ir tão facilmente, mas claramente ele não tinha realmente soltado.

— Como você nos encontrou? — Tella perguntou.

— A Estrela Caída tem mantido sua irmã aqui por uma semana.

Este não é exatamente um esconderijo brilhante, e eu sempre poderei encontrar você, Donatella. — Ele deu uma mordida na maçã antes de jogá-la no chão. Bateu contra o mármore e rolou para fora do quarto e através da porta aberta até que desapareceu sob a gaiola dourada de Dama Prisioneira.

— Podemos não estar mais *conectados*, mas o que estava entre nós nunca será totalmente desfeito.

— É por isso que eu quero que você vá embora! — Tella tentou não gritar; Jacks sempre parecia se divertir quando era ele quem a incomodava. Mas o controle fino que ela tinha sobre suas emoções fugiu no momento em que ele apareceu. — Eu nunca vou confiar em você novamente.

— Você vai se você quiser salvar Lenda. — Jacks se inclinou contra a coluna mais próxima e cruzou as pernas nos tornozelos. — Gavriel está mandando Lenda para a sala do trono enquanto falamos.

Ele gosta de animais de estimação mágicos. Gavriel planeja que o Apótico o coloque em uma gaiola como a de Anissa e então a sele, para que Lenda não possa usar seus poderes completos ou escapar – a menos que Gavriel esteja morto.

Tella sacudiu a cabeça. Ela não queria acreditar nele, mas temia que algo tivesse acontecido no momento em que Julian explicou como Lenda os ajudara a escapar. Lenda insistiu que Tella ficasse com o Assassino enquanto procurava por Scarlett enquanto Lenda procurava por Julian. Ele deveria encontrá-lo e sair. Ele não deveria ser uma distração ou um mártir.

Julian lançou uma maldição, dizendo várias das coisas que Tella estava pensando.

Jacks riu quando ele pegou a máscara grossa cobrindo metade do rosto de Julian. — Parece que você também teve uma visita do Apótico e do Gavriel.

Julian deu-lhe um olhar sujo. — Eu posso viver com isso.

— Esse é o ponto, — sussurrou Jacks. — Esta gaiola manterá Lenda como seu animal de estimação e seu prisioneiro. Mesmo quando Lenda morre e volta à vida, ele volta para a jaula e somente a morte final de Gavriel o libertará.

Houve um ruído de arranhar, como um fósforo sendo aceso, quando o Assassino desapareceu e reapareceu dentro do mesmo ritmo cardíaco. Ele tinha estado perto da janela e agora ele estava mais perto de Scarlett, segurando um monte de roupas brilhantes em suas mãos. — Ele está dizendo a verdade. O Apótico está quase terminando de construir uma gaiola em torno de Lenda agora.

— Então tire-o de lá antes que seja feito, — disse Tella.

O Assassino não se mexeu, exceto pelas sombras que se agarravam a ele, que pareciam ficar ainda mais escuras. — Se eu fizer o que você pede, Gavriel vai saber que fui eu e vai arruinar nossas chances de matá-lo.

— Viu? — Jacks aplaudiu. — Eu te disse que vocês precisam de mim.

— Não, nós não precisamos, — disse Tella.

— Sim, você sabe que sim. — Jacks deu-lhe um sorriso indulgente, como se soubesse que esse argumento já estava vencido.

— Eu ouvi seu plano. Você nunca vai entrar lá com sucesso.

Ninguém mais aqui pode te ajudar. O Assassino estará com sua irmã.

Gavriel sabe que sua Donzela da Morte o odeia. A única maneira de você chegar perto o suficiente para matá-lo é se você entrar na sala do trono *comigo*. Gavriel já espera isso. Ele me enviou para procurar por você para que ele pudesse usá-la como alavanca contra sua irmã.

Ele me deixará te levar.

Tella sacudiu a cabeça furiosamente. Tinha que haver outra maneira. Jacks a trairia novamente. Ele sempre ajudou ela e sempre havia um custo inesperado. *Mas ele sempre ajudou ela.*

— O que você ganha com isso? — Tella perguntou. — Por que trair a Estrela Caída por nós?

Jacks deu-lhe um sorriso afiado. — Não é para todos vocês. Só você. E eu não vou ajudar de graça. Gavriel vai esperar que suas emoções estejam sob meu poder quando eu te entregar, e isso não pode ser um ato. Ele vai ver através disso. Se você quiser chegar perto o suficiente para matá-lo, você terá que me deixar controlar suas emoções para que você me adore.

Tella bufou. — Eu devo acreditar que uma vez feito isso, você vai me deixar voltar a te odiar?

— Não, uma vez que isso acabar, suas emoções vão pertencer a mim para sempre. — A voz de Jacks era descaradamente sem remorso. — Esse é o preço da minha ajuda. Você consegue salvar seu Lenda e matar seu monstro, e eu pego você.

— Você está delirando! — Tella disse. — Eu não estou vivendo o resto da minha vida sob seu feitiço.

— Então Lenda viverá o resto de sua vida imortal em uma gaiola. Você quer salvar Lenda e o império, ou a si mesma? — Jacks mostrou suas

covinhas, dando um sorriso brincalhão para Tella.

— Você é louco, — disse Julian.

— Não faça isso, — disse Scarlett.

Mas ambas as suas objeções soaram severas e maçantes em comparação com o toque nos ouvidos de Tella. Porque Jacks não estava bravo; apesar de suas palavras, ela sabia que ele não estava delirando. Ele estava determinado e disposto a fazer o que fosse necessário para conseguir o que queria e, infelizmente, ele a queria.

— Se você fizer isso, — Tella disse lentamente, — eu vou te odiar para sempre.

— Não, meu amor. Se eu fizer isso, você finalmente vai parar de me odiar. — O sorriso de Jacks desapareceu e por um momento ele pareceu uma pura desolação, uma concha de uma pessoa com bochechas cavadas, olhos fraturados e manchas de sangue no peito.

Ele era um imortal que não podia morrer, mas que nunca poderia viver plenamente, porque as coisas que ele queria consumir estavam devorando-o em vez disso. Tella imaginou que querer alguém sem amá-lo era como uma fome sem fim – mesmo que você conseguisse segurar a pessoa que queria em seu alcance, isso nunca seria suficiente, e deixá-los ir seria ainda pior.

Ela deveria saber que as coisas entre eles não poderiam ser cortadas com a fatia de uma lâmina. Ou talvez esse corte tenha levado a isso. Talvez Jacks a tivesse deixado terminar o casamento porque o vínculo deles o fez se importar com ela de uma maneira genuína, que ia além de seus sentimentos imortais de obsessão, fixação, luxúria e possessão. Mas agora que sua conexão foi cortada, tudo o que restou foram seus impulsos egoístas.

A Senhora da Sorte tinha avisado que se Jacks não a amasse, sua obsessão por ela iria destruí-la. Se Tella dissesse sim, isso era exatamente o que aconteceria. Se Jacks controlasse suas emoções, ela só sentiria coisas que lhe davam prazer ou trabalhavam para saciar sua insaciável sede por ela.

Tella queria desesperadamente acreditar que havia outro jeito, mas ela não conseguia pensar em um. E quando ela olhou ao redor da sala, tudo o que ela podia ver era o dano que Gavriel tinha infligido. Julian em sua meia-máscara de metal. A Donzela da Morte em sua gaiola de pérolas. A Dama Prisioneira continuava como um animal de estimação humano. Então ela imaginou

Lenda, preso em uma gaiola muito menos adorável que a da Dama Prisoneira, usando uma máscara como a de Julian enquanto a Estrela Caída o mostrava para seus amigos, para sempre.

Tella deu um suspiro trêmulo. Lenda deveria passar o para sempre com ela, não preso dentro de uma gaiola, e mesmo que isso nunca ocorresse, ela ainda não podia deixar isso acontecer. Ela não podia deixar Lenda ficar preso pela eternidade, e ela não poderia ser a razão pela qual eles falharam em matar a Estrela Caída. Ela poderia ter primeiro desejado destruí-lo por causa de sua mãe, mas era muito mais do que isso agora.

Ela o odiava, mas Jacks estava certo – sem a ajuda dele, ela nunca chegaria perto o suficiente para matar a Estrela Caída.

— Tella, — disse Scarlett, — você não precisa fazer isso.

— Sim... eu acho que sim.

— Meu irmão não iria querer isso, — disse Julian. — Nós vamos descobrir outra maneira.

— Estamos tentando, e não funcionou. A Estrela Caída é o imperador, você está com uma máscara e Lenda está em uma gaiola.

Ele definitivamente não iria querer que eu fizesse isso, — disse Tella.

Na verdade, ele provavelmente ficaria furioso com ela por isso. — Mas eu sei que ele faria isso por mim se a situação fosse inversa. — Ele a salvou dos cartões, ele a salvou de Jacks, e agora era finalmente a vez de Tella salvá-lo. Ela se voltou para Jacks. — O que você precisa de mim?

— Espere... — Scarlett protestou.

— Não tente impedi-la, — disse o Assassino. — Você não gostaria desse resultado.

Houve outro pequeno arranhão e então o Assassino encapuzado estava pegando a mão de Scarlett. Um instante depois, os dois foram embora.

Jacks estremeceu. — Eu esqueci o quão assustador ele sempre foi.

— Você não pode julgar o que é assustador, — disse Tella.

— Você vai mudar de idéia sobre isso em breve. Agora, se vocês não se importam de nos dar um pouco de privacidade. — Seus olhos cortaram para Julian e a Donzela da Morte.

Julian parecia querer argumentar. Mas a Morte da Donzela o ajudou a sair do quarto, deixando Jacks e Tella na maior parte sozinhos.

Jacks se aproximou, para se encostar na coluna de mármore em frente à Tella.

Ela saiu da cama, mas não deu outro passo, sabendo que este poderia ser seu último momento para fazer conscientemente a escolha de ficar longe dele. Tella era tão governada por seus sentimentos, que ela não sabia o quão real seria suas escolhas futuras quando Jacks manipulasse suas emoções. — Precisamos cortar nossas mãos novamente?

Ele parecia intrigado com a ideia, mas depois sacudiu a cabeça.

— Eu estava com apenas metade da energia quando mudei suas emoções antes. Eu precisava de uma conexão física forte para fazer a troca funcionar. Eu não sei agora que Lenda me deu meus poderes completos de volta. Mas por causa do voto que eu fiz, eu preciso da sua permissão.

— Você tem isso. Mas... mas... mas... — Havia outra coisa que ela ia dizer, só que de repente Tella não conseguia se lembrar exatamente do que estava falando. Sua cabeça parecia leve e um pouco tonta, como se ela tivesse bebido apenas meia garrafa de vinho.

Braços frios envolveram-na quando ela começou a balançar. Os braços de Jacks. Seus dedos estavam frios, talvez um pouco frios demais, e ainda assim os arrepios que eles enviaram através de sua pele nunca pareceram tão maravilhosos.

Uma pequena voz disse-lhe que ela não deveria estar se sentindo assim, que ela estava esquecendo de algo que precisava lembrar, mas depois Jacks estava sussurrando em seu ouvido: — Tudo bem, eu tenho você.

Ele a girou para encará-lo. Sua boca se curvou em meio sorriso, como se ele estivesse um pouco nervoso de lhe dar um sorriso inteiro. Não que ele tivesse algum motivo para estar ansioso. Seu sorriso era feroz e deslumbrante, e de repente Tella teve o desejo irresistível de se tornar a razão de todos os seus sorrisos.

Por que ela estava sempre o afastando?

Ela sabia que Jacks mentiu para ela e a manipulou. Mas assim como Lenda. Lenda a rejeitou várias vezes. Só de pensar nisso, ela se sentiu desanimada, como se ele estivesse afastando-a de novo.

Ele não queria ela. Ele disse a ela para encontrar outra pessoa – alguém que olhasse para ela do mesmo jeito que Jacks olhava para ela agora.

Seus olhos brilhavam prateados e azuis. Ela geralmente pensava neles como sobrenaturais, mas agora eles pareciam enganosamente doces, como se ele não quisesse nada a não ser que ela fosse feliz.

— Como você está se sentindo agora, meu amor?

Amor. Ela gostava quando ele a chamava assim. Ela sabia que ele não poderia realmente sentir amor, mas estaria tudo bem porque Tella podia sentir o suficiente para os dois. Ela poderia ter começado como sua obsessão, mas agora Jacks era dela.

Ela deu-lhe um dos seus sorrisos mais bonitos. — Eu sinto que quero passar o resto da minha vida com você.

As covinhas de Jacks retornaram e eram gloriosas. — Eu acho que podemos fazer isso acontecer.

Scarlett

Scarlett se perguntou se o Assassino sempre mantinha seu rosto sombreado por seu manto e capuz de lã. Era enervante não ver a pessoa que a levou de volta no tempo. Mas era tarde demais para Scarlett se preocupar com isso, ou qualquer uma das decisões que a levaram a esse beco coberto de gelo de anos passados desde então, com um Destino que possuía uma reputação de louco.

— Coloque isso. — Ele empurrou um vestido em suas mãos, em seguida, deu-lhe um pesado casaco vermelho-framboesa forrado em pele grossa de ouro. Ele caiu de joelhos, dando um vislumbre audacioso do impressionante padrão de diamante preto e branco do vestido.

— Eu não deveria estar tentando me misturar? — Scarlett perguntou.

— Você vai. — O Assassino inclinou seu capuz em direção a uma extremidade do beco, que parecia levar ao Distrito de Satine. Era tão extravagante como nos dias de hoje e cheio de pessoas para combinar. Todos os que passavam pelo beco usavam casacos vibrantes alinhados em peles tingidas. Alguns até carregavam sombrinhas de pele que pareciam terem sido feitas de pele de leopardo.

— Vai começar a nevar, — o Assassino grunhiu. — Assim que isso acontecer, sua mãe passará naquela calçada. Siga-a e roube-lhe as roupas, mas faça o que fizer, não mude o passado. Hoje ela soube que está grávida de você. Você não pode erroneamente evitar ser concebida, mas se você alterar o passado, outras partes do seu mundo podem ser desfeitas.

— Como o nascimento da minha irmã?

— Sim. Tenha cuidado, princesa. Siga sua mãe e observe-a até que você consiga roubar o vestido que você precisa para enganar Gavriel. Então saia o mais rápido que puder. Eu estarei esperando por você debaixo do poste quebrado.

Houve um pequeno som arranhado e então o Assassino se foi.

Scarlett correu para vestir as roupas que ele lhe dera. Seus ombros queimados ardiam sempre que o tecido os tocava, mas o ar frio e o ímpeto das viagens no tempo haviam amortecido grande parte da dor.

O primeiro floco de neve caiu um momento depois e Scarlett começou a andar na direção do beco, onde tijolos gelados se transformavam em ruas limpas cobertas de flocos brancos que brilhavam como o começo de algo novo, algo que ela esperava que fosse rápido e simples.

Quando ela propôs a ideia pela primeira vez, ela imaginou que voltar no tempo para espionar sua mãe e roubar um vestido dela seria como quando ela era muito nova e ela iria se esgueirar no armário de sua mãe para experimentar sua renda extravagante – um pouco arriscado, mas não de uma maneira que poderia causar danos reais.

Scarlett não ia mudar o passado. Ela ia apenas observar sua mãe, pegar um de seus vestidos e talvez um pouco de seu perfume junto com ele. Mas era isso.

A parte difícil deveria ser convencer o pai de que ela era a Paradise do passado, uma vez que Scarlett retornasse. Ver sua mãe andando pela rua coberta de neve não deveria agitar o mundo de Scarlett, ou fazê-la esquecer como respirar. Se alguma coisa, ver sua mãe como Paradise, a criminosa, deveria aliviar um pouco da culpa que Scarlett estava carregando por aí.

Mas enquanto Scarlett seguiu sua mãe pela rua, pela primeira vez Scarlett a viu não como ela esteve nas memórias ou imaginações de Scarlett. Scarlett viu Paradise como a mulher que Tella sempre acreditou que ela era.

A Paradise deslizou pela rua em uma saia que era de um tom tão puro de branco que fez a neve recém-caída parecer cinza. Ela sorriu para todos por quem ela passou, inclinando a cabeça e fazendo seu chapéu de penas vermelhas balançar. Essas pessoas não deveriam saber que ela era uma criminosa, ou todos gostavam tanto dela que os que sabiam mantinham seu

segredo. Ela parecia como o Amor poderia parecer se o Amor olhasse em um espelho, contagiosamente feliz e radiantemente linda.

Ela pulou dentro de uma extravagante loja de roupas com um belo toldo roxo, e Scarlett nem sequer pensou antes de segui-la.

Havia uma exibição de chapéus importados no canto e Scarlett correu direto para eles, na esperança de se esconder da atenção de alguém.

Não que ela precisasse se preocupar. Os olhos das mulheres na loja foram diretamente para a Paradise. Havia apenas três delas, mas Paradise comandou sua atenção como uma rainha governando seus súditos.

A senhora montando uma exibição de fitas caiu uma bobina.

Uma mulher gorda que estava prestes a pisar na parte de trás estalou ao redor. E a jovem que estava girando na frente de um espelho congelou.

— Olá, Minerva, — Paradise chamou a pessoa gorducha que estava prestes a sair. — Meu pedido está pronto?

— Eu não tenho ideia do que você está falando, querida.

— Sim, você tem. Gavriel pediu um vestido para mim. É para ser uma surpresa, mas eu descobri sobre isso, então eu pretendo surpreendê-lo em vez disso. — Paradise agarrou o peito dramaticamente, lembrando a Scarlett um pouco de Tella. — Vou usá-lo esta noite e pedir a Gavriel para se casar comigo.

— Você está pedindo a um homem para casar com você? — Gritou a garota que estava girando. — Isso é para a frente.

— Eu prefiro estar à frente do que para trás. — Paradise falou muito mais rápido do que Scarlett, como se quisesse empinar o máximo possível em todos os momentos da vida, uma observação que Scarlett escondeu por sua performance. — Na minha linha de trabalho, a vida costuma ser muito curta, então não quero perder nada disso esperando por uma pergunta que eu poderia facilmente perguntar por mim mesma. Eu também tenho certeza que ele vai dizer sim. — Ela piscou.

Mesmo da posição de Scarlett atrás dos chapéus, ela podia ver a cabeça da jovem garota girando, explodindo de pensamentos. Sua breve conversa com a Paradise havia acabado de fragmentar a maneira como ela via o mundo, abrindo uma porta que a garota nem sabia que existia.

— Mas, — acrescentou Paradise, — se ele tem medo do casamento ou de

mim, eu sei que é hora de seguir em frente.

— Para Marcello Dragna? — Disse a senhora com as fitas. — Ele é muito bonito e rico.

— Então você deveria se casar com ele. — Paradise riu. — Ele provavelmente seria muito mais feliz com você do que comigo.

Marcello só acha que ele pode lidar comigo. Eu acredito que ele quer me domar, como um tigre enjaulado em um circo, para que ele possa se mostrar para seus amigos.

— Isso soa meio parecido com o que você está tentando fazer com Gavriel, — refletiu Minerva.

— Não, eu gosto de Gavriel fora de sua jaula, e eu não tenho nenhum amigo para me mostrar, exceto você, Minerva.

Minerva murmurou algo muito baixo para Scarlett ouvir antes de voltar para a porta pela qual ela estava prestes a passar quando Paradise entrou. Um momento depois ela reapareceu com uma criação em suas mãos que era muito extravagante para ser chamada de vestido. Era uma profusão de creme e preto e rosa e rosa com salpicos de flores e rendas e folha de ouro perdidas. Mangas compridas presas a um corpete decorativo que era encaixado nos quadris, até que a saia se alargava em camadas de babados que terminavam em um trem de ouro e flores rosas com folhas pretas rendadas.

Não parecia a ideia de amor de Scarlett, mas ela podia ver como poderia ter sido a de sua mãe e a de Gavriel.

Paradise ofegou. — É sublime.

— Cada uma dessas camadas pode ser facilmente removida com um rápido puxão, se você precisar correr.

— Ou se eu quiser me divertir com Gavriel, — disse Paradise.

A moça girando ficou vermelha como bagas, a senhora com as fitas explodiu em uma risada, mas Minerva não abriu um sorriso. Ela parecia tão cautelosa quanto Scarlett estava se sentindo.

Scarlett sabia que sua mãe casou-se com Marcello Dragna, não com Gavriel. Mas todo o intercâmbio ainda deixava Scarlett com um profundo e pesado sentimento de pavor enquanto a conversa entre as mulheres terminava. O mal-estar permaneceu com Scarlett enquanto ela seguia a Paradise da loja de roupas de volta para outro beco gelado.

Scarlett não tinha amor por Marcello, mas, por mais que Scarlett o odiasse, se Paradise nunca se casasse com ele, então Tella nunca nasceria. Scarlett acelerou os passos quando a mãe desapareceu na esquina.

Scarlett sabia que não deveria interferir. O Assassino a preveniu para não mudar— Suas costas bateram contra uma parede de tijolos de uma rua sem saída, enquanto Paradise colocava uma faca na garganta de Scarlett.

Ela lutou para respirar irregularmente. Ver Paradise assim era como olhar em um espelho ameaçador. Essa era a mãe que Scarlett originalmente esperava encontrar. Mas ela não podia sentir-se triunfante sobre isso; se esse encontro desse errado, poderia destruir todo o futuro que Scarlett conhecia ou acabar com a vida de Scarlett.

— O que uma garotinha linda como você está fazendo seguindo... — Paradise parou abruptamente. Ela deve ter visto a semelhança também, embora sua resposta tenha sido segurar a lâmina mais perto da garganta de Scarlett.

— Quem é você? Por que você está tentando parecer comigo?

— Ela falou ainda mais rápido do que na loja. — Diga-me nos próximos dez segundos ou eu vou cortar sua garganta e ir embora antes que seu corpo atinja a neve. Um. Dois. Três.

— Eu não estou aqui para te machucar, — disse Scarlett.

— Não é a resposta certa. — Paradise deu um sorriso maligno.

— Quatro. Cinco.

— Estou aqui porque sua família está em perigo.

— Não tenho uma família, — ela cantou. — Sete. Oito.

— Sim, você terá, no futuro.

Paradise não se incomodou em responder a essa afirmação. — Nove.

— Você tem uma filha, — disse Scarlett. — Você está grávida dela agora mesmo!

Paradise parou de contar.

— Como você sabe disso? Eu só disse a uma pessoa que, e ele não diria uma palavra. — Os olhos dela se estreitaram em Scarlett e depois se arregalaram. — Onde você conseguiu esses brincos? — Ela deixou cair a caixa que estava segurando e tocou seus próprias orelhas, onde um par de bugigangas combinadas descansava.

— Eles eram seus, — disse Scarlett. — Você me disse que meu pai os deu para você porque escarlate era sua cor favorita. É também como você me nomeou.

Paradise tropeçou para trás, mas continuou a segurar a faca.

Uma névoa cinzenta girava em torno dela; ela estava confusa, mas não se sentia mais hostil, embora no exterior ela mantivesse sua expressão severa.

— Você também muda seu nome para Paloma, — disse Scarlett. — Você deixa essa identidade e se transforma em algo próximo a uma lenda.

Isso fez uma sugestão de seu sorriso retornar, mas não encontrou seus olhos como os sorrisos de Scarlett sempre faziam. — Tudo bem, digamos que eu acredito em você, por que você está aqui?

Para salvar o mundo. Para parar um monstro. Para te ver. — Eu estou aqui apenas para roubar um vestido.

Paradise riu, suavizando um pouco mais. — Então você é uma ladra terrível. Eu não devo ter te criado muito bem.

Scarlett ficou tentada a lhe contar a verdade, dizer a Paradise que ela tinha sido uma mãe terrível, que ela havia partido quando suas filhas mais precisavam dela e que ela não tinha voltado. Mas Paradise ainda não era aquela mulher, e Scarlett se perguntou se talvez ela nunca tivesse sido aquela mulher.

Em algum lugar ao longo do caminho, Scarlett chegou a acreditar que sua mãe não a amava ou realmente amava alguém. Se ela tivesse amado suas filhas, ela não as teria deixado ou as machucado – as pessoas não machucavam as que amavam. Mas até que Scarlett apareceu, sua mãe estava explodindo de amor. Ela estava cheia de tanto amor que ia pedir a um homem que se casasse com ela. Mas ela não fez. No mundo de Scarlett, ela passou a traí-lo, e Scarlett se perguntou se a Paradise fez tudo isso porque Paradise a amava.

Mesmo agora, Scarlett podia ver o amor dominando as emoções de Paradise enquanto seus olhos continuavam a saltar de seus brincos para o rosto de Scarlett. Nessa linha do tempo, eles acabaram de se conhecer, mas Paradise já estava escolhendo amar Scarlett.

Scarlett mal podia compreender isso. Sempre que ela amava, ela amava ferozmente, mas nunca chegava tão facilmente, e ela não esperava que fosse

tão fácil para Paradise.

Claramente, Scarlett nunca conheceu sua mãe. Mas havia algumas coisas que ela sabia sobre ela.

— Você era a melhor mãe que poderia ser, — disse Scarlett. — Você sacrificou tudo por minha irmã e por mim.

— Você tem uma irmã? — O rosto inteiro de Paradise se iluminou, fazendo-a parecer ainda mais magnética, e Scarlett desejou que Tella pudesse ver o quão feliz sua mãe estava ao ouvir que ela teria uma segunda filha. — Eu não posso esperar para contar a seu pai sobre isso.

— Não! Você não pode dizer a ele. O que quer que você faça, não conte a ele. — Novamente, Scarlett quase deixou por isso mesmo. O Assassino a havia alertado para não interferir no passado, mas talvez Scarlett tivesse sido parte do passado o tempo todo.

Talvez ela não estivesse aqui apenas para roubar um vestido, ou para ver uma mãe que nunca havia entendido. Talvez Scarlett estivesse aqui para ajudar a garantir que sua mãe fizesse algumas dessas escolhas que Scarlett nunca havia entendido. Porque ela as entendia agora.

Se Paradise se casasse com Gavriel e criasse Scarlett com ele, o futuro mudaria – Tella nunca nasceria, e havia uma boa chance de que todos os Destinos fossem libertados das cartas muito em breve.

— Gavriel não é o que você acha que ele é, — disse Scarlett.

Paradise deu um passo atrás, algumas das bordas afiadas voltando à sua expressão.

Mas Scarlett não parou; ou ela estava errada e já tinha mudado o futuro de forma irreparável, ou estava certa e precisava avançar, para impedir a mãe de cometer um erro irreversível.

— Eu não sei o quanto eu deveria te dizer, ou se eu deveria estar dizendo nada disso. Mas você não se casa com Gavriel. Ele não é o pai da sua segunda filha. Gavriel é um Destino. Ele é a Estrela Caída e ele foi preso dentro do Baralho do Destino que você roubou da Imperatriz Elantine. Ele quer encontrar o baralho novamente para poder libertar todos os Destinos e dominar o império. Você o impede de fazer isso – você o prende em um cartão novamente. Mas então você ainda tem que se esconder, porque a igreja dele – a Igreja da Estrela Caída – vem atrás de você por fugir com as cartas.

Então você se casa com Marcello Dragna e vai embora com ele.

Paradise riu, mas não continha nada da diversão de sua risada anterior. — Não, eu nunca casaria com Marcello.

— Mas você faz, — disse Scarlett. E lhe ocorreu que, de todas as coisas impossíveis que ela acabara de compartilhar, essa era a única comentada por Paradise. Isso fez Scarlett se perguntar se no fundo sua mãe já estava ciente dos verdadeiros objetivos e identidade de Gavriel.

Scarlett tentou ler as cores da mãe. Havia emoções conflitantes guerreando umas às outras, mas Scarlett podia ver que Paradise estava apaixonada e incerta, e apesar de seu exterior calmo, ela estava apavorada com o que Scarlett acabara de dizer.

— Sinto muito, — disse Scarlett.

— Porque você está se desculpando?

— Porque eu sei que você o ama.

— Criminosos não amam.

— Se isso fosse verdade, eu não acho que estaria aqui. Mas eu estou. Estou aqui porque você fez o que foi preciso para cuidar de mim – a filha com a qual você está grávida agora. Isso é parte do que te faz tão notável. Você saiu de Valenda, mas as pessoas ainda contam histórias sobre você. Até a imperatriz Elantine falou sobre você antes de morrer. Ela disse à minha irmã que quando você amava, você fazia isso tão ferozmente quanto você vivia. Você estava disposta a fazer o que fosse necessário para proteger os que ama, mesmo que isso os machucasse ou os prejudicasse no processo.

E Scarlett percebeu então – ela era exatamente a mesma. Tudo o que ela acabou de dizer faria com que Paradise, Tella e ela fossem um mundo de dor. Mas se Paradise fizesse um curso diferente, o futuro mudaria; tudo com que Scarlett se importava poderia estar perdido e a Estrela Caída nunca poderia ser derrotada.

Paradise estava balançando a cabeça, como se ela pudesse limpar suas emoções confusas. — E eu pensei que você estava aqui apenas para roubar um vestido.

— Como você disse, eu não sou uma boa ladra.

— Eu poderia estar errada. — Paradise se abaixou, pegou sua caixa da loja de roupas e a estendeu para Scarlett. — Aceite, você me ganhou com a sua

história.

— Isso significa que você acredita em mim?

— Eu não sei, mas eu não acho que vou ficar noiva esta noite, — Paradise disse, descuidada e irreverente. Ela parecia muito com Tella quando Tella fingia não se sentir.

— Sinto muito, — disse Scarlett.

— Você não precisa continuar se desculpando. Mas há uma coisa que você poderia fazer por mim. — Paradise deu a Scarlett um sorriso trêmulo. — Coloque o vestido. Eu não cheguei a experimentá-lo hoje, e quero saber se seria tão fabuloso quanto imagino. Eu ficarei de vigia no outro beco para ter certeza de que ninguém indesejado apareça.

A Paradise deu a volta na esquina.

Scarlett queria protestar; ela não sentia vontade de se despir em um beco congelado mais uma vez. Mas depois de tudo o que ela disse a Paradise, isso era o mínimo que Scarlett podia fazer por ela.

Era a última coisa que a mãe dela pediria a ela. E acabou sendo a última coisa que sua mãe diria a ela também.

Quando Scarlett terminou de se vestir e virou a esquina, Paradise tinha ido embora.

Scarlett pegou o fundo do vestido novo e correu para o final do beco, na esperança de pegar a mãe. Ela olhou para cima e para baixo na rua para todas as pessoas em seus casacos brilhantes andando pela neve caindo. Se Paradise estava entre eles, Scarlett não a viu. Tudo o que encontrou foi um poste de luz quebrado e uma faca derrubada.

Sua mãe foi embora novamente. Scarlett não poderia se surpreender, e ela não se deixou sentir magoada, não desta vez.

Paradise poderia ter sido sua mãe, mas ela também era apenas uma garota grávida que tinha dito que teria que fazer uma escolha terrível.

Scarlett não podia culpá-la por fugir, e talvez Scarlett não deveria tê-la culpado tanto antes. Scarlett amava Tella e Julian apesar de suas imperfeições; Era hora de começar a amar a mãe da mesma maneira.

E quando o Assassino apareceu um instante depois, Scarlett imaginou que era assim que deveria ser o tempo todo, e que a mãe realmente fizera o melhor que podia. Ela poderia ter fugido de Scarlett agora, mas Scarlett

acreditava que, quando voltasse para o futuro, encontraria as coisas inalteradas.

— Você fez o que precisava fazer? — Ele perguntou.

— Quase. — Scarlett pegou a faca que sua mãe havia deixado cair. Era uma adaga branca com uma pedra em forma de estrela no punho. Scarlett se perguntou se tinha sido um presente de Gavriel quando ela usou a faca para cortar sua mecha prateada de cabelo.

Meses atrás, aquele pequeno traço parecia um custo tão grande para Scarlett, mas não era nada comparado ao que sua mãe havia sacrificado. — Estou pronta agora.

Assim que ela disse isso, o Assassino pegou a mão dela e então os dois estavam de pé na corte à luz de velas da Estrela Caída.

Scarlett

Tella sempre foi mais dramática que Scarlett. Quando menina, brincava de ser uma sereia, uma pirata e uma assassina, enquanto Scarlett tentava garantir que Tella estivesse a salvo. Scarlett não era uma atriz. Mas chegou a hora de ela fazer o desempenho de sua vida. Ela precisava se tornar o Paradise, a Perdida, ou ela poderia não sobreviver à noite.

Scarlett instruiu suas feições para a expressão afiada que sua mãe usara quando puxara a faca para Scarlett. Então ela lutou contra o aperto do Assassino enquanto ele a arrastava rudemente pelo palco abandonado do Bobo da Corte Louco, mesas de comida meio comida e taças deixadas abandonadas no chão. A festa acabou, mas talvez Veneno tenha transformado todas as criadas em pedra, porque a bagunça permaneceu.

A Estrela Caída recostou-se em seu Trono Sangrento, brincando com as chamas na ponta dos dedos enquanto gotas de vermelho escorriam sobre seus ombros, como se ele já estivesse entediado com seu reino.

Os humanos foram embora, mas alguns Destinos permaneceram.

Scarlett viu Jacks, demorando-se perto do pé do trono e conversando com Veneno como se fossem velhos amigos. Mas ela se forçou a não prestar muita atenção a Jacks ou sua irmã. Scarlett fingia ser a Paradise, e a jovem Paradise não saberia quem Tella era ou se preocuparia com a maneira como ela olhava para Jacks com adoração. De relance, suas emoções pareciam ser um tom alegre de rosa, mas, a cada poucos segundos, piscavam com sinais

apodrecidos de amarelo acastanhado, como se estivessem infectados; ela sacrificou muito. Tella nem pareceu notar a entrada de Scarlett, ou Lenda – que estava preso em uma gaiola de ferro à esquerda do trono.

A gaiola sombria de Lenda era muito menor e mais dura que a de Anissa, com uma zombaria de um balanço que estava coberto de espinhos. Ele parecia miserável e fraco e não conseguia tirar os olhos do rosto sonhador de Tella. Ele parecia estar gritando para ela, mas deve ter havido um encantamento em sua prisão, como o da gaiola de Anissa que diminuía seus poderes, porque Scarlett não via ilusões, e sua voz não se manifestou.

— Você pode querer lutar ainda mais, — o Assassino sussurrou.

Eles estavam quase no trono.

Scarlett se livrou do aperto do Assassino. — Deixe-me ir! — Ela brandiu a adaga branca que Paloma tinha deixado cair.

A Estrela Caída finalmente a viu. Seu olhar foi do Assassino encapuzado para Scarlett, os olhos dourados se arregalaram quando eles pegaram seu vestido – o vestido que ele comprou para Paradise – com seus salpicos de creme e preto e rosa e rosa florido e renda e folhas de ouro perdidas. As chamas na ponta dos dedos morreram. O

sangue do trono parou de fluir e por um momento a câmara ficou completamente silenciosa.

— O que você fez, — ele respirou. Seus olhos deixaram Scarlett para se estreitar no Assassino. Mas Scarlett não podia dizer com certeza se ele estava chateado porque ele acreditava que ela era realmente Paradise, ou porque ele pensava que ela era Scarlett.

— Eu a tirei do passado para você. — O Assassino empurrou Scarlett para frente com a palma da mão.

Paradise não teria tropeçado, então nem Scarlett. Ela deu um passo firme, depois se encolheu e fez uma expressão de desgosto.

Paradise fazia compras no Distrito de Satine e gostava de coisas bonitas. Ela poderia ter sido uma criminosa, mas teria ficado revoltada com o Trono Sangrento em que Gavriel estava sentado.

— Por que você está sentado nessa coisa? E quem são essas pessoas? — Ela falou com o mesmo tom rápido que sua mãe usava, e franziu o nariz enquanto fazia uma demonstração de olhar ao redor, mas não se permitiu

parecer desnorteada. Paradise escondia suas verdadeiras emoções. — O que está acontecendo aqui, Gavriel?

A Estrela Caída segurou seu olhar, seus olhos dourados cintilando como chamas de fósforo prestes a começar um incêndio.

Como se ele estivesse vendo um fantasma. A mentira estava funcionando; ele acreditava que ela era Paradise. Mas ele não parecia estar apaixonado por ela.

Ele se dirigiu ao Assassino com os dentes cerrados enquanto emoções turbulentas se contorciam ao redor dele. — Por favor, explique-me por que você trouxe *ela* aqui. — Os nós dos dedos segurando o trono ficaram brancos quando ele disse a palavra *ela*. — A última vez que ouvi, você não queria nada comigo.

— Eu mudei de ideia, mas eu duvidei que você ficaria satisfeito, — o Assassino respondeu asperamente. — Então eu a trouxe de presente.

— Eu não sou um presente de ninguém!

O Assassino a ignorou, agarrando o braço dela novamente e empurrando-a para mais perto do trono.

— Deixe-a ir! — Gavriel trovejou.

O Assassino soltou o braço dela. — Ela está grávida de sua filha. Eu sei que você teve dificuldades com a criança. Eu pensei que você poderia consertar isso, se você mesmo a criasse.

— O que... — Scarlett cuspiu. — Como ele sabe disso? Eu não contei a ninguém que estou grávida, exceto você. — Scarlett segurou os olhos da Estrela Caída novamente, tentando se lembrar da maneira como sua mãe parecia quando falara sobre ele na loja de roupas. Mas imitar um olhar de amor não seria suficiente para fazê-lo amá-la. E naquele momento ela estava menos preocupada com ele amando-a, e mais preocupada que ele pudesse fazer algo imprudente, como matar todos na sala do trono. O fogo ainda não tinha saído de seus olhos.

— Todos vocês, saiam! — Ele ordenou, e todos os Destinos obedeceram. Veneno deslizou para a porta mais próxima. O Assassino se curvou e se virou. Suas Servas, que Scarlett nem percebeu que ainda estavam lá, evaporaram como fumaça. Jacks, que estava mais próximo do trono, começou a levar Tella pelo cotovelo, mas Tella parou quando se aproximou

de Scarlett. O rosto dela virou-se para a irmã e seus olhos cor de avelã recuperaram o foco, como se tivesse sido subitamente arrancada de um sonho.

— Espere... — Tella puxou o braço de Jacks. — Essa é minha mãe. Ela está viva...

— Tirem ela daqui! — Gritou a Estrela Caída. Seu trono explodiu em chamas, enchendo a sala de calor.

Jacks puxou Tella para longe com uma mão ao redor de sua cintura, mas ela continuou a lutar contra ele. — Não! Mãe!

— Gavriel, o que está acontecendo? — Scarlett disse, tentando desviar sua atenção de sua irmã, que parecia estar saindo do roteiro.

— Do que aquela garota está falando?

— Não dê ouvidos a ela. — A Estrela Caída desceu do trono em chamas, deixando um rastro de sangue atrás dele, mas parecia quase pacífico em comparação com as emoções que o atacavam.

Normalmente, seus sentimentos de raiva explodiam como faíscas que queriam incendiar qualquer coisa por perto, mas essas emoções pareciam estar queimando-o, cavando em seus ombros e braços como farpas no final de um chicote.

Ele não estava bravo com ela ou com o Assassino, ou até mesmo com Tella; ele estava furioso consigo mesmo. Suas emoções explodiram quando ela apareceu, mas elas se acenderam quando Tella disse a palavra *viva*. Ele realmente se arrependia de ter matado Paradise.

Mas ainda não era suficiente para fazê-lo amá-la agora.

Quando ele amara Paradise no passado, a Paradise também o amara. E Scarlett não o amava de jeito nenhum. Talvez fosse isso que ela realmente precisava.

Ela pensou que poderia fazer isso. Ela trouxe sua irmã de volta à vida com amor. Scarlett estava amando. Ela conhecia as cores do amor e as formas que elas assumiam. Ela sabia o que era lutar por amor e perdê-lo e dar a ele sem nenhuma pretensão de receber nada em troca. E talvez seja por isso que não estava funcionando agora.

Ela não queria dar a ele seu amor.

Ela o viu fazer muitas coisas horríveis. E mesmo que ele estivesse mais

bravo consigo mesmo agora, a emoção era tão forte que a fez pensar que ele poderia fazer algo horrível muito em breve, ou para ela ou para sua irmã, que ainda estava perigosamente próxima.

Scarlett precisava encontrar uma maneira de mudar seus sentimentos. Ela tentou encontrar uma centelha de amor por ele novamente. Ela também não queria amar a mãe, mas Paradise era mais merecedora. Ou talvez ninguém merecesse amor. Talvez o amor sempre fosse um presente, mas era muito mais difícil dar para a Estrela Caída porque ele passou toda a sua existência lutando contra isso. Ele via isso como uma doença e não como uma cura.

— Vai dar tudo certo. Eu vou cuidar de você, e vou ter certeza de que nossa filha é absolutamente extraordinária. — Ele deu a ela um sorriso que era tudo dentes e fome desumana, sem um pinga de amor.

Seu plano não estava funcionando como deveria.

Donatella

Tella deveria ter tentado mais para impedir a irmã de passar por esse plano.

A Estrela Caída parecia quase entediada quando Tella tinha entrado na sala do trono com Jacks, mas agora ele parecia que a palavra errada poderia fazer com que ele colocasse toda a sala do trono em chamas. Seus olhos cintilavam como chamas. Mas era a maneira como ele olhava para Scarlett, com uma marca aterrorizante de protecionismo, que dizia a Tella que ele poderia trancar sua irmã nessa torre tão facilmente quanto poderia incendiá-la se ela dissesse a palavra errada.

O pânico sacudiu os membros de Tella. Os braços de Jacks se apertaram ao redor dela, puxando-a para mais perto dele. Mas nem mesmo seu toque tranquilizador poderia acalmá-la completamente.

Se ela não fizesse algo em breve, Tella temia que ela fosse assistir a história se repetir com a Estrela Caída e sua irmã.

— Tella, — sussurrou Jacks, — não há como salvá-la. O plano da sua irmã não vai funcionar. Precisamos sair daqui antes que ele vire sua raiva para você.

Um intenso raio de medo tomou conta de Tella – Jacks estava certo. Ela ficaria muito mais segura se fosse com ele. Ele nunca deixaria nada acontecer com ela. Jacks protegeria Tella até o final dos tempos.

Mas Tella não podia deixar sua irmã para lutar contra a Estrela Caída sozinha. Scarlett nunca ganharia. Mesmo que a Estrela Caída a mantivesse

viva, não parecia que ele iria amá-la. Se Tella não pudesse matar a Estrela Caída, ela pelo menos precisava ajudar sua irmã a sair de lá.

— Confie em mim, Jacks, eu tenho uma ideia. — Era uma ideia terrível, mas muitas de suas ideias mais bem sucedidas ideias foram.

— Mãe! — Tella chorou. — Ele não vai cuidar de você. — Ela se separou de Jacks e saltou entre Scarlett e a Estrela Caída.

Os olhos do Destino ficaram vermelhos e as chamas irromperam mais uma vez.

Scarlett

No momento em que Tella se lançou entre Scarlett e Gavriel, suas mãos explodiram em chamas, criando um arco de faíscas e fumaça negra quando ele alcançou o ombro delicado de Tella.

Scarlett nem sequer pensou – ela simplesmente empurrou sua irmã para fora do caminho e se atirou no caminho da Estrela Caída.

Faíscas voaram.

Tella gritou.

Scarlett também poderia ter gritado. A Estrela Caída colidiu com ela, suas mãos queimando os mesmos ombros que ele queimou mais cedo naquela noite. Tudo o que Scarlett pôde sentir foi dor. Então seus braços estavam segurando-a em vez de queimar.

— Paradise. — As chamas em seus dedos saíram, e pela primeira vez desde que ela o conhecia, ele parecia assustado. Suas sobrancelhas estavam apertadas juntas sobre os olhos vermelhos. — Eu não queria te machucar.

— Você também não quis matá-la? — Tella acusou.

Gavriel soltou Scarlett e suas mãos se incendiaram mais uma vez, bolas incandescentes de fogo se formando em suas palmas.

— Pare com isso! — Scarlett gritou. — Paradise não queria que você machucasse a filha dela, *ou* sua filha.

Os olhos da Estrela Caída cortaram para ela. As chamas de seus dedos ficaram negras como traição.

Ele a pegou, ele sabia que ela não era a Paradise dele, mas Scarlett não tinha certeza se era um deslize. Sua performance não conseguiu provocar nenhum sentimento de amor, então talvez fosse hora de parar de se representar.

Ela deu um passo em direção a ele, olhando em seus olhos feridos em vez das mãos que a queimaram várias vezes. Ela não conseguia pensar em autopreservação – era muito parecido com o medo, e ela se lembrou do que sua mãe havia escrito sobre o medo dar poder aos Destinos.

Scarlett se recusou a ter medo. O medo era veneno para o amor. E o amor era veneno para o medo. Ela ainda não conseguia se brigar a amá-lo. Mas ela podia se tornar vulnerável, e talvez isso chegasse até ele.

— Eu sei que você tem medo do amor, eu sei que isso machucou você no passado e você vê isso como uma arma. Você acha que o amor é uma doença, mas você se torna a doença. Seu medo do amor está destruindo você e todos que você toca. E isso não te torna poderoso, faz o mundo ao seu redor trágico. — Scarlett acenou com a mão em torno de sua catastrófica sala do trono, com seu palco feio, sua horrível gaiola e um trono ainda queimando com fogo raivoso. — Você me disse que não amava Paradise, mas eu sei que você amava.

Ele não vacilou. Mas ele não atacou também.

— Você amava minha mãe e eu sei que ela amava você. O

Assassino voltou no tempo. Ele me levou para ver Paradise e ela estava explodindo com o amor dela por você. Ela não gostaria de nada disso para você, e ela não gostaria que você fizesse as coisas que você fez.

Seus olhos finalmente baixaram para o buraco na manga de Scarlett e a pele arruinada embaixo dela, empolando e queimando de onde ele a tocou.

Scarlett respirou fundo e se forçou a dar um passo mais perto. — Eu perdoo você.

Durante o mais longo batimento cardíaco da vida de Scarlett, sua expressão permaneceu indecifrável, mas as chamas iluminaram as mãos dele, mudando de preto para cinza, a cor do arrependimento. Eles estalavam enquanto lambiam as pontas dos dedos, o único som na sala do trono, até que finalmente, mais suave do que qualquer coisa que Scarlett já ouvira: — Eu a amava. Eu a amei tanto que me assustou, e então nunca mais me deixei amar.

— Uma lágrima dourada caiu por seu rosto. — Eu gostaria de poder desfazer o que eu fiz para ela. — Outra lágrima caiu, seguida por outra e outra.

Scarlett não sabia se eram todos pela mãe dela. Seus olhos eram poços de dor sem fim, como se o pai finalmente estivesse sentindo o peso de todas as coisas indescritíveis que ele tinha feito.

As chamas iluminando seus dedos morreram.

Quando ele chorou outra lágrima, ficou claro em vez de ouro; era humano e era lindo e foi a última coisa que ele fez antes que Tella o esfaqueasse no coração.

— Não! — Scarlett caiu com Gavriel no chão. A faca de Tella atingiu seu coração e ele estava morrendo rapidamente. Era o que Scarlett queria, mas ela desejava nunca ter querido isso.

Sua boca se contraiu com algo muito abandonado para ser chamado de sorriso. — Nós dois sabemos que não mereço sua tristeza...

Com a última força, Gavriel pegou o punhal branco que ela havia largado. Seus dedos mal podiam produzir faíscas, mas de alguma forma ele conseguiu derreter rapidamente a lâmina da adaga até formar uma chama crua. A lâmina em forma de chama brilhava com uma cor que ela nunca tinha visto antes. Se ela tivesse que descrevê-lo, ela teria dito que parecia mágica, lembrando-a do que Gavriel havia dito na masmorra, sobre o Destino transferindo seu poder para objetos.

Ele colocou a faca de volta na mão de Scarlett. — Quando eu morrer... isso vai libertar os que eu preendi... Use como eu não teria feito...

Então a Estrela Caída morreu.

E Scarlett chorou. Ela chorou pelos horrores que ele tinha feito, e ela chorou pelas maravilhas que ele poderia ter sido em vez disso.

Donatella

Tella sentiu como se o mundo inteiro tivesse parado ou torcido por ela. Ela acabou de matar a Estrela Caída. Ela matou o monstro que assassinou sua mãe.

Ela também chegou perto de morrer. Ela ainda podia sentir o cheiro da fumaça e do chiado das chamas que a teriam queimado.

Suas mãos tremiam e seu coração disparou. Mas então Jacks estava lá, deslizando um braço frio e reconfortante ao redor dela e puxando-a para perto. — Tudo bem, meu amor.

Mas não estava tudo bem, disse uma pequena voz dentro de sua cabeça. A mesma voz irritante insistiu para que ela se afastasse de Jacks – havia uma verdade sobre ele que ela havia escolhido esquecer. Mas Tella não queria se lembrar disso. Ela gostava da mentira sedutora que era Jacks. Ela gostava de seus jogos cruéis e seus sorrisos provocantes e do jeito que ele a mordida sempre que eles se beijavam. A sala do trono poderia ter parecido uma página arrancada de uma história de terror, mas Jacks era seu Príncipe de Copas e transformaria tudo isso em um final de conto de fadas. Ela se inclinou em seu toque e o mundo ficou nebuloso.

— Eu fiz isso, — disse Tella, sua voz tingida de descrença.

— Claro que sim, meu amor. Mas precisamos sair daqui agora.

— Jacks segurou-a com mais força enquanto ele a afastava de Scarlett. Tella a tinha visto cair no chão com a Estrela Caída, mas ela não tinha

levantado. Ela permaneceu caída contra o corpo sem vida dele.

— Espere, minha irmã...

— Olhe para mim, Donatella. — Jacks a girou ao redor até que ela estava de frente para ele. — Você ainda quer passar o resto da sua vida comigo? — Ele fez a pergunta como se fosse a única coisa que importava no mundo. Nunca em sua vida Tella sentiu uma pergunta com tanto poder. Embora Jacks parecesse quase impotente quando ele perguntou. Ele era uma bagunça de cabelos dourados, olhos azuis salgados pelo mar e lábios mordidos, bonito de uma maneira que só as coisas quebradas podiam ser, e Tella o queria exatamente como ele era. Ela o queria fraturado, caótico e completamente indomável. O sentimento era tão desgastante quanto o que ela sentia dele quando ele a beijava – como se nunca fosse o suficiente, mesmo que ela lhe desse tudo.

— Você é a única coisa que eu quero agora.

Um fantasma do sorriso de Jacks voltou, e ainda parecia muito mais real do que qualquer outro sorriso que ele tinha dado a ela. Ele parecia feliz. Apesar da morte, dos destroços e da fumaça no ar, ele brilhou de uma maneira que ela nunca o viu brilhar antes. — Você é tudo que eu quero também. Mas precisamos sair agora ou alguém pode tentar nos impedir de ficarmos juntos. — Ele soltou seu ombro para capturar sua mão.

Ele a puxou pela sala do trono como se suas vidas dependessem de ir embora. Jacks invadiu o palco abandonado do Bobo da Corte Louco, poças de vinho derramado e um espelho que parecia ter uma pessoa presa lá dentro. Ele mal parou para abrir as portas maciças que levavam ao pátio de vidro cintilante.

A noite tomou conta e estrelas piscando reinaram de cima, refletindo no chão vítreo como—

— Tella! — A voz de Lenda cortou a noite, alto o suficiente para assustar o céu e amarrar seu estômago em um nó.

Tella fechou os olhos, como se pudesse desfazer o efeito que Lenda tinha nela. Ela não queria mais ele. Ela não conseguia nem olhar para ele quando ele estava na gaiola; Um olhar para ele e sentimentos que ela nem sabia que ela possuía entraram em erupção. Ela odiava Lenda. Ela odiava tudo sobre ele. Mas de alguma forma o som baixo de sua voz ainda a enroscava.

— Não pare. — Jacks empurrou a mão dela para que ela estivesse nivelada contra ele mais uma vez. Ela desejou que seus pés corressem com ele. Para onde quer que o Jacks fosse. Ele era o garoto que ela queria seguir até os confins da terra. Mas o corpo dela estava traindo ela para Lenda, novamente. Suas pernas não se moviam, e os dedos dos pés haviam cavado seus chinelos, como se implorasse por uma compra no chão.

Jacks puxou com mais força a mão dela, seu aperto gelado segurando seus dedos. Mas Tella não conseguia nem desviar o olhar quando Lenda se aproximou.

Ele parecia o final de uma história de amor condenada. Suas roupas escuras estavam rasgadas, havia queimaduras recentes em seu peito e olhos que antes estavam cheios de estrelas agora estavam desolados, pretos com rachaduras cinzentas e dolorosas linhas vermelhas serpenteando pelo branco.

Sua garganta ficou apertada. Não deveria tê-la machucado. Ela o odiava – ela o odiava por todos aqueles meses em que ele brincara com seu coração. E mesmo agora ele ainda segurava um pedaço do coração dela. *Ele sempre seguraria um pedaço*, dizia uma pequena voz dentro dela. Mas Tella ignorou a voz. Ela queria ter seu coração de volta e entregá-lo totalmente a Jacks.

— Por que você não pode nos deixar em paz? — Ela gritou. — Você não me atormentou o suficiente?

Os olhos de Lenda encontraram os dela, amplos e suplicantes.

Mas Tella parou de ceder a ele.

— Desfaça tudo o que você fez com ela! — Lenda rugiu para Jacks.

— Ele não fez nada, — disse Tella. — Você é quem continua me machucando!

— Eu acho que é o jeito dela de pedir para você ir embora. — Jacks sorriu e apertou a mão de Tella. Ele não a segurava mais tão apertado – ele sabia que ela pertencia a ele.

— Tella, me escute, — implorou Lenda. — Você pode lutar contra o que ele fez com você.

— A única coisa que eu quero lutar contra é você! — Ela se soltou de Jacks, preparada para finalmente empurrar Lenda para sempre. Mas assim que ela o soltou, Jacks desapareceu e o mundo mudou. A magia encheu o ar, grossa e doce. O pátio de vidro sob os pés de Tella se transformou em

degraus de pedra da lua, enquanto a torre dourada atrás de Lenda desaparecia e uma nova ilusão tomava seu lugar. Um templo feito de branco brilhante, encimado por um teto abobadado coberto de asas estendidas – o Templo das Estrelas.

Acima, fogos de artifício vermelhos radiantes se misturavam com mais estrelas do que Tella jamais vira, recriando o momento em que Lenda se afastou dela, logo depois de salvá-la.

O coração de Tella parou de bater completamente. Ela ainda podia imaginar a maneira plana que Lenda a olhara naquela noite, e a frieza em sua voz quando ele disse a ela que ele não era o herói em sua história. Mas agora seus olhos eram brilhantes como estrelas mais uma vez, cheios de pedaços de ouro que brilhavam na noite. Ele estava olhando para ela do jeito que ele olhava na pintura em sua parede, como se ele nunca quisesse deixá-la, como se ele a adorasse, como se ele quisesse ser seu herói, afinal.

— Desfaça essa ilusão! — Tella disse, incapaz de suportar a visão disso – ou dele. Ele não era um herói. E ela nunca quis um herói. Ela era a heroína de sua própria história e era hora de se salvar dele. — Traga de volta o pátio e o Jacks.

As sobrelanceiras de Lenda baixaram, a sensação em seus olhos se intensificando. Uma vez, o olhar brilhante dele poderia tê-la convencido de que ele tinha a capacidade de lhe dar o mundo. Mas agora Jacks era seu mundo, e não havia espaço para Lenda. Se ela estava sendo honesta, nunca havia espaço suficiente para ele; ele estava consumindo demais.

— Eu sei que você acha que o quer, mas ele está controlando seus sentimentos, — disse Lenda, sua voz ficando cada vez mais baixa a cada palavra. — Você tem que lutar contra isso.

— Você está apenas com ciúmes! Você não me quer, mas você não quer que mais ninguém me tenha. — Ela tentou empurrar o peito dele, afastá-lo finalmente. — Por favor, pare de me torturar. Apenas me deixe ir.

A borda da boca de Lenda levantou-se lentamente. — Você é quem está me segurando, Tella.

— Não, eu... — Ela olhou para baixo para ver os dedos segurando sua camisa desgastada.

Duas mãos quentes envolveram suavemente seus ombros enquanto Lenda

a segurava no lugar.

Seu coração bateu mais rápido. Ela realmente precisava se afastar. Mas ela não conseguia se mexer. Seu corpo estava se lembrando de uma época em que ele não chegaria tão perto dela, quando ele não colocaria as mãos sobre ela. Tudo o que ela queria era o toque dele, e agora ele estava segurando-a como se ele planejasse mantê-la por muito tempo.

Seu sorriso cresceu. — Eu não tenho ciúmes de Jacks. Eu sei que seus sentimentos por ele não são reais. E você está errada se você acha que eu não quero você. Eu queria você por tanto tempo, e eu nunca vou deixar de querer você. — O aperto dele ficou mais firme quando ele a puxou para mais perto, até que ela estava pressionada contra o peito dele.

Sua respiração saiu curta, em pequenos suspiros de raiva. Mas não importava o quanto ela tentasse afastá-lo, ela ainda não conseguia fazer isso. Quando ela pensou em Jacks, seu batimento cardíaco se acalmou, mas então ansiava o jeito que Lenda o fazia bater. Porque ele não possuía apenas parte de seu coração – seu coração pertencia a ele completamente.

Não! Tella tentou sacudir o pensamento de sua cabeça, ela tentou se lembrar de Jacks e do jeito que ele a fazia se sentir, mas tudo o que ela podia sentir agora era Lenda com uma de suas mãos maravilhosamente quentes correndo por sua espinha. — Você ainda quer saber por que eu fui embora naquela noite nesses degraus?

Não, ela disse, mas de alguma forma a palavra *sim* saiu em seu lugar.

Suas palmas se aqueceram e a mão em seu ombro deslizou para o pescoço e para o cabelo, inclinando seu rosto para cima, forçando-a a olhar em seus olhos. Eles ainda eram vítreos e escuros com manchas de ouro que pareciam estrelas quebradas, e ela disse a si mesma que os odiava.

Os olhos de Jacks eram lindos; Os olhos de Jacks eram os que ela adorava. Mas os olhos de Lenda capturaram os dela, e ela não conseguia parar de olhar para eles. Ela disse a si mesma que seus olhos eram apenas outra ilusão, do mesmo jeito que todos os sentimentos que ameaçavam tomá-la. Ela fechou os olhos, mas não ajudou. Isso só a deixou mais consciente da voz profunda de Lenda, quando ele disse: — Me desculpe por ter te deixado naquela noite. Eu não deveria ter saído, eu não deveria ter te machucado. E eu não deveria ter ficado com medo e fugido quando percebi que estava me apaixonando por

você.

Os olhos de Tella se abriram e as palavras se espalharam antes que ela pudesse detê-las. — Você me disse que não era capaz de amar.

— Eu não achei que fosse.

Lenda tirou a mão do cabelo dela até e levou até a bochecha, segurando o rosto como se ele nunca tivesse tocado em algo tão precioso. — Eu não posso dizer que eu entendo o amor, ou que eu sou muito bom nisso, porque eu nunca amei ninguém antes. Mas eu amo tudo sobre você, Donatella Dragna. Tudo. — Sua mão desceu para acariciar sua mandíbula. — Eu amo os segredos que você não me contou, e as mentiras com que você tentou fugir. Eu amo sua teimosia e sua persistência. Eu amo o jeito que você sempre finge não se importar quando eu a visito em seus sonhos. Eu amo que você nunca para de lutar pelo que você quer ou as pessoas que você ama, mesmo quando elas não merecem. Eu te amo, eu não pretendo parar de te amar, e espero que em algum lugar lá no fundo você ainda me ame também. — Sua boca lentamente baixou para a dela, movendo-se gradativamente para perto, avisando que se ela não quisesse beijá-lo, ela precisava se afastar.

Mas ela não queria mais se afastar, e ela não tinha certeza se poderia. O amor realmente era outro tipo de magia. Ela estava toda tremendo. Sacudindo o resto do feitiço que Lenda tinha quebrado quando ele disse a ela que a amava. *Ele a amava!* Seus membros tremeram mais com algo parecido com espanto pelo pensamento.

Ela não conseguia falar, então ela tentou dizer a ele que o amava com um beijo quando seus lábios quentes finalmente pressionaram contra os dela. Eles eram tão perfeitos e suaves e doces e gentis. Mesmo quando ela deveria estar deixando Lenda saber que ela o amava, ela sentiu como se ele fosse o único a repetir as palavras com cada pressão langorosa de seus lábios, como se eles não estivessem com pressa, como se eles tivessem todo o tempo no—

Abruptamente Tella o empurrou para longe. Era a última coisa que ela queria fazer. Ela o amava, ela sabia que sim. Ela queria seus lábios nos dela até que ela esquecesse como respirar. Ela queria segurá-lo para sempre, mas ele não *teria* um para sempre se ela não o deixasse ir agora.

Sua mandíbula ficou tensa e o olhar de dor voltou ao seu rosto.

— O que há de errado?

— Você precisa ir embora. — Tella não reconheceu sua própria voz, como se estivesse lutando com cada palavra. Ela queria ser egoísta, ela queria mantê-lo. Ela o amava, e foi por isso que ela se forçou a afastá-lo. — Você precisa me deixar antes de ficar assim.

— É tarde demais.

— Não, não é. — Tella empurrou-o novamente.

Ele não tropeçou para trás nos degraus da lua.

Ela se virou para correr. Se ele não fosse sair, ela iria. Mas antes que ela se movesse uma polegada, a mão dele agarrou seu pulso e ele a puxou de volta, amarrando-a a ele com seus braços. — Tella...

— Deixe-me ir. — Ela já podia vê-lo mudando. Ela podia ver em seu sorriso, no modo como se enchia de amor enquanto iluminava seu rosto inteiro. Ela tentou afastar os braços dele, mas era menos que indiferente. Ela sempre achou que ele era bonito, mas quando ele olhou para ela do jeito que ele estava olhando para ela agora, ele era absolutamente tudo. — Se você não me deixar ir, eu não vou mais poder lutar contra você.

— Bom, porque eu não quero brigar com você. Eu só quero amar você. — Ele a ergueu um pouco e pressionou outro beijo em seus lábios. — Esta é minha escolha, e escolho você, Donatella. Eu não preciso de imortalidade. Você é o meu para sempre.

O VERDADEIRO FIM

Bem-vindo, bem-vindo ...

*Você foi convidado para a coroação oficial de Scarlett Marie
Dragna,*

para ocorrer no 1º dia da Temporada de Colheita.

*As festividades começarão no crepúsculo e
esperançosamente nunca chegarão ao fim.*

Scarlett

Qualquer outra pessoa poderia ter pensado que era o vestido perfeito.

Mas não haveria outro vestido perfeito para Scarlett. Ela nunca substituiria seu vestido rasgado. Mas a peça de arte que ela usava hoje era adorável – totalmente equipada, exceto nas costas, onde um véu corria atrás dela, mais branco do que a neve intocada e decorado com rosas vermelhas de seda. Combinava com a capa que o Veneno enviara como presente de coroação, que estava inteiramente coberta de pétalas de flores. Era gloriosa e extravagante e, embora Scarlett tivesse parecido com uma verdadeira imperatriz, ela não podia usá-lo.

Veneno tinha devolvido a todos que ele tinha transformado em pedra para suas formas humanas e concordou com uma trégua com Scarlett. Mas depois de uma noite com a Estrela Caída como imperador, Valenda ainda estava cautelosa com todas as coisas Predestinadas, e como filha de um Destino, a cidade também era cautelosa com ela; não importava que ela nunca tivesse entrado em seus plenos poderes.

— Você está espetacular. — Tella sorriu mais do que um gato que acabara de pegar um pássaro enquanto ela ficava atrás da irmã no espelho dourado que combinava com tudo na suíte imperial – até as cortinas tinham folhas de ouro costuradas entre os painéis transparentes. E era tudo de Scarlett. Parte dela foi constantemente tentada a usar a Chave da Fantasia e desaparecer de uma responsabilidade tão enorme. Mas ela não achava que a chave havia entrado em sua posse por esse motivo.

— Todo o império vai apaixonar-se tão loucamente por você que Julian pode ficar com ciúmes, — disse Tella.

Scarlett riu baixinho. — Julian já está com ciúmes – ele realmente acha

que Veneno tem uma queda por mim.

— O Veneno tem uma queda por você. Por que você acha que ele concordou com uma trégua com você tão rapidamente?

— Talvez porque minha irmã é apelidada de Assassina de Destino.

As bochechas de Tella se fecharam de orgulho. — Você acha que eu poderia conseguir um pôster de Procurado com uma foto minha e o título abaixo?

— Você não é uma criminosa, — disse Scarlett. — Você é uma heroína.

— Sim, mas eu sempre quis o meu próprio pôster de Procurado.

— Tella riu, mas seu rosto ficou melancólico de uma forma que deixou Scarlett saber que ela estava pensando sobre sua mãe novamente.

— Você acredita que nossa mãe realmente era filha da Imperatriz Elantine? — Perguntou Scarlett.

— Eu não sei se algum dia saberemos com certeza. Mas gosto de pensar que ela era. Quando a Imperatriz Elantine falou sobre Paradise, ela soava afeiçãoada e arrependida. — Tella andou em direção à parede de janelas, e puxou um par de cortinas para olhar para a multidão que já se formava no pátio de vidro para a cerimônia daquela noite. — Sempre poderíamos pedir ao Assassino que nos levasse de volta no tempo para vê-la novamente e descobrir com certeza.

— Talvez, — disse Scarlett. Mas ela duvidou disso. Após a morte da Estrela Caída, o Assassino havia desaparecido junto com a maioria dos outros Destinos. Veneno era o único que ficara para trás, e Scarlett realmente esperava que ele não tivesse uma queda por ela.

Os afetos dos Destinos tendiam a se transformar em obsessões mortais, como aconteceu com Jacks e Tella. Felizmente, ninguém tinha visto Jacks desde que o amor de Lenda quebrou o feitiço que ele colocou em Tella.

Scarlett não sabia se Jacks tinha fugido com alguns dos outros Destinos para os reinos do norte, onde havia rumores de que outros Destinos estavam vivendo em silêncio. Agora que a Estrela Caída estava morta, os Destinos que ele criou não eram mais imortais, mas eram eternos. Eles poderiam viver vidas sobrenaturalmente longas, mas eles também poderiam morrer se eles dessem às pessoas motivos para ir atrás deles.

Scarlett teria espiões para investigar uma vez que ela fosse oficialmente

coroada imperatriz. Ela ainda queria rastrear alguns dos Destinos mais cruéis, como o Bobo da Corte Louco, o Rei Assassinado e a Rainha dos Mortos-Vivos e levá-los à justiça. Por causa de sua irmã, ela queria ter certeza de que Jacks não voltaria também.

— Desculpe-me, Sua Alteza. — A voz nítida de uma empregada seguiu uma batida suave na porta. — Senhor Julian está aqui para ver você.

— Deixe-o entrar. — Scarlett atravessou a sala com uma velocidade provavelmente imprópria para uma imperatriz. Mas ela não podia evitar, assim como ela não conseguia parar de sorrir quando Julian entrou. O punhal de sua mãe, agora infundido com a magia da Estrela Caída, removeu a máscara de ferro de seu rosto com um toque. Scarlett nem sabia que Julian já tinha usado. Ele parecia ao mesmo tempo elegante e jovial no traje que ele tinha feito para a coroação de hoje à noite. Scarlett gostou especialmente de seu colete cinza e das finas listras vermelhas que combinavam com as flores de seu vestido.

Tella fechou as cortinas com um movimento dramático. — Eu acho que é hora de eu ir.

— Você não precisa sair, — disse Scarlett.

— Está tudo bem. Tenho certeza de que vocês dois preferem queimar um ao outro em particular, e eu preciso escrever uma carta para Lenda.

Julian deu a Tella um sorriso torto. — Eu acho que meu irmão está no palácio agora.

— Eu sei. Mas eu prefiro escrever uma carta para ele. — Tella pulou para a porta com um olhar malicioso no rosto, o que provavelmente deveria ter preocupado Scarlett. Mas ela estava muito distraída por Julian para se preocupar com qualquer outra coisa.

Assim que Tella saiu, Julian entrou mais fundo no quarto. Seus olhos percorreram lentamente as linhas ajustadas do vestido branco de Scarlett, movendo-se vagarosamente de seus quadris até o círculo dourado que usaria até ser oficialmente coroada. — Eu não tinha certeza se você teria tempo para me ver hoje.

— Eu sou muito importante.

— Eu sei, — ele disse solenemente.

— Julian, eu só estou brincando. — Ela acertou o braço dele de

brincadeira. Ele aproveitou a oportunidade como desculpa para roubar a mão dela.

— Você parece fascinante, — disse ele, puxando-a para mais perto. — Mas acho que está faltando alguma coisa no seu vestido.

Ele levantou o casaco dobrado sobre o braço para revelar um presente descansando em sua mão. A caixa era pequena e fina, e amarrada com um simples laço vermelho que a fez pensar que ele mesmo havia enrolado.

— Eu disse a você que não precisava de presentes hoje. — Mas ela estava sorrindo ainda mais quando a abriu.

Dentro havia um par de luvas grosseiramente costuradas que iam apenas até o pulso. Por um momento, ela se perguntou se essa era sua maneira de propor. Luvas costumavam ser um presente simbólico que os senhores davam às senhoras que eles queriam propor. Mas o costume estava fora de moda e estas não pareciam ser luvas comuns. Quando Scarlett tocou nelas, elas começaram a mudar. Elas se transformavam da maneira que seu vestido Predestinado costumava se transformar, mudando de simples luvas brancas com costuras grosseiras em longas e elegantes bainhas de rendas profundas de rubi.

— Onde você conseguiu isso? — Scarlett respirou.

— Voltei para o calabouço e havia alguns pedaços de tecido de seu vestido que eu costurei.

— Você costurou sozinho?

Um sorriso tímido. — Eu não confiei em ninguém para tocá-los.

Scarlett abraçou as bainhas no peito. Se ela já não o amava, ela teria se apaixonado por ele então. Julian tentou agir como um canalha, mas ele era a pessoa mais doce que ela já conheceu. — Você sabe, esse vestido sempre gostou de você mais do que ninguém.

— Claro que sim. — Ele sorriu. — Sempre refletia seus sentimentos.

No passado, ela poderia ter protestado, mas Scarlett nem queria negar. — Obrigada, este é o presente mais perfeito.

— Estou feliz que você tenha gostado. — Seu sorriso voltou, mas pareceu um pouco tímido de novo quando ele puxou a parte de trás do seu pescoço com uma mão. — Luvas já foram um presente simbólico.

— Sim, — ela desabafou.

Suas sobrancelhas se levantaram. — Eu nem perguntei.

— Tudo o que você pedir, a resposta é sim. — Ela jogou os braços ao redor de seu pescoço.

Suas mãos apertaram em volta da cintura em resposta. — E se eu pedisse metade do seu reino?

— Então eu diria que você poderia ter tudo isso. Tudo o que é meu é seu, Julian.

— E esses? — Ele tocou seus lábios.

— Especialmente esses. — Para provar isso, Scarlett pressionou a boca na dele. — Agora você é meu também.

Ele recuou apenas o suficiente para lhe dar um sorriso malicioso. — Eu sempre fui seu, Carmim.

ENCORE

Lenda

Lenda não acreditava em finais.

Durante a maior parte de sua vida imortal, ele acreditava que seu mundo desabaria se ele se apaixonasse e se tornasse humano. Em vez disso, seu mundo se tornou mais precioso, particularmente as peças que a envolviam.

Ele reprimiu uma risada enquanto lia sua carta novamente. Tella não gostaria se soubesse que ele estava rindo, mas ela era uma das raras coisas que ele achava engraçadas.

Era uma das muitas razões pelas quais ele a amava.

Ano 1, Dinastia Scarlett

Caro Caraval Mestre Lenda,

Eu não acredito mais que você é um mentiroso, um bandido ou um vilão, mas eu estou querendo saber se você gostaria de se tornar essas coisas novamente, porque eu gostaria muito da sua ajuda.

Minha irmã está prestes a se tornar uma imperatriz, o que me fará uma princesa. Eu sei que você pode não ver isso como um problema, mas garanto que é sim. Eu não estava destinada a passear por um palácio ou ser seguida por guardas. Mas eu não quero fazer minha irmã parecer mal por me comportar mal; Eu prometi a ela que não causaria nenhum escândalo. Então eu preciso que você, por favor, cause um escândalo para mim, Lenda. Me sequestre e me leve em uma nova aventura.

Eu sei que não é realmente sequestro se eu pedir para você me levar, mas acho que seria divertido fingir. Eu também acho que seria um jogo muito interessante, e eu sei como você gosta de jogar.

Para sempre sua,

Donatella Dragna

GLOSSÁRIO DE DESTINOS E TERMOS

BARALHO DO DESTINO: Uma forma de ler a sorte. O Baralho do Destino contém trinta e duas cartas, incluindo dezesseis imortais, oito lugares, e oito objetos.

OS DESTINOS: De acordo com os mitos, os Destinos desenhados no Baralho do Destino foram mágicos, seres corpóreos. Eles supostamente governaram um quarto do mundo séculos atrás até que desapareceram misteriosamente.

OS MAIORES DESTINOS

- O Rei Assassinado
- A Rainha dos Mortos-Vivos
- O Príncipe de Copas
- A Donzela da Morte
- A Estrela Caída
- Senhora da Sorte
- O Assassino
- O Envenenador

OS MENORES DESTINOS

- Bobo da Corte Louco
- A Dama Prisioneira
- Sacerdotisa, Sacerdotisa
- Suas Servas
- A Noiva Prometida
- Caos
- A Empregada Grávida
- O Apótico

OS OBJETOS PREDESTINADOS

A Coroa Estilhaçada
O Vestido de Sua Majestade
O Cartão Em Branco
O Trono Sangrento
O Oráculo
Mapa de Tudo
O Fruto Intacto
Chave da Fantasia

LUGARES PREDESTINADOS

Torre Perdida
Pomar da Fantasia
O Alojamento
A Biblioteca Imortal
Castelo da Meia-Noite
O Imaginarium
O Mercado Desaparecido
Fogo Imortal

MOEDAS DESAFORTUNADAS: Moedas com a habilidade mágica de rastrear o paradeiro de uma pessoa. Quando os Destinos ainda reinavam na Terra, se alguém se fixasse em um humano, eles jogariam uma moeda desafortunadas em sua bolsa ou bolso para que pudessem segui-los onde quer que fossem. As moedas foram consideradas maus presságios.

ALCARA: A cidade antiga de onde os Destinos governaram, agora conhecida como a capital Império Meridiano de Valenda.

RUSCICA: Um livro encontrado na Biblioteca Imortal que revelará toda a história de uma pessoa ou de um Destino, se o sangue dessa pessoa ou do Destino for dado ao livro.

AGRADECIMENTOS

Na série Caraval eu falo muito sobre sonhos se tornando realidade. Acho que parte disso pode ser porque escrever essa série foi realmente um dos meus sonhos. Ainda parece um milagre para mim escrever livros, e agradeço a Deus todos os dias por esse milagre.

Eu amei escrever esta série e poder compartilhar com os outros. Mas eu nunca poderia ter escrito por conta própria. Existe um grupo fundamental de pessoas que eu preciso agradecer. Esses agradecimentos podem ser mais simples do que os que escrevi no passado - enquanto os digito agora, sinto como se já tivesse colocado todas as minhas palavras dentro deste livro - mas minha gratidão por todos os mencionados abaixo vem do mais profundo lugar do meu coração.

Muito obrigada, Sarah Dotts Barley, Jenny Bent, Mãe, Pai, Allison, Matt Garber, Matt Moores, Ida Olson, Stacey Lee, Kristin Dwyer, Adrienne Young, Kerri Maniscalco, Katie Nelson, Julie Dão, Liz Briggs, Amanda Roelofs Caverna Patricia, Bob Miller, Amy Einhorn, Rebecca Soler, Liz Catalano, Nancy Trypuc, Donna Noetzel, Cristina Gilbert, Katherine Turro, Jordan Forney, Vincent Stanley e Emily Walters - e todos os outros da Flatiron Books, Macmillan Audio, Macmillan Library e Macmillan Sales - Molly Ker Haw, Kate Howard, Lily Cooper, Melissa Cox e Thorne Ryan e todos em Hodder e Stoughton, Erin Fitzsimmons, Anissa de Gomery, Kristen Williams, Lauren (FictionTea), FairyLoot e OwlCrate.

Se você está lendo esses agradecimentos, também quero agradecer - por pegar este livro, por entrar neste mundo e por ficar comigo durante toda a série. Sou muito grato a todos os leitores, a todos os blogueiros, a todos os leitores de livros, a todos os livreiros, a todos os bibliotecários e a todos os

professores que leram este livro ou o apoiaram de alguma forma. Foi uma das minhas maiores alegrias compartilhar esses personagens e suas histórias com você.

TAMBÉM DE [STEPHANIE GARBER](#)

Caraval

Legendary

SOBRE O AUTOR



Fotografia © Matthew Moores, www.matthewdavidfilms.com

Stephanie Garber é a autora #1 do *New York Times* e do bestseller internacional *Caraval* e *Legendary*. Ela cresceu no norte da Califórnia, onde ela era frequentemente comparada a Anne Shirley, Jo March e outros personagens fictícios com imaginação selvagem e estrias teimosas. Quando ela não está escrevendo, Stephanie ensina escrita criativa e sonha com sua próxima aventura. Lenda ainda não a enviou uma passagem para Caraval.

Visite-a online em www.stephaniegarberauthor.com, ou se inscreva para novidades por email [aqui](#).

www.worldofcaraval.com

🐦 @SGarberGirl

📷 @stephanie_garber



CONTEÚDO

Página de Título

Dedicatória

Mapa

Epígrafe

Antes do Começo

O Começo

Capítulo 1: Donatella

Capítulo 2: Donatella

Capítulo 3: Donatella

Capítulo 4: Donatella

Capítulo 5: Donatella

Capítulo 6: Donatella

Capítulo 7: Scarlett

Capítulo 8: Scarlett

Capítulo 9: Scarlett

Capítulo 10: Donatella

Capítulo 11: Donatella

Capítulo 12: Donatella

Capítulo 13: Donatella

Capítulo 14: Donatella

Capítulo 15: Donatella

Capítulo 16: Donatella

Capítulo 17: Scarlett

Capítulo 18: Donatella
Capítulo 19: Scarlett
Capítulo 20: Donatella
Capítulo 21: Scarlett
Capítulo 22: Donatella
Capítulo 23: Scarlett
Capítulo 24: Donatella

O Meio

Capítulo 25: Donatella
Capítulo 26: Scarlett
Capítulo 27: Donatella
Capítulo 28: Scarlett
Capítulo 29: Scarlett
Capítulo 30: Donatella
Capítulo 31: Scarlett
Capítulo 32: Donatella
Capítulo 33: Donatella
Capítulo 34: Donatella
Capítulo 35: Donatella
Capítulo 36: Donatella
Capítulo 37: Scarlett
Capítulo 38: Donatella
Capítulo 39: Donatella
Capítulo 40: Donatella
Capítulo 41: Donatella
Capítulo 42: Scarlett
Capítulo 43: Donatella
Capítulo 44: Donatella
Capítulo 45: Donatella
Capítulo 46: Scarlett

O Quase-Fim

Capítulo 47: Donatella

Capítulo 48: Scarlett
Capítulo 49: Donatella
Capítulo 50: Scarlett
Capítulo 51: Scarlett
Capítulo 52: Scarlett
Capítulo 53: Scarlett
Capítulo 54: Donatella
Capítulo 55: Scarlett
Capítulo 56: Scarlett
Capítulo 57: Donatella
Capítulo 58: Scarlett
Capítulo 59: Donatella

O Verdadeiro Fim

Scarlett

Encore

Lenda

Glossário de Destinos e Termos

Agradecimentos

Também por Stephanie Garber

Sobre a Autora

Copyright